

LA-6 83-5-4

LA-6 83-5-4

 **GIL**   
**VICENTE**

---

---

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE  
MANUEL ALVES DE OLIVEIRA  
RUA DE FRANCISCO AGRA, 161 — Guimarães

---

---

COMPOSTO E IMPRESSO NOS  
GRANDES ATELIERES GRÁFICOS «MINERVA»  
DE GASPAR PINTO DE SOUSA & IRMÃO  
VILA NOVA DE FAMALICÃO — 1938

---

---

# VIGIL VICENTE

— REVISTA  
— LITERÁRIA  
DE CULTURA  
NACIONALISTA

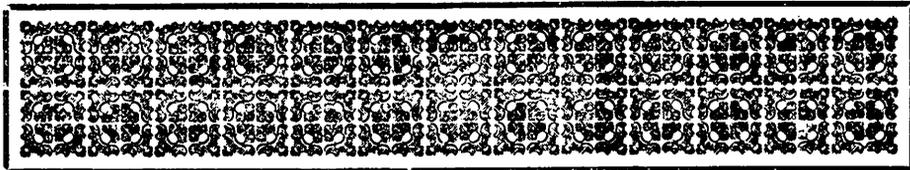
KIV VOLUME  
N.º 1 a 12

GUIMARÃIS  
1938

JANEIRO  
1  
DEZEMBRO

Directores: \_\_\_\_\_

D. José Ferrão  
Manuel Alves de Oliveira



# Pro domo nostra

**N**ÃO nos compete a nós julgar a nossa própria obra. Aquêles que sempre nos têm acompanhado é que a poderão julgar e é a êsses, naturalmente, que nós preguntaremos neste início do novo ano:— valerá a pena recomeçar?

Esta Revista tem sido sempre obra de desinterêsse e de inteira consagração ao bem comum. E é essa obra de desinterêsse e de consagração ao bem comum que se vai continuar.

Tem ela tido o auxílio de alguns colaboradores ilustres e, com êsse auxílio, se tem podido manter, nestes anos decorridos.

A hora que o mundo atravessa é das mais graves dos últimos tempos e a tragédia de fogo e sangue que se desenrola bem perto de nós é exemplo suficiente para nos não restarem dúvidas sôbre qual será o nosso destino, se não mantivermos bem viva a chama da fé e se nos não empenharmos ainda mais na cruzada da restauração nacional a que se propuseram os primeiros doutrinadores de uma nova ordem política, económica e social.

Sabemos bem e reconhecemos as deficiências desta Revista para que possa atingir aquêle grau de pensamento reconstrutivo e de orientação intelectual que sempre temos procurado imprimir-lhe.

Devemos confessar, no entanto, que os nossos esforços e os nossos sacrificios nesse sentido não têm tido aquêle auxílio que nós muito desejaríamos conseguir, se bem que alguns tenham feito justiça às nossas intenções de servir tanto quanto nos seja possível a Nação e a Grei.

Mas precisamos de mais, precisamos que todos os bons portugueses nos coadjuvem a levar por diante o nosso propósito firme de uma intensa acção verdadeiramente nacionalista, tomando a seu cargo a expansão desta Revista e tornando-lhe a vida possível com a angariação de novos assinantes.

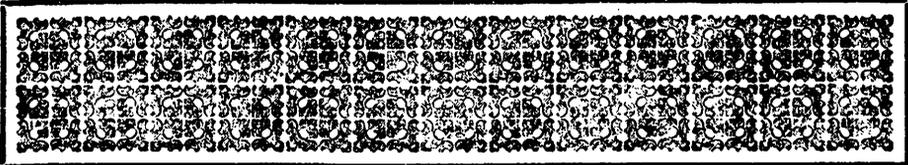
Entre nós pouco se cuida da formação dos espíritos e da defesa e estímulo das inteligências bem orientadas. Estas insuficiências e faltas de estímulo às boas iniciativas, tem feito sossobrar muito esforço e contribuído para inutilizar muito trabalho útil e desinteressado.

Mas o problema que se debate e que traz o mundo em sobressalto constante não pode ser resolvido entre pacatas conversas de burgueses ou entre palavras vãs de mútuo elogio, que nada poderão remediar nem solucionar satisfatoriamente.

A boa doutrina é que tem de ser espalhada a mãos largas, para que a seara se possa estender e os frutos a colher possam ser sempre melhores e mais sãos.

Tal é, tal tem sido a nossa missão. Esta Revista não procura outros lucros que não sejam os resultantes da satisfação grande e justa do dever cumprido.

E é em cumprimento dêsse dever, verdadeiramente nacional, que iniciamos êste novo ano de trabalhos, esperançados num melhor auxílio daqueles que, acima de paixões mesquinhas ou de particularismos rasteiros, se interessam pelo triunfo do bem comum estimulando e fomentando os princípios de disciplina intelectual e social que, perante o cepticismo de tantos, há-de vencer a barreira do egoísmo e do materialismo, por bem da Nação que é de todos os portugueses.



# DIFERENÇAS ETERNAS

---

*No cemitério. De lanterna, ao meio dia,  
Diógenes cínico, na terra que nos cobre,  
andava a pesquisar que diferença ia  
das ossadas do rico às ossadas do pobre.*

*Vendo o Trabalho e o Capital sempre em porfia,  
Tyler rude e revólto à fidalguia berra:  
— «Acaso no comêço, o pobre e o rico havia,  
se Eva fiava a lã e Adão cavava a terra?»*

*Proudhon. Comuna de Paris. Tudo na mesma.  
Karl Marx. Tolstõï, Lenine. A Rússia... E eu bem percebo  
que sempre houve a toupeira e a águia, a corça e a lesma,*

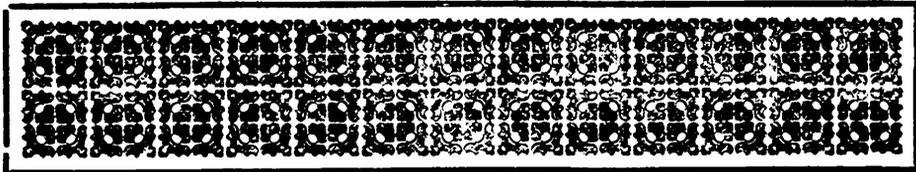
*a formiga e a cigarra, o mosquito e a avestruz...*

*— e cérebros, a arder, como velas de sêbo...*

*— e cérebros a arder, como estrêlas de luz...*

**MARQUES DA CRUZ.**

*(Lido ao microfone de «Rádio Bandeirante»,  
de S. Paulo, durante a emissão do Programa  
Portugal-Novo).*



ANTÓNIO SARDINHA na

## “Pequena casa lusitana”

por RUY GALVÃO DE CARVALHO

O aparecimento de mais um livro da autoria de António Sardinha é sempre um acontecimento deveras notável na nossa feira das Letras, sobretudo entre os seus discípulos, amigos e admiradores, entre aquêles para quem o autor do *Processo dum Rei* foi mentor supremo na cultura nacionalista, guia espiritual na luta santa pelo reaportuguesamento de Portugal, — exprimindo-nos à moda de Almeida Garrett e de Afonso Lopes Vieira.

Dispersos os seus poemas, ensaios críticos e escritos de combate por jornais e revistas, é à amizade fraterna que se deve a reunião deles em volume.

Hoje, prosa, amanhã, verso, — a obra de António Sardinha vai assim surgindo tóda; e, muito embora a sua publicação tenha sido demorada, obedece contudo a um plano inteligente e, tanto quanto possível, perfeito.

Neste momento, publica-se um livro de versos admiráveis — *Pequena casa lusitana*, — servindo-se o grande poeta de um verso de Camões.

Acabamos de classificar António Sardinha de *grande poeta*. E' o incontestavelmente.

Quem conhece a *Chuva da Tarde*, de um lirismo delicioso e delicadíssimo, ou a *Epopéia da Planície*, cantando a Terra alentejana e o Sangue ancestral, os poemas de *Quando as nascentes despertam*, de um simbolismo espiritualista, ou as elegias de *Era uma vez um Menino*, . . ., de tanta resignação cristã, além de outros ainda — não pode deixar de ver em António Sardinha um dos grandes poetas portugueses de todas as épocas, e, pela sua crepitação lírica e nacionalista, um génio herdeiro do daqueles que souberam ilustrar universalmente na Era quinhentista, a pátria lusitana.

Não se exagera em afirmar que António Sardinha é talvez maior como *poeta* do que propriamente como *prosador*.

Mesmo na sua prosa elegante e sugestiva se trai o poeta — a sua requintada sensibilidade é de poeta na verdadeira acepção da palavra.

Foi aos temas nacionais, assenhorou-se dos ritmos dos *Cancioneiros* e dos *Romanceiros*, e com o talento privilegiado que Deus lhe deu, vasou em verso o que o seu espírito criou e a sua sensibilidade lho revelou, o que o seu coração confessou e a sua alma inquieta lho transmitiu com sinceridade absoluta, espontâneamente.

Tôda a sua obra poética, mesmo a que êle escreveu no seu tempo de escolar republicano e revolucionário, é um permanente hino erguido ao lar dos seus Maiores e à tradição, é uma eloqüentíssima manifestação de amor pelo nosso passado e pelas coisas da nossa Terra.

Neste novo livro de versos mesmo culto pela nossa história, pela tradição e pelo passado da nossa Grei se faz notar intensamente, com elevação extrema e patriotismo esclarecido. Porque António Sardinha não foi um patriota *das dúzias* como êsses que andam por aí, como êsses *valentes portugueses* que apregoam patriotismo a propósito de tudo e de nada por todos os cantos, mas que são incapazes de o traduzirem por obras e actos, de o pôrem em prática.

O autor do *Purgatório das Ideas* foi nacionalista consciente, um homem de acção que se bateu pelo seu Ideal, por « pensamentos, palavras e obras ».

Em tôda a sua vida soube combater — e no combate quis êle tombar, mas com aprumo moral e a nobre resignação de um crente convicto.

A sua morte foi bela — foi a morte de um cristão, tão bela como a sua vida de acção, ao serviço de Deus, da Pátria e do Rei.

Êste livro de versos — *Pequena casa lusitana* — dá real testemunho do que acabamos de escrever àcêrca do seu fervoroso nacionalismo, da sua paixão pela tradição e pelo passado, — Tradição que êle considerava equivaler a *dinamismo* e *continuidade*, a *permanência na continuidade*, « renovando-se sempre », e Passado, que para António Sardinha não devia representar saudosismo piegas, quietude, passividade, « Passado-morto, inerte, nos seus moldes cristalizados », bem pelo contrário — a afirmação de uma idea que é eterna porque é divina — porque a Pátria é no espaço e no tempo o mesmo que a Igreja de Cristo é no Céu.

Acrescentava o Mestre do nacionalismo integral que só se devia aceitar do Passado « o impulso dinâmico, a sua força vivificadora » (1).

---

(1) Vid. *Na feira dos mitos*, pág. 29.

---

Pôsto isto, passemos a falar da — *Pequena casa lusitana* —, todo composto de sonetos, ora de sabor medieval, ora de sabor clássico, mas todo êle de ritmo estranho, heróico sempre, empolgante. Palpita nêle o *coração* do autor do *Ao ritmo da Ampulheta*, vibra nestes versos o seu ardor patriótico.

Cada soneto invoca um quadro histórico, uma figura da nossa literatura e da nossa sensibilidade lírica, um passo das nossas tradições e do nosso cavaleirismo, — sombras do Passado desfilando ante o espelho claro da imaginação reprodutora do grande e saudável Poeta.

E', numa palavra, a nossa História literária e guerreira, lírica e mística, mixto de lenda e de verdade, posta em verso animado, vasado em lapidares sonetos.

Vejamos passar a surpreendente procissão das Sombras de antanho...

Abre o livro, dedicado « à memória de Alexandre Cabeças, cavaleiro do Pelicano, caído em combate longe da sua terra e do seu sangue, mas com o sinal de Cristo lançado sôbre o peito », — com êste soneto simultaneamente melancólico e esperançoso à casa portuguesa :

« Caiado alpendre, ó casa lusitana,  
quási perdeste as honras do solar.  
Pequena embora, ninguém mais te irmana,  
— sempre tiveste muito p'ra invejar !

Ao ver as voltas da fortuna insana,  
o cão, fiel, definha-se a uivar.  
Nem já a madre-silva te engalana,  
os pomos de oiro murcham no pomar !

Casa do Pedro-Sem e do Encoberto,  
Casa que teve tudo e não tem nada,  
nem mesmo a cinza sôbre o lar deserto,

ó casa antiga, ó ancestral morada,  
porque inda crês no nevoeiro incerto,  
é que serás por Deus abençoada ! »

Segue-se o *Intróito* em que o poeta visionário se confessa um cruzado à velha maneira :

« Cruzado sou. Envergo uma couraça.  
Jurei meus votos num missal aberto.  
Eu me persigno confessando a Raça,  
— eu me persigno em nome do Encoberto.

Alto, bem alto, quando a lua passa,  
a lua me dirá se o avisto perto.  
Eu me persigno — ou seja noite baça,  
ou rompa o dia, com o sol desperto.

Meu S. Cristóvão, de menino ao ombro,  
ó Portugal, — eu me comovo e assombro —  
nas tuas mãos ergueste o mundo inteiro.

Entrei por ti na religião da Esperança.  
Pois na alvorada que de além avança,  
vem tu vestir-me o arnez de cavaleiro ! »

Em seguida, assiste-se à procissão das Sombras, remontando o Poeta às *origens*, a ver a Europa arrebatada pelo feroso Touro e depois casar com o mar enamorado... Simbòlicamente :

... « Pediu-a p'ra mulher o Padre Oceano.  
Entre sereias, conchas e golfinhos,  
as ondas lhe bordaram o enxoval.

E quando o noivo a recebeu, ufano,  
nestes penhascos rústicos, sòzinhos,  
deram os dois o ser a Portugal. »

Agora... « cingida de folhagem de azinheira » e « de rosto emmolurado na vizeira » vem a Lusitânia — « grande madre antiga » —, e com ela Viriato, « filho das levadas e dos ventos », « ajuda e segurança antiga »...; novas sombras vão aparecendo: Portucale — « o burgo amuralhado »; Mumadona — « a boa avó da Terra portuguesa », « nome de pergaminho que emociona », « gótica senhora »...

Compulsa o Poeta o *Nobiliário*, detém-se a contemplar a filha altiva de D. Afonso VI de Leão e de Castela :

... « Infanta de Leão, senhora minha,  
onde é que irás com modos de rainha,  
de manto ao vento, p'los barrancos fora ?

E voa, corre, em febre que não finda...  
E' Portugal que está no ventre ainda,  
— é Portugal que vai nascer agora ! »

Levado pela piedade e reconhecimento, António Sardinha canta também os pobres Vilões :

... « os velhos povoadores,  
— gente de homizio e rude vilanagem,  
que à sombra dos castelos protectores,  
foram lavrando todo o chão selvagem ! »

E continua :

« Por seu poder de eternos semeadores,  
as Vilas se enraizavam na paisagem.  
E vindo a primavera, sofredores,  
lá iam p'r'o fossado e p'r'a carnagem !

Ninguém lhes sabe o nome ingénuo e tôsko.  
Mas quando o pão nos santifica a mesa,  
são êsses bons avós que estão connosco.

Sem êles, tristes, a puxar o arado,  
a nossa terra, a terra portuguesa,  
ficava sempre um negro descampado ! »

Entusiásticamente exalta o Poeta os « grandes cavaleiros afonsinos » ;  
dilatando a terra, assiste-se ao feito de Afonso Henriques e ao milagre de  
Ourique...

São magistrats e impressionantes estes dois sonetos :

I

« Manhã de Ourique. No escampado imenso  
a madrugada avança com ternura.  
Ei-la a romper como se fôsse um lenço,  
nas mãos de Deus abrindo a sua alvura.

Depôs Afonso a espada. Um ar de incenso  
subiu, subiu, até ganhar a altura.  
E assim a Terra, com Jesus suspenso,  
lembra uma cena antiga da Escritura.

Caiu depois a excomunhão na Raça,  
quando a manhã desponta é sempre baça,  
não tem a luz dessa manhã de Ourique !

Voltemos à raiz ! E em chão lavrado,  
sôbre o que houver de Portugal passado,  
que Portugal de novo se edifique ! »

II

« Deu-te o Senhor p'ra o escudo as Cinco-Chagas,  
o teu sinal é o Sinal da Cruz.  
E eu creio assim que em tua carne tragas  
a Santa Face, aberta a sangue e luz.

Quando te vejo o sulco das adagas,  
eu julgo vêr o corpo de Jesus.  
A ânsia de sofrer com que te chagas,  
O' alma ardente, aonde te conduz ?

Tu deste do teu ser ao mundo inteiro,  
batendo-te por Cristo verdadeiro,  
ó Cristo das Nações, ó Portugal !

E agora roxo, com um ar funéreo,  
a ti que dilataste a Fé e o Império,  
ninguém te limpa o teu suor mortal ! »

Prosseguem as Sombras... Cabe a vez ao Rei-incarnação hereditária da Raça e da Pátria eterna :

... « O sangue o diz ! E o sangue não se engana !  
Que ver o Rei na sua fôrça calma,  
é ver a Pátria com figura humana ! »

Canta o Poeta as regalias que os reis concediam ao povo, — canta o *foral*...

Inspirando-se na letra emmaranhada dos *Cancioneiros* e dos *Romanceiros*, o autor de *Á sombra dos pórticos* liricamente revive a « canção do figueiral figueiredo » e as « altas linhagens de alto cavaleiro », o « rimance de Beringela — princesinha amada » e a galantaria de Amadis de Gaula, — ou aquelas « moças dos Cancioneiros » :

« Moças dos Cancioneiros, ó velidas,  
ó donas do Cuydar e Suspirar,  
porque estareis assim acontecidas ?  
Porque não falas tu, ó gram Guiomar ?

« Partem-se os tristes... » Tristes despedidas.  
« Partem-se os tristes, tristes a chorar... »  
Ai frol do verde pino ! Bem floridas,  
as penas que eu porei no meu penar !

Ai frol do verde pino ! O' mal da Raça !  
E' sina em Portugal morrer de amores,  
é sina velha, sina que não passa !

Olho p'ra ti, na luz que te ilumina.  
E prêso dos teus olhos cismadores,  
que bom será morrer da mesma sina ! »

Delicadíssimo é este soneto também, de amorosa intenção :

« O beijo foi roubado de maneira  
que tôda a Côrte viu e está tossindo...  
(Conto de certa pèga linguaeira  
em certo Paço português, tão lindo !)

Aos saltos, de roseira p'ra roseira,  
a pèga o vai dizendo e repetindo...  
E o beijo, assim roubado com cegueira,  
é beijo nunca dado e nunca findo !

Por bem ! Por mal !  
O' pèga faladora,  
não fales tanto, sabe ser senhora,  
já que passeias nos jardins reais !

E a pèga continua, impertinente :  
— « Se fôsse só um beijo unicamente... »  
— Cala-te, pèga ! Não nos contes mais ! »

Ou este ainda, que a lenda poetizou místicamente :

« Andava Beatriz sempre sòzinha  
nas festas e cortejos de Castela.  
Entre os fidalgos servidor não tinha,  
pois se o tivesse despedia-o ela.

Murmurava-se aos ouvidos da rainha.  
Talvez que el-rei pensasse na donzela...  
E o anseio que em seu rosto se adivinha  
mandava que a espreitassem com cautela.

Perdida, num ciúme atordoante,  
quis a rainha surpreendê-la um dia,  
fechada no aposento com o amante.

« Entrai, Senhora ! » — E abrindo o cortinado  
mostrou-lhe sôbre o estrado em que dormia  
a imagem de Jesus-Crucificado. »

Mais Sombras se vão erguendo dos longes do Passado — umas aureoladas pela santidade, como Santo António de Lisboa e a Rainha D. Isabel, Santa Iria e Frei Gil...; outras abrasadas no amor da Pátria como Nun'Alvares e o Infante de Sagres; reis, rainhas, infantes, figuras literárias, missionários, — a *Grey* emfim... :

« São homens bons e honrados cavaleiros.  
São homens da lavoura e dos misteres.  
Eles serão na morte dos primeiros,  
sempre que tu, ó Pátria, assim quiseres !

Irão bater no mar dos cerraceiros,  
— irão servir-te aonde tu disseres !  
E passam confrarias. Marinheiros  
passam levando os filhos e as mulheres.

Casaram-se os arados com as rêdes.  
O Rey, por entre o povo, é como vêdes  
um português com outros a tratar.

Pintor da Grey, eis tudo o que tu pintas !  
Nuno Gonçalves, vá, prepara as tintas,  
— prepara as tintas, vem daí pintar ! »

Fascinado pelo sonho do « Quinto-Império », António Sardinha roga à *Nossa Senhora de África* que guarde « por nós o Algarve de Além Mar ». E acrescenta :

« Pode bem ser que Deus ainda queira  
que, à sombra dessas velhas fortalezas,  
a tua voz nos volte a comandar ! »

A vocação marítima de Portugal leva-o a referir-se à *ponta de Sagres*, às *Sete-Partidas*, a *Prestes-Joham*, à *Nau-Catarineta*, à *Atlântida*, à *Ultima Tagide*, à *Armila Manuelina*, ao *Adamastor*, à *Ilha dos Amores*, a *Pedro Sem*; episódios da *História trágico-marítima*, como *Oculto voz* e *Naufrágio de Sepúlveda* . . .

Elegiacamente o Poeta relembra o desastre de Alcácer-Quibir e o patriótico gesto de D. Sebastião :

« Peguemos no estandarte ! » — o Rei dizia  
*Morramos abraçados à Bandeira ! »*  
E o sangue generoso que corria  
corria como corre uma ribeira.

Noite africana. Noite igual ao dia.  
A terra queima, lembra uma fogueira.  
E, lento, sôbre o campo em agonia  
pairava um mar de fogo e de poeira.

Somos, Senhor, os últimos da Raça!  
que seja morte a nossa de cristãos,  
quando nos venha a ânsia derradeira.

E como o Rei naquela hora baça,  
peguemos no estandarte, ó meus irmãos,  
— morramos abraçados à Bandeira! »

Daqui por diante a musa de António Sardinha torna-se melancólica, fatídica, por vezes violenta e sarcástica. O Poeta só vê desgraças, tragédias, perdas coloniais, — Portugal cativo —, para seguidamente passar a crer nas profecias do sapateiro *Bandarra*:

« Eu quero ouvir-te, meu Gonçalo Eanes,  
— quero aprender contigo a profetar.  
Tu, sim, que nos dirás, sem que te enganes  
o dia em que o Encoberto há-de tornar!

Porque possues o espírito dos Manes,  
êle te fêz um bruxo singular.  
que o meu saber ao teu saber irmanes,  
— quero aprender contigo a profetar!

E profetiso. E escuto Pero Jaco  
a profetar também do seu buraco  
e tôda a gente a responder: « Amen! »

Ergo a peneira. Sob a lua, longe,  
lá vejo vir, vestido como um monge,  
êsse que está p'ra vir e nunca vem! »

E as Sombras vão desfilando lentamente, como sentinelas ainda ao serviço da Pátria... , entre elas, *El-Rei D. Miguel* — de « perfil vincado », « o último Senhor » (soneto infelizmente incompleto), *Évora Monte* — « o Gólgota da Raça »...

As lutas dos partidos políticos e a heresia liberalista fazem com que António Sardinha deseje que o Tribunal da Inquisição seja restaurado e se levante contra os livros de ideas anti-nacionais e judaicas novos autos de fé!

Vem a *Grande Guerra*, e a ela é Portugal arrastado; então o Poeta, em verso tocante, diz:

« Ficaram a rezar de mãos erguidas  
as mãis de Portugal durante a guerra.  
Contra o poder da morte assim unidas,  
são tórres sôbre o alto duma serra.

Ninguém guardou melhor as nossas vidas,  
emquanto a morte, a cobiçá-las, erra!  
De fracas, a oração as fêz temidas,  
— ninguém guardou melhor o Sangue e a Terra!

Tinha o Senhor jurado em ira santa  
não recolher a espada enquanto houvesse  
terreno onde florir a má planta.

De mãos erguidas, como a fé dos seus,  
se Deus se vence p'lo poder da prece,  
as mãis de Portugal venceram Deus! » (1).

A sua fidelidade à Monarquia e ao Rei leva o autor da *Aliança Peninsular* a falar dessa epopeia de *Monsanto* — « ara de sacrifício, agreste e dura », « altar da grande expiação da raça », « nome duas vezes santo ».

E é desta guisa que acaba o soneto:

« Heróis, olhai o céu, tranqüilamente!  
Pode alongar-se ainda a noite baça,  
mas não se perde o vosso sangue ardente! »

Os sonetos finais dêste livro do « Apóstolo da Exaltação Nacional », — *Soneto da expiação, Portugal Crucificado, A derradeira nau* e, sobretudo, o último — *Exortação* — ao mesmo tempo que traduzem ansiedade, preocupações agoirentas, tortura íntima, são também, nos seus tercetos, verdadeiros cânticos de esperança e de fé nos destinos futuros da Pátria e da Raça!

Profecia ainda?...

O melhor é *recuar*, é ir ao Passado, olhos em Deus:

• Por entre assombros místicos e espantos,  
aceita a adoração das Tempestades!  
que em Teu louvor nossos humildes cantos  
possam vencer os Tempos e as Idades!

Confessem-te os loureiros e os acantos,  
— invoquem-te os castelos e as cidades!  
Hossana nas Alturas! Sanctus! Sanctus!  
Tremei, Dominações e Potestades!

---

(1) Vid. sôbre o mesmo assunto — *Nas trincheiras e Mortos de França*.

---

• P'ra que o Senhor dos Fortes nos assista,  
eleva, incenso, o fumo da Conquista  
ao Dono dos Exércitos que passa !

Sôbre a Custódia de Belém, tão bela,  
o Verbo feito Carne se revela,  
tornado Deus magnífico da Raça ! ▶

\*

Aqui tem, amigo e pio leitor, uma pálida visão panorâmica do livro *Pequena casa lusitana* escrito por um Poeta que honra a nossa literatura de todas as épocas, por um Mestre que salvou uma geração, convidando-a a que tomasse, como aconselhava Ernest Psichari, o Neto de Renan, o partido de seus Avós contra o partido de seus Pais.

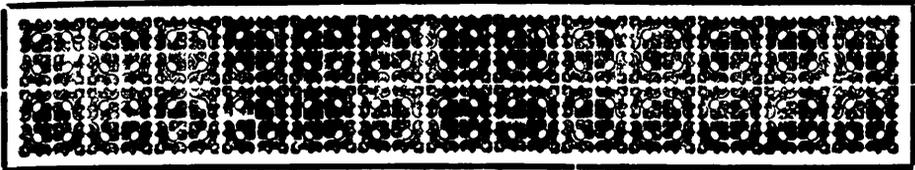
Neste livro vereis, em suma, perpassar o mais são nacionalismo, o mais equilibrado nacionalismo.

Na hora incerta que passa, êste livro, *Pequena casa lusitana*, é necessário: faz-nos crer na redenção da Pátria, na esperança de que Portugal regressará ainda aos seus trilhos eternos e tradicionais.

Lêde-o como nós o lemos também: libertos do *materialismo* e da *vil tristeza* do Presente, — ligando o Passado ao Futuro, o Portugal de ontem ao Portugal de amanhã !...

No primeiro de Janeiro  
do Ano da Graça de 1938.





# O sentimento de solidão na obra de Florbela Espanca

por DIOGO IVENS TAVARES

*La comparaison nous a toujours paru un élément fécond, créateur, et nous l'aimons en tant que méthode parce qu'elle s'applique sans violence.*

STEFAN ZWEIG.

**T**HOMAS MANN traçou com notável êxito no seu livro, *Tonio Kröger*, a psicologia singular do artista, que desde a sua puberdade se apercebe colocado num mundo diferente daquele em que as outras pessoas vivem. E narra: «Vous commencez, à vous sentir à part, en incompréhensible opposition avec les autres êtres, les gens habituels et comme il faut, l'abîme d'ironie, de doute, de contradictions, de connaissances, de sentiments, que vous sépare des hommes, se creuse de plus en plus, vous êtes solitaires et désormais il n'y a pas plus d'entende possible» (1).

Esse isolamento no meio da normalidade da vida, toma quasi sempre um carácter trágico, levando muitos a fazer confissões doloridas em alguns passos das suas obras. Frequentemente, para fugirem a êsse exílio, refugiavam-se num amor desregrado. Mas o amor não lhes basta. E sem lhe compreenderem a insuficiência amam tôda a criatura que julgam sempre ser a realizadora do seu sonho, alcançando as mais das vezes a velhice desiludidos, tão solitários como quando tinham saído em demanda do seu ideal ou mais, porque chegam desesperançados.

Neste caso está Olavo Bilac que numa poesia relembra as mulheres que amou e passaram, sem alguma ter ficado.

---

(1) Tonio Kröger, pág. 50 — Ed., *Le roman Cosmopolite* — Stock.

Primavera. Um sorriso aberto em tudo. Os ramos  
Numa palpação de flores e de ninhos.  
Doirava o sol de Outubro a areia dos caminhos.  
(Lembras-te, Rosa?) e ao sol de Outubro nos amamos.

Verão. Lembras-te, Dulce? — A' beira-mar sòzinhos,  
Tentou-nos o pecado: olhaste-me... e pecamos;  
E o outono desfolhava os roseirais vizinhos,  
O' Laura a vez primeira em que nos abraçamos...

Veio o inverno. Porém, sentada em meus joelhos,  
Nua, presos aos meus os teus lábios vermelhos,  
(Lembras-te, Branca?) ardia a tua carne em flor...

Carne, que queres mais? Coração, que mais queres?  
Passam as estações e passam as mulheres...  
E eu tenho amado tanto! e não conheço o Amor! (1).

Esse amor que êle sonhou jamais o consegue conhecer, êsse amor que une duas criaturas numa fusão eterna, na mesma harmonia dos sentidos e do espírito. Todas se foram, deixando apenas o rastro suave da saudade. E êle ficou mais só no seu êrmo, mais distendido agora.

Essas vidas irregulares que alguns gênios têm levado, no campo do amor, não podem deixar de ser senão devido a essa busca infrutuosa, essa ânsia, talvez com freqüência, subconsciente, de encontrar o ser que modifique o vazio que notam a envolvê-los. E hoje toma-os o entusiasmo por uma criatura, para amanhã, como que desiludidos mas de novo plenos de quimeras, correrem atrás de outra e assim continuamente e o mais das vezes de balde. Pois não é compreensível que Goethe, por exemplo, que além de ter sido um pensador foi um cientista, andasse a desperdiçar tempo em paixões como qualquer tenente fatal! Mas o que o arrastou para essa sentimentalidade devia ser, sem dúvida alguma, a sensação de deserto que apercebia em sua volta e de que nos fala Thomas Mann. E tanto assim é que num estudo sôbre o poeta germânico, nota-se que o facto que o levou a amar Frédérique Brion, foi o bem estar que por uns dias o cativou, sentindo-se feliz na companhia dessa alsaciana agradável que enchia de encanto «les heures que le poète passe assis sur ce meuble rustique, tandis que la tête chérie s'appuie sur son épaule; que ses doigts jouent avec une main abandonnée dont les travaux du ménage n'ont pas gaté la souplesse et la fraîcheur, comptent certainement parmi

---

(1) Olavo Bilac — *Poesias*, pág. 235, 15.ª ed.

ces moments de bonheur qui furent, il l'avouera peu de temps avant sa mort, infiniment rares dans cette longue vie comblée de succès, d'honneurs et de passions» (1).

Mas volta a vê-la no esplendor dos salões burgueses, fora do meio simples em que a amou. E ei-lo desencantado. Frédérique não era a mulher que permanecia. Como nenhuma das outras que se seguiram, não realizava o ideal do artista que ia dominar o mundo.

E é desde então que passam pela sua vida Charlotte Buff, Lili Schönmann, Charlotte de Stein, Christiane Vulpius, Bettina Brentano, etc. E todas perpassam deixando-lhe suaves ou dolorosas recordações, mas sem qualquer delas conseguir prendê-lo para sempre.

Essa legião de mulheres por quem ardeu, levou-o a escrever, aos sessenta e dois anos, desiludido, esta triste confissão a Riemer: Le sentiment qui anime les deux sexes à l'égard l'un de l'autre est la cruauté: cruauté de la volupté chez l'homme, cruauté de l'ingratitude, de la sécheresse, du besoin de tourmenter chez les femmes» (2).

Mas apesar de tal pensamento, Goethe, não havia perdido totalmente a esperança. E' que a esperança é uma luz inextinguível, reacende-se sempre. Porque apesar de tão descrente do amor, passados anos após tal confiança, quere desposar Ulrique de Levetzov.

Mas, dir-se-á:—e os outros que tôda a vida tiveram um único amor? Uns é provável que encontrassem a mulher que fôsse a companheira ideal, refugiando-se ambos no seu mundo estranho, formando um só corpo, um só cérebro. Outros amaram sem alcançar os seus desejos, conservando uma paixão espiritual que a matéria não desdoirou, vivendo crentes que êsse ser que lhes alimenta o fogo sagrado, realizará o seu sonho, que será tudo para êles. Porque o desejo é a fonte mais abundante de sonhos. Quem deseja constrói, realiza. A morte de desejos é a morte de ilusões.

Tudo que de grande se constrói é com paixões, paixões que devem ser o dionisismo de Nietzsche. A meditação, a crítica, o aperfeiçoamento do que a paixão avultou é que o mesmo filósofo classificou de apolinismo. E um artista verdadeiro deve possuir êsses dois sentimentos. Ter a loucura, a bebedeira da criação e a reflexão do aperfeiçoamento. Qualquer deles isolado torna-o incompleto.

Foi relendo os sonetos de Florbela Espanca que saltaram os pensa-

---

(1) Marcel Brion — *L'idylle Alsacienne de Goethe*.

(2) Citado por Henri Bordeaux in *Ce qui a manqué a Goethe*.

mentos atrás anotados e que relacionando leituras, vimos erguer-se a figura desolada de Tonio Kröger na poetisa alentejana.

Ela encarnou êsse poeta concebido por Mann, sentindo como êle, semelhante vazio, a mesma incompreensão no mundo vulgar, igual falta de amor e até ambos incapazes de fidelidade.

«Mais Tonio Kröger se tint encore un certain temps devant l'autel refroidi, étonné et déçu que la fidélité ne fût pas possible sur la terre» (1).

E Florbela Espanca confessou:

«Amar-te a vida inteira eu não podia.  
A gente esquece sempre o bem dum dia.  
Que queres, meu Amor, se é isto a vida!...»

Para mais adiante voltar à mesma confiança:

«Quem disser que se pode amar alguém  
Durante a vida inteira é porque mente!»

Mas é que se ambos falaram assim foi porque nunca se sentiram amados com a mesma intensidade que possuía o seu querer. Era fôgo de encontro a gêlo. Forçosamente o mais débil era fugaz perante a impetuosidade do outro.

A comparação dêsses dois temperamentos irmãos, leva-nos a concluir que a figura traçada por Mann é verdadeira. Tonio Kröger é quasi um livro de memórias. Nesse personagem há o conflito entre êsses dois sangues que correm em luta nas veias do escritor alemão — nordico e latino.

A obra de Florbela Espanca é uma auto-biografia completa, como todas as criações notáveis. Numas mais do que em outras se lêem passagens das vidas dos autores. Muitas dessas existências são transportadas a criações de arte com a mesma diferença que existe entre sonho e realidade. Mas destrinchando um sonho deparamos-lhe com uma base de realidade. Nelas dá-se o mesmo. E tôda a que não fôr auto-biográfica deixa de ser genial. Dir-se-ia não passar de um manequim informe a querer representar de natural. Daí a sua fragilidade, a sua falta de verdade que a torna efêmera.

As pessoas vulgares contam as suas desditas, choram as suas mágoas aos que se aproximam, de uma maneira que pouco difere de umas para outras. Mais ou menos palavras, gestos, lágrimas, eis a desigualdade.

---

(1) Tonio Kröger, pág. 36.

O artista não, di-las a todos que o escutam e até à posteridade, mas de uma outra forma. A sua obra de arte é o seu grito de alívio, o seu chôro, os seus desesperos, ódios e amores. Nesse universo em que habitam os sentimentos expandem-se de forma diversa. As suas manifestações são: *A Divina Comédia, O Hamlet, O Fausto, Os Sonetos de Antero, A Recordação da Casa dos Mortos, etc.*

Não haja ninguém crente que: «...on peut cueillir une petite feuille, une seule, du laurier de l'art, sans la payer de sa vie» (1).

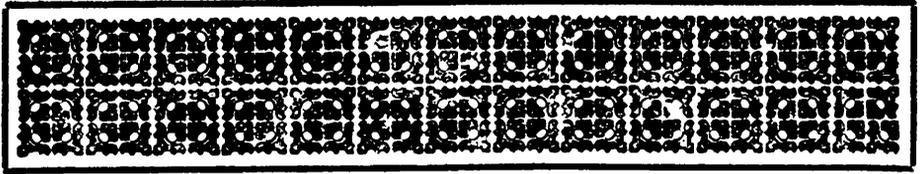
Assim aconteceu com Florbela Espanca. Tôda a grandeza dos seus versos foi construída com os seus dramas. Não os escreveu como fogos de artifício para deslumbrar as multidões dos quais, depois, só resta cinza. Escreveu-os para se aliviar de dores morais. Eles são o seu chôro, os seus lamentos. Por isto ela avulta como a maior entre as grandes. Por isso os seus sonetos adquirem uma maior amplitude com o esgueirar-se do tempo, o que é sintoma de ser uma obra de vulto. As outras, as insignificantes, as que têm no seu aparecimento um clarão de fogo de palha, contraem-se com o fugir dos anos, acabando por despenhar-se no olvido. Porque é o tempo o mais íntegro juiz, o maior crítico. Êle é que separa o jóio do trigo êsse jóio que os homens muitas vezes não sabem diferenciar da boa semente.

Quem se debruça sôbre os livros da poetisa alentejana, fica conhecendo o que foi a sua vida. É uma das obras de mais ampla visibilidade auto-biográfica que se tem produzido.

(*Continua*).

---

(1) Ob. cit., pág. 62.



# UM VERBÊTE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 182, do XIII vol.)

por ARMANDO DE MATTOS

## PRENDA V

### **Arte de Miniaturar**

#### PRENOTAÇAM

##### *Da diffinição desta Arte.*

*Miniatura he huma especie de Pintura monochromatica, não penne-  
jada, nem unida por continua extensão de tinta, mas feyta por uma repe-  
tida imposição de pontos, huns sobre outros graduados na cor, da qual  
usarão os antigos Romanos nas obras mais preciosas, e pequenas, cha-  
mando-lhes *miniatura*, porque nella não usavão de outra tinta mais, que  
de vermelhão, chamado *minium* em Latim: porém como naquelles seculos  
[ainda que de ouro] era o vermelhão das tintas mais custozas, [e por  
isso dadas aos Artifices pelos donos das obras] em seu lugar se foy  
introduzindo o uso de outras tintas, com as quaes ainda mal contente a  
indagadora, e ambicioza curiosidade foy introduzindo o uso da tinta  
negra, fazendo monochromaticas miniaturas só com ella, tão vistozas, e  
excellentes como as mesmas antigas dos Romanos.*

INSTRUÇÃO I.

*Da tinta da Miniatura moderna.*

A melhor tinta, de que hoje usão os Miniographos, he a que vulgarmente se chama, *tinta da China*, por ser huma composição feyta na mesma China. Outra tinta se contrafaz em Holanda muyto semelhante á da China, mas menos boa, por ser algum tanto grossa, çuja, e escabroza; e esta se conhecerá quando roçada com agoa muito bem em huma concha, depois de secca, não ficar a mesma tinta liza, e igual na parte roçada, mas com alguma escabrozidade, e ao contrario a legitima da China.

INSTRUÇÃO II.

*Da preparação, e gradação da tinta.*

Ainda que a gradação desta tinta se podia facilmente aprender da gradação das mais, de que já tratámos na Prenda de Illuminar, [pois he o mesmo] com tudo, para melhor intelligencia do que havemos de escrever, a tornaremos aqui a declarar. Gradua-se pois esta tinta desfazendo, ou roçando huma pouca della em tres conchas, ou tigelinhas vidradas, com agoa commua, desorte que em huma dellas ha de ficar huma tinta com todo o preto que puder ser, o que se fará desfazendo mais tinta em menos agoa, a qual chamão *tinta escura*: em outra concha ha de ficar menos preta que a escura, a que chamão *meya tinta*; e em outra concha ha de ficar tambem menos preta que a meya tinta, a que chamão *primeyra*, ou *tinta fundamental*, porque he a primeyra no exercicio da Miniatura.

INSTRUÇÃO INCIDENTE.

Alguns curiozos admittem mais huma quarta tinta menos preta q. a *fundamental*, ou quasi imperceptivel nas partes nuas, que querem fazer mais carnozas, brandas, e mimosas; porém o mesmo effeito póde conseguir-se com a sobredita tinta primeyra fundamental, sendo para isso o aparo da penna finissimo, ou com huma agoa muyto branda, e mais clara que a dita tinta, dando-a com hum pincelinho nas sobreditas partes, ou outras que se hajão de miniaturar com as mais tintas graduadas, ás quaes na mesma concha costumão alguns curiozos mais curiozos ajuntar hum boccadinho de anil, para fazer a miniatura mais engraçada.

## Methodo de Miniaturar.

### INSTRUCCAM III.

Em primeyro lugar, se o curiozo souber dibuxar, dibuxará a figura, ou o que quizer, em hum papel, sómente de perfil, ou de contorno; e não sabendo dibuxar, procurará alguma estampa, registo, ou quadro, em que ache a figura que pertender miniaturar, e copiando-a em hum papel, [de algũ dos modos transcriptos no *Socorro particular*] se picarãõ miudamente com hum alfinete os perfiz, e dintornos da mesma figura: feyto isto, e sobreposta no papel, ou pergaminho, em que se ha de fazer a miniatura, se estarcirá com carvão empunçado, quanto baste para trasladar, e exprimir os sobreditos picados contornos da figura; depois, tirado o papel, se irãõ subtilissimamente seguindo os pontinhos, ou sinaes do carvão, com hũ estillo de ferro, ou de outra qualquer apta materia, desorte que deyxando perceptíveis os contornos, se não fure, ou rasgue o papel, o qual depois se limpará muyto bem com hum miolo de pão pouco duro. Isto supposto:

### INSTRUCCAM IV.

Aparadas tres pennas de *corvo*, [que são melhores para a miniatura que os pinceis] ou na sua falta, tres das ordinarias, mais delgadas, com o aparo de linha, que na terceyra penna da parte direyta mostra Andrade na sua Nova Escóla, [que he comprido, fino, e igual nos pontos] correspondentes ás tres tintas de que já tratamos, com huma principiará o curiozo Miniographo a cobrir de pontinhos iguaes, e equidistantes, com a primeyra tinta *fundamental* todos os contornos da figura, não carregando mais na penna, do que quãto seja necessario para os exprimir, e mostrar quasi invisíveis, não pennejando cousa alguma nos mesmos contornos, porque o contrario deyxará a miniatura sem galla, sem mimo, e sem doçura.

### INSTRUCCAM V.

Depois de cubertos os contornos, tendo presente a figura original que se trãserio, [se o curiozo não souber illuminar] nella irãõ o Miniographo observando os claros, e escuros, pennejados, ou estampados, para

na copia ir guardando huns, e enchendo de pontinhos outros, conformando-se em tudo com o mesmo original, desorte que logo com a primeyra ponteação da dita tinta fundamental fique bem, e fielmente imitado; porque nella consiste quasi toda a perfeição desta grata, e delicioza especie de Pintura.

INSTRUCCAM VI.

Depois de enxuta muyto bem a sobredita primeyra ponteação, tomando em outra penna a meya tinta, se principiará a segunda, repon-teando, ou enchendo de pontinhos desencontrados dos primeyros aquellas partes, ou praças escuras já ponteadas, com a mesma igualdade, e equidistancia de huns aos outros, que será quanto baste para os mostrar pouco distinctos, os quaes principiarão sempre nos lugares mais escuros dos contornos, ou dintornos das roupas, carnes, ou do que for, [conforme a parte donde os ferir a luz] e se irão extendendo, e expedindo com tal suavidade, e harmonia por todos os dintornos escuros, que sem violencia pareção desunidos dos antefeytos com a tinta fundamental; advertindo

Que os segundos pontinhos, ou a segunda ponteação, hão de acabar expedidamente antes, e nunca sobre os primeyros, ou não chegando á mesma direytura, a que chegarão os da primeyra ponteação, porque assim ficão gratamente os pontinhos della mostrando os altos claros, o que não será sem grande defeyto, e violencia, se sobre ellès terminarem equipolentemente os segundos. Dissemos *desencontrados*, porque na segunda ponteação se hão de collocar os pontinhos naquella pouca distancia, ou quasi imperceptivel espaço, que medêa entre os da primeyra.

(Continua).



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1838

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Janeiro

**Dia 6** — O Visconde das Antas passa revista, no terreiro do Cano, ao batalhão de infantaria 18 e a um esquadrão de lanceiros da Rainha que se achavam em Guimarães desde 19 de Outubro do ano anterior, apresentando-se os dois corpos no maior asseio.

O Visconde veio do Pôrto para êste fim e hospedou-se em casa do Visconde de Azenha, indo no dia seguinte para Lamego, acompanhado do mesmo esquadrão. (P. L.).

**Dia 10 (Quarta-feira)** — Deu-se o correio nesta vila às 10 horas da manhã. Era costume dar-se às quintas-feiras de manhã, vindo, por conseguinte, a mudar-se desde hoje, das quintas (como era antigo costume) para as quartas-feiras, só com a diferença que o das quintas dava-se logo de manhã, e o das quartas dava-se às 10 horas.

Este correio é o do Pôrto, Lisboa, e demais terras do reino. (P. L.)

**Dia 17** — Morreu de desastre o padre diácono João António da Costa, sobrinho do falecido padre Bento das Curadeiras e irmão de Jerónimo José da Costa, das Lages, que foi noviço no convento de S. Domingos. Este desastre foi causado por uma espingarda que se lhe disparou no ventre, estando êle a tirar um terrão de um régio de água com o coice da mesma

espingarda, em uma quinta sua. Foi depositado e sepultado no dia 19, na basilica de S. Pedro. (P. L.).

**Dia 22** — O Barão de Almgem, general da provincia, estabeleceu aqui o seu quartel general, que desde há muitos anos era em Braga. (P. L.).

\*

A Administração do Concelho emprega os meios para descobrir os ladrões das pratas e vasos sagrados da igreja de Santa Maria de Airão. A 1 de Março dêste ano a Junta de Paróquia intenta processar o pároco por êste roubo.

**Dia 25** — Marcha para o Pôrto grande parte do regimento de infantaria 18, sob o comando do capitão Jorge Vidigal, fazendo as vezes de major. (P. L.). — Esta fôrça recebeu tal ordem em consequência de uma tentativa de revolta do regimento de artilharia 4, mas não chegou a entrar na cidade, por já não se julgar precisa. O mesmo se deu com outras que também para ali haviam seguido pela mesma razão. (P. L.).

**Dia 30** — Regressou a fôrça do 18, que tinha marchado para o Pôrto no dia 25 dêste mês, em cumprimento de ordens dadas pelo general Visconde das Antas, a fim de castigar a artilharia (segundo se supunha) que poucos dias antes tinha feito um motim. (P. L.).

## Fevereiro

**Dia 3** — Saiu quasi todo o batalhão de infantaria 18, estacionado nesta vila, dividido em destacamentos para Valença, Monção, &.<sup>a</sup>, ficando nesta vila o casco do mesmo batalhão. (P. L.).

**Dia 9** — Vindo da Corredoura e chegando ao pé do lugar da Madre de Deus, João Crisóstomo, negociante de couros, na rua Nova do Muro, foi alvejado a tiro, na cabeça e outras partes do corpo, ficando tão mal tratado, que foi logo confessado e sacramentado. O tiro foi dado por um seu rival de um namoro que êle tinha. (P. L.). Veio a morrer de velho.

**Dia 13** — Morreu numa quinta, junto ao Pêso da Régua, o Visconde do Pêso da Régua, Gaspar Teixeira de Lacerda, pai do 2.<sup>o</sup> Barão de Vila Pouca. (P. L.).

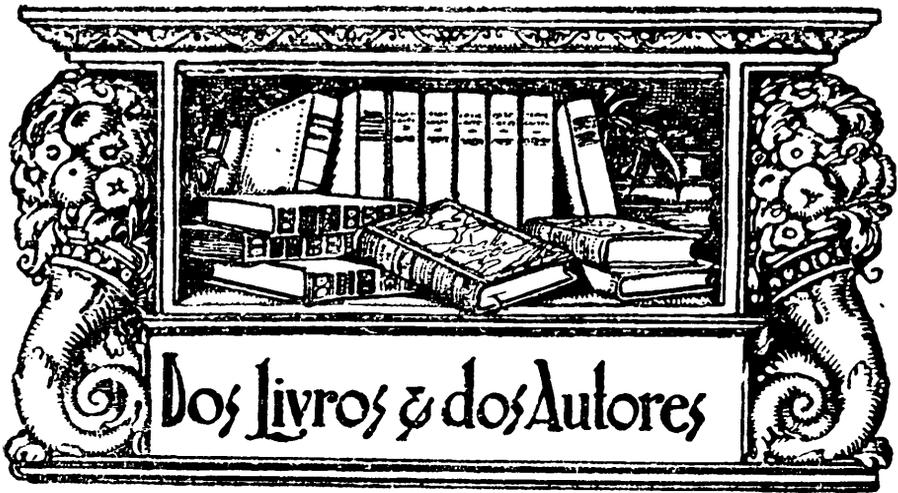
**Dia 20** — Morreu nesta vila o padre José António Sampaio «Dionísio», da rua de Alcobça, presbítero secular, o qual nunca fêz uso das suas ordens. (P. L.).

**Dia 21** — Em sessão de Câmara foram apreciados os requerimentos de grande quantidade de habitantes desta vila, desejando uns a estabilidade da feira do gado no Campo da Feira e a do pão no terreiro de S. Francisco, e outros a

sua mudança para os lugares antigos ; a do gado para o terreiro de S. Francisco, e a do pão para o largo de S. Sebastião. Foi acordado que tais mudanças se não fizessem e que as duas feiras ficassem nos lugares em que estão, por se julgarem bons e cómodos, e ser coisa conveniente ao sossêgo dos povos e à liberdade do comércio.

**Dia 23** — Houve uma tão grande cheia no rio Ave, assim como em todos os mais rios, causada por grande temporal que se desencadeou no dia e noite antecedente (muitos dêstes temporais, ou quasi semelhantes, se repetiram neste inverno) que se afogou um macho em que vinha a cavallo um caixeiro de um negociante, ao tempo em que ia a passar os pontilhões do mesmo rio, nas Caldas das Taipas, indo com o macho umas bôlsas com 1:200\$000 réis, salvando-se com muito custo o caixeiro. As bôlsas apareceram depois que vagou a cheia. O caixeiro era de um negociante do Pôrto. — Até ao fim dêste mês houve grandes cheias causadas pelas freqüentes trovoadas, saraivadas, &.<sup>a</sup> que provocaram imensos estragos, principalmente no mar e nos rios. As chuvas e as tempestades tinham começado no principio do mês de Dezembro do ano passado, podendo-se dizer que desde essa época tinha chovido sempre, só apenas com a interrupção de alguns poucos dias em que houve sol. (P. L.).

JOÃO LOPES DE FARIA.



E O SANGUE SE FÊZ LUZ, romance por *Nuno de Montemor*. «União Gráfica». Lisboa. 1937.

Afastado, há perto de quatro anos, das páginas desta Revista, a que me ligam os mais estreitos laços de amizade e algumas das mais belas recordações da minha vida, regresso hoje à casa amiga, não com o ar contrito do *filho pródigo*, que nunca fui, mas para nela reocupar o lugar que me pertence, junto dos meus camaradas do bom combate, nesta velha trincheira do nacionalismo português.

E venho falhar-lhes do último livro de Nuno de Montemor, preciosa oferta que a sua mão amiga me enviou ao fechar o ano de 1937. E' um romance de simples e encantadora efabulação, um admirável trabalho de apologética cristã, são e construtivo como todas as obras dêste autor, que de há muito dedica todos os seus esforços e o melhor do seu magnífico talento, ao duro apostolado de erguer e dignificar o nível moral da literatura portuguesa.

*E o sangue se fêz luz*, — título síntese, expressivo e feliz — é um livro benfazejo, consolador, de belas intenções, que nos conta, através das suas duzentas e tal páginas, a tragédia enorme duma alma, criada para o sacerdócio, desviada da sua trajetória espiritual, numa hora de tentação, pelas mil e uma enganadoras miragens do mundo e que nêle fica agrilhoada, até ao momento em que a morte a liberta e redime, na efêmera e suave quietitude da sua antiga cela de escolar.

E' cheia de encanto e beleza a figura dêsse Luiz Marcos, ex-seminarista, que a ambição levou um dia a fugir, escalando os muros do Seminário, mas que, passados anos de expiação, a renúncia trouxe de novo, permitindo-lhe a suprema consolação de morrer sob o tecto amigo da casa acolhedora. Não menos interessante e bem modelada é a de Fernando Mourato, médico das Missões e amigo íntimo de Luiz Marcos, que na *imensidade da dôr* do pobre seminarista *entreviu o infinito do Evangelho*. São estas as duas figuras centrais do romance e dois tipos mais na formosa galeria da já vasta obra literária de Nuno de Montemor. A par destas, outras há, bem curiosas, como por exemplo o velho Mourato, avaro e paralítico, *dragão ferido pelo raio da Providência* e essa estouvada Maria Clara, vulto gentil de rapariga moderna, mais tarde assassinada pelo marido, êsse John Muller, bruto e desportista...

Todo o livro, escrito naquele estilo simples e sereno de Nuno de Montemor, cheio de conceitos e imagens encantadoras, prende-nos e arrabata-nos, por vezes, obrigando o leitor mais indiferente a só abandonar o livro ao voltar da última página.



CAIXINHA DE BRINQUEDOS, por Adolfo Simões Müller. (Desenhos de Rudy). Edição do semanário infantil «O Papagaio». Lisboa, 1937.

Numa edição elegante e de graciosa originalidade, com uma linda capa a côres e interessantes desenhos de Rudy em todas as páginas do texto, deu-nos agora Adolfo Simões Müller um livro de contos em verso, para crianças, a todos os títulos encantador. É um livro de contos para crianças, mas dêesses contos que a um adulto mesmo apetece ler, porque Simões Müller até em verso possui o dom admirável de contar, de acordar, dentro em nós, com a frescura e natural simplicidade de dizer, aquilo que no nosso íntimo perdura, pela vida fora, de ingénua e infantil...

«Caixinha de Brinquedos» — título sugestivo, despertador de deliciosas curiosidades e de pequenos mundos de maravilha, que tanto falam à imaginação das crianças — pouco depois de aparecer nessas quermesses gárrulas, fascinantes de côr, que são as montras dos livreiros por alturas das Festas de ano, foi, e muito justamente, distinguido com o *Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho* dos Concursos literários do Secretariado da Propaganda Nacional.

E digo, justamente e sem favor distinguido, porque «Caixinha de Brinquedos» é um livro que, quer pelo seu próprio valor literário, quer pela excelente apresentação gráfica, que não se envergonha de aparecer ao lado das edições inglesas e francesas dêeste género de literatura, honra e ergue bem alto o nível da escassa produção portuguesa de livros para crianças.

Escolhendo, ao acaso, entre as poesias do livro, uma que caiba no espaço exíguo desta referência, aqui deixo ao leitor uma pequena amostra dos *Brinquedos* com que Simões Müller presenteou as crianças portuguesas. Intitula-se *A derradeira prenda do Menino*:

O Menino Jesus, já cansadinho  
de tanto andar por cima dos telhados,  
descalçou os sapatos apertados  
— eram novos... — e pô-los no caminho.

Nisto, sentiu ruído ali pertinho...  
Trepou à chaminé, com mil cuidados,  
e que viu? — Dois tamanços esburacados  
e, ao pé deles, rezando, um petizinho.

O Menino Jesus que fêz'então?  
Sem ter nenhum brinquedo ali à mão,  
dêesses que tanto agradam aos gorotos,

troca os sapatos pelos do petiz.  
— E depois vai ao Céu mostrar, feliz,  
à Virgem Mãi os tamanquinhos rotos...

HORÁCIO DE CASTRO GUIMARÃIS.

PÁTRIA MORENA, por *Hipólito Raposo*. Livraria Civilização. Porto, 1937.

Um livro de Hipólito Raposo constitui sempre um acontecimento notável nas letras portuguesas. Escritor vigoroso e talentoso, polígrafo de valor, Hipólito Raposo tem já uma vasta e bela obra, de prosa vernácula, bem trabalhada e leve, que se impõe e é regalo de quantos a lêem e a sabem sentir.

Assim, *Pátria Morena*, não foge à regra de há muito traçada e sempre respeitada. As suas páginas revelam bem a alma e o temperamento tão português e criteriosamente nacionalista do seu Autor.

Valiosa colectânea de discursos e de ensaios, em que a elevação de pensamento sobressai e o sentimento patriótico se expande, *Pátria Morena* abre com a alocação feita em Lisboa, em 25 de Outubro de 1934, — «O Regaste de Lisboa», — e que constitui uma admirável síntese do reinado de D. Afonso Henriques e da conquista de Lisboa.

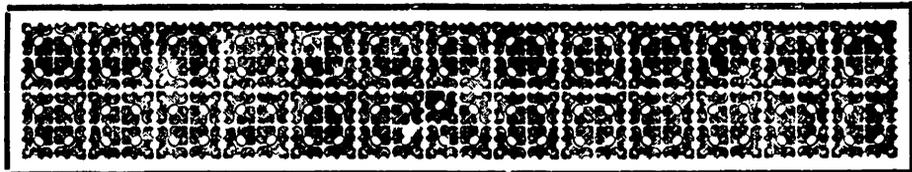
Segue-se um prolesto veemente contra o mostrengo artístico da estátua de Pomal e recordam-se horas de luta que levaram Hipólito Raposo à fortaleza de S. Julião da Barra, — «hóspede da República» — e a interessar-se pela sorte obscura da gente que se agasalhava no «galeão de pedras» do farol do Bugio.

O Café Martinho, aquêlê café que é testemunha de muitos acontecimentos que influíram não só na vida de Lisboa como até na vida da Nação, e que o próprio Eça não esqueceu nos seus livros, é evocado numa graciosa palestra em que os personagens de outros tempos ressurgiram «como desenhos ingénuos».

E, página a página, o livro mantém sempre o mesmo interêsse, quer em estudos instrutivos sôbre história e arqueologia, quer sôbre assuntos de doutrinação política e de apreciação de factos recentes, fechando com duas sugestivas alocações «Em nome de Gil Vicente», uma a suposto auditório de pastores numa herdade de Evora em que se saúdam «as mais vivas e profundas raízes do sangue português», e outra aos estudantes de Lisboa, «por justiça ao Poeta, por amor da mocidade e por honra e louvor de Portugal!»

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.





# O anti - democrático Humberto de Campos

por ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

*Não era justo ficasse esquecida, por descuido, uma das facetas mais belas e actuais da personalidade intellectual do soberbo patricio morto, cujo espólio literário ficará lição permanente para os vivos, nomeadamente na sua feição lindamente moral e humana, que encheu os últimos anos do ilustre brasileiro.*

**H**OMEM eminentemente objectivo, não podia o suave escritor das *Memórias*, em sua luminosa evolução para a verdade integral que, com mais anos de vida, fatalmente culminaria na verdade religiosa também, não poderia, digo, deixar de afastar-se da mitologia demo-liberal que, em sua mente privilegiada, já sofria um processo lógico e irrecorrível.

Não me interessei por tódta a obra de ficção do polimórfico literato, tendo dado mais atenção a êle justamente nesta *fase última* da sua ascensão espiritual, em contraposição à descensão física.

São-me, porém, o bastante para afirmar-lhe a descrença democrática os testemunhos que dele colhi nalguns tópicos essenciais de intenção evidentemente política, dos quais posso deduzir lógicamente a aversão com a qual, nestes últimos dias, encarava o regime liberal.

Contava êle, algures, a impressão maravilhosa que lhe causara a visita à democracia uruguaia, na qual a paz de charco, vigorante sob as ilusões da liberdade e do voto, fazia crer na possibilidade da existência terráquea dos sonhos histéricos e lunáticos do tarado João-Jaques Rousseau e má companhia.

Outra coisa não se dera no Brasil sob o II Império, quando a lei Saraiva e a atitude partidariamente fria dêsse estadista consentiram na vitória eleitoral da opposição. Estava, dali avante, garantida a democracia! clamavam vitoriosos os corifeus liberais!...

\*

\*   \*  
\*

E' o Uruguai a Grécia da América. Na instabilidade da sua vida, outrora sacolejada pelas pendências dos caudilhos e, hoje, pelos desencontros das doutrinas sociais e políticas, pode o filósofo dedicado a tais problemas colhêr material para exemplificar as teorias advindas da grande mestra, a experiência, ou criadas pelas abstrações aéreas dos poetas da Ciência Civil.

E foi assim que Humberto se exaltou em delícias, ao visitar, em fúguz momento de calma, o Estado sulino.

Pouco depois, acontece na Banda-Oriental o que a dialética implacável dos anti-liberais afirmava: a liberdade liberalista desfechava em confusão, a—governo, e desgoverno. E o preclaro Maranhense, desenganado, canta a palinódia, nestes têrmos:

—«A atmosfera política do Uruguai, em Outubro e Novembro de 1931, fizera desaparecer no meu espírito os últimos vestígios da superstição democrática. O regime ali vigorante era a expressão da consciência nacional, manifestada nas urnas. Todos os partidos possuíam delegados no Congresso ou no Conselho de Administração. Todas as forças políticas organizadas exerciam uma parcela de poder público. Os pleitos eleitorais eram rigorosamente fiscalizados. A imprensa desfrutava uma liberdade que se aproximava do abuso. No entanto, ninguém se encontrava satisfeito. Uma inquietação funda alarmava os espíritos, sendo limitadíssimo o número dos que se batiam pela manutenção do pacto constitucional em vigor. A idea da revisão ocupava todas as inteligências. E como havia liberdade de pensamento, cada grupo se batia por uma fórmula nova. A democracia iniciava em suma, na América Meridional, o seu mais expressivo processo de falência.

«Os acontecimentos que se desenrolaram há três dias em Montevidéu e de que vieram notícias nos telegramas directos ou de Buenos-Aires, não constituíram, assim, um facto que interesse privativamente ao Uruguai, mas a deflagração de um fenómeno social previsto pelos espectadores que assistiam de longe ao seu desdobramento seguro e metódico. *A Democracia é como Babel*» (grifo nosso) (1).

E, após dizer que a democracia «é uma torre destinada à escalada do céu, mas que fica em meio pela confusão que se estabelece entre os seus

---

(1) Vide *Diário de S. Paulo*, 11-IV-33, «A falência da democracia».

operários», sentença que «a linha que separa a democracia da anarquia é puramente imaginária e quanto mais ardentemente um povo procura a primeira, mais facilmente cai na segunda».

E, continua: «Ergue-se, então, o ditador e, para salvar a nação, estrangula a Liberdade.»

\*

\* \*

Quê mais diriam os Patrianovistas, os primeiros que gritaram essas verdades em terras do Brasil, no século XX, sendo ao depois decalcados por tantos que não citam as fontes?!...

As ditaduras são, como o dissemos, o expediente das salvações provisórias, para os povos que não têm reis.

Velha como o mundo é essa verdade colhida pelo patético beletриста. Mas justamente por isso é que se há-de malhar nela. Cuidam, quâsi sempre, os homens de hoje em inventar novidades, no intento baldado de fugir ao eterno-verdadeiro. Não adianta! Novidades não valem por si, senão pelo que nelas vai intrinsecamente. Ninguém consegue, diante de pessoas sensatas, fazer em definitivo passar o êrro pela verdade, por maiores que sejam os artifícios de disfarce.

No meio de palheiro esquecido, descobriu o nosso memorialista, por circunstâncias felizes, a agulha da verdade política.

\*

\* \*

E, para nos certificarmos de que não é essa conclusão de Humberto uma enfatiada impressão momentânea de quem está «com o estômago danado», como lá diz o nosso Camões, senão fruto de observação segura e sociológica, prossigamos-lhe a leitura:

«Foi a êsse ritmo, diz, que obedeceu o Uruguai, e obedecerá qualquer outro que descreva, na história, a mesma parábola, como a república do Brasil presentemente.» (Este meu artigo foi escrito em 1935).

«... Os acontecimentos do Uruguai vêm confirmar, assim, e apenas, uma velha lei, a que obedecem os povos. E são uma demonstração a mais de que *a democracia não passa de um belo sonho dos homens* (grifo nosso). Os que se entregam descuidados às delícias de fantasia tão *incompatível com a realidade da vida e da condição humana* (gr. n.),

acabam sempre tombando da colcha de seda em que dormiram, e despertando feridos aos pés do leito em que sonharam.»

E após o sonho?

«O Uruguai, para ventura sua, foi despertado por um braço de ferro, providencial, antes da queda, no momento em que terminava o seu sonho...»

Se o espírito liberal e democrático se nutre de perpétuas revoluções, fruto impercedoiro da paranóia doutrinária de Rousseau, já criticada pelo realismo político dos De Maistre, De Bonald e outros autores contra-revolucionários, a que podemos acrescentar a própria sociologia comteana, para não aludirmos aos da nossa casa brasileira e portuguesa, é-lhe de todo avêso o espírito do nosso perfilado:

— «Eu me tenho confessado sempre, como quem se preocupa com os destinos da sociedade humana, adversário intransigente das Revoluções. Viesse alguém me convidar para um movimento subversivo com a promessa de fazer-me Imperador ou presidente da República e eu o entregaria à Polícia pela ameaça feita à minha tranqüilidade. A Revolução Francesa, que afogou em sangue todos aquêles que a promoveram e orientaram, e cuja glorificação constituiu *a mais lamentável superstição política do século XIX* (gr. n.), só teve um homem que tirasse dela proveito: Napoleão Bonaparte. Napoleão, imperador, não perdoava, entretanto, aos que haviam feito com as próprias cabeças a escada sinistra que lhe permitira a ascensão ao trono. Conta o grande Estanislau de Girardin, que, em visita ao túmulo de Jean-Jaques, teve Bonaparte, para os presentes, esta frase inesperada:

« — Êste homem não devia ter nascido.

« — Por quê, sire? — estranha Girardin.

« — Porque foi êle quem preparou a Revolução Francesa.

« — Eu supunha que Vossa Majestade não tinha queixas da Revolução.

« E Napoleão:

« — Por mim, não tenho; mas a posteridade dirá se não seria melhor que, para o repouso da terra, nem eu nem Rousseau tivéssemos existido » (1).

---

(1) «Notas de um diarista», *Diário de S. Paulo*, 11-IV-31.

\*

\* \*

Vemos, assim, um literato sem pretensões primacial e pròpriamente sociológicas, afirmando realidades que políticos não enxergam... ou fingem não enxergar, por interêsses egoísticos!

Desgraça *por enquanto* irremediável entre os povos néo-ibéricos sem reis: passam da ficção democrático-republicana para a salvação provisória chamada «ditadura» (a eliminação «provisória» da liberdade, a que H. de C. alude n*Os Párias*), para depois recomeçarem na ficção democrática rematada sempre em salvação provisória ditatorial que fica sem solução *natural*, por falta de dinastia. E a república, a democracia sempre destrói a obra que a ditadura lhe entrega mais ou menos perfeita.

Foi isso o que compreendeu claramente o grande miritibense, contra os advogados da «concessão de maior soma de liberdade aos que ainda a recebem com restricções, como se a ordem e o progresso humanos não fôssem o efeito de fôrças coercitivas» (1).

Talvez não esteja longe o dia em que Hitler chame o Kromprinz a governar. Pode um ditador francês chamar o duque de Guise ou o conde de Paris. Podem a Austria e a Húngria recorrer aos Habsburgos. Pode a China gritar por um Pu-Y. Pode um ditador brasileiro ou português, como fêz na Grécia o general Kondylis, acabar com o círculo vicioso democracia-ditadura-democracia, com o apêlo aos nossos Braganças. Mas a América Espanhola, exceptuado o México? Os heterogêneos ianques?

Triste herança da Liberdade!

\*

\* \*

Lançando o perfil do ditador urugaio, Gabriel Terra, assertou o seguinte o nosso anti-democrático Humberto:

— «A liberdade é, porém, um fruto que principia a corromper-se logo após o amadurecimento. E a República Oriental, entregue ao seu povo, esteve na iminência de, como as repúblicas gregas, tombar na anarquia, que é a embriaguez da liberdade» (2).

---

(1) *Os Párias*.

(2) D. d. S. P., 23-VIII-34.

-- « A liberdade dá, na verdade, ensejo à inquietação, à balbúrdia, à polémica, às divergências, que terminam por sacrificar a cousa pública. E o século XIX levou muito longe o direito à liberdade, ou, melhor, deu-lhe uma interpretação que prejudica a marcha da sociedade no sentido da felicidade colectiva » (1).

Quere dizer que, interesseiros nos resultados que fatalmente advirão das suas maquiavélicas prègações, os demagogos proclamam a soberania do povo. Hidra de mil cabeças e milhão de sentenças, desmanda-se êste em infinitas licenciocidades, como as rãs da fábula. Contra a anarquia, levanta-se a autoridade violenta, mas necessária, de um só, pois « só a ditadura, ou, mais claramente, a tirania, pode fazer alguma cousa, no mundo, em favor do proletariado. Essa ditadura ou essa tirania, tem de cair, porém, como a chuva ou o sol, sôbre burgueses e proletários. A liberdade tem que ser cassada a uns e a outros, para que o ditador, ou o tirano, faça uma nova distribuição de confôrto e de direitos, de acôrdo com as conveniências da paz e da ordem, reguladas pelo Estado que êle encarnará » (2).

\*

\* \* \*

Não é de há pouquíssimo a irrefragável conclusão experimental humbertiniana. Já em 10-II-33, escrevia, na fôlha citada, o duro artigo: «Maldita seja a lei!»

Dele cito largo trecho, para melhor se entender o raciocínio:

— «Sem citar qualquer lei, qualquer decreto, ou qualquer autorização, ou qualquer precedente, o interventor no Distrito Federal praticou, ontem, arbitrariamente, o acto mais legal da sua administração: aposentou com os tristes vencimentos de professor da antiga Escola Normal, o cidadão José Francisco da Rocha Pombo.

«Ao ler essa notícia nos jornais que circulam às primeiras horas da noite, eu vi justificado, mais uma vez, o meu horror à jurisprudência administrativa, com a inflexibilidade dos seus códigos, dos seus regulamentos, da sua superstição constitucional. E compreendi, ao mesmo tempo, a razão por que *as artes e as letras prosperam sob os governos absolutos e defínham, e às vezes perecem, quando começa a levantar-se em tôrno delas a teia de aranha das legislações democráticas e igualitárias.*»

---

(1) *Os Parias.*

(2) *Os Parias.*

E continua, explicativamente: — « Examine-se a evolução do pensamento artístico através dos tempos, e ver-se-á que êle atingiu a sua mais alta expressão não sob a protecção intransigente das leis, mas sob o patrocínio generoso dos grandes homens de Estado. Submetesse Augusto à aprovação do Senado Romano as dádivas com que tornava possível a Vergílio e a Horácio a existência amável que levavam; dependessem Luiz XIV, Frederico II, Cristina da Suécia ou Catarina II do voto dos parlamentos quando protegem poetas e sábios, pintores e filósofos, e a história do mundo não contaria as épocas mais brilhantes que a assinalam, e que constituem, hoje, um dos mais altos orgulhos da civilização.»

« Carecessem, em verdade, os príncipes de autorizações e leis, para estender a mão aos portadores do sonho e da sabedoria, e não teríamos, certamente, hoje, o teatro de Corneille, de Racine, de Molière e de Metastásio; a poesia de Ronsard, de Boileau, de Petrarca e de Chaulieu; o conto de Boccácio; a fábula de Lafontaine, a filosofia de La Bruyère.»

Ainda:—« Não há um só homem de cultura e de consciência no Brasil inteiro, que não considere perfeitamente justo, e não aplauda, o acto do interventor que beneficiou Rocha Pombo. *Em um regime legal, êsse acto justo seria, entretanto, impossível* (grifo nosso). Para obtê-lo, teria o eminente historiador de dirigir-se ao Conselho Municipal, e de lisonjear, durante semanas ou meses, duas ou três dúzias de demagogos politiquieiros, que incluiriam no projecto que o beneficiasse, artigos ou parágrafos que iriam servir a professores do Morro do Pinto ou de Campo Grande, seus cabos eleitorais. De modo que, sendo as leis feitas para moralizar os costumes, estes, no Brasil (sòmente no Brasil? perguntariamos ao escritor), se tornam mais moralizados e compostos quando se processam à revelia das leis... » « Renan costumava dizer que preferia à República um tirano filantropo e liberal, que protegesse as letras e as artes. E eu sinto que me sobe do coração para o cérebro, ou me desce do cérebro para o coração, o mesmo sentimento, feito pensamento.»

E termina:—« E é por isso que, ao ler a notícia do acto municipal de ontem, exclamo como trabalhador da pena que não tem a superstição das formas de govêrno:

— « Louvado seja, duas vezes, o regime do arbítrio que assegurou o pão a Rocha Pombo. E maldito, três vezes, o regime legal que o negou a Arnaldo Barreto! »

\*

\* \*

Assim, pois, surpreendemos Humberto de Campos qual propugnador lógico e experimentado dum regime ditatorial, «tirânico», absoluto, anti-democrático, contra as leis abstractas dos homens das assembleas populares, pela lei da vida, muito mais sagrada.

E acaba aqui o drama? Não!

Arguto, o incomparável beletриста explica, ainda uma vez, o porquê, noutro artigo no qual descubro uma pérola que lhe vem, providencialmente, completar a idea que no subconsciente dormia, uma vez que concebe *provisória* a tirania salvadora...

E' o seguinte, uma jóia da sabedoria dos homens de bom senso:

— «... Aqui, no Brasil (e êle poderia apontar mais nações!), aqui, no Brasil, onde me encontro e de onde te escrevo, não há reis. Não há reis porque todos governam, e porque *todos se consideram superiores aos outros* (gr. n.) de modo que todos mandam e ninguém obedece» (1).

Aliás, já se vêem repetidas n*Os Párias* (Edição José Olímpio, Rio) estas palavras: — «Eu prefiro à República um tirano filantropo, instruído, inteligente e liberal» — confessava Renan. E eu resumo nessas palavras corajosas *todo o meu pensamento*» (gr. n.).

\*

\* \*

E nisto termino a minha contribuição para rememorar um homem que tanto cresceu pelas *Memórias*.

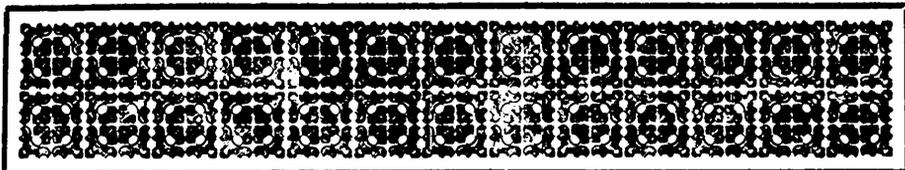
Na obra geral de H. de C., muitos aspectos há, dignos de serem estudados, não sendo de menos preço o que diz com a questão social, tema palpitante de actualidade.

Não era justo, porém, ficasse esquecida, por descuido, uma das faces mais belas e actuais da personalidade do soberbo patricio morto, cujo espólio literário ficará lição permanente para os vivos, nomeadamente na sua feição lindamente moral e humana, que encheu os *últimos anos* do ilustre brasileiro.

Cidade de S. Paulo  
B r a s i l

---

(1) D. d. S. P., 9-II-33.



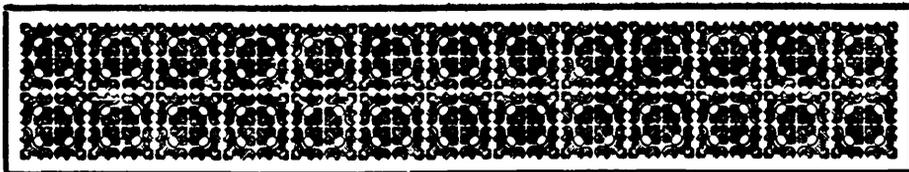
## O A S I S

- Achei também
- Oasis mil, no meu deserto:

sem me deter,  
passei além...

Disse p'ra mim:  
Para que hei-de eu beber e descansar  
se é já tam perto  
e tenho de voltar  
ao deserto  
sem fim?!

*F. A.*



# Palavras à “Mocidade Portuguesa” (\*)

por JORGE DA COSTA ANTUNES

**Q**UINAS, castelos, bandeiras — bloco da gente moça de Portugal: firme! Foi nesta terra, que a Nação Portuguesa, obteve o facho, que haveria de marchar até ao confim do Território, sempre com a mesma luz fulgente. Daqui, se bradou pela posse dum País, e se gerou o que alcançava essa conquista.

Mocidade Portuguesa: à distância dos séculos somos chamados para a reflexão séria, para a análise ponderada e para a meditação sobre o valor da Raça. Joga-se uma partida decisiva no xadrez das ideas, e é à juventude que se oferece o lugar, à banca do jôgo, sinalizando os rumos. Avocados para a reunião já dissemos — presente! Respondemos assim àqueles que não souberam ser jovens — novos de espírito, novos de corpo; opomo-nos aos que vivem ao desbarato, sem bússola, sem guia. Na outra margem há gente, ia a dizer abutres, aves de rapina, unhas adustes para cingirem a presa e despedaçá-la contra o penedio austero — há gente sequiosa de violação na outra margem. E de cá há almas alegres, risinhas, folgasãs — sorridentes para os olhares que fitam, felizes, sempre felizes, pelas bênçãos do Senhor.

No lado de lá agitam-se os Sem-Deus — e por não terem Deus vivem convulsionados; disputam posições atabalhoadamente — e porque não possuem Chefe andam à deriva. Mas o quadro tem um aspecto diferente em nós: crê-se no poder superior emanado da Realeza Divina, e segue-se a idea construtiva do Resgate Nacional que Salazar tem sabido alicerçar.

---

(\*) Palavras ditas no Castelo de Guimarães, na Primavera de 38, à Ala de Braga, pelo Director e Instrutor da Ala de Guimarães.

Feita a chamada, o momento da exposição vem na seqüência lógica do facto. E a gente moça de Portugal vai conhecer — triste é dizê-lo — a sua própria História, que interesses anti-patrióticos tinham velado. Abeirar-se da sua História para compreender o seu valor e sabê-lo projectar no Futuro — deverá ser a aspiração das novas camadas de pequenos portugueses.

E não vá supor-se que o trilho a seguir é contra o progresso, é contra a marcha constante, estável, permanente dos acontecimentos, que não devem repetir-se, antes apresentarem-se diversos. Poder-se-á responder que a meditação sôbre glórias passadas cria alento para glórias futuras. E a que mais poderemos aspirar que ao triunfo de um dia e de outro dia ?

Queremos o interesse nacional acima da barafunda dos povos, queremos o Estado poderoso que saiba manter êsse interesse.

E nós, se reflectimos debruçados nos livros da nossa Epopeia, é para irmos buscar aonde se encontre êsse interesse, êsse Estado — apanágio de Portugal.

Somos assim nacionalistas pela virtude moral de oferecermos à Pátria o que lhe é devido — Pátria que é Família, Família à qual dedicamos o nosso Amor.

Mas, ia-me a esquecer, de que ao princípio vos dissera, que fôra nesta alcatifa que poisava a Nação Portuguesa. E que um grito de revolta levou-a a cavalgar com os pendões das quinas por um território em mãos diversas, obtendo-o para si, até formar estes limites dentro dos quais nós nos movemos. A' distância de oito séculos Portugal mantém a posição geográfica que os nossos homens de armas rasgaram e talharam. Milagre é êsse, gente nova portuguesa, porque as outras nações têm oscilado ao sopro do egoísmo humano. E nós conservamos o legado dos nossos Avós. Mas, quis Deus, dar aos portugueses, um sentido ráxico de independência e de amor pátrio suficiente para não esquecer a idéa do Fundador.

E duas fases nítidas dão bem o alto significado dessa idéa: gerou-se primeiro a Independência de facto antes da Independência de direito obtida em Zamora perante Afonso VII e o legado do Papa. Quisemos ser independentes e fomos independentes. Esboçara-a o Conde D. Henrique quando do sogro, D. Afonso VI de Castela, teve nas suas mãos a tenência do Condado; não menor aspiração possuiu sua mulher, D. Teresa, quando, viúva, teve de orientar os negócios do seu terreno — mas foi o produto dessas duas almas, sangue de heróis convergidos em Afonso Henriques, que deu realidade ao sonho.

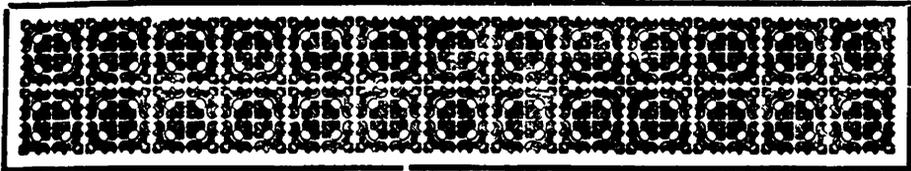
Senhora rica e esmoler, a Condessa Mumadona não suporia que, ao

alargar o seu convento, fortalecendo-o contra as investidas da moirama que El-Mansor chefiava, ia arremessar pedras para a construção do Paço onde D. Henrique e D. Teresa assentariam a sua côrte de delegados de Castela. E mais do que isso o lar que captava o nobre Conquistador da Nacionalidade. Nêle resistiria à investida de Afonso VII mercê da atitude nobilitante de D. Egas. Nêle trocava D. Teresa os olhares pecaminosos com Fernando de Trava... Nêle esbarrava a fúria de D. Afonso, rebeliado contra seu pai D. Diniz.

E hoje, perante o que foi convento de D. Mumadona e de suas freiras, e mais tarde sentinela vigilante do Portugal Nascido, vem a «Mocidade Portuguesa» firmar sòlidamente as bases do Portugal Renovado. Estas pedras já não estão gélidas: trazemos o bafo do nosso coração que pulsa, que arfa, que aquece para salvar um marco glorioso. Somos os portadores das quinas triunfantes das pelejas; aqui nos apresentamos como mantenedores dos castelos que à moirama, sem fé em Cristo, conquistamos afoitamente — eis a nossa bandeira onde a Cruz de Aviz assinala que Portugal não dorme.

Quinas, castelos, bandeira — «Mocidade Portuguesa», firme! Glorificai a Pátria, porque já ela vos glorificou.





# GABRIEL D'ANNUNZIO

por ANTÓNIO ALVARO DÓRIA

**M**ORREU Gabriel D'Annunzio!... E como soa estranhamente esta simples frase de três palavras... Três simples palavras cheias de harmonia, evocadoras de um mundo que foi e não volta mais. Porque êle era de facto um sobrevivente: sobrevivente ao seu século, sobrevivente à sua obra, sobrevivente a si próprio. Nome que, pronunciado, evocava glórias e amores, gomis florentinos caprichosamente lavrados e tardes voluptuosas nas águas azues do mar Tirreno, clangores de trombetas sonoras e atitudes académicas cuidadosamente estudadas, rasgos de audácia que espantavam o mundo e loucuras de amor passadas entre rosas rubras e veludos pesados e solenes de salas severas de palácios da Renascença: eis a síntese do génio danunziano, do génio dêsse a quem alguém já chamou, talvez em hora de mau humor, «genial cabotino».

Êle teve de tudo: foi o espadachim audacioso que se batia serenamente de sorriso nos lábios, despreocupado e feliz; foi o poeta do Amor e da Glória, que entoava estrofes requintadamente líricas à Mulher e à Itália; foi o espectacular amante duma das maiores actrizes do mundo a grande Eleonora Duse, «a das belas mãos»; foi o dramaturgo pungente que na *Figlia di Jorio* atinge a grandeza das tragédias esquilianas; foi o romancista do Amor que em *Il Fuoco*, dedicado «ao Tempo e à Esperança» ergueu um monumento de ternura à Foscarina (leia-se à Duse); foi o aviador romântico e bravo que, num rasgo de audácia e de incompreensível romantismo, voou sôbre Viena em plena guerra deixando cair flores em vez de bombas; foi o soldado audacioso e espectacular que, com bravura indómita e inesperada, se apoderou de Fiume em nome da Itália; foi, enfim, o homem vêlho que odiou em vida a velhice e a doença para, alfim, como César e o requintado Fradique (seu irmão espiritual) ter morte *inopinatam atque repentinam*, em plena decadência, sim, mas em beleza.

D'Annunzio tudo foi, foi tudo o quis ser, desde jornalista crítico a soldado, de amante feliz a poeta laureado, grande sombra a cobrir a Itália qual manto protector, chama que persistia em brilhar embora prestes a extinguir-se, alma lírica a arder no próprio fogo do génio que o animava e o consumia, espírito requintadamente artista que seria capaz de, como César, ageitar ainda as pregas da toga ao cair varado por cem punhais.

Beleza, Glória, Amor, eis a trindade que presidiu à vida dêsse homem que assombrou a Itália, sua pátria, e espantou o mundo pelos seus rasgos e pelas suas atitudes teatrais. Figura de relêvo na dessorada Europa contemporânea, êle era sobretudo o grande apaixonado da acção; tôda a sua vida, ainda mesmo quando esquecido da Vida e do Mundo se cobria de rosas e ajoelhava ante o altar de Eros, foi um poema entoado à Acção e à Glória. Latino, profundamente, requintadamente latino, amando o Sol e as Flores, adorando a Mulher e o Renome, êle teve por vezes os seus mal-entendidos com a Moral que não compreendia e que o não compreendeu. Por isso as suas obras estão à margem da mais rudimentar moral cristã, espécie de filtros tentadores, cheios de veneno que embriagam antes de matar. Querendo, antes de mais, ser falado, êle teve as atitudes mais extraordinárias, mais contraditórias e, por vezes, mais ridículas que podem imaginar-se. Homem de génio e autor de banalidades, poeta altíssimo e simples escrevedor de inconveniências, êle é a-pesar-dos seus muitos defeitos, o homem caracteristicamente representativo duma época que já morreu, levada de-repente por um grande vento, o vento crestador da Grande Guerra.

Mas D'Annunzio persistia em viver; sobrevivia-se. E daí a quasi incoerente ligação que estabelece entre o século que morreu e o nosso século; daí a sua qualidade de precursor. Como precursor o venera o Fascio, como precursor o adora a Itália Renovada.

A Beleza, o Amor, a Glória... as três divindades pagãs a que o solitário do *Vittoriale* sacrificou com volúpia e com requintes dum grego de Síbaris...

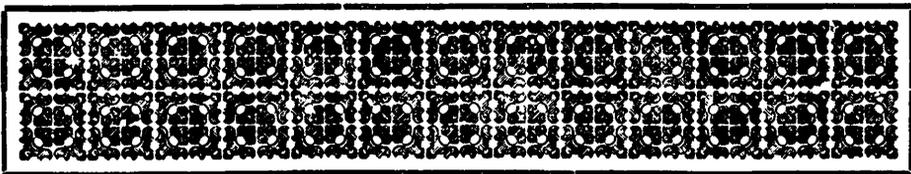
E morreu Gabriel D'Annunzio quando a primavera começava a povoar de flores os campos risonhos da Itália, quando a brisa do Adriático fazia ondular suavemente as fôlhas das árvores, quando o mar Jónio era mais azul e as águias romanas se erguiam altaneiras sôbre o Capitólio da vêlha Roma.

O poeta das *Elegias* dorme agora plácidamente o último sono bem junto da Itália-Mater, sentindo as palpações dessa pátria que cantou e amou e sôbre que dois mil anos já passaram entre glórias, sangue

e ruínas, constantemente a dar à luz numa laboriosa gestação de civilizações. D'Annunzio, sobrevivente a si próprio, entra, enfim, no Panteão, sem um queixume, em beleza, como êle queria, como ardentemente desejava.

Ante o cadáver do vólho mutilado, de cujas mãos saíram tantas obras primas, eu evoco em silêncio tôda uma era de delírio e loucuras, todo um passado policromo, cheio de lirismo e de atitudes estudadas, passado já morto, passado que não volta mais. Florescem as rosas e os mirtos, mas o génio do poeta apagou-se de vez...





# O sentimento de solidão na obra de Florbela Espanca

por DIOGO IVENS TAVARES

(Continuação da página 23)

As mesmas impressões que Tonio Kröger colhia da vida, Florbela Espanca recebeu-as também.

Thomas Mann fez numa curta novela a análise do artista. A poetisa lusfada disse, nos seus sonetos, de que torturas e inquietudes são feitas essas existências, narrando a sua.

Ressaltam entre as suas poesias algumas em que mostra a vontade de ser uma simples camponesa. É evidente que se fôsse feliz, se se lamentasse apenas por atitude, falar-nos-ia em um viver requintado e não invejaria essas moçoilas calmas, amadas e amando normalmente. E trocava por tão pouco, pela vulgaridade da vida, mas que para ela era imenso, o seu «trono de Princesa» e os seus «Reinos de Ansiedade».

Vejamos o soneto:

## R Ú S T I C A

«Ser a moça mais linda do povoado,  
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,  
Ver descer sôbre o ninho aconchegado  
A benção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado.  
Cheirando a alfazema e a tomilho...  
Com o luar matar a sede ao gado;  
Dar às pombas o sol num grão de milho...

Ser pura como a água da cisterna,  
Ter confiança numa vida eterna,  
Quando descer à «terra da verdade»...

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!  
Dou por elas meu trono de Princesa,  
E todos os meus Reinos de Ansiedade.»

Na *Juvenilia*, na poesia também com o nome de «Rústica» expande-se o mesmo desejo:

«Eu queria ser a camponesa...  
Ir esperar-te à tardinha.»

Semelhante pensamento agita-se em Tonio Kröger vendo os que vivem felizes, a amar-se simplesmente, sem inquietações:

«...Être comme toi! Recommencer encore une fois, grandir comme toi, droit, joyeux, simple, régulier, d'accord avec Dieu et les hommes, être aimé des insoucians et des heureux, te prendre pour femme, Ingeborg Holm, et avoir un fils comme toi, Hans Hansen, — vivre, aimer, se réjouir, exempt de la malédiction de connaître et du tourment créateur, parmi les félicités de la vie habituelle!... Recommencer depuis le commencement? Mais cela ne servirait de rien. Ce serait de nouveau pareil. — Tout ce qui est arrivé arriverait encore. Car certains êtres s'égareront nécessairement, parce qu'il n'y a pas pour eux de vrai chemin » (1).

Até o fatalismo que trespassa a obra de Florbela Espanca se encontra em Tonio Kröger. É que a figura delineada por Mann, como já dissemos, é êle próprio que sente latejar-lhe nas veias o sangue herdado de uma mãe de origem portuguesa, êsse sangue peninsular onde o sol se intromete demasiadamente, espalhando sensualidade ao mesmo tempo que arrebatava para misticismos.

E finalmente a poetisa tem o desejo de ser animal bravo:

«Ser rugido de tigre na floresta!»  
«Ah, quem me dera ser como os chacais  
Uivando os brados, rouquejando os gritos  
Na solidão dos ermos matagais!...»

É um caso freqüente, êsse, das pessoas que adquirem um certo grau de cultura ou que vieram ao mundo com uma sensibilidade requintada, ansiarem o regresso ao primitivismo onde os nervos são apenas auxiliares dos músculos e onde a sabedoria não existe para levar a uma crença meditada ou à descrença e à inquietude.

---

(1) Ob. cit., pág. 107.

A vida fôra sempre para ela de uma crueldade desmedida, impusera-lhe o sofrimento por companheiro, apenas lhe dera o dom de o cantar.

« A vida que ao nascer enfeita e touca  
D'alvas rosas, a fronte da mulher,  
Na minha fronte mística de louca  
Martírios só pisou a emmurhecer ! »

O artista quando sonha tem prazer com o seu sonho, mas padece quando gera, cria. O sonhar é uma função máscula, o gerar um acto feminino. As normas da natureza impõem a todo o gerar na dor. Por isso gerar e dor podem ser sinónimos.

Melhor compreendemos, lendo as centenas de versos que Florbela Espanca escreveu, porque Tonio Kröger dizia:

« La littérature n'est pas une vocation, mais une malédiction, sachez-le. Quand cette malédiction commence-t-elle à se faire sentir? Tôt, terriblement tôt; a une période de la vie ou l'on devrait encore avoir le droit de vivre en paix et en harmonie avec Dieu et avec l'univers . . . . .

Un artiste, un vrai, non pas un de ceux dont l'art est la fonction sociale, mais un artiste prédestiné et maudit, se reconnaît sans qu'il soit besoin d'une très grande perspicacité au milieu d'une foule. Le sentiment qu'il a d'être à part, de ne pas appartenir au reste du monde, d'être reconnu et observé, quelque chose à la fois de royal et d'embarrassé se lit sur son visage » (1).

A poetisa que analisamos escreveu:

« Alma de luto sempre incompreendida !... »  
« Parece que a minh'alma é perseguida  
Por um carrasco cheio de maldade. »

Nas cartas a Guido Battelli confessa:

« O meu mundo não é como o dos outros; quero demais, exijo demais: há em mim uma sede de infinito, uma angústia constante que eu nem mesmo compreendo; pois estou longe de ser uma pessimista, sou antes uma exaltada, com uma alma intensa, violenta, atormentada, uma alma que se não sente bem onde está, que tem saúdaes... sei lá de quê » (2).

---

(1) Ob. cit., págs. 50 e 51.

(2) *Cartas*, pág. 24.

E em outra carta :

«Não conto a ninguém esta tristíssima inferioridade de me sentir uma exilada de tôda a alegria sã, franca; não mostro a ninguém a miséria de inadapável, de insaciedade» (1).

De facto parece que as pessoas que têm que criar uma obra vêm condenadas a isso. A vida começa logo a castigá-las, a ser-lhes uma madastro, a negar-lhes as mais simples mercês, aquelas que espalha a rôdo sôbre os outros. Isola-as, em sua volta abre-lhes o pavor de um deserto raramente cruzado, atocha-as de inquietude e torna-se para elas num verdadeiro tribunal inquisitório onde as torturas, com tôdas as espécies de martírios, as faz soltar, por entre gritos de dor, o que lá no íntimo guardam.

Florbela Espanca foi uma dessas trágicas condenadas. Ela mesma confessa as primeiras chibatadas que recebeu, ainda bem nova e que deviam ter sido fortemente cruéis :

«Eu não sou feliz, mas nem ao menos te sei dizer porquê. Nasci num berço de rendas, rodeada de affectos, cresci despreocupada e feliz, rindo de tudo, contente na vida que não conhecia, e de repente, amiga, no alvorecer dos meus 16 anos compreendi muita coisa que até aí não tinha compreendido, e parece-me que desde êsse instante cá dentro se fêz noite. Fizeram-se ruínas todas as minhas illusões, e como todos os corações verdadeiramente sinceros e meigos, despedaçou-se o meu para sempre. Podiam hoje sentar-me num trono, canonizar-me, dar-me tudo quanto na vida representa para todos a felecidade, que eu não me sentiria mais feliz do que sou hoje» (2).

E mais adiante :

«O meu talento!... De que tem servido? Não trouxe nunca às minhas mãos vãs a mais pequena esmola do destino. Até hoje não há ninguém que de mim se tenha aproximado que me não tenha feito mal» (3).

A sua obra é o produto fiel dessa maldição de que nos fala Thomas Mann. Florbela Espanca é um inferno sofrendo os próprios tormentos, onde se debatem contraditórios sentimentos, afundando-se cada vez mais até tocar o fundo de maior desespero.

«Tortura do pensar! Triste lamento!  
Quem nos dera calar a tua voz!  
Quem nos dera cá dentro, muito a sós,  
Estrangular a hidra num momento!»

---

(1) *Cartas*, pág. 26.

(2) *Cartas*, pág. 7.

(3) *Cartas*, pág. 24.

O deserto que sente a cercá-la desde a sua puberdade, nesse castelo que é a sua dor e onde ela habita sòzinha, toma aparências de tragédia. Tal isolamento iguala-a a uma criança que se apavora da solidão, que quer fugir dela e a presente a persegui-la, que grita que está só, que tem mêdo e cujos brados se perdem vãmente nos longes impassíveis.

Vejamos primeiro a «Castelã da Tristeza» onde chorando narra a sua permanente espera, a sua tortura que a desnorteia :

«Altiva, couraçada de desdem,  
Vivo sòzinha em meu castelo : a Dor!  
Passa por êle a luz de todo o amor...  
E em meu castelo nunca entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...  
— E o meu olhar é interrogador —  
Prescruto, ao longe, as sombras do sol pôr...  
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, porque choras  
Lendo, tôda de branco, um livro de oras,  
A' sombra rendilhada dos vitrais?...

A' noite, debruçada p'las ameias,  
Porque rezas baixinho?... Porque anseias?...  
Que sonho afagam tuas mãos reais?..»

Neste soneto perpassa uma sensação de abandôno igual à que tomou Tonio Kröger num quarto de hotel.

«Il pensa aux triste aventures des sens, des nerfs et de la pensée qu'il avait vécues; il se vit dévoré par l'ironie et la réflexion, vidé et paralisé par la connaissance, à demi consumé par la fièvre et les frissons de l'activité créatrice, sans consistance et tirillé, au milieu des tourments de conscience, entre les tendances les plus extrêmes, entre la sainteté et la sensualité, raffiné, appauvri, épuisé d'exaltations froids et facticement provoquées, égaré, ravagé, torturé, malade — et il sanglota de repentir et de nostalgie.

Autour de lui tout était silencieux et sombre. Mais d'en bas lui parvenait, assourdi et berceus, le rythme à trois temps, doux et vulgair, de la vie.» (1).

O mesmo estado de alma e de abandôno se nota nesses dois seres.

---

(1) Tonio Kröger, pág. 113 e 114.

Ambos êles sentem a vida passar ditosa para os outros, ao longe, assistindo como espectadores. Ambos choram o exílio a que foram condenados.

O sentimento de desamparo é confessado amiudadamente por Florbela Espanca. Há sonetos inteiros em que fala dele. Outros têm versos soltos.

Depois de ouvir os poetas arrancar-lhe, compadecidos, as suas ilusões, exclama :

« E é desde então que eu choro amargamente  
Na minha esguia tórre junto ao céu. »

E no convento — a sua Dor — onde ela é a única professa, acaba por dizer :

« E nesse triste convento... aonde eu moro,  
Noites e dias rezo e grito e choro,  
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém. »

« A minha mocidade outrora eu pus  
No tranqüilo convento da tristeza;  
Lá passa dias, noites, sempre prêsa,  
Olhos fechados, magras mãos em cruz... »

Essa maldição que nasceu com ela, a poetisa pressente que vem de longe, de um passado misterioso, fazendo-a uma das mais dolorosas vítimas. E tam só vive sempre que no soneto *O meu mal* pensa em tudo que julga ter sido em outras eras. Quási tôdas essas cousas vivem ou erguem-se no êrmo: a águia, a catedral, a flor do cardo, o cipreste, etc.:

« Eu tenho lido em mim, sei-me de cor,  
Eu sei o nome ao meu estranho mal:  
Eu sei que fui a renda dum vitral,  
Que fui cipreste e caravela e dor!

Fui tudo que no mundo há de maior;  
Fui cisne e lírio e águia e catedral!  
E fui, talvez, um verso de Nerval,  
Ou um cínico riso de Chamfort...

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,  
Deram as minhas mãos aroma aos nardos...  
Deu côr ao aloendro a minha bôca...

Ah! .De Boabdil fui lágrima na Espanha!  
E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha!  
Mágoa não sei de quê! Saüdade louca! »

Mais :

« Sou triste como a fôlha ao abandôno  
Num parque solitário, pelo Outono,  
Sôbre um lago onde vogam nenufares. »

No soneto *Alma Perdida* julga que a sua alma era a voz do solitário roussinol :

« Contaste tanta cousa à noite calma  
Que eu pensei que era a minha alma  
Que chorasse perdida em tua voz. »

E nestes versos em que ouve cair a chuva e o vento lamentar-se, sente o mar da solidão crescer para uma preamar imensa :

« Chuva... tenho tristeza ! Mas porquê ?  
Vento tenho saudades ! Mas de quê ?  
O' neve que destino triste o nosso !  
  
O' chuva ! O' vento ! O' neve ! Que tortura !  
Criteam ao mundo inteiro esta amargura,  
Digam isto que sinto que eu não posso ! !... »

Lamentando-se :

« E não tenho uma sombra fugidia  
Onde poise a cabeça, onde me deite !  
.....  
.....  
Poeta eu sou um cardo desprezado,  
A urze que se pisa sob os pés.  
Sou, como tu, um riso desgraçado. »

No soneto *Hora que passa* anota o momento em que olha todo o seu passado inútil que nada deixou que a conforte :

« Vejo-me triste, abandonada e só  
Bem como um cão sem dono e que o procura,  
Mais pobre e desprezada do que Job  
A caminhar na via da amargura !

Judeu Errante que a ninguém faz dó !  
Minh'alma triste, dolorida e escura,  
Minh'alma sem amor é cinza e pó,  
Vaga roubada ao Mar da Desventura !

Que tragédia tam funda no meu peito !...  
Quanta ilusão morrendo que esvoaça !  
Quanto sonho a nascer e já desfeito !

Deus! Como é triste a hora quando morre...  
O instante que foge, vôa, e passa...  
Fiozinho d'água triste... a vida corre... »

Erguendo-se o mesmo lamento :

### **EM VÃO**

« Passo triste na vida e triste sou,  
Um pobre a quem jamais quiseram bem !  
Um caminhante exausto que passou,  
Que não diz onde vai nem donde vem.

Ah! Sem piedade, a rir, tanto desdém.  
A flor da minha bôca desdenhou !  
Solitário convento onde ninguém  
A silenciosa cela procurou !

E eu quero bem a tudo, a tôda a gente !...  
Ando a amar assim perdidamente,  
A acalantar o mundo nos meus braços !

E tem passado, em vão, a mocidade  
Sem que no meu caminho uma saúde  
Abra em flores a sombra dos meus passos! »

Para confessar aparentemente resignada, porque nunca se resignou a essa solidão em que viveu :

### **ÚLTIMO SONHO DE «SOROR SAÜDADE»**

« Sóror Saúde abriu a sua cela...  
E num encanto que ninguém traduz,  
Despiu o manto negro que era dela,  
Seu vestido de noiva de Jesus.

E a noite escura, extasiada, ao vê-la,  
As brancas mãos no peito quási em cruz,  
Teve um brilhar feérico de estrêla  
Que se espalhasse em pétalas de luz !

Sóror Saúde olhou... Que olhar profundo  
Que sonha e espera?... Ah como é feio o mundo,  
E os homens vão! — Então, devagarinho,

Sóror Saúde entrou no seu convento...  
E, até morrer, rezou, sem um lamento,  
Por *Um*, que se perdera no caminho !... »

(*Continua*).

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1838

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Março

**Dia 2** — Sexta-feira, 1.<sup>a</sup> da quaresma — Safu da igreja de S. Francisco, conforme o costume, a Procissão de Cinza que teve de recolher a tôda a pressa por principiar a chover. Já não tinha saído no dia próprio por causa da chuva. (P. L.).

**Dia 9** — Circular do administrador geral de Braga, mandando executar o decreto de 21 de Setembro de 1835 sôbre cemitérios e enterramentos. A câmara passou ordens para êsse efeito.

**Dia 12** — Em vereação extraordinária, com a presença do administrador do concelho, do coronel comandante do regimento de infantaria n.º 18 e dos cidadãos desta vila que estavam sujeitos ao aboletamento de oficiais, convocados para se tratar dos meios de fornecer com camas, mesas, cadeiras, etc., os oficiais do dito regimento, no convento dos Capuchos, convencionaram que das pessoas sujeitas ao aquartelamento se exigisse uma cota correspondente, para a factura dos ditos objectos, que ficavam propriedade do concelho. Para fazer a derrama e aprontar os objectos referidos, ficaram nomeados Manuel José do Souto Coelho, presidente da Câmara, António Joaquim Ferreira de Castro, Luiz António Gonçalves, Domingos da Costa Vaz Vieira e João Ribeiro

da Costa; e para tratar da composição na parte necessária do dito convento, destinada a quartéis, o fiscal da Câmara e os vereadores Domingos José Ribeiro e Silva e Francisco Martins de Abreu.

**Dia 15** — Safu para a Raia quási todo o batalhão do 18, dividido em destacamentos por diferentes pontos dela, como Valença, Caminha, Melgaço, etc., ficando apenas em Guimarães o estado maior e alguns soldados. (P. L.).

**Dia 16** — Em vereação extraordinária foi apresentado um officio da administração geral do distrito, no qual se exige desta câmara, debaixo da maior responsabilidade, o cumprimento das ordens do Gôvêrno a respeito dos cemitérios públicos. Foi deliberado que se pedisse ao Gôvêrno tôda a Cerca dos Capuchos, por ser fora da vila e em boa posição e oferecer sufficiente capacidade não só para nela se enterrarem as pessoas finadas como para se transferirem os jazigos particulares e se formarem novos, pois que esta câmara não tem terrenos seus, nem dinheiro para comprar terrenos particulares, achando-se excessivamente sobrecarregada com despesas e imposições municipais. No caso que Sua Majestade não faça esta graça, assim mesmo insta pelo dito terreno que se obriga a pagar pela louvação a que se proceder pela administração do concelho.

**Dia 26** — Chegou a esta vila o batalhão de infantaria n.º 19, o qual vinha de Viana e marchou no dia 28 para Lamego. (P. L.).

**Dia 30** — Os regedores de paróquia desta vila e julgado receberam uma circular do administrador do concelho para que não consentissem que nas igrejas das suas paróquias se enterrassem defuntos, sob pena de grandes multas, devendo êsses enterros ser feitos em cemitérios. Na vila determinaram que se sepultassem no Campo Santo, enquanto se não fazia o cemitério público. (P. L.).

**Dia 31** — A câmara determinou que se festejasse o dia 4 de Abril, aniversário natalício da rainha, com uma salva de 21 tiros ao romper da aurora, ao meio dia e à noite, com toque de sino do relógio e dos das tôrres, assim como tôdas as mais demonstrações de regosijo.

Desde êste dia 31 de Março até 19 de Abril não houve sessões da câmara.

## Abril

**Dia 2** — Saiu desta vila para Melgaço o General da Província, Barão do Almagem e o seu estado maior e o casco do batalhão n.º 18, por efeito de participações que teve o supradito general de terem entrado na Galiza fôrças carlistas. (P. L.).

\*

Sepultou-se no Campo Santo o primeiro cadáver, depois da proibição de se enterrear gente nas igrejas (P. L.).

**Dia 4** — Houve nesta vila repiques de sino logo ao romper da aurora, ao meio dia e à noite, por ser o dia do aniversário da rainha sr.ª D. Maria II. A' noite houve luminárias. (P. L.).

**Dia 7** — Entrou nesta vila o batalhão de infantaria n.º 19, vindo de Lamego, marchando no dia seguinte de madrugada para Ponte do Lima, em consequência de ter entrado em Tuy uma guerrilha carlista, comandada por um célebre Aguilhada. Em consequência dêstes movimentos, alguns individuos (constitucionais exaltados) fizeram uma representação ao administrador do concelho para êste convidar os Constitucionais a pegar em armas, o que o administrador pôs em prática por meio de officios. Porém poucos as foram receber. (P. L.).

**Dia 14** — Saiu à noite da igreja do Campo da Feira, a procissão do Entêrro. Depois de recolher, fez-se na mesma igreja a cerimônia do Entêrro. Esta procissão já há bastantes anos que não se fazia de noite e costumava sair da igreja de S. Francisco. (P. L.).

**Dia 17** — Chegou a esta vila o Barão do Almagem, general da província, acompanhado do seu estado maior. Vinha do Alto Minho para onde tinha marchado no dia 2 dêste mês, por causa de uma guerrilha carlista que tinha entrado em Tuy. (P. L.).

\*

Decreto desanexando da comarca de Guimarães o concelho de S. João de Rei e passando-o para a comarca judicial de Braga.

**Dia 22** — Entra em Guimarães, vindo de Ponte do Lima, o batalhão de infantaria n.º 19, marchando no dia seguinte na direcção de Vila Real. (P. L.).

**Dia 25** — Aviso mandando abrir concurso por 60 dias, a começar em 30 do corrente, para prover a cadeira de gramática latina de Guimarães.

**Dia 26** — Os devotos de Nossa Senhora dos Aflitos festejam-na com missa cantada, sermão e exposição do Santíssimo Sacramento na capela de S. Tiago.

•

Em S. Martinho de Sande, o entêro de Custódia Ferreira que havia de ser feito no adro da igreja, por ser o cemitério destinado pela Junta de paróquia, foi estorvado tumultuosamente por muitas mulheres da mesma freguesia.

Repetiu-se igualmente o acto no dia 28 dêste mesmo mês com o entêro de um filho de José Ferreira Barbosa.

**Dia 27** — Em vereação extraordinária e para dar cumprimento ao decreto de 10 dêste mês que regula a forma do juramento à Constituição Política da Monarquia Portuguesa, aprovado pelas Côrtes Constituintes, foi determinado que houvesse pregão no dia 4 de Maio com um Bando decente anunciando três dias de iluminação em 4, 5 e 6, e se adornasse a casa da Câmara com damasco, queimando-se duas girândolas de foguetes, uma no fim do juramento das autoridades e outra no fim do acto e juramento da câmara, oficiando-se ao Arcipreste do julgado para convidar o cônego cura José Joaquim de Abreu a deferir êsses juramentos.

JOÃO LOPES DE FARIA.



# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

«A reacção anti-democrática é estruturalmente autoritária, quer seja a reacção bolchevista, quer seja a reacção realista. Simplesmente, a primeira é, pela sua origem e pela sua finalidade, a negação da vida social, só a segunda é salvadora e purificadora.»

ALFREDO PIMENTA.

## JOSÉ AGOSTINHO

O escritor vigoroso e amigo dedicado descansa já no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa. Mas o seu exemplo de trabalhador infatigável e de lutador intemerato, êsse perdura e perdurará nos livros que escreveu e que testemunham os seus méritos e revelam a sua erudição.

Quer como poeta e historiador, quer como romancista e crítico, José Agostinho deixa uma obra vasta e valorosa, uma obra que o impõe e que é o seu melhor padrão de glória.

Desde muito novo, desde que li o seu poema *Cristo*, comecei a ter em grande apreço os trabalhos de José Agostinho. Só mais tarde, de passagem por Espinho, onde o escritor então vivia, pude conhecer pessoalmente o homem honesto e despido de vaidades que era o continuador da obra e do plano de Schaeffer na *História de Portugal*. E o autor das *Noites do Avôzinho*, demonstrou bem o carinho especial que devotava à nossa História incomparável. A *História da Literatura Portuguesa* é outro trabalho que justamente mereceu o interesse que criou.

A *Tragédia Marítima*, o *Afonso de Albuquerque*, o *Caminho das Lágrimas*, o *Rei Infame*, afirmam as qualidades de José Agostinho no romance histórico. *Camilo e a sua psicologia*, *Alexandre Herculano*, *Eça de Queiroz*, *A Rainha Santa*, *A Santa dos Impossíveis* e diversos outros livros, mostram que José Agostinho sabia escrever, com a mesma elevação e critério, o romance de costumes, a crítica literária e filosófica, a bibliografia e a história, demonstrando, igualmente, que as próprias questões sociais lhe não eram ignoradas.

Com o pseudónimo de Vítor de Moigenie escreveu dois livros muito

apreciados *O homem em Portugal* e *A mulher em Portugal*, que muita gente supôs terem saído da pena de um escritor estrangeiro. O mesmo se deu com diversas obras de filosofia, aparecidas com o pseudónimo de Daniel Burst Ross, como se efectivamente se tratasse de um escritor inglês que autorizasse a tradução dos seus *Serões de Londres*.

A-pesar-do seu trabalho e do seu talento, José Agostinho não conseguiu enriquecer. Viveu a trabalhar e agora, desaparecido com 72 anos de idade, só pôde legar à sua família um nome honrado e aos seus amigos e admiradores uma obra séria e um exemplo de tenacidade e de trabalho fecundo.

É esta a sina dos homens de valor.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

---

### **Em memória de António Sardinha**

Em 10 de Janeiro passou mais um aniversário da morte de António Sardinha, mestre e doutrinador admirável na campanha de reaportuguesamento de Portugal.

O seu exemplo e o seu prestígio aumentam mais ainda à medida que o tempo vai passando. E a sua acção que nos faz antever a realização integral do seu sonho e do nosso sonho, perdura nos seus escritos, nas páginas de *A Monarquia* e de *A Nação Portuguesa* que a sua fidelidade à tradição portuguesa ergueu e tornou baluartes inexpugnáveis

do bom combate. Em memória de António Sardinha e como já nos anos anteriores se tem feito, foi distribuído, na festa escolar de 9 de Março, realizada na Sociedade Martins Sarmiento, à aluna mais distinta do V ano do Liceu, Zerumina Fernandes da Luz Martins, o *Prémio Dr. António Sardinha*, instituído por esta Revista.

Também a Câmara Municipal de Monforte resolveu erigir um monumento ao erudito historiador e grande escritor cuja brilhante carreira foi tam prematuramente cortada pela morte.

Associamo-nos inteiramente a esta justa glorificação.



VASCO DA GAMA, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto s/d.

Continuando na sua portuguesíssima e nacionalista tarefa de dar a conhecer aos portugueses algumas das figuras mais ilustres da nossa História, Mário Gonçalves Viana descreve-nos, nas páginas deste volume, a vida heróica do famoso navegador e a lenda do reino do Prestes João.

Não há ninguém que não fale de Vasco da Gama, que levou o nome de Portugal até aos longes da Índia. Mas poucos vão mais além e, exceptuando um reduzido grupo de estudiosos e os escolares do ensino superior, muito pouca gente conhecerá o que foram as viagens tormentosas, por mares desconhecidos, e a tenacidade, o esforço valoroso e amor da Pátria desses portugueses que se afoitaram a desvendar os mistérios do oceano, a descobrir os seus segredos e a desafiar o seu poderio imenso.

Este novo trabalho de Mário Gonçalves Viana vem revelar Vasco da Gama aos portugueses que o desconhecem. E mesmo aquêles que têm mais profundos conhecimentos da História de Portugal, nada terão a perder, antes pelo contrário, em ler este livro, pois a sua leitura desperta interesse e é proveitosa, mostrando-nos a firmeza de ânimo, a valentia e a grandeza dos valorosos marinheiros portugueses.



A ACÇÃO DO ESTADO NOVO NA INSTRUÇÃO EM PORTUGAL E SEU IMPÉRIO COLONIAL, pelo *Conde de Caminha*. Ed. do «Diário dos Açôres» — Ponta Delgada, s/d.

O sr. Conde de Caminha publicou a conferência realizada na séde do Sindicato Nacional dos Empregados do Comércio de Ponta Delgada, no dia 5 de Outubro de 1937. Nela se analisa, com certa minúcia, o que o Estado Novo tem feito em matéria de instrução, bem como as últimas reformas do ensino.

Para uma inauguração de cursos, não podia ter sido melhor escolhido o tema dessa conferência que é, ao mesmo tempo, de propaganda nacionalista e de exaltação patriótica.

IVANHOÊ, por *Walter Scott*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1937.

Com êste curioso volume inicia a Editora Educação Nacional, sob bons auspícios, a «Colecção Juventude».

O trabalho de Scott é, de facto, excelente para a juventude, porque a estimula. A adaptação de Barros Ferreira merece louvores. Numa linguagem corrente, por vezes impregnada de ironia que dispõe bem, dá-nos pormenores do sentimento patriótico dos vèlhos fidalgos saxões, no tempo em que o bravo rei da Inglaterra, Ricardo, Coração de Leão, procurava, com a sua prudência e a sua bravura, demonstrada na Palestina, acabar com os ressentimentos então existentes entre as duas raças inimigas: — a dos normandos e a dos anglo-saxões.



JERUSALÉM LIBERTADA, por *Torcatto Tasso*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1937.

Não podemos deixar de louvar a versão feita dêste poema célebre de Tasso. *Jerusalém libertada* bem merece que se torne conhecido, pois é um trabalho primoroso consagrado à grande Cruzada que seguindo Pedro, o Eremita, se cobriu de glória na conquista da Palestina, sob o comando de Godofredo e o heroísmo de tantos destemidos cavaleiros cristãos.

Esta empresa árdua, que só a fé impulsionava, encontrou em Torcatto Tasso o seu melhor cantor. A adaptação feita por Barros Ferreira dêste livro clássico permite a divulgação dessa obra bela que se lê com o maior agrado e que constitue uma proveitosa lição da história e origem das célebres Cruzadas.



UM BOM DIABRETE, pela *Condessa de Ségur*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1937.

A Condessa de Ségur consagrou êste trabalho à sua neta Madalena de Malaret, apontando-lhe, como condição essencial de triunfar de todos os *diabretes*, a graça, a ternura e a bondade cristã.

Tôdas estas magníficas qualidades reuniu-as em Julieta, a pobre cega, que transformou Carlos, pesadelo da Senhora Mac'Niche, no *bom diabrete* desta novela de largo alcance moral e muito própria para ser lida pela juventude.



HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA, por *Bernardo Gomes de Brito*. Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1937.

Das vèlhas crónicas de Gomes de Brito fêz Barros Ferreira esta boa e feliz adaptação.

A *História Trágico-Marítima* refere factos que se deram no decorrer das descobertas e conquistas dos portugueses nas temidas costas da África e da Índia.

A tragédia que vitimou a família do capitão e valente fidalgo Sepúlveda e de tantos companheiros de naufrágio, e ainda tantas outras em que pereceram muitos e ousados portugueses nessas épocas distantes dos descobrimentos, servem para mostrar aos portugueses de hoje como os nossos antepassados sabiam sacrificar-se pela Pátria, dignificando-a, imortalizando-a e engrandecendo-a.



DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR, pelo *Tenente José Gonçalves de Andrade*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

São já vários os estudos e as monografias feitas acêrca de Salazar. Êste livro, porém, não é, pròpriamente, de análise ao Homem mas à acção desenvolvida nestes últimos anos. Assim, divide-se em diferentes e interessantes capítulos sôbre alguns problemas de ordem filosófica e moral, em que se demonstram a evolução das ideias e a solução encontrada para melhorar as condições de vida dos povos. Ê pena que o A. não tivesse consagrado um capítulo ao estudo das origens do nacionalismo português para fazer justiça à pleiade brilhante de doutrinadores da contra-revolução que preparou os espíritos para a arrancada do 28 de Maio e tornou possível a acção de Salazar.

Não devemos esquecer, também, quanto a Europa deve à energia de Mussolini e de Hitler, que têm sido fortes diques à invasão bolchevista. Sem êles, sem a sua acção, que seria hoje a Europa? Ê interessante o capítulo que estabelece paralelo entre os 3 ditadores, mas, no que se refere a Portugal, nota-se um certo desconhecimento do apostolado integralista, o que justifica a falta do capítulo a que acima nos referimos.

Êste livro é escrito em linguagem vibrante e fêz bem o A. em publicá-lo, pois lê-se com interêsse e revela faculdades de trabalho pouco vulgares.



OS QUE ARRANCARAM EM 28 DE MAIO, por *Oscar Paxeco*. Editorial Império. Rua do Salitre, 151 — Lisboa, 1937.

E' um livro de um jornalista e é, ao mesmo tempo, um elemento precioso para a história da «arrancada» libertadora que Gomes da Costa chefiou.

Os antecedentes da revolução, a chama crepitante de entusiasmos, a inércia e a indecisão de tantos, tudo se deduz dos depoimentos publicados. Pena é que Oscar Paxeco já não tivesse possibilidades de conseguir os depoimentos dos falecidos Generais Gomes da Costa e Sinel de Cordes e do Comandante Filomeno da Câmara, três dos preparadores do movimento que salvou o país das garras dos partidos.

Há pormenores que ficam esquecidos, há factos que ficam ignorados. No entanto êste livro de Oscar Paxeco veio ainda salvar muita cousa que se poderia ter perdido, se a sua louvável iniciativa não tivesse surgido. Portanto êste livro tem uma importância grande e um grande valor para a história de um facto que, sendo ainda dos nossos dias, jamais se poderá apagar da nossa História. E, assim, Oscar Paxeco consegue ser jornalista e historiador, pois uma e outra cousa ressaltam do seu livro

valioso e da sua iniciativa patriótica. Alto serviço prestou o distinto jornalista com a publicação dêste livro sôbre *Os que arrancaram em 28 de Maio*, páginas vividas de uma época em que o espírito moço e cavalheiresco da Raça triunfou para dar a Portugal novos e mais largos destinos.



DICIONÁRIO DE DIFICULDADES DA LÍNGUA PORTUGUESA, por *Vasco Botelho do Amaral*. (Vols. I e II). Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto.

Vai crescendo, felizmente, o interêsse pelo profundo estudo da nossa língua. Aos trabalhos valiosos já publicados pela Educação Nacional há a adicionar, agora, estes dois volumes do *Dicionário de Dificuldades* tam útil como necessário a todos os portugueses.

Muito há que aprender nestes dois volumes do trabalho canseroso de Vasco Botelho do Amaral. Agostinho de Campos teve a satisfação de o poder recomendar e de mostrar o seu entusiasmo pelo aparecimento dêste *Dicionário*. Outrotanto acontece connosco. O *Dicionário de Dificuldades* pela maneira como está organizado, pela sua fácil consulta e pelas lições que encerra precisa de estar em tôdas as estantes. Organizado com critério, é um indispensável auxiliar de quantos queiram escrever com correcção e, portanto, em bom português.

O II volume fecha com um apêndice sintáctico de algumas minudências de fraseologia, indispensáveis na conclusão de trabalhos dêste género.



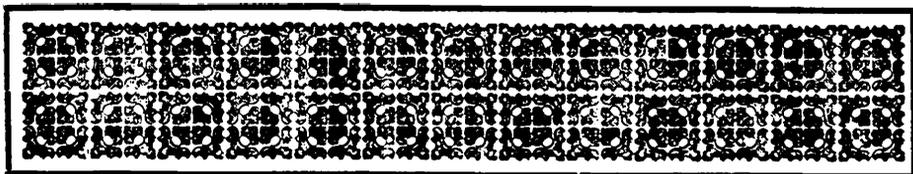
LIÇÕES DE LINGUAGEM, por *Augusto Moreno*. (Vol. I). Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto.

Como deverei escrever determinada palavra? Esta pergunta surge, muitas vezes, arrelhiadoramente, quando não há elementos que nos habilitem a uma resposta exacta. Compreendendo estas dúvidas naturais, Augusto Moreno, que é um seguro Mestre da nossa língua, mantém a seu cargo, no semanário pedagógico do Pôrto *Educação Nacional* uma secção consultiva, em que responde às diversas perguntas que lhe são feitas. Para evitar, porém, a dispersão ou pulverização de tam salutareas lições, a Editora Educação Nacional resolveu publicá-las em volume, ao primeiro dos quais são devidas estas referências.

Estes trabalhos lingüísticos merecem ser reunidos pelo bem que fazem, pois esclarecem muitos e variados pontos de syntaxe, de ortografia, de fonética e de prosódia, sempre da maior utilidade.

Trabalho prático, como convém, só beneficios se podem colhêr da sua aquisição e consulta.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# Maurras na Academia Francesa

por ROLÃO PRETO

**F**INALMENTE, acaba a Academia Francesa de consagrar a glória literária do maior escritor político do seu país, que é porventura também o maior da nossa época.

Foi uma grande vitória do Espírito: Maurras é eleito logo no primeiro escrutínio por 20 votos sendo dados 12 a Fernand Gregh. A Inteligência francesa está em festa e, com ela, ergue-se em justo alvoroço tôda a Inteligência Latina que no grande Mestre revê a sua clara, a sua justa, a sua forte expressão.

A vitória de Maurras é a vitória do equilíbrio, da ordem, da regra, características altas do Pensamento latino na pura expressão do seu conceito.

Face à confusão satânica dos tempos, Latinidade significa o triunfo da Razão e a Razão o triunfo da Hierarquia. Hierarquia dos valores espirituais e materiais, hierarquia de todos os valores humanos.

A Academia Francesa, o mais alto areópago da nossa civilização, consagrando Maurras, renovou o brilho e a fôrça das grandes virtudes latinas.

O aureolado autor de *Enquête sur la Monarchie* e de *L'Avenir de L'Intelligence*; o assombroso Director de *Action Française*, cuja dialética esmaga e cuja actividade maravilha; o luminoso escritor de *Chemin du Paradis*, *Anthinéa*, *Les Amants de Venise*, *L'Etang de Berre*, *Alléc des Philosophes*, *La Sagesse de Mistral*, *l'Amitié de Platon*, etc., Maurras recebe agora a primeira grande recompensa que a França deve ao seu esforço e ao seu Espírito.

Os seus amigos, discípulos e admiradores, em França e em todo o mundo culto, alegram-se justamente e orgulhosamente com isso. Seja qual fôr o eco que o gesto da Academia possa produzir na opinião do seu país, e sejam quais forem, portanto, as conseqüências políticas a acres-

centar aos dados que movem o seu destino de chefe duma grande corrente nacional, para a glória do pensamento maurrasiano esta etapa da vida de Maurras é uma grande etapa vencida.

\*  
\*   \*   \*

Em Portugal a vitória do chefe da *Action Française* tem naturalmente também o seu eco profundo. Ao menos naqueles que há mais de 20 anos têm seguido a clara lição do seu génio sem desfalecimentos impostos pela pressão de falsas ideas hoje vencidas, ou pelo temor de outras circunstâncias que ainda hoje causam a dor duma grande injustiça.

Maurras sabe bem quem eram aquêles que em Portugal nos tempos duros em que a Democracia era dogma e nos tempos difíceis em que lhe foi denegada sinceridade de intenções, se conservaram fiéis ao seu pensamento ordenador e criador de latino e de «romano»: os integralistas.

Hoje é certo, mudaram os tempos, e o seu olhar mesmo de águia como é, pode iludir-se no exame de certos sentimentos e no juízo da sinceridade de certas atitudes a quem desconhece o sentido e os antecedentes, mas se Maurras se firmar bem nas reservas da sua memória, que dizem inexgotáveis, ainda hoje lhe seriam difíceis certas ilusões para cá dos Pireneus.

Pois, há mais de 20 anos que nós, os emigrados da república demagógica de 1910, regressando do nosso peregrinar por terras de França, trouxemos aos portugueses a revelação do pensamento maurrasiano, tecendo, com o seu método e as realidades históricas nacionais, a estrutura duma nova Esperança. Desdenhados, escarnecidos, perseguidos, nem por isso deixou, mais tarde, de ser em muitos pontos seguido, como útil, o caminho que nós outros indicáramos.

A Democracia, viu-se desde logo, fôsse qual fôsse o seu disfarce, ou cristã ou sem Deus, não tinha por si a Razão. Quem a tinha era Maurras.

\*  
\*   \*   \*

Como voa rápido o tempo para que melhor se vejam as suas contradições!

Quando do aparecimento do meu livro *A Monarquia é a Restauração da Inteligência* Charles Maurras escrevia-me:

*Je vous remercie très vivement de l'envoi que vous avez bien voulu me faire de votre belle étude sur la Monarchie et la restauration de l'intelligence. Il appartenait à un esprit de culture e de race latines de tirer de façon aussi claire les leçons de la guerre mondiale.*

*En dépit des déclarations officielles, c'est bien à la faillite des principes démocratiques qu'elle vous fait assister. Les hommes d'Etat européens ne l'ont pas compris ou ont voulu rester fidèles coûte que coûte à leurs idoles, et l'Europe reste dans l'inquiétude, sous la menace d'une nouvelle catastrophe.*

*Face à cette faiblesse de l'intelligence politique républicaine, il est bon que les royalistes rappellent les principes éternels qui sont à la base de la vie des nations. C'est grâce à leur effort opiniâtre que l'ordre sera remis dans les esprits et que la vérité politique finira par triompher.*

*Comme Français et comme monarchiste, nous sommes sensibles à l'intérêt donné à notre oeuvre par un esprit tel que le vôtre.*

*Tous nos voeux de royalistes français accompagnent les royalistes portugais dans leur effort pour restaurer la monarchie.*

*Je vous prie de vouloir agréer Monsieur, l'expression de mes sentiments les plus distingués.*

CHARLES MAURRAS.

Paris — 15 — Avril — 1922.



Charles Maurras  
(Desenho de Solis Avila).

---

**Abril de 1922!...** Plena Democracia. Wilson triunfara com o seu idealismo evangélico de romântico atrasado no País dos Dólares... Briand dizia: «*arrière les canons et les mitrailleuses*»... Sociedade das Nações... Segurança Colectiva... Desarmamento... Paz.

---

Hitler, vencido dois anos antes com Von Kapp, geme sob as ruínas de Germânia esmagada; Mussolini é desdenhado e apontado de energúmeno que jamais chegará ao Poder, o Poder onde campeam os Nitti os Facta, sob a inspiração do conservador Giolitti e do católico D. Sturzo. Em Portugal, desfeita a lembrança da gentil e heróica figura de Sidónio, caído corajosamente, portuguesmente, pelo seu sonho, regressara-se à «normalidade constitucional». Os católicos estão definitivamente *ralliés* à República. O Centro Académico da Democracia Cristã floresce em fórmulas que hoje se chamariam anti-fascistas. Está no Poder o *Partido Democrático* e é Ministro do Trabalho o sr. Vasco Borges.

\*  
\*   \*  
\*

Poeta, filósofo, ensaísta, doutrinador, a obra de Maurras constitue um bloco no sentido das ideas e sentimentos que cria ou sugere. Em todos os aspectos da sua actividade prodigiosa Maurras visa sempre uma Deusa: a Razão, e um altar: a França. Não por que o Mestre do nacionalismo francês queime em honra da Razão o incenso de Robespierre, — evidentemente —, mas sim porque Maurras lhe presta o culto de a considerar a mãe da Ordem, a inspiração da Regra e da Justiça.

O pragmatismo maurrasiano tem êsse signio. Aplicado ao empirismo da História traduz-se para êle nos ensinamentos a que deram corpo Joseph de Maistre, Bonald, Comte, Taine, La Play, Fustel, Funck-Brentano e... Sorel.

Maurras é assim a Contra-Revolução que, ultrapassando-se, se torne ela própria a Revolução em marcha. A Revolução que realiza, sem etapas, as possibilidades tantas vezes ocultas do *devenir*.

Por isso, claro e forte como tantos dos seus Mestres, o chefe da *Action Française* é, porém, muitas vezes, tam *duro* como Sorel.

Duro!... Não será êsse o signio do Mundo maurrasiano de nossos dias?

E, no entanto, não foi êle quem disse que era preciso sempre *rechercher le secret des évènements dans les coeurs?*

\*  
\*   \*  
\*

Se é certo que a Razão indica a Regra, o caminho da sua marcha, deve passar sempre pelo coração para não deixar de ser humano. Doutra maneira, quantos automatismos que, no seu rigor de máquina insensível,

sacrificarão as *pequenas grandes cousas* de que se tece a incerta vida humana!

Maurras pode responder que ao Mundo maurrasiano, que se está levantando, falta o correctivo natural de instituições como as que êle sonhou e criou. Seja! Não será, porém, comprometer-se o erguer louvores àqueles que, ficando a meio caminho, se tornam afinal duros algozes das suas mais caras ideas?

O que está feito na Itália e na Alemanha, por exemplo, não corre o risco de se tornar em catástrofe se em proveito de *novos mitos* se sacrificar a Pessoa Humana que se pretendeu salvar da tirania de *mitos velhos*?

Maurras, que não viu ainda realizadas no seu país as indicações do seu pensamento, estará desde já na posição de entender o sentido angustiante de certas rectificações que os tempos trouxeram aos conceitos rígidos da Doutrina?

No combate à Democracia Maurras está bem entrincheirado, bem armado: — invencível. Para além da Democracia visionará, porém, Maurras, a dor nova do Mundo? As tentativas de Blum contra os direitos do Espírito, que a França repeliu, não deixaram porventura de o esclarecer e, no entanto, que Maurras não esqueça como a posição geográfica nada tira às imposições da justiça.

\*  
\*   \*  
\*

Duro destino é o destino dum homem que batalha tódta a sua vida pela grandeza e glória da sua nação, e vê erguer-se, em grandeza e glória, outros povos que lhe seguem os ensinamentos, enquanto o seu próprio povo se morre, cego e surdo, ao que êle apaixonadamente lhe ensina.

Tal deve ser a dor de Maurras. Maior do que essa dor só poderia vir a ser a que êle sentiria se visse na própria França outros que se servissem das suas ideas para as deturpar...

Tanto mais que nesta hipótese o sistema jogaria contra êle para nem sequer poder, como agora, erguer o seu protesto.

No entanto, Maurras, inacessível ao cansaço e à sua dor de patriota segue o seu caminho de formidável lutador, procurando remover, Hércules indomável, os obstáculos de tódta a ordem e de tódta a grandeza que na sua frente se têm erguido, numa fatalidade assombrosa.

E' preciso na verdade ter a cabeça no seu lugar, ser *alguém*, para que, diante das dificuldades esmagadoras que têm assaltado êste homem singular, êle se não deixe tomar de desalento.

O último e teimoso entrave veio-lhe, a êle, o restaurador do espírito monárquico em França, a êle cuja chave do seu sistema é o Rei, — veio-lhe exactamente do Pretendente...

Como o nosso grande Albuquerque, Maurras poderá dizer com angustiosa verdade à História: «Mal com o Rei por amor dos homens, mal com os homens por amor do Rei».

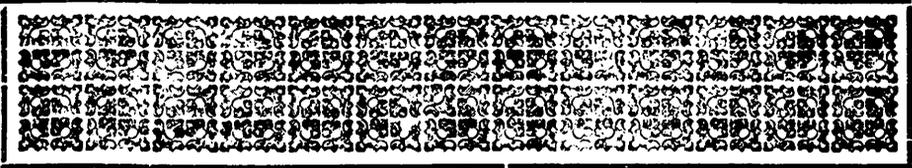
Mas Maurras é a mais viva e personificada expressão da Esperança. Não foi êle quem primeiro afirmou que em política o pessimismo era estupidez?

Assim, com razão, René Benjamin, diz de Maurras *«qu'il est le remède à tous les pessimismes!»* E, Dubech, colaborador de tantos anos de Maurras, confirma-o escrevendo: *«Espérance, espérance: c'est le vertu première, qui meut tout chez lui. Entre tous ses poèmes, le plus profond est peut-être la courte pièce qui commence par «Sous les grand' routes en lacets...»*

*Rappelez vous comment elle se termine:*

*Et j'y renverse le flambeau  
Dune espérance inassouvie.*





# O sentimento de solidão na obra de Florbela Espanca

por DIOGO IVENS TAVARES

(Continuação da página 55 — Conclusão)

Conventos estranhos de que nos fala, conventos onde não há a paz divina da alma, onde vive só, numa inquietação demoníaca, por onde arrasta a sua tragédia, atingida pelos mais impetuosos sentimentos, vendo tudo que de bom ansiou passar por ela, deixando-lhe um profundo rasto de dor.

Como já notificamos, ela compara-se sempre a cousas que vivem nas solidões.

Há em Florbela Espanca uma tristeza tam profunda que até as flores que nomeia nos seus versos, com certeza as preferidas, são quási sempre de tonalidades roxas. No livro *Charneca em Flor* que é o mais pagão, talvez o de maior tragédia mas o menos melancólico, fala-nos com alguma freqüência de rosas, uma ou duas vezes em girassóis e jasmíns. Mas sente-se que a côr violeta foi sempre a predilecta.

Di-lo nos seus versos:

« A minha Dor é um convento. Há lírios  
Dum roxo macerado de martírios. »

« E nem a flor de lilás tenho que enfeite »

« Poeta eu sou um cardo desprezado  
A urze que se pisa sob os pés »

« Martírios só poisou a emmurcheçar. »

« Não esfolhes os lírios com que é feito  
Que outros não tenho em meu jardim de dor! »

«Há crisântemos roxos que descoram...»  
«Fui a heráldica flor de agrestes cardos»  
«E em braçadas de lírios e mimosas.»  
«Como em dois lírios roxos e dolentes...»  
«Oiço as olaias rindo desgrenhadas...»  
«Onde se debruçassem violetas...»  
«Que vê num cardo a fôlha duma rosa»  
«Côr de violetas roxas.....»  
«Os lilases deixaram-se dormir...»  
«A sombra dos meus olhos, a escurecer...  
«Veste de roxo e negro os crisântemos...»  
«..... P'ra que eu tivesse sido  
Sòmente o fruto amargo das entranhas  
Dum lírio que em má hora foi nascido!»

E confessou-o nas suas cartas:

«A charneca é áspera e selvagem, mesmo vestida das suas côres predilectas: roxo e doirado. Giesta, urze, rosmaninho, esteva, plantas amargas e rudes, sempre sequiosas, sempre solitárias, em face dum céu onde se acende o sol que as queima e o luar que as faz sonhar sonhos irrealizáveis de pobrezinhas que nunca serão princesas. É assim que eu também sou *Charneca em Flor*» (1).

Essa charneca solitária onde nasceu e sôbre a qual estendeu os seus olhos em atença, sentiu-a sempre a envolvê-la até à morte, apesar do exílio que a obrigou a viver e a finar-se distante da sua vastidão. Longe da charneca, não a podendo fitar, encontra outra imensidade para amar — o oceano — que lhe faz lembrar a paisagem querida, que lhe fala dela, que se torna por fim em obsessão, ressaltando a cada momento na sua obra como idea fixa. É que o mar é sempre amado apesar de maltratar. E Florbela passa dias inteiros a odiá-lo, a admirá-lo, a amá-lo, faz versos a êsse mar que no dia da sua morte solta clamores de amante em deses-

---

(1) *Cartas*, pág. 26.

pêro como se quisesse mostrar o amor com que a poetisa sonhou ser amada e que os homens nunca lhe haviam dado.

Há estados da sua alma comparados a certos aspectos da charneca. O ambiente que envolve as criaturas como que passa a fazer parte do seu ser. E longe dele sentem a nostalgia, sentem-se incompletas como se lhes faltasse um membro ou uma víscera, logo que não apercebiam êsse abraço que é eterno, do meio que as envolveu e se intrometeu para sempre no seu sentir. O homem tem qualquer coisa de vegetal, transportado ressentido-se.

É o ilhéu vivendo inquieto sem ouvir a conversa do mar, o habitante do deserto que longe das areias torna-se nostálgico, o camponês que na cidade enche-se de tédio, etc.

A charneca fizera cêrco a Florbela, impedindo que alguém se aproximasse dela.

«Sou a charneca rude a abrir em flôr!»

«Eu a Charneca, e tu o sol sòzinhos.»

Tudo que de melancólico ela encontra no mundo foi a isso que se comparou sempre, chegando a lembrar-se do Mar-Morto para se autobiografar :

«Mar-Morto sem marés nem ondas largas»

«Se eu sempre fui assim êste mar-Morto:  
Mar sem marés, sem vagas e sem pôrto  
Onde velas de sonhos se rasgaram.»

E fala do frio que existe no seu íntimo :

«O frio que trago dentro gela e corta  
Tudo que é sonho e graça na mulher.»

«Este frio que anda em mim e que gelou  
O que de bom me deu Nosso Senhor!»

Depois da leitura dos seus sonetos compreende-se bem o isolamento em que viveu vendo o caminhar vulgar das multidões sem ninguém se deter à sua beira, sem ninguém a libertar daquele encantamento trágico a que fôra votada :

«O' pavoroso mal de ser sòzinha!»

Pavoroso mal de que Henri de Montherland nos fala num dos seus livros. E' uma confissão de uma mulher intelectual que se quadra bem com a forma como Florbela Espanca e Tonio Kröger se sentiram desamados na vida:

«J'ai fait une liste des atouts de ma vie: liberté, santé, loisir, mon pain (mon pain sec, mais infin) jeunesse encore, que sais je. Eh bien, me dire que des créatures humaines peuvent m'envier tout cela avec passion, cela ne me rend pas plus heureuse. Quand la liste s'allongerait à l'infini, il suffirait que je place dans la colone du passif l'absence de l'amour, pour que tout l'actif soit réduit à neant» (1).

A poetisa portuguesa e o personagem de Mann como a apaixonada a quem Montherland faz escrever isto mesmo àqueles a quem amam e que as repudia, viveram sentindo que tudo, que tôda a riqueza que possuíam, se reduzia a zero sem o amor. Porque êle é tudo e é nada. E' a alma que insufla energia às emprêsas humanas. Mas também quem se dedica só a êle chega ao fim vendo inutilidade em sua volta. Amar muito em conjunto com acção, eis a força criadora.

Florbela amou sem jamais encontrar uma retribuição para o seu querer, apenas tinha por pagamento os mais dolorosos abandonos, acabando por um amor desvairante que a levou a um trágico fim.

«E eu quero bem a tudo, a tôda a gente!...  
Ando a amar assim, perdidamente,  
A acalentar o mundo nos meus braços!»

Talvez que os seus grandes amores é que tivessem feito dela uma artista. Só o homem é que é capaz de paixões desmedidas. A mulher só é levada à dedicação, a sentimentos brandos. E tôda aquela que se sente agitada por ardentes entusiasmos sobe logo intelectualmente, aproximando-se do seu senhor, deslocando-se assim da órbita que as sociedades lhe impuseram e que se vingam dela atirando-lhe com o ódio próprio dos que não voam.

Tonio Kröger no seu amor foi também incompreendido. Quis dedicar uma amizade, e êsse amigo de cabelo anelado, da côr do oiro, preferia os cavalos. Amou. Mas a loira Inge tinha maior fascinação pelo dançarino do que pelo poeta. E assim o nunca encontrar quem o amasse, fê-lo levar uma vida desregrada, para ver se abafava no amor vulgaríssimo a sua solidão.

---

(1) Jeunes Filles in N. R. F. n.º 273, pág. 907.

« Aussi il en résulte seulement que, tiraillé entre les tendances les plus extrêmes, balloté entre une spiritualité de glace et une dévorante sensualité, il menait parmi les tourments de conscience une vie extraordinaire, déréglée, extravagante, que, lui, Tonio Kröger, détestait au fond » (1).

Florbela Espanca nunca encontrou essa alma gêmea tam ridicularizada mas tam cheia de verdade.

Numa carta revela a uma amiga :

« Os corações pequeninos, modestos, são sempre tam bondosos, tam quentes! O meu anda à solta, tam grande, tam ambicioso, tem sempre frio, está sempre só... Ninguém sabe andar com êle! » (2).

E nos seus versos em mais de um passo diz-nos :

« Sou talvez a visão que Alguém sonhou,  
Alguém que veio ao mundo p'ra me ver  
E que nunca na vida me encontrou!... »

« Deus fez-me atravessar o teu caminho...  
— Que contas dás a Deus indo sozinho,  
Passando junto a mim sem me encontrares? — »

No soneto que se transcreve a seguir, confessa a poetiza a sua incansável procura daquele que lhe encha a vida, que torne o seu *activo* de uma riqueza incalculável :

### PRINCE CHARMANT

« No langüido esmaecer das amorosas  
Tardes que morrem voluptuosamente  
Procurei-O no meio de tôda a gente.  
Procurei-O em horas silenciosas !

O' noites da minh'alma tenebrosas!  
Bocas sangrando beijos, flor que sente...  
Olhos postos num sonho humildemente...  
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei!... Prince Charmant...  
Como audaz cavaleiro em vélhas lendas  
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Em tôda a nossa vida anda a químera  
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...  
Nunca se encontra Aquêle que se espera... »

---

(1) Tonio Kröger, pág. 40.

(2) *Cartas*, pág. 15.

Que depois de uma busca sem proveito, tomou as proporções de quimera:

« Onde está êle o Desejado ? O Infante ?  
O que há-de vir e amar-me em doida ardência ?  
O das horas de mágoa e penitência ?  
O Príncipe Encantado ? O eleito ? O Amante ?  
. . . . .  
. . . . .  
Eu ando a procurar-te e já te vejo !...  
E tu já me encontraste e não me vês !... »

E' sempre a mesma busca infrutuosa, amor que não encontra éco, que a faz viver desgraçada esperando êsse *Príncipe* que jamais chegou.

« Beijando a areia d'ouro dos desertos  
Procurara-te em vão ! Braços abertos,  
Pés nus, olhos a rir, a bôca em flor ! »

Em nenhum dos seus sonetos deparamos com a confissão de se sentir amada. E' sempre uma cousa vaga, efêmera o amor dos outros por ela. Só ela vibra, só ela arde, sem ninguém lhe querer. Talvez porque êsses seres, como Florbela Espanca e Tonio Kröger, exigem um amor que não lhe podem dar. Tonio Kröger compreendeu-o. Florbela esperou sempre. E os que vinham iam-se desencantados, deixando-lhe as mãos cada vez mais vazias. E' que o amor material não basta a pessoas como estas. Tem que ser aliado com o amor cerebral. E êste, raros são capazes de o sentir.

Florbela Espanca foi uma faminta de amor. Passou a ser uma pobre, a bater às portas, a suplicar que lhe matem a fome. E apenas deparou com avareza ou indiferença. Pedir é sempre o gesto de tôda a criatura pensante em frente da vida. E' talvez de aí que vem o orar aos deuses, porque orar é pedir também mas de forma lisonjeira. Quanto menos pensa e raciocina um ser menos pede. O que pede é um revoltado com o destino.

A maneira como a poetisa implora que a amem atinge a angústia.

### AMIGA

« Deixa-me ser tua amiga, Amor ;  
A tua amiga só, já que não queres  
Que pelo teu amor seja a melhor  
A mais triste de tôdas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor  
O que me importa a mim? O que quiseses.  
E' sempre um sonho bom! Seja o que fôr  
Bemdito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...  
Como se os dois nascessemos irmãos,  
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca  
Guardar assim, fechados, nestas mãos,  
Os beijos que sonhei p'ra minha bôca... »

Mas não é só neste soneto que ela implora. Vejamos mais versos.  
Estes em que ela compara a sua alma a uma fonte, e pede que

«Nela refresca a bôca um só instante...  
Que importa?... Se o cansado viandante  
Bebe em tôdas as fontes... quando passa?... »

Para em seguida confessar que nunca sequer beijou êsse que ama :

« Amo-te tanto! E nunca te beijei...  
E nesse beijo, Amor, que eu te não dei  
Guardo os versos mais lindos que te fiz. »

Continuando a suplicar :

« Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,  
Fecha-os num beijo dolorido e vago...  
E deixa-me chorar devagarinho... »

Interrogando-se:

« Pelo mundo, na vida, o que esperas?...  
Aonde estão os beijos que sonhaste,  
Maria das Quimeras, sem quimeras ? »

e

« Minha alma sem amor é cinza e pó  
Vaga roubada ao Mar da Desventura »

« Mãos de enjeitada porque tu me enjeitas... »

No soneto « Crucificada » espraia-se um desespêro magoado. Qual-  
quer cousa junto dessa pessoa, contanto que sinta um pouco de ternura.  
Começa-o assim :

« Amiga... noiva... irmã... o que quiseses!  
Por ti, todos os céus terão estrelas,  
Por teu amor, mendiga, hei-de merecê-las  
Ao beijar a esmola que me deres. »

Procurando outros versos em que a mesma corda é ferida:

« Não me diga adeus ó sombra amiga,  
Abranda mais o ritmo dos teus passos,  
Sente o perfume da paixão antiga,  
Dos nossos bons e cândidos abraços. »

« Eu andarei por ti os maus caminhos  
E as minhas mãos abertas a diamante,  
Hão-de crucificar-se nos espinhos  
Quando o meu peito fôr o teu mirante! »

« Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,  
Arranca-me dos pântanos da vida »

« Passo triste na vida e triste sou  
Um pobre a quem jamais quiseram bem!  
Um caminhante exausto que passou  
Que não diz onde vai nem donde vem. »

e as duas quadras de « O maior bem »:

« Este querer-te bem sem me quereres,  
Este sofrer por ti constantemente,  
Andar atrás de ti sem tu me veres  
Faria piedade a tôda a gente.

Mesmo a beijar a tua bôca mente...  
Quantos sangrentos beijos de mulheres  
Poisa na minha a tua bôca ardente,  
E quanto engano nos seus vãos dizeres!... »

No soneto a seguir ela fala em um que passou e que lhe deixou uma  
saúde a arrastar-se na sua alma inquieta:

### **ESQUECIMENTO**

« Esse de quem eu era e que era meu,  
Que foi um sonho e foi realidade,  
Que me vestiu a alma de saúde,  
Para sempre de mim desapareceu.

Tudo em redor então escureceu,  
E foi longínqua tôda a claridade!  
Ceguei... tateio sombras... Que ansiedade!  
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...  
A sombra dos meus olhos, a escurecer...  
Veste de roxo e negro os crisântemos...

E dêsse que era meu já me não lembro...  
Ah, a doce agonia de esquecer  
A lembrar doidamente o que esquecemos!...

No terceto a seguir citado, confessa que apenas foi ela a dar, sem nunca ninguém lhe oferecer o coração:

« E o meu corpo, minh'alma e coração  
Tudo em risos posei na tua mão!...  
... Ah, como é bom um pobre dar esmola!... »

Todo o amor que Florbela dedicou aos que passaram, impressionantes, à sua beira, foi vão. Ninguém ficou no seu castelo, no seu convento! Ninguém a libertou das muralhas que a cercavam!

Tónio Kröger volta ao seu país natal. Lá não o reconhecem e tratam-no com asperidão. Vê o amigo a quem tanto quis e a loira Inge a quem tanto amou, viver felizes, passando no turbilhão da dança, enquanto êle, à parte, escondido na penumbra, observa, comenta cheio de dor. Caem-lhe lágrimas no seu íntimo, porque mais do que nunca se sente um exilado da vida, do amor, sem se poder misturar àquele turbilhão onde os outros vivem ditosos.

« Mais pendant tout le temps où il était devenu ce qu'il était aujourd'hui, qu'est-ce qui avait existé? L'engourdissement de vide, un froid de glace: et l'esprit! et l'art! » (1).

Florbela Espanca não estaria também nestes casos? A terra natal não lhe fôra bastante ingrata? Através dos seus sonetos não sentimos que os que amou, passaram sem a verem nem a arrastarem consigo para a vida que ela queria viver, ignorantes do sentimento que nela havia?

E insatisfeita, procurando vãmente quem a compreenda, os anos fugiram levando-lhe tudo que era luz de ilusão

« E as lágrimas que choro, branca, calma,  
Ninguém as vê brotar dentro da alma!  
Ninguém as vê cair dentro de mim. »

« *Ninguém* » é sempre a palavra que lhe sobe aos lábios, êsse « *Ninguém* » que toma sonoridades trágicas de desolação, onde se apercebe um pender desiludido de braços, uma resignação em cujo fundo clamam tôdas

---

(1) Tonio Kröger, pág. 113.

as revoltas como uma toalha de óleo estendida sôbre o mar a domar-lhe por instantes a fúria.

No final do livro *Charneca em Flor* ela diz-nos que nada lhe resta:

«Perdi os meus fantásticos castelos  
Como névoa distante que se esfuma...  
Quiz vencer, quiz lutar, quiz defendê-los:  
Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galeras entre os gêlos  
Que se afundaram sôbre um mar de bruma...  
— Tantos escolhos! Quem podia vê-los? —  
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,  
A minha coifa de aço, o meu corcel,  
Perdi meu elmo de ouro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...  
Sôbre o meu coração pesam montanhas...  
Olho assombrada as minhas mãos vazias...» (1)

Florbela para dizer tudo isto teve uma vida atormentada. Os seus sonetos são o produto desse sofrimento.

«... les oeuvres bonnes ne naissent que sous la pression d'une vie mauvaise...» (2)

No remate do romance compreendemos que Tonio Kröger se vai dedicar a uma humanidade melhor, forte, liberta da tortura do artista. «Mais mon amour le plus profond et le plus secret appartient à ceux qui ont des cheveux blonds et des yeux bleus, aux êtres clairs et vivants, aux heureux, aux aimables, aux habituels» (3).

Florbela Espanca teve um outro têrmo. A sensibilidade ferida, o desespêro, a inquietude, uma falta imensa de carinho, o morto querido — êsse irmão sepulto com as suas asas no fundo do rio — sempre presente, que era alucinação; revoltas e sensações pungentes que os gritos dos seus versos não conseguiram acalmar...

Passou na vida como o herói do romance de Thomas Mann. Apenas dor e solidão encontrou por companheiras a «Sentir s'agiter et se jouer

---

(1) Os sonetos transcritos são da edição dos Sonetos Completos da Livraria Gonçalves — Coimbra, 1934.

(2) Tonio Kröger, pág. 41

(3) Tonio Kröger, pág. 117.

---

en soi des forces merveilleuses et mélancoliques, et savoir en même temps que ceux vers lesquels vous porte votre ardente aspiration demeurent à leurs égard dans une sereine inaccessibilité, cela fait beaucoup souffrir» (1).

A vida de Florbela Espanca foi um drama perpétuo. As biografias narram-no e ela mesmo o diz nos seus versos e na sua prosa.

O homem é sem contestação alguma o *Criador*. Tôda a mulher que quiser imitá-lo apenas chega ao ponto de onde êle partiu.

Oscar Wilde quando leu um dos primeiros livros dessa fantástica escritora sueca, Selma Lagerlöf, exclamou: «Essa mulher não escreveu êste livro. Êste livro escreveu-se nessa mulher» (2).

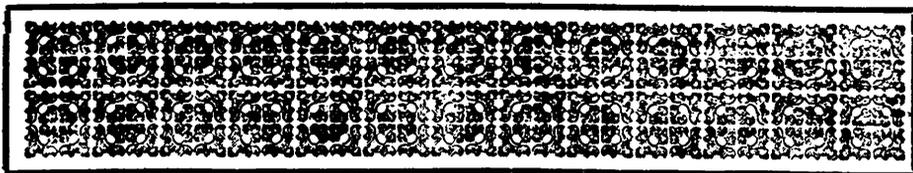
E podemos também dizer: «Florbela Espanca não escreveu estes sonetos. A sua tragédia é que os escreveu.» Porque foi necessário que uma espantosa rajada trágica passasse na vida da poetisa lusiada, para ela poder compor êsses versos que ainda sentimos encharcados do sangue que a sua alma verteu.

Ponta Delgada, Fevereiro de XXXVII.

---

(1) Tonio Kröger, pág. 34.

(2) Citado no prefácio da tradução portuguesa de *A Viagem Maravilhosa de Nils Holgerson através da Suécia*.



# “São Tomaz de Aquino”

de JOÃO AMEAL

(NOTA CRÍTICA)

por RUY GALVÃO DE CARVALHO

A filosofia tomista, graças sobretudo à publicação da famosíssima encíclica *Aeterni Patris* do sábio Pontífice Leão XIII, tem tido ultimamente uma grande aceitação em todos os centros culturais e universitários do mundo e tem sido, neste século, estudada e aprofundada pelos mais doutos espíritos inclinados a especulações filosóficas e metafísicas.

O nosso País que, principalmente nas épocas quinhentista e seiscentista, foi um notável foco de filosofia escolástica, a-pesar-de depois não ter acompanhado com o mesmo brilho e entusiasmo, êsse movimento de regresso à *perennis philosophia*, continua no entanto ainda a honrar, se bem que modestamente, a gloriosa tradição da Escola dos Jesuítas de Coimbra, dos Mestres coimbrões, tais como os hispânicos Vasquez, Suarez, Fonseca, Manuel Goes, Alvarez, etc., etc.

É que a filosofia tomista satisfaz plenamente o espírito humano por mais exigente que seja.

Não há, incontestavelmente, *synthese* mais harmónica, mais de acôrdo com a natureza espiritual do homem, do que a *Summa Theologica* do Doutor Angélico; ou como escreve um publicista português, a filosofia tomista «é, sem dúvida nenhuma, a melhor tentativa de síntese, capaz de ordenar as inteligências e de as afastar das bizarras perigosas e das quimeras anárquicas e dispersivas» (1).

---

(1) Vid. *Estudos filosóficos e criticos*, pág. 99.

O actual Papa Pio XI nas suas encíclicas sôbre a necessidade dos estudos escolásticos, é sempre com admiração e respeito que se refere a Santo Tomaz, «Doctor Communis», como o tratavam os do seu tempo, — «apóstolo dos tempos modernos», na expressão feliz de Jacques Maritain (1).

Hoje todo o verdadeiro filósofo, todo o autêntico pensador vai matar a sêde viva do seu espírito inquieto na fonte serena do tomismo, pois que é êle, no juízo de Gonzague Truc a «restauração dos valores filosóficos» (2).

Anda-se às vezes em busca de uma filosofia que melhor nos satisfaça o espírito, e acontece sempre termos de seguir por capricho ou rebeldia aquela outra que está em desacôrdo com a nossa dignidade intelectual, com a nossa natureza de ser dotado de razão e de inteligência.

As vezes acontece também virmos a ser vítimas dessa filosofia bastarda.

Diferente é o tomismo: não há perigo algum de o seguirmos à risca.

Há nêle todo o equilíbrio das categorias góticas, a sinfonia dos astros em movimento!

No tomismo encontra-se a concordância da Razão com a Fé — pensamento nuclear do genial comentador e intérprete de Aristóteles.

Alfredo Pimenta, que aos estudos tomistas se tem dedicado com verdadeira paixão, dá-nos, em síntese exacta e perfeita, «a idea dêsse aspecto fundamental do pensamento de S. Tomaz».

Escreve êle: «A verdade é a finalidade do Universo, sendo ela o objecto da filosofia. Esta verdade-finalidade do Universo, é objecto da filosofia, é a fonte primária de tôdas as verdades, e portanto só pode residir no Ser que seja fonte primária de todos os seres — Deus. Para chegarmos ao objecto da filosofia, temos a Razão. Por esta, nós podemos concluir certas verdades relativas à Verdade finalidade. Mas alguns seus atributos escapam à Razão, o que não quer dizer que sejam contraditórios com ela. Esclarecendo: Deus, substância puramente espiritual, pode a Razão demonstrar-lhe a existência, mas não lhe é lícito o conhecimento puramente racional da sua essência — tornando-se necessário recorrer à Fé. Uma e outra são independentes. E S. Tomaz diz: «impossibile est quod de eodem sit fides et scientia» (*De Veritate*, XIV, art. IX).

---

(1) Vid. *Le Docteur Angélique*.

(2) Vid. *La Pensée de St. Thomas*.

A Razão e a Revelação vêm-nos de Deus, fonte primária de tôdas as verdades. Logo, entre as verdades da Razão e as verdades da Revelação não pode haver antagonismo. Umas e outras convergem. E isso é claro, desde que se repare que umas e outras vêm da mesma Verdade-Una. Ora esta não se pode contradizer a si própria» (1).

Como vê o leitor, é o tomismo a filosofia que acorre aos anseios mais elevados do espírito e do coração do homem, daquele homem que se «alimenta de transcendentais», e que não é apenas, como querem certos sábios de trazer por casa, — um puro composto químico, um simples animal.



Isto que se escreveu e transcreveu vem a-propósito da última obra do escritor nacionalista João Ameal sôbre Santo Tomaz de Aquino.

Prefacia êste grosso volume o conhecido tomista Jacques Maritain, que classifica o trabalho de João Ameal de «si intéressant et si bien informé de la doctrine de saint Thomas d'Aquin».

Nesta Carta-Prefácio o autor dos *Trois Réformateurs* confessa-se cada vez mais admirador do tomismo, da «maravilhosa fecundidade do pensamento» de S. Tomaz, tam actual, pois «na pureza transcendental da sua metafísica e da sua teologia», o Doutor Angélico é de todos os tempos, pertence a tôdas as épocas.

Por último, o autor do *Antimoderne* espera que a obra de João Ameal suscite «discípulos e admiradores em Portugal».

Seguem-se as «Palavras prévias» do escritor português, pedindo ao público erudito desculpa do atrevimento e citando os principais autores que leu para compor a sua magistral obra sôbre o Aquinense. Emfim expõe-nos o que fêz para dar realização ao seu magnífico sonho, ao seu desejo íntimo.

Depois... entra-se na obra, que está dividida em duas partes, terminando o seu autor por reproduzir as vinte e quatro teses tomistas, vertidas em vulgar por Alfredo Pimenta.

E' um trabalho exaustivo, tendo contudo procurado João Ameal torná-lo *compreensível* ao leitor pouco dado a especulações filosóficas.

---

(1) Obra cit., págs. 157.

Na verdade, o autor das *Directrizes da nova geração* conseguiu fazer « uma síntese fiel e acessível da personalidade e da obra do glorioso *Mestre dominicano* » (1) — embora tivesse para isso de se encostar muito aos seus autores preferidos, como Maudonet, Martin Grabmann, Thomas Pègues, Petitot, Maritain, Sertillanges, Gilson, D. Tiago Sinibaldi e outros ainda...

Na primeira parte, estuda João Ameal o *Frade*, optando pela data do seu nascimento « nos finais de 1224 ou nos princípios de 1225, antes de 7 de Março », e não em 1226 ou 1227 como querem outros biógrafos e críticos.

Detem-se demoradamente a descrever a vida de Tomaz d'Aquino, desfazendo lendas e erros históricos, sua entrada na Ordem Dominicana, o encontro e convivência do Santo com Alberto Magno e outros luminares da época; fala também de S. Tomaz como Mestre insigne, as suas lições e comentários brilhantíssimos, suas disputas filosóficas e teológicas, a organização monumental da sua *Summa Theologica* e de outras, que, no dizer do humilde frade, lhe pareciam « unicamente palha ».

Por último o autor da *Contra-Revolução* foca-nos o *Santo*, transcrevendo êste passo de Guilherme de Tocco: — « a sua alma devota ascendia para Deus com liberdade tal como se não tivesse de sustentar, de forma alguma, o pêso do corpo... » (pág. 128). E mais adiante, na mesma página: — « Em Tomaz verificava-se aquilo que se cita de Domingos, seu pai e seu legislador: não falou nunca senão de Deus ou com Deus ».

Reproduz também o testamento espiritual do Aquinense, as palavras que êle proferiu ao seu aflito companheiro Reginaldo, ao adoecer gravemente, quando se dirigia ao Concílio de Lião. Vamos reproduzi-lo: — « Não penses, meu filho, em te entristeceres por isso. Entre os desejos que exprimi a Deus — e, graças lhe sejam dadas, fui ouvido — pedi-lhe que me levasse dêste mundo, a mim seu indigno servo, na condição humilde em que me encontrava, e que nenhum poder transformasse a minha vida conferindo-me alguma dignidade. Poderia ainda, sem dúvida, fazer novos progressos na ciência e ser, pela doutrina, útil aos outros. Mas, por meio da revelação que me foi feita, o Senhor impôs-me silêncio, visto eu não poder mais ensinar — como sabes — depois que lhe aprouve revelar-me o segrêdo duma ciência superior. Desta maneira, a mim tam indigno, Deus concedeu mais que aos outros Doutores que tiveram vida mais longa:

---

(1) Pág. XIV.

deixo, mais cedo que os outros, esta vida mortal e entro consolado na vida eterna. — Consola-te, pois, meu Filho, porque eu estou inteiramente consolado » (pág. 144).

Na segunda parte desta obra, João Ameal dá-nos a *linha geral* do pensamento de Tomaz d'Aquino, as «grandes linhas do pensamento tomista», dizendo que «para se obter uma visão sintética do pensamento tomista, é necessário, antes de mais nada, fixar os dois axiomas basilares em que se apoia: afirmação da realidade objectiva do universo; confiança na inteligência humana como instrumento de conhecimento » (pág. 195). Depois analisa, rapidamente, mas com sagacidade, um e outro.

Desta introdução passa para o capítulo referente a *Deus...* — que os pretensos ateus (se os há!) e materialistas deveriam ler com cuidado, — para seu proveito e conversão intelectual. S. Tomaz estuda o Deus aristotélico à luz da doutrina católica: as cinco vias e os atributos divinos.

O capítulo seguinte versa sobre o problema da criação do mundo, provas, etc.; e o derradeiro sobre a síntese do composto humano — sobre a alma e o corpo do homem (a complexa teoria do conhecimento, etc.).

São dois capítulos também lucidamente elaborados.

Em *Apêndice* transcreve, como atrás se disse, «as vinte e quatro teses tomistas», indispensáveis para o conhecimento do pensamento do Doutor Angélico.

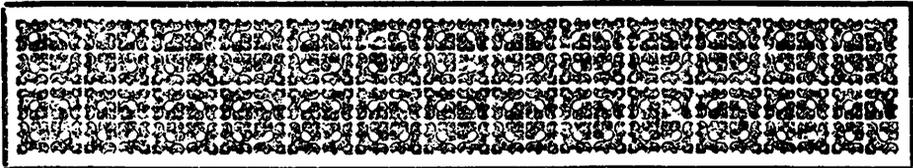
\*  
\*   \*  
\*

A leitura deste estudo completo, embora longa, é proveitosa para quem consagra o melhor do seu tempo a bem servir o espírito.

Lemos o *São Thomaz de Aquino* com regalo, com muito prazer.

Tem êle deslizes? Com certeza; mas vale a intenção, o nobre esforço do autor escrevendo para os portugueses de hoje um livro sobre um Homem que é de todos os tempos, e sobre aquela doutrina que, «repensée avec une force suffisante, est capable de fournir les réponses anciennes et nouvelles aux divers problèmes qui font l'angoisse du monde moderne », — como muito bem pondera o prefaciador ilustre deste livro; ou então repita-se as palavras de S.S. Pio XI: — « *A todos, que andam hoje à procura da verdade, nós dizemos: ide a Tomaz de Aquino!* »

Janeiro do Ano da Graça de 1938.



# UM VERBÊTE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 24).

por ARMANDO DE MATTOS

## INSTRUCÇAM VII.

Depois de enxuta a segunda ponteação, recontinuará com a terceyra, fazendo com a tinta escura do mesmo modo que com a meya tinta, principiando-a nos lugares mais escuros, expedindo, antes dos segundos, os terceyros pontinhos, como já daquelles dissemos a respeyto dos primeyros; e ponteados os escuros conforme os do original, que sempre o curiozo [que não souber illuminar] terá presente, para nelle os advertir, e observar, poderá [vendo que para mayor conformidade da cópia com elle necessita de outra imposição de pontos] pontear quarta vez com a mesma tinta escura aquelles lugares na copia, que mostrar mais escurecidos o mesmo original.

## INSTRUCÇAM VIII.

Depois de enxuta a terceyra ponteação, ou quarta, se entrarão com as mesmas tintas, por sua ordem, a fazer os rostos, pés, mãos, ou carnes, na perfeção das quaes deve empenhar-se o curiozo; porque dellas, como partes mais principaes, resulta mayor donayre da figura: para a factura das quaes deve o Miniographo observar attentamente no original a mayor, ou menor conjunção, ou disjunção do pennejado, para na copia o imitar de ponteação. Esta doutrina, ao parecer confuza, com o exemplo faremos clara.

No original estão, como suppomos, duas, tres, ou quatro pequenas linhas pennejadas fazendo as sobranceilhas, no meyo mais escuras, e nos extremos mais claras, na copia, em o meyo das sobranceilhas, hão de ser os pontinhos mais unidos, e nas suas extremidades mais distinctos, com

a mesma equipolencia na largura, e comprimento, que mostrar o dito original. Alguns fazem primeyro as carnes, do que as roupas, e assim podem fazer os que quizerem, não obstante a nossa doutrina.

INSTRUCCAM IX.

Depois de enxuta, e acabada toda a ponteação, ou figura, se alimpará brandamente com hum miolo de pão para lhe extrahir alguma tinta, com cuja extracção ficará parecendo feyta com fumo, como os quadros que vem da Alemanha, porém o limpá-la não é precizo, mas sim voluntário. Podem os curiosos exornar as suas curiosidades miniaturadas, com pavilhoens, quartinados, ou doceis [mas hão de ser de diferente cor da da miniatura] feytos de Illuminação, advertindo em que a figura fique toda descoberta, apparecendo o branco do papel, ou pergaminho, em que se executar a ponteação da dita figura: e o Miniographo, que souber fazer pennadas, lhe poderá fazer huma cercadura redonda, ou ovada, de cetras, ou tecida de flores, ou palmas, que são as melhores, e mais engraçadas guarniçoens nesta especie de Pintura.

INSTRUCCAM INCIDENTE.

O transcripto modo de miniaturar he o melhor, e hoje o mais uzado, bem que muytos curiosos, querendo imitar de miniatura as estampas do insigne buril de Joham Christian Leopoldo, o fazem com a tinta de escrever, de huma só ponteação, fazendo as carnes, ou partes mais mimosas de huns pontinhos muyto finos, ou quasi imperceptiveis, e as que o não são, de pontos mais grossos, juntando-os mais, ou menos, conforme os escuros que querem nos contornos, ou dintornos dos rostós, pés, e mãos das figuras, nas quaes nos ensina o sobredito artifice [pelas suas estampas] com Engelbrechet, Decker, Fireu, e outros famigerados Parizien-ses, a pennejar todas as roupas, fazendo as sobreditas partes, ou carnes de ponteação sómente; e Luiz Roupertt, Bouchardon, Jussiepe Abraham, Cossin, Mondon, Wachsmuht, e Mariette, com Rochefort Lusitano, nos ensinão nas suas obras [implicitamente] a pennejar não só todas as roupas, mas ainda parte dos rostos, pés, mãos, ou carnes, e o mais de pontinhos iguaes, do que nem ainda nestas partes [sendo as mais mimosas] usarão Juan du Vivier, Sinott, Klauber, nem outros, cujas Obras podem servir mais de admiração, que de exemplo.

INSTRUCCAM X.

*Da Miniatura antiga.*

Já dissemos que a Miniatura antiga era só feyta com vermelhão, graduado do mesmo modo que a tinta da China, só nos resta dizer que nella [como tambem na Illuminação] costumavão os Antigos [cujos vestigios poderãõ seguir, querendo, os Modernos nas suas miniaturas] retocar nos lugares mais convenientes, os altos com huns pontinhos [quasi imperceptiveis] de ouro, ou prata moida, bem que não faltou quem quizesse dever esta invenção ao feliz engenho de Bacho Baudinello Florentino, exornando as vestiduras Pontificaes de hum pequeno retrato, que fizera do Supremo Pastor Julio III, de glorioza memoria.

INSTRUCCAM XI.

*Da Miniatura multicolorata.*

Supposto que já temos dado noticia aos curiozos Miniographos do uso das mais tintas floridas, [como lhes chama Plinio] (1) além do vermelhão, nas miniaturas Monochromaticas, com tudo não deixaremos de lhes noticiar esta Miniatura multicolorata, tanto por ser mais deliciosa que as outras, quanto por ser nas Hespanhas pouco conhecida. Faz-se pois esta miniatura do mesmo modo que as transcriptas, e só differe na diversidade das cores, que nella se podem intrometter, e usar, conforme a natureza do assumpto, que se eleger: mas porque esta doutrina melhor se entenda, poremos

*Exemplo.*

Supponhamos que se querem miniaturar as roupas, ou vestidos do nosso Gloriozo Mecenas, o Patriarcha S. Jozé, e que na opinião mais provavel era a capa, ou manto vermelho, e a tunica azul: preparada a tinta vermelha com agoa de gomma, e graduada como a da China em as tres gradaçoens, se entrarãõ a pontear todos os contornos, e diutornos da capa, continuando, e enchendo de pontinhos todas as peças escuras, guardando indispensavelmente o methodo transcripto, e principalmente nos claros; para o que se não esquecerá o curiozo [que não souber illu-

---

(1) *Sunt aeterno colores austeri, & florichi.* Plin. lib. 35.

---

minar] de pôr presente o original, que quizer copiar, advertindo que sempre se deyxará seccar primeyro huma ponteação do que se continue com a outra.

Do mesmo modo com outra tinta se entrará a cobrir de pontinhos a tunica, e com outra o forro do manto, ou capa, e com outra o das mangas, &c. procurando accômodar sempre humas cores ás outras. Depois de acabada toda a ponteação da figura, se poderão exornar as fimbrias das roupas com duas ordens de pontinhos de ouro, ou prata, juntos, ou quasi unidos, seguindo os mesmos diutornos, contornos, ou voltas, que fizerem as mesmas roupas. Qual seja a contrariedade, e amizade das cores para esta miniatura, achará o curiozo no Magisterio da Illuminação, onde o remettemos, por aqui nos não immorarmos neste ponto.

*Advertencia.*

Omittimos hum modo de miniaturar totalmente diverso, e opposto aos de que escrevemos, que ensina o Licenciado Dom Bernardo de Monton no segredo 180 do seu livro intitulado *Segredo das Artes liberaes, e mechanicas*, porque entendemos que o sobredito Author só por aproveitar-se do seu grao fallou na materia como Licenciado «chamando impropriamente *Miniatura*, ao que só he rigorosa *Illuminação*».

*(Conclue no próximo fascículo).*



# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1838

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Maio

**Dia 2** — A Câmara, em officio para o administrador geral do distrito, relatando o succedido nos enterramentos em Sande, diz: «Sem dúvida Ex.<sup>mo</sup> Sr. estes ousados e escandalosos acontecimentos não só deixam de ser seguidos pelos povos de outras freguesias ficando aqueles impunes, mas até podem ser funestos.

Esta Câmara não pode deixar de lembrar a V. Ex.<sup>a</sup> que muito tem concorrido para esta insubordinação o mau exemplo dos Terceiros franciscanos e dominicos desta vila tornarem a enterrar em suas igrejas ou nas dos extintos frades, e se para isso obtiveram alguma licença não seria pouco o enterrarem nos Claustros emquanto se não prontificasse o Cemiterio publico, porém esta Câmara confiada nas sabias providencias de V. Ex.<sup>a</sup> espera ver cessado semelhante abuso, dignando-se V. Ex.<sup>a</sup> pedir ao Govêrno de S. M. F. a decisão do terreno pedido para o Cemiterio publico desta vila».

**Dia 3**—Portaria do ministério do reino ordenando que o administrador geral interino do distrito de Braga intime a Câmara Municipal de Guimarães para fazer cessar a cobrança do imposto de 5 por cento por ela lançado nas quantias que houvessem de ser pagas à fazenda nacional, provenientes de sisas, em manifesto

detrimento dos interêsses da fazenda; advertindo ao mesmo tempo a Câmara e tôdas as mais do seu distrito, que em conformidade com o art. 82, § 3.º, n.º 5, do código administrativo, deviam os impostos pelas câmaras limitar-se única e restritamente aos objectos de consumo do concelho; e que a imposição que fôsse feita de outro modo era nula. Por Portaria de 19 de Junho do mesmo ano, em declaração àquela, diz: que as disposições dela não podem embaraçar a faculdade concedida às câmaras municipais no n.º 3 dos citados § e artigo do código administrativo.

\*

Pelas 9 horas e um quarto da noite dêste dia, faleceu, repentinamente, na sua casa da rua de Santa Luzia, Jerónimo Martins da Costa. No dia 5 foi o seu cadáver depositado na igreja de S. Domingos, onde se lhe fizeram as últimas honras fúnebres, com o maior esplendor possível, e grande concurso de povo, tanto da vila como das aldeias. «A igreja esteve sempre apinhada de gente para o ver, patenteando um sentimento sem igual. Quando o tiraram da eça, para ser conduzido à sepultura, levantou-se um alarido tal, que abafou o lugubre canto de um grande numero de padres que o acompanharam á sepultura, a qual lhe havia sido destinada no claustro da mesma igreja, onde foi sepultado. — Assim foi descan-

çar na habitação dos mortos Jeronimo, o Bom, como com razão lhe chamou um poeta, que lhe fez um soneto por essa ocasião. A sua necrologia vem assinada por Bandeira em o n.º 119 do *Periodico dos Pobres no Porto* e tambem se pode ver no n.º 138 do *Periodicos dos Pobres de Lisboa*, d'este mesmo ano, mas, apezar de extensas e de repassadas de muito sentimento não chegaram a dizer tudo das virtudes religiosas e moraes d'este homem, e do sentimento que tiveram os habitantes de Guimarães e especialmente os seus numerosos amigos».

**Dia 6** — Os empregados do julgado desta vila prestaram juramento à Constituição de 1838 na casa da Câmara, dando-se uma girândola de foguetes e tocando-se repiques de sino em tôdas as tôrres. Quem deferiu o juramento foi o arcepreste do julgado, D. Manuel da Madre de Deus, pároco de S. Miguel das Caldas, o qual estava muito indecente tendo uma chimarra vélha por cima de umas calças de riscadilho &ª.

A primeira autoridade que deu o juramento foi o general da provincia, Barão de Almargem. A' noite houve luminarias (também as tinha havido nas duas noites antecedentes) porém muito reles, e nenhum outro regosijo público se demonstrou nesta ocasião. — Adindo: o juramento foi às 11 horas da manhã e deferiu-o o arcepreste do julgado, cónego José Joaquim de Abreu. — (P. L.).

**Dia 8** — Em sessão de Câmara, tendo o escrivão lido o orçamento, logo os eleitos de freguesia convidados pediram a palavra e opuseram-se a algumas das verbas (ordenado dos empregados da Câmara e da administração do concelho, gratificação do administrador e pagamento das amas dos expostos) dizendo que a Câmara tinha usado de excesso.

Esta sessão acabou na maior desor-

dem, ficando desta maneira inhabilitada a Câmara a fazer as despesas do concelho, por falta de confiança que nela tinham os povos. A Câmara participou o ocorrido ao presidente do conselho de distrito, estranhando o facto e pedindo providências.

**Dia 13** — Chegou o casco do batalhão de infantaria n.º 18 que tinha ido para Melgaço no dia 2 do mês passado. (P. L.).

**Dia 16** — Aluiu um grande pedaço da Ponte de Santa Luzia, quasi no meio, ficando transitável só para peões. (P. L.).

**Dia 20** — Morreu nesta vila a Viscondessa de Azenha, nova, mulher do segundo Visconde, Bernardo Correia de Moraes. Foi depositada no dia seguinte na igreja de S. Francisco, por licença do administrador geral de Braga, a qual foi muito censurada por ser uma excepção na lei e por se estar a proceder contra outras pessoas que queriam que os seus parentes se enterrassem na igreja.

\*

Houve um grande barulho na freguesia de S. Romão de Mezão-frio, para não ser enterrada fora da igreja uma mulher.

**Dia 22** — Chegou o batalhão de infantaria n.º 19. Vinha de Traz-os-Montes e marchou no dia seguinte para Braga. (P. L.)

\*

Chegou a esta vila o decreto de S. M. a Rainha, pelo qual foram despachados muitos bacharéis para a magistratura, sendo reintegrado delegado do procurador régio dêste julgado, Francisco Leite Pereira da Costa Bernardes e despachado juiz substituto do julgado de Barcelos, Manuel de Freitas Costa, o qual tinha sido delegado do julgado de Braga. Ambos eram vimaranenses. (P. L.).

**Dia 29**—A Câmara, em sessão extraordinária e em virtude do officio da administração geral dêste distrito, com data de 27 de Abril passado, que acompanhava a Carta de Lei de 9 de Abril dêste ano, em que se exigiam desta Câmara as listas dos proprietários, comerciantes e fabricantes elegíveis para senadores, na conformidade do art. 27 da citada lei; indicou os seguintes para senadores: Barão do Almargem, Barão de Vila Pouca, Nicolau de Arrochela Malheiros, João Baptista Felgueiras, D. Manuel da Prelada, Francisco Martins da Costa, Domingos Cardoso de Macedo, Manuel de Freitas do Amaral, de Sezim, João de Melo Pereira Sampaio, Rodrigo Lobo de Sousa Machado e Couros, António do Couto Ribeiro, Francisco José Ribeiro de Abreu, Agra (nota à margem: Aliviado por falta de rendimento), José Martins da Costa, de Aldão, todos como proprietários.

No livro de P. L. a seguir ao dia 23 de Maio, só há esta única notícia: Até ao fim dêste mês, houve grandes e copiosas chuvas, de maneira que as que houve desde a primavera até êste tempo, juntas com as que houve antes da primavera, fizeram que êste año fôsse um ano de tanta chuva, como não havia exemplo. (P. L.).

## Junho

**Dia 13** — A' noite os estudantes de Guimarães representaram na casa do teatro uma peça intitulada «Trinta anos, ou a vida de um jogador» que desempenharam sofrivelmente. A entrada foi grátis. (P. L.).

**Dia 14** — Por causa da chuva não saiu a procissão de Corpus Christi. (P. L.).

**Dia 19** — Foi o primeiro dia em que não choveu e que o tempo se entrou a

pôr bom, pois até êste dia sempre choveu, ou mais ou menos, à excepção do dia 6 dêste mês e de mais alguns dias. (P. L.).

\*

Chegou a esta vila a noticia de ter havido em Lisboa, no dia 14, um motim feito por alguns batalhões da Guarda Nacional, depois que se recolheu a procissão do Corpo de Deus, aos vivas á Constituição de 1820 pura, e morras a alguns ministros de estado «e a outros figurões», que foram apedrejados e insultados. El-Rei D. Fernando também foi desacatado, proferindo-se contra êle palavras indecentes, bem como o presidente do conselho de ministros, Visconde de Sá da Bandeira que esteve a ser assassinado com uma baionetada que lhe deu no peito um guarda nacional, amortecida pelo «baraxá» que trazia na farda, e que o livrou de ser morto.

Nestes acontecimentos teve parte o partido denominado da Montanha, que não queria nem a abolida Carta de 1826 nem a actual Constituição de 1838, mas sòmente a Constituição de 1820 pura; porém, nesta ocasião, abortou o seu plano, porque achou resistência na tropa de linha. (P. L.).

**Dia 26** — Decreto transferindo para Leiria o juiz substituto desta comarca e para Guimarães o de Monção, Francisco Luiz de Macedo.

**Dia 27** — Chegou aqui o Conde das Antas. Vinha das Caldas de Vizela aonde estava já há tempos a banhos, apresentando um estado miserável, aleijado de pés e mãos. Foi no dia seguinte para Braga. (P. L.).

JOÃO LOPES DE FARIA.



SOLIDÃO — AI DÃO... — AI DÃO, Poemas dum Príncipe. — CONFIDÊNCIAS DUM RAPAZ PROVINCIANO, por *Azinhão Abêlho*. Lisboa, 1935.

A poesia de Azinhão Abêlho, pode definir-se, através dos seus dois livros, dentro da chamada corrente modernista, como tentativa para integrar o regionalismo no clima dos novos moldes poéticos.

Abêlho, é um alentejano integral, que ama a terra onde nasceu e traz na retina a paisagem da charneca, a beleza dos «montes», a cenografia da sua Província... E' também um evocativo (poder-se-á empregar o termo «saúdosisista» ao Poeta que vive, que sente — porque Abêlho sente e vive o que escreve — e faz vibrar o decorrido?) e um fino e apurado narrador.

Do xadrez desse ambiente regionalista, saiu Azinhão Abêlho para a cidade, e em contacto com a vida mecanizada, maquinizada, dinâmica que as vistas largas apresenta, compõe a sua Poesia à moda corrente, actual, pondo nela um «sentido» especialíssimo.

A Raça tem nêle um Artista pela maneira como a eleva, a pinta (Abêlho é pintor, é desenhista e dessas facêtas parte para a moldagem poética) e a descreve na sua trajectória.

Que já é um Poeta em último termo? Tam pouco não o é em esboço. Está num período que não pertence aos que principiam, nem àquele onde permanecem os consagrados.

E' hoje uma esperança, e uma certeza, por outro lado, para os que, lendo-o, também o conhecem.

O Poeta promete-nos novelas para breve. E' com interêsse que aguardamos o seu novo livro que terá um nome típico, regional — mais uma saüdação ao Alentejo: *Badanais*.

Fechemos com uma poesia de *Solidão... Ai dão... Ai dão*, onde canta a sua terra e diz às gentes que garantam a sua continuidade:

«Mestre Sardinha ainda vive  
nas orações que versou.  
Da Florbela, inda alguém ouviu  
a sua voz madressilva.  
Mas quem mais? quem se recorda

dum mui nobre e leal castro,  
que deu guarida a tropeiros  
e foi grêi de lavradores?  
Mas quem mais? quem? quem decifra  
a linguagem tam profunda  
das tuas terras aradas?  
Oh! terras da minha Terra!  
desconfiai,  
dos poetas com ideas avançadas.  
Renegam sangue de sangue  
que foi teu antigamente.  
Idolotram mais dum Deus,  
em satânica infernal,  
forme de maquinaria.  
.....  
Oh! terra da minha Terra!  
vive a vida, que é só tua.»

JORGE DA COSTA ANTUNES.



REI D. DENIZ, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional — Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

Nesta valiosa galeria de *Figuras Nacionais* não podia ser esquecida a figura, a todos os títulos gigantesca, do Rei Lavrador.

Abre êste trabalho com um escôrço biográfico do Rei Trovador, educado pelo célebre provençal Ayméric, a quem D. Deniz ficou devendo, certamente, a sua iniciação nas artes poéticas. Todo o trabalho revela a preocupação constante do seu A. em procurar elementos seguros para nos dar uma idea tanto possível exacta da primeira Renascença.

As lutas entre o Rei e o Príncipe, a mediação da Rainha Santa, a Côrte do Rei, onde brilharam os espíritos mais cultos, a fundação da Universidade de Coimbra, a libertação da língua nacional, tudo mereceu a Mário Gonçalves Viana um estudo cuidado e atento, tornando êste trabalho valiosíssimo para o conhecimento dessa distante época de tam decisiva influência na vida de Portugal, que, rompendo as incertezas da Idade-Média, marcou um lugar inconfundível entre as demais nações.



O CINEMA E A VIDA ESCOLAR, por *José de Paiva Boléo*. Lisboa, 1937.

O cinema é hoje um factor poderoso de educação ou perversão segundo os filmes que se exibam. E, regra geral, os que actualmente se vêem nos cinemas são mais factores de perversão do que de educação.

A influência que o cinema exerce é grande. A comprová-lo está êste trabalho de um médico distinto que procurou, num interessante inquérito, feito de improviso, aquilatar da preferência dos seus alunos pelo cinema e de recolher as impressões causadas pelos filmes exibidos.

E' desoladora a conclusão a que chegou, mas o inquérito feito vem revelar o cuidado

especial que deve merecer a escolha dos filmes, de maneira a preferirem-se sempre os que tenham arte e tenham moral resolvendo-se, desta maneira, o problema do cinema na sua origem. Se os maus livros corrompem, o cinema, tal qual se apresenta actualmente, é, com tôdas as suas atracções, uma escola de vício e de imoralidade que é preciso sanear devidamente. Oxalá êste trabalho do Dr. Paiva Boléo seja o início de uma necessária e justa campanha contra o mau cinema e um aviso aos pais para se prevenirem e evitarem uma maior invasão de um dos mais poderosos e perniciosos males do nosso tempo.



A HIGIENE NA ESCOLA PRIMÁRIA, pelo *Dr. José Crespo*. Edição do Autor. Viana do Castelo, 1937.

Êste trabalho foi louvado pelo Ministério da Educação Nacional. Louvor justissimo que é já uma afirmação do valor do trabalho. O sr. dr. José Crespo, que tem já uma série vasta de trabalhos da sua especialidade, trata, com grande desenvolvimento, da importância e amplitude da hygiene escolar. Bem merecem as crianças tal cuidado, pois o estudo dos problemas médico-pedagógicos contribuirá, sem dúvida, para melhorar os serviços de assistência sanitária nas nossas escolas primárias, que, até agora, bem abandonadas têm sido nesse capitulo. As condições de hygiene de muitos edificios escolares são deficientes e, dêste modo, a formação fisica dos alunos não pode ser perfeita.

O sr. dr. Crespo expõe, com clareza, o seu ponto de vista sôbre a hygiene da habitação escolar e a hygiene do aluno e o quanto esta contribue para uma melhoria da formação fisica, intelectual e moral das crianças. A' formação do carácter e à educação da vontade foi dedicado, também, um capítulo especial, cheio de belos ensinamentos.

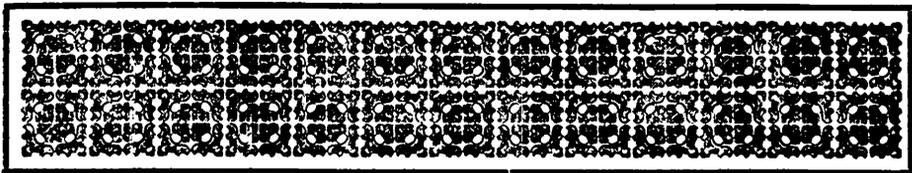
Êste trabalho merece ser divulgado, ou antes, merece e precisa de ser realizado no mais curto prazo, a bem da Escola, a bem da hygiene e a bem da saúde dos educandos.



FÉRIAS GRANDES, por *Saléma Vaz*. (2.ª Edição). Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. Pôrto, 1937.

Numa colectânea de versos cheios de graça e de beleza, Saléma Vaz consagra *Férias Grandes* às crianças até doze anos. Livro útil e instrutivo, está indicado para premiar a boa aplicação dos petizes e o bom aproveitamento revelado nos estudos. Lê-se com o melhor agrado, pois conta-nos façanhas de miúdos que interessam a tôda a gente. Encerra lindas poesias, das quais destacamos a *Epistola aos Lusitanos pequeninos* e *Panóplia* onde, nesta última, transparece certa melancolia dos *bons tempos que lá vão já!*

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# Os portugueses enamorados

por MÁRIO GONÇALVES VIANA

O pendor sentimental dos portugueses vem de longa data e possui raízes fundas de carácter étnico.

Logo ao dealbar da nacionalidade, a poesia lusíada toma uma feição eminentemente amorosa e romântica. O lirismo português surge impregnado dêsse penetrante sentimento que é a saudade, sentimento complexo e inexplicável desconhecido por todos os outros povos. O amor não é galanteador e alado. Tudo contribuía para lhe dar uma feição característica: por uma parte, o temperamento do povo; por outro lado, as condições especiais da vida social portuguesa: « A lacuna do feudalismo entre as nossas instituições da Idade Média — escreve um notável ensaísta — privou-nos do tirocínio galante da vida do castelo, com os seus pagens e os seus menestrais, com as caçadas e os saraus a que presidia a graça da castelã, influindo correlativamente tôda uma literatura heráldica, tendo por objecto, como nos torneios, os direitos da valentia e do amor, e encerrando, com os elementos primitivos da cortesia e da lealdade, todos os germes da futura poesia lírica e romanesca. »

Os portugueses começam a amar de um modo característico, como o revela à saciedade a poesia medieval, tam profundamente nacionalista que através dela se adivinha a psicologia especial do nosso povo. Os cantares de amigo e de amor vêm repassados de sinceridade e de tristura. Essa melancolia, doce e profunda, denuncia-se perfeitamente na cantiga que D. Sancho I compôs, inspirado na volúvel e sedutora Ribeirinha ou nas poesias, tam cheias de sentimento ou nostalgia, de D. Deniz.

E precisamente porque eram de seu natural apaixonadiços, não lhes interessava a poesia narrativa. Entretinham-se a cantar as suas simpatias ou as suas inclinações amorosas. O eterno feminino ocupa um lugar de relêvo excepcional na poesia primitiva, prova provada de que também ocupava lugar de destaque nos corações e no pensamento dos antigos portugueses. A mulher era talvez, depois da guerra, a principal preocu-

pação dos cavaleiros medievais. ¿Que lhe interessava o resto? Augusto César Pires de Lima observa, a propósito: «Nos curtos remansos que a guerra deixava, os homens da época trovadoresca compunham cantares de amor ou cantares de amigo, canções de escárneo e mal-dizer, como mais tarde os cavaleiros do tempo de D. Afonso V, ao regressarem da África, se não preocupam com a narrativa das vitórias, pois o tempo foge; nas côrtes de amor, as cantigas, os vilancetes, as esparsas, as sátiras levam o tempo todo.»

Os portugueses não amavam sorrindo ou galanteando; amavam sofrendo e curtindo penas. O sorriso que lhes aflorava aos lábios era passageiro. O amor português era o «amor sentimental» em que fala Júlio Dantas.

A nossa gente, quando ama, perde a alegria. No reinado de D. João II, havia uma dama muito cortejada, que deu origem a larga discussão poética entre o *cuidar* e o *suspirar*.

¿Quem é que amava melhor D. Leonor da Silva? ¿Seria Jorge da Silveira, que passava os dias a *suspirar* pela sua bem amada, ou Nuno da Silva, que não fazia outra cousa se não *cuidar* nela?

Cada um destes namorados agregou à volta de si partidários, dando origem a um curioso debate amoroso, no qual tomaram parte numerosos poetas:

Vós, Senhor Nuno Pereira,  
 ¿Por quem his assi cuidando?  
 — ¿Por quem vós his suspirando,  
 Senhor Jorge da Silveira?

Nesta curiosa *tensão*, que figura no *Cancioneiro*, de Rezende, tomaram parte, indistintamente, poetas solteiros e casados, todos sinceros apaixonados da formosa dama. O sorriso de uma mulher perturba, às vezes, os juízos mais seguros. A História está cheia de homens casados que se apaixonaram por donzelas e de outros que se enamoraram de *maridadas*. O coração humano não conhece leis nem convenções, desde que lhe aparece a mulher fatal. ¿Que culpa tem o português de ser sensível à graça e à beleza femininas?

O próprio Gil Vicente considera, algures, no auto dos *Reis Magos*:

¿Pecado é ser namorada?  
 Criou Deus pela ventura  
 A formosura  
 para nunca ser amada?  
 ¿Criou-a tam desejada  
 para nada?

Olhai, olhai a Escritura :  
¿ que cordura  
achareis mais amadora ?  
¿ Depois de Adão até agora,  
a esta hora,  
houve discreta criatura  
que não queira esta ventura ?  
Se Deus de tal se pesara  
não criara  
pastoras tam reluzentes :  
seriam pretas sem dentes,  
com as testas  
mais estreitas do que a cara ;  
o nariz lhes alargara,  
e estreitara  
seus olhos como aos furões ... (1).

Os portugueses eram, pois, amoráveis e amorosos. « O nosso lirismo — observa Alfredo Coelho de Magalhães — é predominantemente, senão exclusivamente amoroso. »

A chamada *Ala dos Namorados*, da batalha de Aljubarrota, dá bem a idea desta tendência affectuosa e cavalheiresca, perfeitamente definida. Amar estava na massa do sangue da nossa gente, que amava com veemência e ardor, como nenhum outro povo. Jorge Ferreira de Vasconcelos já observava, na sua *Eufrosina*, em pleno século XVI: « E não me negareis ser esta a principal inclinação portuguesa, e desta lhe nego a cavaleirosa opinião... & estimarem as mulheres sobre todos. Porque o enganoso Italiano dissimula o amor, louva a sua dama por trovas; se a alcança, logo a encerra... O alegre Francês trabalha contentá-la por serviços; ... como a alcança, logo a despreza... O frio Alemão ama brandamente... Só o Português... compadece todos os efeitos de amor puro; não consente mal em sua dama, não sofre ver-se ausente dela. »

Uma das características distintivas do português consistia em ser namorado. Camões define Manuel de Sepúlveda como *liberal, cavaleiro enamorado* e ao referir-se, no canto IX, a Leonardo, chama-lhe

... soldado bem disposto,  
Manhoso, cavaleiro e namorado,  
A quem amor não dera um só desgosto,  
Mas sempre fôra dele mal tratado  
.....

---

(1) Tradução do dr. Agostinho de Campos.

---

E' certo que o namorado se desvirtuou, mais tarde, na vida e na poesia. Da literatura portuguesa desapareceu quasi inteiramente o saudo-sismo amoroso de Bernardim Ribeiro e de Cristóvam Falcão, ou o cavalheirismo galante de Camões que, no dizer de Ramalho Ortigão, foi «o único dos nossos poetas que soube amar com espirito».

No século XVII, a-pesar-de tôdas as dificuldades opostas pelas famílias, as donzelas namoravam muito, conseguindo iludir a vigilância dos pais, por intermédio das donas, cuvilheiras e criadas, que traziam, às suas *meninas*, bilhetes perfumados e fechados com obreias. ¡Quantas infelizes apaixonadas pagaram com a clausura as suas inclinações e devaneios amorosos! Sabe-se que—para usarmos a expressão de Júlio Dantas— «os claustros foram, em Portugal, o refúgio de todos os amores infelizes».

Como último recurso namorava-se na igreja, onde se trocavam olhares lânguidos e missivas apaixonadas. Link escreve a propósito deste género de namôro: «Os viajantes estrangeiros que percorrem Portugal referem-se aos encontros galantes que se efectuam durante os officios divinos; mas parece-me que têm exagerado nesse ponto como em muitos outros; é, aliás, natural que, não saíndo as mulheres de casa senão para a igreja, o amor não engeite o único ensejo que tem de se manifestar.»

Foi D. João V quem estabeleceu, na côrte, os hábitos mundanos da convivência dos sexos, pois até ali as reüniões eram separadas e, como graciosamente dizia o desembargador Brochado, «o único vulto masculino que se enxergava era o dos jarrões da China».

Esta transformação, efectuada sob a égide do Rei Magnânimo, deu origem a graciosas disputas e até à formação de dois partidos, segundo o testemunho de Costa Brochado: ... «há uns que querem que as senhoras se deixem ver e venham conversar com êles nas ante-câmaras; que joguem e bailem sem distinção de sexo e idade; outros, pelo contrário, prègam retiro, silêncio e recato, e detestam com positivo anátema o comércio reciproco de damas e cavalheiros, ainda que seja em presença da mesma Diana».

Ora as portuguesas, transbordantes de amor e de carinho, não se sujeitavam de boamente a êste regime. Além disso, mal começou a haver uma certa liberdade, surgiram os abusos. Os raptos, a-pesar-de serem punidos com o degrêdo de África, eram freqüentes. Havia indivíduos que abusavam da ingenuidade das donzelas, desconhecedoras do mundo e das traições da vida, para realizarem bons casamentos. O relatório da lei de 19 de Junho de 1775 já punha em relêvo o «excesso de escândalo a que chegara a liberdade de alguns indivíduos que, abandonados a uma vida

licenciosa e destituídos de qualidades que pudessem habilitá-los para casamentos nobres e opulentos, se valiam de quantos reprovados modos inventara a malícia e a libertinagem para corromperem o espírito das filhas famílias imediatas sucessoras ou bem dotadas, já abusando aleivosamente da amizade ou do parentesco, já comprando a infame indústria das pessoas que vivem da torpeza e corrupção, já fazendo ou extorquindo promessas de casamento».

As vítimas destes e doutros abusos não eram, apenas, as donzelinhas puras e desprevenidas. Os rapazes também, às vezes, caíam em lamentáveis ciladas: «São igualmente cúmplices destas desordens muitos daqueles pais de famílias que aliciam e solicitam os filhos alheios para entrarem em suas casas e nelas terem comunicação com suas filhas, a-fim-de se queixarem depois deles e os obrigarem ao casamento.»

Ao lado, porém, deste aspecto pouco simpático do namôro, o século XVIII era fértil em graciosos quadros de *amor elegante*, que hoje, nesta época de prosaísmo, se afiguram quási risíveis. A galanteria, talvez exagerada e cheia de preciosismo, assumia uma feição romântica e aparatosa. Tal é o que se depreende de uma notícia inserta no *Mercúrio* de 30 de Novembro de 1743, acêrca do casamento de D. Miguel de Melo e Abreu com sua prima, uma das «belezas oficiais» de D. José I, no dizer de Júlio Dantas: «Na terça-feira da semana passada concorreram as senhoras a casa de D. António José de Melo, a darem os parabéns à senhora D. Mariana Josefa de Bourbon, sua irmã, pelo casamento ajustado com seu primo D. Miguel de Melo e Abreu, o qual se achou presente ao primoroso púcaro de água que a mesma senhora lhe deu, sempre em pé ou de joelhos, lucrando por prêmio daquele sacrificio a prenda de uma fita que sua tia senhora D. Luíza Josefa de Mendonça tirou da futura noiva para lhe dar, e que êle recebeu com grandes rendimentos. De noite a foi acompanhar até ao Paço, onde não falta todos os dias. A primeira vez que a aia da mesma senhora lhe trouxe a resposta de um recado, lhe deu um aderço de valor, guarnecido de 12 topázios com laços de diamantes».

Seria caso para dizer: «Amor! amor! a quanto obrigas!» Os portugueses sempre foram enamorados e sensíveis aos encantos e graças femininas, que seduziam os próprios estrangeiros. ¿Como haviam êles de resistir à magia das mulheres portuguesas? Link referia-se aos «belos olhos negros e ardentes que o céu de Portugal produz», acrescentando que as mulheres portuguesas «reüniam, ao corpo esbelto das formosuras germânicas, os encantos próprios do clima peninsular».

A história regista numerosos casamentos clandestinos e paixões es-tuantes de entusiasmo e de ardor.

Em 1774, o inglês Dalrymple escrevia, a propósito do pendor apai-xonadiço dos portugueses: «O amor é, em Portugal, a paixão dominante dos dois sexos; a paciência com que os namorados perseguem o objecto do seu interêsse é verdadeiramente espantosa. O ciúme manifesta-se com grande actividade; os Argus nem sempre podem evitar as intrigas amo-rosas...»

No século XVIII, porém, a poesia amorosa, apertada nos moldes ultra-clássicos e arcádicos, só de vez em quando tinha lampejos de genialidade sentimental. E na vida real, o namôro profissionalizou-se, desceu às formas mais vulgares e menos elegantes. Namorava-se de *estafermo*, de *alcovitice* e de *escudeiro*. Nicolau Tolentino de Almeida descreve o cas-quilho e o peralta do seu tempo, «pelas pias encostado, alvo palito na bôca, branca varinha na mão», rondando os conventos de freiras, ou comparecendo aos *outeiros*, tam pitorescos e graciosos :

Pôsto na insípida grade,  
Em almíscar perfumado,  
Todo amor, todo saúde  
Comendo em doce babado  
Os sobejos de algum frade.

Não obstante tudo isso, os portugueses continuavam a amar com veemência, paixão e, às vezes, até com elegância. E' disso um flagrante exemplo o célebre poeta Tomaz António Gonzaga — famoso autor da *Marília de Dirceu* :

Marília, teus olhos  
São réus e culpados,  
Que sofra, e que beije  
Os ferros pesados  
De injusto Senhor.  
.....  
Se estavas alegre,  
Dirceu se alegrava ;  
Se estavas sentida,  
Dirceu suspirava  
A' fôrça de dor.  
Marília, escuta  
um triste pastor.

Nem Bocage escapou ao influxo de um grande amor. Depois de ter celebrado volúvelmente, nos seus versos, os encantos de Elmira, de Nize,

de Jónia, de Anarda, de Armia, de Ursulina, de Corina, de Felisa, de Alcina, de Marília e de tantas outras deidades, acabou por se apaixonar sinceramente pela doce e angelical figura de Maria Vicência.

No fundo, o feitio amoroso da gente lusíada persistiu através de tudo. Cervantes disse que ninguém, como os portugueses, sabia morrer de amor. Segundo o dr. Leite de Vasconcelos, os portugueses são «namoradores por índole». As próprias cantigas populares denunciam, benèvolamente, esta tendência, tam arreigada :

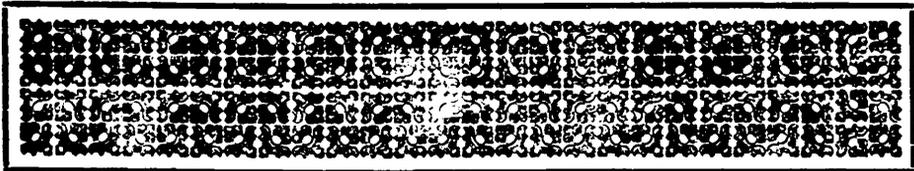
Namorar não é defeito,  
E' modo de passar tempo :  
Emquanto nós namoramos,  
Distrai-se o pensamento.

As circunstâncias modificam-se de século para século. As fórmulas exteriores podem variar, mas na essência os portugueses continuam a ser apaixonados e amorosos, como sempre.

Êste amor atinge, por vezes, as formas luminosas de culto e adoração, tal como acontece nas líricas admiráveis dêsse *poeta do amor* que é João de Deus :

Meu casto lírio,  
Terno delírio,  
Glória e martírio  
Do meu amor !  
Amo-te como  
A haste o gomo,  
O lábio o pomo,  
E o ôlho a flor.





# CRISTAIS CELESTES

*A Chuva é bemfazeja, é nossa amiga,  
É generosa, dá-se a tôda a gente.  
Irmã gémea do Sol na faina antiga  
De fecundar a Terra, alegremente.*

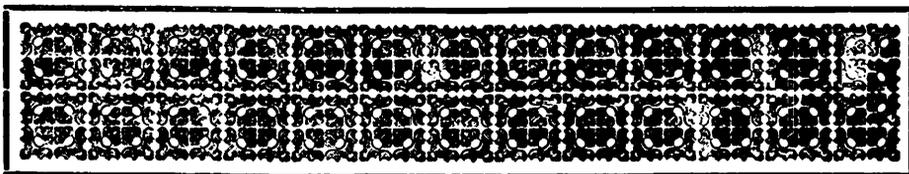
*Às vezes vem cantando uma cantiga  
Tam terna, tam sentida, tam dolente,  
Que as tristezas que o nosso peito abriga  
Com ela se diluem brandamente.*

*A Chuva é carinhosa, é santa, é pura,  
Os seus cristais apagam a secura,  
Matam a sêde à planta ressequida.*

*Quem a não amará? — Fonte de vida,  
Bênção de Deus à Terra concedida  
Em cristalinas gotas de frescura. —*

*Inédito.*

SILVINA FURTADO DE SOUSA  
(Iracêma).



# A obra de Pirandello

por CLAUDIO DE SOUSA

(Da Academia Brasileira e do P. E. N. Clube)

O falecimento do grande escritor italiano Pirandello, premio Nobel de literatura de 1934, reabriu a discussão acerca da finalidade de sua obra, que a muitos se afigura destruidora. Em uma entrevista publicada em Paris, defendeu-se Pirandello daquela acusação, nestes termos:

— Não é destruidor quem mostra ao homem que ele vive iludido com aparências que lhe parecem definitivas, quando na vida nada é fixo e imutavel, e que é daquela ilusão que lhe provêm todas as infelicidades. Sabio é quem compreende a vida como sucessão de instantes, e procura-se adaptar-se a eles. Sou um construtor da realidade como deve ser ela entendida. —

Efectivamente toda a sua obra literaria tende a estabelecer no espirito humano a dúvida de tudo, até mesmo dos elementos concretos que se podem tocar, pesar, avaliar. Nenhuma novidade trouxe sua concepção, pois nas mais remotas eras filosoficas, Gorgias pregava:— Nada existe por si, nada é verdade. Resta indagar se foi nocivo esse reviver do cepticismo sob tão ampla generalização. Ora, se partirmos do proprio principio pirandelliano, nada é util ou nocivo na vida, porque ela, indifferente aos nossos actos, seguirá sempre sua ordem e sua unidade...

Entretanto si assim é no campo do fenomenismo universal, o mesmo não se passa no campo da moral. Neste terreno, diz um de seus personagens na *Signora Morli una e due*:

— A moral é o resultado de nossas experiencias. Como essas experiencias variam nos diferentes meios sociaes, delas resultam diversas formas de moral, todas aceitaveis.

Esta conclusão danosa guia, mais ou menos, os atos de quasi todos

seus personagens. Não me parece, entretanto, que sua literatura, cheia de graça, de fina ironia, e de desnorteante silogismos e paradoxos, tenha causado mal algum. Ela não foi lida ou ouvida pelas classes incultas. Literatura de razão, apenas se fez conhecida de um publico culto, que nem sempre a aplaudiu, e quando o fez, bateu palmas ao mestre agil do dialogo e da especulação, e não ao pregador de moral, que nunca o foi ele.

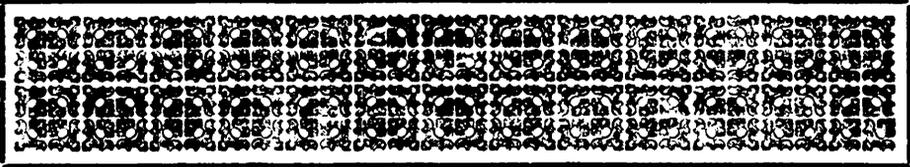
Atribuiu-se aquela sua intenção a influencias nordicas. E' desconhecer o senso mais profundo e mais substancioso daquela literatura. Falou-se em reivindicação, quando, entretanto, não ha na sua obra nenhum fito predeterminado, nenhum programa educativo ou de simples desejo de convencer alguém. Pirandello era de natureza ceptica e ironica. Foi rico, possuiu mais de meio milhão de francos, uma mulher encantadora e alguns filhos que lhe enchiam o coração de ternura.

De repente, ficou na mais completa miseria. Foi obrigado a lecionar num colegio feminino para ganhar 91 liras por mês. A mulher enlouqueceu. Ele não quiz recolhe-la a um hospicio, e manteve-a a seu lado.

Dos dois filhos, um foi feito prisioneiro, e outro ferido gravemente na grande guerra. A filha, acusada pela mãe louca, desespera-se, tenta suicidar-se e é internada num asilo. O pai de Pirandello, já caduco, vem para sua companhia. Os dois loucos, a mulher e o pai, povoam, então, a casa com fantasmas. Pirandello passou a viver num mundo de alucinação em que a realidade a cada passo se substituiu pela fantasmagoria.

Ceptico de nascimento, vendo ruir a casa, dissolver-se a familia, esfumarem-se no espaço todas as apparencias em que ele tinha acreditado, sua descrença tornou-se completa. E foi nessa epoca que começou a escrever para o teatro, aos 50 anos de idade. — Não é preciso que os criticos — sempre tão imprevistos nas suas descobertas — vão buscar fóra de Pirandello a razão de sua obra. Ele mesmo disse: Não creei uma obra: — vivi-a. E acrescentou:

— Minha vida não foi a de seis personagens em busca de autor, mas a de mil personagens em busca de paz.



# UM VERBÊTE DE BIBLIOGRAFIA ARTISTICA

(Continuado de pág. 90 — Conclusão)

por ARMANDO DE MATTOS

## PRENDA VI.

### De algumas curiozidades.

#### PRENOTAÇAM

##### Curiozidade I.

— Das figuras de pedra.

##### Curiozidade II.

— Das figuras de madeyra.

• As madeyras, para se fazerem as Esculturas, se devem cortar desde o principio do Outono até o principio da Primavera, nos minguentes da Lua, ou de quinze até vinte, ou de vinte até trinta da Lua. As melhores, e mais conhecidas neste Reyno são as seguintes:

Castanho,	Geripapo,	Espeque	Laranjeira,
Pursa,	Cipreste,	Pereira,	Nogueira,
Bordo,	Ulmo,	Sorveyra,	Ameixoeira,
Cedro,	Amieyro,	Amendoeira,	Macieira,
Buco,	Faya.	Chopo.	

Destas madeiras usão os Escultores, e Entalhadores, fazendo obras admiraveis neste Reyno, e principalmente na Cidade de Braga, onde na Escultura, e Pintura há hoje alguns Artistas tão egregios, etc. »

##### Curiozidade III.

— Das figuras de barro.

##### INSTRUCÇAM I.

##### INSTRUCÇAM II.

INSTRUCCAM III.

INSTRUCCAM IV.

INSTRUCCAM INCIDENTE.

- Das figuras de forma.
- Advertencia.

**Curiozidade IV.**

- Das figuras de pasta.

INSTRUCCAM I.

INSTRUCCAM II.

INSTRUCCAM III.

- De outro modo de fazer as figuras de pasta.

INSTRUCCAM IV.

**Curiozidade V.**

- Das figuras ocas fundidas em bronze.

INSTRUCCAM I.

INSTRUCCAM II.

INSTRUCCAM III.

INSTRUCCAM IV.

INSTRUCCAM V.

INSTRUCCAM VI.

INSTRUCCAM VII.

- Do modo de fundir figuras grandes inteyras.

INSTRUCCAM VIII.

**Curiozidade VI.**

- *De humas Laminas Romanas.*

Refere umas *Laminas Romanas* que viu em Evora, feitas de seda de cores.

INSTRUCCAM I.

INSTRUCCAM II.

- Do modo de usar dos fios de seda nas roupas.

**Curiozidade VII.**

- *Para fazer huma lamina, ou paynel com tres figuras, aas quaes appareça huma sómente á vista.*

INSTRUCCAM I.

INSTRUCCAM II.

- *Para fazer do mesmo modo huma lamina, ou paynel com duas figuras.*

INSTRUCCAM III.

- *De outra invenção de figuras.*

**Curiozidade VIII.**

- *Das laminas coloridas em vidro.*

INSTRUCCAM UNICA.

Nesta **PRENDA VI**, o autor fêz seis anotações à margem.

Segue-se o

## MAGISTERIO

*Das tintas, em que se ensinão a fazer não só as corporeas, agoadas, e vernizes, mas outros muytos segredos, e cousas conducentes às Artes de que neste volume tratamos.*

### SECÇAM I.

*Dos ouros, e das tintas corporeas.*

#### INSTRUCÇAM I.

— Do ouro, e prata de concha.

#### INSTRUCÇAM II.

— De outra dissolução do ouro, ou prata.

#### INSTRUCÇAM III.

— Para fazer ouro da China.

#### INSTRUCÇAM IV.

— Do ouro de Pragmatica.

#### INSTRUCÇAM V.

— Da purpurina.

#### INSTRUCÇAM VI.

— Para fazer carmim.

#### INSTRUCÇAM VII.

— Para fazer carmim fino.  
— Carmim superfino.

#### INSTRUCÇAM VIII.

— Para fazer vermelhão.

### INSTRUCÇAM IX.

— Para fazer o ultramarino.

### INSTRUCÇAM X.

— Do modo de fazer zarcão.

### INSTRUCÇAM XI.

— Para fazer alvayade.

### INSTRUCÇAM XII.

— Do modo de fazer verdete raspado.  
— Outra receyta.

### INSTRUCÇAM XIII.

— Para fazer verde bexiga.

### INSTRUCÇAM XIV.

— Da tinta da China.

### INSTRUCÇAM XV.

— De outra receyta da mesma tinta.

### INSTRUCÇAM XVI.

— Do negro de osso, e outros.

### INSTRUCÇAM XVII.

— Do modo de preparar ferrugem.

SECÇAM II.

*Das tintas liquidas, ou de agoadas.*

INSTRUCÇAM I.

*Da agoa de pao de Rainha.*

- Preparação primeyra.
- Preparação segunda.
- Preparação terceyra.
- Preparação quarta.

INSTRUCÇAM II.

- De outra receyta.

INSTRUCÇAM III.

- Para fazer verde lirio.

INSTRUCÇAM IV.

- De outra receyta do verde lirio.

INSTRUCÇAM V.

- Do verdete liquido.

INSTRUCÇAM VI.

- Do modo de fazer o Bistre.

INSTRUCÇAM VII.

- Da escarlate de açafroa.

INSTRUCÇAM VIII.

- Da tinta para as sementes das flores.
- Outra receyta para o mesmo.

INSTRUCÇAM IX.

- Do verde para as folhas.

INSTRUCÇAM X.

- Da agoa de tabaco.

SECÇAM III.

*Dos mordentilhos, collas, e betumes.*

INSTRUCÇAM I.

- Do mordente para pôr ouro, ou prata em papel.

INSTRUCÇAM II.

- De outro mordente para pôr ouro, ou prata em seda.

INSTRUCÇAM III.

- De outros mordentes para pergaminho, e papel.

INSTRUCÇAM IV.

- Para dourar bezerro, e marroquim.

INSTRUCÇAM V.

- Da colla, ou gomma de peyxe.

INSTRUCÇAM VI.

- Da agoa de colla.

INSTRUCÇAM VII.

- Da agoa de ovo.

INSTRUCÇAM VIII.

- Da colla commum.

INSTRUCCAM IX.

- Da colla, ou betume das pedras, barro, etc.

INSTRUCCAM X.

- Do betume de embutir de todas as cores.

SECÇAM IV.

- Do modo de aparelhar as superficies para pintar.

INSTRUCCAM I.

- Do aparelho do panno branco de linho.

INSTRUCCAM II.

- Do aparelho da colla.

INSTRUCCAM III.

- Da imprimação do oleo.

INSTRUCCAM IV.

- Do aparelho das taboas.

INSTRUCCAM V.

- De outro aparelho.

INSTRUCCAM VI.

- Do aparelho das laminas, e pergaminhos.

INSTRUCCAM VII.

- Do aparelho das tafetás, e sedas.

INSTRUCCAM VIII.

- Do aparelho das paredes para pintar a oleo.

SECÇAM V.

- Dos modos de dourar, e estofar.

INSTRUCCAM I.

- Do modo de dourar burnido em madeyra.
- Gesso grosso.
- Gesso mate.
- Tempera do bolo.

O exemplar do livro que serve para este estudo, está mutilado, pois que lhe falta, além das estampas, a folha 187-8.

INSTRUCCAM V.

- Do modo de estofar em ouro, ou prata.

INSTRUCCAM VI.

- Do modo de tirar o verniz a huma pintura.

SECÇAM VI.

*De alguns vernizes para as Iluminações, pinturas, e outras curiosidades.*

INSTRUCCAM I.

- Do verniz de clara de ovo.
- Outro verniz de clara de ovo se póde fazer.

INSTRUCÇAM II.

— Do verniz de Getubá.

INSTRUCÇAM III.

— Do verniz branco de Almecega.

INSTRUCÇAM IV.

— Do verniz de oleo Ben.

INSTRUCÇAM V.

— Do verniz de aguarráz commum,  
ou de espigue.

INSTRUCÇAM VI.

— Do verniz de aguarráz.

INSTRUCÇAM VII.

— Do verniz copal.

INSTRUCÇAM VIII.

— Do verniz de Alambre.

INSTRUCÇAM IX.

— Do verniz de Xarão.

INSTRUCÇAM X.

— Dos vernizes da China.

INSTRUCÇAM XI.

— Do verniz de Beijoim.

INSTRUCÇAM XII.

— Do verniz de córar.

— Para se usar deste verniz.

INSTRUCÇAM XIII.

— Outro verniz de Xarão.

INSTRUCÇAM XIV.

— Do verniz de marmore.

INSTRUCÇAM XV.

— De hum verniz para rabecas, me-  
taes, e outras cousas.

INSTRUCÇAM XVI.

— Do verniz cor de bronze para  
toda a sorte de obras.

INSTRUCÇAM XVII.

— Verniz, que dado sobre qualquer  
figura, ou cousa de barro cozi-  
do, chumbo, madeyra, ou pedra,  
faz que pareça naturalmente ser  
de bronze.

Por último, segue-se o « Índice do que contém êste volume ».

# Florbela Espanca e a crítica

Carta aberta ao ilustre  
Prof. Dr. Guido Battelli

QUANDO já calculava que um extravio de correspondência impediria de chegar ao seu destino a missiva que particularmente tivera a honra de dirigir a V. Ex.<sup>a</sup>, uma «carta aberta», nesta *Gil Vicente*, veio proporcionar-me a tam almejada resposta. Antes, pois, de mais nada permita-me V. Ex.<sup>a</sup> que, servindo-me do mesmo meio, lhe agradeça a honra dispensada e lhe venha responder.

Verifico, com prazer, que me não enganara quando julguei que a resposta de V. Ex.<sup>a</sup> traria valiosos subsídios para um melhor entendimento da obra de Florbela Espanca. Não obstante as relações intelectuais e de amizade entre a Poetisa e V. Ex.<sup>a</sup> parecerem justificar uma maior contribuição biográfica da parte de V. Ex.<sup>a</sup>, entretanto alguma cousa se adiantou.

A carta de V. Ex.<sup>a</sup>, porém, já pelas interrogações que deixa formuladas, já por dar a entender malévolas intenções da parte dos que apreciam a obra de Florbela, exige resposta e explicação. E' o que vamos deliciar fazer dividindo, para isso, a carta de V. Ex.<sup>a</sup> em cinco partes.

1.<sup>a</sup> V. Ex.<sup>a</sup> escreveu «*pourquoi s'obstiner a chercher un roman qui n'existe pas? Ses lettres (si elles sont publiées un jour) ne révéleront rien de nouveau sur sa vie privée*». E mais adiante «*en parlant d'elle-même, elle a écrit: E' esta a história da minha tristeza: história banal, como quasi tôda a história dos tristes*».

Pondo de parte a discutível verdade desta afirmação de Florbela, porquanto a sua obra está cheia de confissões que nos convencem bem do contrário, havemos de convir em que essa procura dum «romance» se justifica por tudo que sôbre ela se tem escrito. Senão vejamos.

Num dos vários estudos de V. Ex.<sup>a</sup> sôbre esta insigne poetisa encontramos a seguinte referêncía (1):

« A sua poesia desvairada, ululante, raras vezes equilibrada, foi o éco sincero da sua alma torturada e crucificada. »

E noutro estudo (2):

« Ela cantou chorando, como o rouxinol da *Alma Perdida* » do seu « Livro de Máguas ».

E ainda noutro (3):

« ... porque ela ocultava zelosamente a tragédia íntima da sua alma, a dor secreta que torturava e amargurava a sua vida ».

No comentário ao soneto « Loucura » (4) disse V. Ex.<sup>a</sup>: « quem o lê compreende a tempestade que a arrastou e arrebatou à morte ».

E no « Ao Leitor », das *Cartas X* (para não falarmos em tantas outras referências) V. Ex.<sup>a</sup> e D. Júlia Mendes, depois de dizerem que aquelas eram apenas algumas das cartas da sua inesquecível amiga, referem-se à sua morte com o mistério dumas reticências: « A causa da sua morte foi outra... » E a confirmar tal mistério dizia-se que só em 1941 seria autorizada a leitura das restantes cartas, o que V. Ex.<sup>a</sup> teve a gentileza de me informar numa carta, escrevendo: « *mais elles (as cartas) ne pourrent être consulttées qu'a partir du 1941* ».

Tem, assim, V. Ex.<sup>a</sup> esclarecida a razão porque se cria um « romance ». V. Ex.<sup>a</sup>, no seu « A propos du « narcisisme » de Florbela Espanca », afirma que tal não existe. E fica o assunto entendido.

2.<sup>a</sup> Referindo-se aos sentimentos que uniam a nossa grande poetisa ao Irmão, V. Ex.<sup>a</sup> esclarece: « *L'affection de Florbela pour son frère était tout ce qu'on peut imaginer de plus pur, de plus noble, de plus élevé.* »

Foi uma declaração do maior alcance, esta de V. Ex.<sup>a</sup>

De facto o mundo leitor de Florbela não entendia bem tôdas as inúmeras citações que na sua poesia ela faz, directa ou indirectamente, ao « seu querido morto », nascendo daí as interpretações sôbre a natureza dêsse sentimento, interpretações, aliás, na maioria, desenvolvidas dentro da teoria freudiana. A quererem dar razão a essa maneira de ver estavam

---

(1) Valor da obra de Florbela Espanca — *Juvenilia*, pág. 43.

(2) O Sentimento da Natureza na poesia de Florbela Espanca—*Juvenilia*, pág. 23.

(3) Prefácio — *Juvenilia*, pág. 8.

(4) *Juvenilia*, pág. 37.

ainda as vívidas páginas das «Máscaras de Destino», em que a vemos retratada nesse Manuel Garcia, apaixonado por uma noiva «vestida de branco, dançando nos braços doutro; na noiva-menina, Sórora Maria da Pureza, a rezar «orações de pecado a um noivo-morto» ou ainda na Morta que «foi mais uma onda, uma onda pequenina, onda azul, na taça de prata a faïscar» onde Êle desaparecera e ela se precipitou.

Afinal, porém, esclarece-se pela fidedigna opinião de V. Ex.<sup>a</sup>, que tudo isso não passa de «*tendresse profonde et d'un devouement complet*».

3.<sup>a</sup> Esta parte fizemo-la constar duma expressão que não compreendemos e que, na carta de V. Ex.<sup>a</sup>, muito nos surpreendeu: «*Il faut couper court à des insinuations absurdes et outrageantes.*»

Refere-se V. Ex.<sup>a</sup> aos sentimentos afectivos de Florbela pelo Irmão? Mas em que consiste o ultraje à sua memória?

4.<sup>a</sup> E somos caídos na razão do título da valiosa carta que V. Ex.<sup>a</sup> se dignou dedicar-me: o narcisismo de Florbela Espanca. Neste capítulo interroga V. Ex.<sup>a</sup> se narcisismo será «*le besoin de parler de soi, de révéler le secret de son âme, de manifester ses haines et ses amours, que tout poète lyrique ressent*». Se disse se tratasse chamar-lhe-íamos — subjectivismo lírico.

Inquire ainda se se tratará duma «*manie de reclame et d'exhibition dont quelques écrivains de votre pays sont atteints?*». A tam inferior qualidade que, estamos certos, só a distância faz V. Ex.<sup>a</sup> ver nos escritores do meu país, dariamos, quando muito, o nome de «D'anunziata».

Com «narcisismo» quere-se apenas significar, como o seu criador, o eminente Mestre vienense, Dr. Sigm. Freud, quando «*l'individu adulte a pour son propre corps la tendresse dont on entoure généralement un object sexuel extérieur*» (1).

Esta teoria é confirmada, por exemplo, não só no campo das neuroses e no sentido médico, mas também nos domínios da literatura, pelo illustre neurologista Dr. Egas Moniz (2).

5.<sup>a</sup> e última parte da vossa obsequiosa missiva: «*entre la vie privée d'un artiste et son oeuvre, il n'y a aucune relation*».

---

(1) Dr. Sigm. Freud — *Introduction a la psychanalyse*, pág. 445.

(2) Egas Moniz — *A Vida Sexual*, pág. xxiii.

---

Não nos importe, por agora, saber se, como se verifica na associação das ideas, os antagonismos da vida e obra de certos escritores não serão o próprio motivo da sua inspiração. Ponhamo-nos exclusivamente no campo biográfico e seja-nos permitido desejar ter sôbre a vida de Florbela Espanca, os mesmos conhecimentos, por exemplo, que V. Ex.<sup>a</sup> demonstra possuir sôbre a vida privada de Verlaine, Rimbaud e Arioste. Nós outros julgamos que com o conhecimento de determinadas fases da sua vida íntima podemos melhor compreender (não melhor sentir) a sua obra e admirar ainda mais o seu peregrino talento.

No espírito, porém, dos florbelistas fica a dúvida: com a sua reconhecida autoridade V. Ex.<sup>a</sup> afirma que a psicologia da artista se deve fazer sòmente sôbre a sua obra, obra que, servindo-nos das próprias expressões de V. Ex.<sup>a</sup> (1) tem um valor enorme pelo seu carácter humano e sinceridade absoluta. Ora a sua biografia ou estudo psicológico da sua personalidade, feito através da obra literária que nos legou, conduzir-nos-á a conclusão de que a sua história foi *torturada e crucificada* e nunca uma *história banal*.

Compreenderá, assim, melhor, V. Ex.<sup>a</sup> a razão das nossas perguntas e das nossas intenções, que nada tendo de ultrajantes para a memória da maior poetisa portuguesa, encerram, pelo contrário, o desejo de a conhecer melhor para a admirar melhor ainda.

Creia V. Ex.<sup>a</sup> que se sentirá sempre muito honrado com as suas notícias o

Venerador muito atento,

J. SILVA JÚNIOR.

Ilha Verde, Açôres, Março de 1938.

---

(1) « O valor da obra poética de Florbela Espanca » — *Juvenilia*, pág. 43.

---

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1838

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Julho

Dia 2 — Foi reeleita a Mesa da Santa Casa da Misericórdia desta vila, pelo muito bem que tinha servido no ano antecedente, dando um aumento considerável aos fundos da mesma Santa Casa.

Dia 3 — Foi o 1.º dia em que não esteve tanto frio, à excepção de uns poucos de dias no princípio do mês passado, pois desde o começo do inverno até agora, fêz sempre frio, ou chuva, sendo esta em uma abundância tal e tam continuada, tanto no Inverno como na Primavera, que, com as cheias que provocou, causou bastantes estragos. Ainda neste dia havia muito vinho por limpar, do pouco que escapou ao frio e às névoas. — (P. L.).

Dia 7 — «Estando o batalhão de infantaria n.º 18 a aprontar-se nos quartéis para uma revista de roupa, segundo as ordens que o coronel tinha dado, principiaram bastantes soldados a amotinar-se, e depois de um grande barulho nos quartéis, aonde tinham querido assassinar o oficial que estava de guarda, partiram formados, sem oficial ou sargento algum, para o terreiro da Misericórdia, e postando-se defronte do quartel do coronel (casa dos Coutos) deram vivas ao major e morras ao coronel, que não queriam que os comandasse.

Tendo o coronel noticia de que esta força se tinha revoltado contra êle e que até lhe tinha dado morras, saiu do quartel a cavallo e apresentou-se à frente dos amotinados, com a maior firmeza e sangue-frio, mandou tocar a oficiais, e sair dos quartéis para o terreiro da Misericórdia, onde estavam os amotinados, os sargentos todos e alguns soldados que se

tinham conservado firmes. Depois que estes chegaram, tomou o coronel a acertada medida de mandar várias companhias dos revoltosos para diferentes terreiros da vila, uma das quais só marchou depois de várias ameaças do capitão. Seguidamente foi o coronel com o resto do batalhão para os quartéis, mandando depois recolher as companhias que tinham marchado para os diferentes terreiros e prendeu aquêles soldados que tinham sido os cabeças do motim, por informações que já tinha colhido. Ao restante mandou passar revista de roupas, segundo as ordens que tinha dado. O coronel fêz uma fala à parte do batalhão que se conservou firme, elogiando-a muito, assim como os officiaes e habitantes desta vila em geral. O general da divisão militar, Barão de Almargem, estando nas Caldas e tendo participação dêste desastroso acontecimento, marchou para esta vila a tôda a brida, mas, quando chegou, já tudo estava arranjado.

Assim terminou êste terrivel acontecimento, que pôs Guimarães em grande susto e que se não fôsse a coragem e o valor sem igual do digno coronel José Teixeira de Mesquita collocava os seus habitantes na contingência de serem roubados, e de soffrerem tôda a qualidade de insultos praticados pela soldadesca desenfreada. Várias causas se apontaram nesta ocasião como precursoras da revolta; porém creio que a mais bem fundada era a dos soldados não gostarem do coronel por êle os castigar muito, principalmente sendo ladrões. » — (P. L.).

\*

Em Câmara fêz-se a Representação seguinte à Rainha: «Senhora — A Câmara Municipal do concelho de Guimarães, juntamente com o seu Administrador, vem

respeitosa, em nome dos habitantes do mesmo, pedir a Vossa Majestade a graça de assinar aquela vila para quartel permanente do Batalhão 18 de Infantaria, que ali se acha destacado depois de muitos meses.

O referido Batalhão, Senhora, por sua disciplina, boa educação, moral, e fraterno convívio com os povos, para o que grandemente tem recorrido o seu digno comandante, tem merecido a estima daqueles, que não queriam hoje experimentar um novo Corpo, no começo da sua organização, e sem forças para manter a ordem e o sossêgo num extenso concelho. Ao Batalhão 14, cujo quartel assinam no Quadro do Exército é a referida vila, seria indiferente residir em Guimarães ou em a cidade de Aveiro, quartel assinado ao Batalhão 18. Sendo pois de grande utilidade pública, que um corpo militar resida numa terra, que o quer e estima, e Vossa Majestade costumando ouvir os povos em suas comodidades municipais; a Câmara com o seu respectivo Administrador imploram a graça expendida, e lisonjeiam-se que serão atendidos. Deus Guarde, etc. »

**Dia 8** — Saiu a Ronda de S. Sebastião que a Câmara não tinha realizado no próprio dia. — (P. L.).

**Dia 9** — « Pelas 4 horas da manhã reünio o batalhão de infantaria n.º 18 no seu quartel, e depois de se fazer conselho aos soldados que foram cabeças de motim na revolta do dia 7 deste mês, e que estavam presos, foram chibatados 1 cabo e 6 soldados no Olival que fica defronte dos quartéis, levando tantas cada um deles, que vieram quasi todos em macas para o hospital e foram logo confessados e sacramentados. Depois de castigados estes 6, foi castigado, no terreiro da Misericórdia, um tambor que no mesmo terreiro tinha comandado uma companhia quando ali estavam os soldados revoltados. » — (P. L.).

**Dia 10** — Pelas 6 horas da tarde marchou desta vila para Braga a toda a pressa, o batalhão de infantaria n.º 18 com o general Barão de Almargem que estava nas Caldas, em consequência de se ter amotinado neste mesmo dia o povo daquela cidade, por lhe serem lançados novos tributos, dando vivas à Rainha e exi-

gindo que a Câmara representasse para ser aliviado dos tributos que se queriam lançar. Os amotinados não fizeram desordem alguma e só procuraram um ex-deputado dando-lhes morras. Quando o batalhão estava a sair já constava estar a cidade em sossêgo. — (P. L.).

**Dia 11** — Morreu no hospital o cabo de esquadra, do n.º 18, que tinha sido chibatado no dia 9. — (P. L.).

**Dia 12** — Regressou de Braga o batalhão de infantaria n.º 18. — (P. L.).

**Dia 14** — Portaria respondendo à representação da Câmara, informando que não se pode resolver imediatamente a permanência e sede do regimento n.º 18, aqui aquartelado, mas que fica tomada em consideração para quando se levar a efeito a mudança dos quartéis.

**Dia 16** — Pela Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, 1.ª Direcção e 1.ª Repartição, foi publicado: — « Em adiamento à portaria de 11 do corrente mês, manda a Rainha pela Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra declarar ao marechal de campo, conde das Antas, que com muita satisfação louva a energia com que se houveram o barão de Almargem, comandante da 4.ª divisão militar, o coronel José Teixeira de Mesquita, os officiaes e demais praças de infantaria n.º 18, para fazerem sufocar o acto criminoso que, neste corpo teve lugar no dia 7 do corrente mês, movido por alguns individuos deste batalhão; o que não obstante a Câmara da vila de Guimarães, possuída de sentimentos patrióticos e de justiça, a respeito da disciplina, honradez e virtudes civicas com que o referido corpo se tem constantemente comportado naquela vila, o reclama para ficar ali tendo o seu quartel permanente; do que claramente se deduz que os referidos acontecimentos nada affectam a reputação daquele corpo; facto este porque a mesma augusta Senhora lhe mandou dar os necessários elogios. Outrossim determina Sua Majestade, que os culpados, que hão-de ser julgados em conselho de guerra, sejam para exemplo processados sem perda de tempo na 3.ª ou 4.ª divisão militar, para cujo fim o referido marechal de campo expedirá as convenientes ordens. Paço em Cintra, 16 de Julho de 1838. — Conde de Bomfim. »

— Saiu em Ordem do Exército a 26 de Julho de 1838.

**Dia 17** — De madrugada saiu desta vila para Vieira um destacamento do n.º 18, em razão dos povos daqueles sitios terem feito um motim por causa dos tributos que lhe lançaram, obrigando a câmara a retirar-se. Também nesta manhã marchou um forte destacamento do n.º 18 para Braga, por se recear que tornasse a haver naquela cidade algum motim popular, como houve no dia 10 d'este mês.

**Dia 30** — «Foram sentenciados pelo júri desta vila 9 individuos que tinham sido presos nos arrabaldes, na madrugada do dia 7 de Fevereiro de 1837, estavam envolvidos em um grande roubo que se tinha feito em Oliveira na noite da-quele dia. Um que além de lhe provarem ter tomado parte naquele roubo, foi convencido de ter feito uma morte na cadeia, foi sentenciado na pena de degrêdo por tóda a vida, e os restantes, que também foram convencidos do mesmo crime de salteadores, tiveram 4 anos de degrêdo. Os habitantes do Julgado manifestaram nesta ocasião a sua indignação contra o juiz de direito, por dar uma pena tam insignificante a uns celerados que tinham sido encontrados com objectos roubados e armas, havendo quem dissesse que o juiz para dar uma sentença tam favorável, comera dinheiro. Não era de admirar, porque a sua reputação nesta vila não era das meliores. O júri principiou às 8 horas da manhã d'este dia e acabou às 5 horas da tarde do seguinte.» — (P. L.)

\*

«Foram sentenciados nesta vila, em Conselho de Guerra, à pena última, um corneta de infantaria n.º 18 que tinha dado umas facadas em um antigo coronel d'este corpo, e um soldado que tinha feito uma morte; porém este último não teve sentença de morte.» — (P. L.)

\*

«Representaram alguns estudantes desta vila, na casa da Comédia da mesma, uma peça intitulada *A Disciplina Militar das Tropas do Norte*, a qual foi desempenhada sofrivelmente. Foi de graça e a despesa foi à custa dos estudantes e

de uma sociedade que há poucos tempos se tinha organizado, só para o fim de promover estes divertimentos.» — (P. L.)

**Dia 31** — José Martins da Costa, da casa e quinta de Aldão, faz doação de 300\$00 réis à Ordem Terceira de S. Domingos, para ajuda da continuação das obras do Hospital. — (P. L.)

## Agosto

**Dia 1** — Carta nomeando secretário da Administração do Concelho a Luiz António de Freitas. Tomou posse a 14 de Novembro.

\*

Carta confirmando a nomeação de Henrique José Pontes para contraste do ouro. Fôra feita em 1825 pela Câmara, sendo êle menor, mas autorizada superiormente.

**Dia 12 (Domingo)** — Fez-se a eleição para senadores e deputados em todos os círculos eleitorais do reino, desenvolvendo-se os partidos setembrista (mijados) e cartista (chamorros) a trabalhar para que os do seu partido saíssem eleitos. Em uma grande parte das assembleas d'este Julgado, venceu o partido cartista, e o partido setembrista só pôde vencer o círculo de Golães e o círculo da Colegiada por nêle votar quasi todo o batalhão do 18.

Em bastantes círculos do reino deram-se muitas desordens, especialmente no Pôrto. — (P. L.)

**Dia 25 (Domingo)** — «Reüniram-se na casa da Câmara desta vila os portadores das actas dos Círculos Eleitorais de Vila Nova de Famalicão, Póvoa de Lanhoso, Basto, Vieira, etc., que com o Círculo d'este Julgado faziam cabeça de Círculo Eleitoral para Senadores e Deputados. Depois da Mesa estar com os seus trabalhos de apuro dos votos e das actas, appareceu na Praça da Senhora da Oliveira um célebre ex-frade Graciano chamado Frei Domingos Pedreira, com uma clavina na mão e uma espada na outra, e entrando a dizer — leva a riba, morram os traidores — principiaram alguns soldados do n.º 18 (disfarçados em paisanos) a dar pancadas

naqueles que eram chamorros. Ao mesmo tempo que estes malvados espancavam desapidadamente cidadãos probos, subiram outros pela casa da câmara acima, onde espancando alguns portadores das actas, que compunham a mesa, lançaram mão da urna e mais papéis pertencentes à eleição, e fugiram com tudo para o terreiro da Misericórdia, aonde um célebre filho do Domingos José Soares (foi o que fugiu com a urna e papéis) pegou em um punhal, e depois de apunhalar as actas as reduziu a cinzas. Assim terminou este acto, que pelas leis devia ser respeitado, dando em resultado o terem ficado algumas pessoas feridas, tôdas do *Partido Chamorro*. Este plano foi obra do *Partido Mijado*, ao verificar que o *Partido Chamorro* tinha obtido maioria, e nêle entraram o general da província, o administrador do concelho, os officiais e soldados do batalhão n.º 18, etc. Em todo o tempo estiveram na Casa da Câmara e na Praça da Senhora da Oliveira muitos indivíduos de tôdas as classes pertencentes ao *Partido Chamorro*, resolvidos a repelir tôda e qualquer tentativa; porém sucumbiram porque viram que a força armada tomava o partido dos perturbadores. Na ocasião do barulho os perturbadores de-

ram alguns tiros. Os chamorros que foram encontrados com alguma arma para sua defesa foram presos pela tropa. Eis em resumo os acontecimentos dêste dia, que deixaram cheios de indignação a maior parte dos habitantes de Guimarães. Também se deram desordens em quasi tôdas as cabeças de Círculo do Reino, fomentadas pelos anarquistas mijados, de maneira que devendo o *Partido Chamorro* obter uma grande maioria nas eleições, appareceu o *Partido Mijado* com ela, tudo motivado pelas grandes desordens que em tôda a parte se verificaram.

O coronel do batalhão do 18, não entrou no plano de se roubarem as actas, antes mostrou a sua reprovação.— (P. L.)

**Dia 29** — O administrador do concelho, José Joaquim de Abreu Cardoso, recebeu um officio do administrador geral de Braga, pelo qual foi suspenso da autoridade de administrador, em consequência de ter apoiado os acontecimentos que tiveram lugar nesta vila no dia 26 dêste mês. Em razão do substituto Francisco Ribeiro da Costa dar a sua escusa por doente, passou a servir Manuel Joaquim Areias por ser o mais votado depois do administrador e do ex-substituto.— (P. L.)

JOÃO LOPES DE FARIA.



# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

*« E' pela Inteligência que desfraldamos a nossa bandeira. E desfraldando-a pela Inteligência, desfraldamo-la pela Ordem Nova, unidos como uma só pessoa contra a mentira plutocrática e contra a mentira revolucionária, — formas regressivas e parasitárias da bela actividade do homem que, sempre que confessa o Espírito e se socorre humildemente da sua virtude transfiguradora, encontra dentro de si possibilidades infinitas, recursos inexgotáveis — motivos permanentes de elevação e grandeza. »*

ANTÓNIO SARDINHA.

## COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

Causou viva satisfação em todo o país a nota do Snr. Presidente do Conselho para se comemorar, com o maior brilhantismo, o oitavo centenário da Independência Nacional e o terceiro da sua Restauração.

Foram constituídas as Comissões encarregadas da organização definitiva do programa dessas portuguesíssimas comemorações e dividiram-se já as opiniões àcerca do ano em que se deveriam realizar.

Na nota do Snr. Presidente do Conselho estabelecia-se o ano de 1939 para a comemoração da Independência e o de 1940 para o da Restauração. Ignoramos, ainda, se êste critério continua a ser mantido ou se se optou já pelas duas comemorações num mesmo ano.

Seja, porém, como fôr, êsses acontecimentos notáveis da nossa História não ficarão olvidados e a sua comemoração traduz o sentimento unânime de todos os portugueses.

Todos saberão, sem dúvida, cumprir o dever que lhes é imposto para a condigna comemoração dos dois grandiosos factos.

Um representa o esforço do primeiro Rei de Portugal e dos primeiros portugueses que, há oito séculos, fundaram a nossa Independência e conquistaram, para o pequenino condado, novas terras.

O outro comemora a Restauração e libertação do jugo de Castela e a fundação da Dinastia de Bragança, hoje representada pelo Snr. D. Duarte. Um e outro, porém, demonstram quanto Portugal deve à Monarquia e aos seus Reis, a todos aquêles caluniados monarcas que, através de oito séculos da mais bela de tôdas as histórias dos povos da Europa, mantiveram sempre íntegro o nosso querido e imorredoiro Portugal.

Não são, portanto, acontecimentos banais os que se vão comemorar, porque êles representam todo o orgulho da nossa Raça, tôda a esperança do nosso futuro e todo o valor da Dinastia.

Tornemo-ncs, pois, dignos dos nossos gloriosos antepassados, meditemos a lição magnífica dos nossos Reis, e chegaremos à completa conclusão do que é necessário fazer para que Portugal possa continuar a sua gloriosa Tradição que nos permitiu, a oito séculos de distância, manter a unidade nacional que tantos factores de desagregação, trazidos pelo liberalismo, não conseguiram nem conseguirão aniquilar.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

---

**D. Filomena Rosa de Oliveira**

**Valentino de Sá**

No dia 24 de Julho faleceu, nesta cidade, a Snr.<sup>a</sup> D. Filomena Rosa de Oliveira, espôsa do antigo industrial snr. Manuel Bernardo Alves e mãe amantíssima do nosso querido director snr. Manuel Alves de Oliveira.

Sentindo a grande dôr do nosso querido director, apresentamos-lhe, bem como a tôda a família enlutada, as nossas mais sentidas condolências.

Faleceu Valentino de Sá, nosso dedicado camarada. O seu esforço honesto, de nacionalista activo e valioso, fica testemunhado em numerosos empreendimentos editoriais, principalmente de difusão de trabalhos históricos que sempre lhe mereceram especial carinho.

Foi o editor do poema *Roubo de Europa*, de António Sardinha e de diversos outros trabalhos de carácter nacionalista.

Sentimos profundamente a morte de tam dedicado e valioso amigo.

---

## Uma poetisa faialense

Muito gostosamente vamos arquivar na nossa Revista alguns sonetos da distinta poetisa faialense, Sr.<sup>a</sup> D. Silvina Furtado de Sousa (Iracêma).

Figura de relêvo no meio intelectual dos Açôres, aqui lhe deixamos expresso o nosso agradecimento pela gentileza e honra que nos dispensou, dando-nos versos inéditos para enriquecerem as nossas páginas.

## “Ocidente”

Constituiu um acontecimento notável o aparecimento da Revista *Ocidente*, cujos primeiros números recebemos.

E' dirigida pelo nosso prezado camarada dr. Manuel Murias e tem como Redactor-gerente o sr. Alvaro Pinto.

*Ocidente* apresenta-se com excelente aspecto gráfico e óptimo e variado elenco de colaboradores dos mais representativos da mentalidade portuguesa.

Num meio sáfaro como o nosso, em que as boas iniciativas sobram, o aparecimento de *Ocidente* constitue um arrojado empreendi-

mento e revela a tenacidade e esforço de quem se abalançou à sua publicação.

Desejamos que êsse esforço frutifique e essa tenacidade não esmoreça, para que *Ocidente* continue a ser uma magnífica realidade.

## Fernando Campos

Este nosso prezado amigo e distinto colaborador que à causa do verdadeiro nacionalismo português tem dedicado o melhor do seu esforço valioso, vai publicar, em breve, uma segunda edição de *O principio da organização corporativa através da História*, com um prefácio do também nosso amigo e antigo colaborador sr. dr. Pedro Teotónio Pereira.

Fernando Campos, prepara, actualmente, um estudo crítico e biográfico sôbre a extraordinária figura de José Acúrcio das Neves e o terceiro volume da sua magnífica obra *O pensamento contra-revolucionário em Portugal no século XIX*.

Esperamos, também, que êste nosso dedicado amigo, volte em breve, a dar-nos a honra da sua colaboração, que, circunstâncias ocasionais, o forçaram a interromper.

### Dr. Afonso Lopes Vieira

A Câmara Municipal da Batalha foi, no dia 27 de Julho, prestar uma significativa homenagem a Afonso Lopes Vieira, artista lusíada, cuja obra é um hino às glórias de Portugal, à sua língua, às suas primeiras manifestações literárias, aos seus clássicos, à sua história, à sua arte, enfim, a tudo quanto é verdadeiro e essencialmente português.

*Gil Vicente* que tem pelo Dr. Afonso Lopes Vieira — nosso valioso camarada no bom combate — a estima que lhe é devida e a admiração mais profunda, associa-se à homenagem justíssima que lhe foi pres-

tada pela Câmara e pelo povo da Batalha.

### 2.<sup>a</sup> Missão Estética de Férias

Coube, desta vez, à cidade de Guimarães a honra de receber, dentro dos seus muros, os artistas que compõem a 2.<sup>a</sup> Missão Estética de Férias.

Não podia ter sido mais acertada a escolha feita, dado o carácter nacionalista e paisagístico da terra berço de Portugal, que encerra tantos e tam valiosos motivos de arqueologia e de história.

Esta missão é chefiada pelo professor e artista Dr. Aarão de Lacerda.





IBERO-AMERIKANISCHES ARCHIV. Berlin.

Tenho presentes os fasc. 2.º e 4.º do vol. XI (1937) e o 1.º do vol. XII (1938) desta bela revista que, com tóda a regularidade, vem sendo publicada há alguns anos já pelo Instituto Ibero-Americano de Berlin. Os números indicados contém variadíssima colaboração, entre a qual figuram os artigos seguintes e relacionados com assuntos portugueses: *Zwei kleine Proben aus den Dichtungen von Gil Vicente* (Dois pequenos extractos da poesia de G. V.), por G. Richert; *Die Vierhundertjahrfeier der Universitaet Coimbra* (O 4.º centenário da Universidade de C.), e *Dr. José de Figueiredo*, pelo mesmo autor, este último artigo dedicado à memória do ilustre crítico de arte morto o ano passado.

Contém também o fasc. 4.º do vol. XI um artigo do mesmo autor sobre *Brasilianische Kunst in Ibero-Amerikanischen Institut* (Arte brasileira no Instituto Ibero-Americano) e que interessa a portugueses e brasileiros.

O fasc. 2.º do vol. XI reproduz, em bela fotografia, a célebre Custódia de Belém, da autoria de Gil Vicente.

Este mesmo fascículo contém um estudo extenso e documentado do prof. Von Reinhard Maack, sobre *Die neuerschlossenen Siedlungsgebiete und Siedlungen im Staate Paraná* (A situação da população e colonização actual no Estado de Paraná), em que o autor se refere largamente a algumas cidades novas fundadas por alemães naquele estado brasileiro.

Na parte bibliográfica é feita a crítica a muitas obras portuguesas que ultimamente tem aparecido, e nas separatas bibliográficas faz-se menção de muitas outras que sobre Portugal e Colónias se têm publicado no estrangeiro, especialmente na Alemanha.

ANTÓNIO A. DÓRIA.



GRUPOS PRIMARIOS AUXILIARES DA ESCOLA, por A. H. Ribeiro da Cunha. Edição do Secretariado da J. E. C. Braga, 1937.

Lendo atentamente este livrinho, não podemos deixar de nos congratular com o esforço do seu A. e com a exposição clara do que se deve fazer para dar à Escola uma orientação nova e mais a carácter com a nossa tradição.

Dada a diversidade e vastidão do assunto, é evidente que o sr. Ribeiro da Cunha não pôde focar todos os pontos e tôdas as questões com grande desenvolvimento. No entanto a sua dissertação sôbre os *Grupos Primários* encerra indicações que não devem ser desperdiçadas e que contribuirão poderosamente para dar um novo rumo, acentuadamente católico, às nossas escolas.

De facto torna-se necessário orientar todos os recursos técnicos de moderna pedagogia num sentido mais largo de beneficiação na formação do carácter das crianças de Portugal. O A. expõe o que lhe parece mais conveniente, tomando por base as normas da fé e da moral católica que se pretendeu banir das escolas e que volta a renascer num novo apostolado de salutar renovação espiritual.



O INFANTE D. HENRIQUE, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional, Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1937.

A figura do Infante não se pode separar da nossa epopeia ultramarina. E' que, de facto, o Infante D. Henrique foi o organizador paciente dessa epopeia, a ponto de lhe consagrar tôda a sua vida e dedicação.

Continuando a sua salutar e portuguesíssima tarefa, Mário Gonçalves Viana não podia esquecer a figura grandiosa do solitário de Sagres. E que não a esqueceu demonstra-o êste oitavo volume das *Figuras Nacionais*, dedicado ao Infante e elaborado com aquêlê escrúpulo já revelado nos trabalhos anteriores. Abre êste volume com o costumado *Escôrço Biográfico* onde se foca o Infante D. Henrique, na sua grandeza e nos seus feitos. Nos capítulos seguintes dá-nos uma síntese de *O Mundo Antigo* com os seus principais geógrafos, descreve-nos os horrores do *Mar Tenebroso* e demonstra a *Prioridade dos descobrimentos portugueses*. Depois leva-nos nas *Armadas do Infante* às descobertas de ignoradas terras ciosamente guardadas pelo Atlântico e termina com um valioso estudo acêrca da influência do Infante na poesia e na literatura.

Estes trabalhos sôbre a vida e os feitos dos portugueses ilustres deleitam espiritualmente os que procuram conhecer a História gloriosa da nossa gloriosa Pátria.



O ESPÍRITO PORTUQUÊS NA FILOSOFIA E OUTROS TEMAS, por *Jorge da Costa Antunes*. Sociedade Tipográfica Primorosa, L.<sup>da</sup>, Rua do «Diário de Notícias», 132 — Lisboa, 1937.

O A., espírito moço, cheio de qualidades para triunfar, fêz, do seu peregrinar pelos caminhos ásperos e traiçoeiros da filosofia, uma síntese magnífica, com método e clareza expositiva.

Analisa a influência da «lógica aristotélica» em Pedro Hispano e a da escola de Leão Hebreu e dos seus «Dialoghi di amore», para revelar quanto o espírito português valorizou, mesmo no campo da filosofia, o património nacional.

Vê em Gomes Pereira, — que supõe ser português, — um predecessor de Descartes,

Embora haja quem duvide da originalidade de Descartes nos domínios da matemática e da filosofia, não se lhe pode negar poderosa influência entre os pensadores portugueses como o confirmou, recentemente, a comemoração, entre nós, do tricentenário da publicação do *Discurso do Método*.

O Padre Teodoro de Almeida, mestre e filósofo português do séc. XVIII, e autor da «Recreação filosófica» merece-lhe, justamente, um capítulo especial. A sua obra, quasi desconhecida, bem precisa de ser lembrada. Perseguido por Pombal, o Padre Teodoro vai exercer, em Baiona, o cargo de professor e quando, depois da morte de D. José, regressa a Portugal é-lhe confiado o discurso inaugural da Academia.

*O Espírito Português na Filosofia* foi escrito com critério, e a forma literária possui o dote raro de ser acessível e clara, o que poucas vezes acontece em trabalhos deste género-



RUA SEM SOL, por Artur Tojal. Pôrto, 1937.

Os versos de Artur Tojal não são, positivamente, uma *Rua sem sol*, pois o sol alteia-se e clareia os seus sonetos, dando-lhes uma nota sábia e colorida, cheia de ritmo e de frescor.

E' certo que num ou noutro soneto se manifesta certa melancolia, como núbem leve a ensombrar o sol claro da inspiração. Mas, por exemplo, *Tela rústica* tem naturalidade e mostra que Artur Tojal pode, se quiser, melhorar um pouco a sua poesia e dar-lhe uma outra feição mais optimista e mais atraente.



AS DIABRURAS DE SOFIA, pela *Condessa de Segur*. Editora Educação Nacional, Rua do Almada, 125 — Pôrto, s/d.

Sofia, a endiabrada menina. é um exemplo às meninas endiabradas, que são tormento de todos e arrelia dos pais.

De diabrura em diabrura, Sofia vai conhecendo as suas maldades e os seus defeitos e, corrigindo-se, dia a dia, tornou-se uma menina ponderada e encantadora.

Devem os pais dar êste livro a ler a seus filhos, porque nêle se mostra, em português lídimo, as belezas da virtude. Boa tradução de D. Aldina Anahory Mesquita.



MEMÓRIAS DE UM BURRO, pela *Condessa de Segur*. Editora Educação Nacional, Rua do Almada, 125 — Pôrto, s/d.

São encantadores os livros que a Condessa de Segur escreveu para as crianças.

Nada perdem os adultos, também, em os lerem, porque nêles aprenderão ainda a corrigir muitos dos seus defeitos.

Na história deste «burro filósofo» há muito de instrutivo, e a narrativa, cheia de-

imaginação e de beleza, atrai e desperta curiosidade. A tradução, feita por José Sarmiento, < é portuguesa e a edição é mais um benefício que a Editora Educação Nacional presta à mocidade.



AS MENINAS EXEMPLARES, pela *Condessa de Segur*. Editora Educação Nacional, Rua do Almada, 125 — Pôrto, s/d.

Mais outra boa novela da Condessa de Segur. Nela nos retrata, em traços de singela e atraente beleza, a candura inocente de quatro corações infantis. *As Meninas Exemplares* — diz a Condessa de Segur, — « existem ». E de facto, quem ler esta novela, verificará que ela foi extraída da vida real e que há muitas Camilas e Madalenas que nos podem dar modêlos iguais aos observados pela genial escritora.

Esta novela, é, especialmente, destinada às meninas e a narrativa é cheia de naturalidade e leveza. Boa tradução de M. Camilo Santos.



METODOLOGIA DA LEITURA E DA ESCRITA, por *Frederico Doreste*. Editora Educação Nacional — Pôrto, 1938.

Os progressos das ciências pedagógicas trouxeram consigo aperfeiçoados métodos de ensino.

Das novas teorias educativas, nasceu o método globalístico que está a ser adoptado com os melhores resultados.

*Metodologia da leitura e da escrita* destina-se a auxiliar os professores na aplicação dos novos métodos, de maneira a conseguir-se o maior rendimento possível, para o que também se torna necessário um mais profundo conhecimento da psicologia infantil.

Esses elementos encontram-se reunidos neste trabalho de Doreste que muito recomendamos a todos os professores, pois nêle se revela o critério elevado e a inteligência construtora do seu Autor em matéria pedagógica.

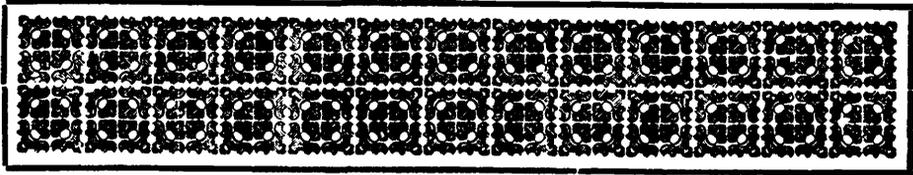


ANÁLISE AO « PENSAMENTO » DUM ZOILO, por *Hugo Rocha*. Edição da S. P. I. P., 1937.

Hugo Rocha, tendo discordado da maneira como o Snr. Sérgio Augusto Vieira criticou *O problema dos fantasmas*, publicou esta « Análise » que vem estabelecer polémica à volta do referido trabalho.

Hugo Rocha é autor de diversos livros e tem-se revelado um escritor de mérito. Não conhecemos, porém, *O problema dos fantasmas* e, por êste motivo, não temos elementos que nos habilitem a verificar de que lado está a razão.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# O Senhor D. Duarte de Bragança

## Príncipe português exilado em Seebenstein

por ARMANDO DE AGUIAR

*Armando de Aguiar, jornalista distinto, foi, como representante da Imprensa brasileira, ao X Congresso dos Sokols, realizado na Checoslováquia. No seu regresso passou por Seebenstein, onde foi recebido pelo Senhor D. Duarte, Duque de Bragança, e conseguiu «uma página de reportagem, uma reportagem bem portuguesa», que publicou no Diário de Notícias, de 25 de Agosto, ilustrada com interessantes gravuras. É essa reportagem que vamos arquivar nesta Revista, felicitando Armando de Aguiar pelo êxito obtido.*

SEEBENSTEIN é uma pequena aldeia aristocrática em plena Baixa Áustria. Para se chegar a êsse santuário de beleza e arte, onde, à beira de um riacho que corre entre salgueiros, há um Cristo que ouve, em silêncio, os queixumes dos que sofrem, é necessário percorrer 67 quilômetros em caminho de ferro desde a capital do extinto império austro-húngaro. Primeiro, através de uma região pitoresca entre campos de sementeira, vinhas verdejantes que nos lembram, com saudade, as regiões vinícolas de Portugal, e burgos onde se adivinha todo o encanto de um país que mantém, bem vincada, uma personalidade inconfundível. Antes de se chegar a Seebenstein duas cidades tentam os sentidos do viajante e têm lugar de relêvo nos guias de turismo da Grande Alemanha. Uma, é Baden, antigo oásis da côrte imperial em pleno verão, a dois passos de Mayerling, onde se desenrolou um dos maiores dramas de amor do

último quartel do século passado. A outra, é Neustadt, cruzamento de estradas e linhas férreas com a Hungria.

Enquanto o combóio corre veloz pela planície, o cenário vai sofrendo, como nas vélhas mágicas, mutações que servem para amenizar as duas horas de viagem.

À direita, e ao fundo, ergue-se uma cordilheira de serras, já fronteira com o país dos magiares... Outras, menos altaneiras, recobertas de florestas e pintalgadas pelas côres dos chalés de caça dos antigos aristocratas austríacos, correm de lado oposto. E no vale, a perder de vista, campos de cevada e centeio, de trigo e milho. Pão e trabalho. Paz e abundância...

Da janela do combóio, num cotovelo da linha, avista-se no cume de um monte a surgir de um tufo de verdura, um verdadeiro ninho de águias, um pequeno castelo medieval, com os seus torreões, a sua barbacã, a sua tórre de menagem. E em baixo, perdidas no meio de uma vegetação exuberante, algumas dezenas de vivendas, entre as quais, simples e branca com o seu campanário a tanger mátinhas, uma pequena igreja. É Seebenstein, o *week-end* dos nobres da extinta côrte de Francisco José, onde nasceu e vive o Príncipe D. Duarte Nuno de Bragança.

O parque de Seebenstein, com o seu castelo apalaçado, antigo pavilhão de caça dos príncipes de Liechtenstein, fica ao fim de uma rua que nasce na estação, cujas montras são grandes cervejarias onde austríacos-nazis trauteiam, alegremente, canções alemãs.

O portão escancaradamente aberto convida-nos a entrar, oferece-nos a hospitalidade dos seus habitantes. E mal damos os primeiros passos pela alameda central surge-nos o lar do neto de D. Miguel I e esta nota impressionante a marcar a presença do espírito português dentro daquelas quatro paredes: em um nicho a Virgem em azulejo com a coroa dos reis de Portugal...

Depois, desde o *hall* onde avultam trofeus de caça, até ao gabinete do jovem Príncipe, respira-se bem o ambiente português. Julgamo-nos por momentos, em um vélho solar da terra lusitana, de uma família brasonada e ennobrecida por altos serviços prestados à Pátria. É um pedacinho de Portugal naquele canto da Baixa Áustria...

Detemo-nos ainda um minuto admirando um busto de Francisco José... Pousam os nossos olhos num Santo António que embeleza um recanto do salão... e a porta abre-se. Na nossa frente está o Senhor D. Duarte de Bragança, em quem se reconhece prontamente, nos traços do seu rosto, no azul claro dos seus olhos e no loiro dos seus cabelos,

a imagem viva dos príncipes da Casa de Bragança que sucederam ao Rei-Soldado no trono de Portugal. E ainda que parentes afastados, nota-se uma profunda semelhança entre D. Duarte e D. Manuel II, prematuramente desaparecido há seis anos.

O acolhimento que o neto de D. Miguel faz sempre a qualquer português que o visita no seu exílio forçado em Seebenstein, é afável, despedido de protocolo, de cerimónias palacianas. A sua mão estende-se lealmente, sem hesitações... O seu sorriso é franco, e, quando diz: «tenho muito prazer em o conhecer e o receber», sente-se na firmeza da frase, que ela é pronunciada com o coração aberto e a alma a sorrir de contentamento. Porque Seebenstein fica tam longe, que as visitas escasseiam. E as novas de Portugal que lá chegam, são sempre àvidamente recolhidas dos lábios do viajante...

O ambiente do elegante castelo é o que ainda hoje se encontra nos lares de muitas famílias portuguesas, para quem o espírito do século XX não traduz abastardamento das virtudes morais, timbre dos lares lusitanos. D. Duarte Nuno Fernando — três nomes que simbolizam três grandes portugueses, o irmão mais vélho da Ínclita Geração; o heróico consolidador da nacionalidade em Aljubarrota e o Rei D. Fernando, autor da notabilíssima lei das Sesmarias e criador e impulsionador da gloriosa marinha portuguesa — não deixa por isso de ser um homem do século XX, acompanhando, sem cansaço mas também sem arrebatamentos muito próprios do génio impulsivo dos portugueses, tôdas as maravilhosas conquistas e descobertas do momento em que vivemos.

A presença de um jornalista português em Seebenstein, levado pelo sr. visconde de Torrão, camarista do jovem Príncipe, serviu de pretexto para que durante dois dias se falasse ainda mais de Portugal e das cousas portuguesas. Só quando as circunstâncias de todo o forçavam, é que naquele lar tam profundamente lusitano, outra língua vinha quebrar a harmonia do verbo em que Camões cantou as grandezas da Pátria.

— Não havia nuvens no céu de Portugal quando partiu de Lisboa, não é verdade? Lá a Primavera é eterna...

Esta pergunta fá-la D. Duarte à beira da janela, interrogando o céu nebuloso.

Junto de nós, tomando parte na conversa, há duas senhoras que acompanham o Príncipe de Bragança. Sua irmã, a sr.<sup>a</sup> Infanta D. Felipa, figura bem vincada de portuguesa, e a sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Castelo de Sousa Prego, que há 28 anos tomou a responsabilidade de amparar nos primeiros estudos e educar no sentimento português o filho dilecto

de D. Miguel II. Como hóspede albergava naquele momento Seebenstein um outro português: o irmão mais novo do sr. conde de Nova Goa, também de nome Duarte. E na véspera da minha chegada, outro português havia ali estado a cumprimentar o Senhor D. Duarte Nuno de Bragança: o sr. dr. Emílio Infante da Câmara.

Percebia-se a íntima satisfação daquela família em receber, ainda que fugazmente, estas visitas.

Os olhos do jornalista, curiosos e bisbilhoteiros, vagueiam pela sala. E vão pousar num canto onde avulta em corpo inteiro, na sua farda rutilante de general, o retrato do avô. Perto, em cima de um piano de cauda, passatempo da sr.<sup>a</sup> Infanta D. Felipa quando acompanha seu irmão, exímio violinista, destaca-se também o retrato do pai e um pequeno busto do bisavô, D. João VI, a cujas qualidades de grande rei os historiadores brasileiros começam a prestar justiça. Esta galeria de antepassados é, a todo o momento, motivo de culto naquela casa onde batem corações portugueses.

O criado, o único que há no castelo, encadinhado na sua libré verde com botões de prata, entra com o café. O jornalista é o primeiro a ser servido com esta frase tranqüilizadora e amável:

— É puro de S. Tomé, resto de um presente que nos fizeram há tempo.

E logo a Infanta D. Felipa num português simples e claro:

— Têm para nós outro gôsto as cousas vindas de Portugal. Êste café, por exemplo, tem sido saboreado, nem o senhor sabe, com quanto prazer. O mesmo sucede ao vinho do Pôrto, vinho vélho, que amigos fiéis nos ofereceram. E hoje, como sempre, o meu maior desejo seria visitar Portugal!

Há uma nuvem que ensombreia o sol e traz, até nós, uma nota de tristeza. Faz-se um breve silêncio, tam profundo que se ouve na sala do lado o tic-tac dos minutos num vélho relógio holandês.

Em cima duma mesa, ao nosso lado, há dois livros que nos ferem a vista. *Portugal*, do conde Gonzague du Reynold, e *The Portugal of Salazar*, do escritor inglês Michael Derrick.

\*

Para trazer até ali as figuras máximas de Portugal de hoje, sem pretender ferir a susceptibilidade do Senhor D. Duarte de Bragança, faço um rodeio e conduzo o Brasil ao tablado da nossa conversa. Estabeleço

assim uma ponte gigantesca entre Seebenstein e o Rio de Janeiro, com passagem por Lisboa.

— Estive no ano passado no Brasil e lá ouvi falar duma possível visita de V. A., como simples turista. Que há de verdade?

A sua resposta, como tôdas as outras que nos deu, é pausada. Surpreendemo-nos, assim, a cada instante, perante a gravidade das suas frases. O seu perfil, a sua máscara e a sua idade estão um pouco em contradição com a sua maneira de pensar e agir. Quando julgamos ter na nossa frente um homem de 30 anos, bem disposto, conversador, alegre e prazenteiro, aparece-nos o homem de gabinete, de rosto sereno, um pouco frio, comedido nas palavras e avaro nos gestos. Pensando e actuando sem arrebatamentos, mas moderadamente, como convém a um homem sôbre cujos ombros pesa hoje uma herança de alguns séculos de história.

— Será para mim um dia feliz quando pisar a terra do Brasil, porque julgarei estar em Portugal. Prestarei, nessa ocasião, a minha mais sincera homenagem ao esforço daqueles que descobriram e colonizaram êsse vasto império e ao povo que, fiel intérprete das qualidades da raça portuguesa, mantém íntegras as suas virtudes.

E o Senhor D. Duarte de Bragança, dando uma maior inflexão ás suas palavras:

— Todos nós que vivemos com os olhos postos nas páginas heróicas da História de Portugal, sentimos a pujança do Brasil e orgulhamo-nos, como construtores dessa nacionalidade, do seu ascendente progresso. Depois, como elo permanente a unir ainda mais as duas pátrias que falam a língua de Camões, lá temos a colónia, constituída, na sua totalidade, por valores positivos, à qual eu voto uma profunda e sincera admiração.

E o jornalista, aproveitando a deixa...

— A colónia portuguesa do Brasil, com a qual convivi, pela terceira vez, durante cêrca de um ano, é, como V. A. muito bem disse, digna da nossa admiração. Há dois anos que êsses portugueses vivem horas de intensa vibração patriótica com o ressurgimento de Portugal...

Imediatamente o neto de D. Miguel corta-me a palavra com esta frase, que lhe sai espontânea e rápida dos seus lábios:

— Não só os portugueses do Brasil, mas também os portugueses espalhados pelo resto do Mundo. E eu sinto-me orgulhoso de ser um deles.

— Quando estive no Rio de Janeiro ofereci os retratos dos Srs. Ge-

neral Carmona e Dr. Oliveira Salazar a várias instituições lusitanas. Nesse sentido officiei também à Liga Tradicionalista Portuguesa...

E novamente o Senhor D. Duarte de Bragança, quebrando a sua habitual reserva:

— ... Que aceitou, não é verdade?

— Sim, Alteza.

E fêz muito bem. Cumpriu com o seu dever de prestar justiça a dois grandes portugueses.

— Quere isto dizer que para o Senhor D. Duarte não são desconhecidas as personalidades do actual Chefe do Estado e do Sr. Presidente do Conselho...

— Como quere que as desconheça se acompanho com interêsse tudo quanto se passa em Portugal! Se a Imprensa estrangeira constantemente aponta o exemplo de Portugal e se eu próprio tenho uma pequena biblioteca constituída por diversas obras sôbre a figura do Sr. Dr. Salazar!

O Senhor D. Duarte de Bragança ergue-se e vai buscar, para que o jornalista o verifique com os seus próprios olhos, alguns exemplares da já vasta biblioteca sôbre o Sr. Presidente do Conselho. Entre êstes livros lá estavam também os dois volumes dos *Discursos*.

— Neste momento — prossegue o exilado de Seebenstein — sigo com a maior atenção a viagem do Sr. General Carmona a terras de África. Na minha qualidade de português não posso deixar de aplaudir essa peregrinação do mais alto alcance nacionalista a-pesar-do enorme sacrificio que, sem dúvida, resulta para a saúde do Sr. General Carmona. As colónias são para nós uma questão vital. Por elas devemos trabalhar, seguindo o belo exemplo de quem no-las legou. Porque sem elas, Portugal pouca projecção terá no mapa do Mundo. Será mais uma, entre tantas das pequenas nações em que ninguém repara.

Ao nosso lado, uma voz esclarece:

— O Senhor D. Duarte de Bragança é um verdadeiro apaixonado pelo problema colonial. Passa horas e horas estudando-o e investigando tudo quanto diga respeito ao Império Português.

Se a bibliografia sôbre o Sr. Presidente do Conselho, que enriquece a sua bela estante, é apreciável, a que trata de assuntos coloniais pode afirmar-se, sem exagêro, que é rica. Avultam as obras dos melhores autores portugueses e muitas das que na Inglaterra, França, Alemanha e Bélgica têm sido publicadas abordando o momentoso problema da colonização em África.

— Quando, por vezes, malèvolamente, a Imprensa estrangeira se

refere a uma possível partilha das colónias portuguesas para satisfazer apetites inconfessáveis, tem V. A. receio de que isso venha a suceder?

A sua resposta foi a resposta que eu esperava, porque é a única que pode sair da bôca de um português. E veio rápida e enérgica. Como uma bala.

— Não! Não, porque confio, acima de tudo, no patriotismo dos homens que governam Portugal! Não, porque presto justiça ao sentimento patriótico dos portugueses do continente e dos que vivem nas terras do ultramar. E não, ainda, porque mesmo pela fôrça das armas isso seria a maior injustiça que se poderia fazer a um País pioneiro da Civilização.

Depois duma pausa que o Senhor D. Duarte aproveita para me apresentar um vinho véelho do Pôrto:

— É por isso que aplaudo a viagem do Sr. General Carmona a S. Tomé e Angola e espero que o efeito por ela produzido no estrangeiro ponha, de vez, ponto final nessas maquinações.

\*

A simplicidade do Senhor D. Duarte de Bragança tem o condão de colocar à vontade os que dele se acercam. Havia quasi duas horas que tinha chegado a Seebenstein e a minha curiosidade ainda não estava satisfeita. Novamente o sol rompera as nuvens e banhava de luz todo o castelo. A minha máquina fotográfica lembrou ao jovem Príncipe português a necessidade de eu registar a minha passagem por Seebenstein com um documento que não oferecesse dúvidas a ninguém. Descemos. No *hall*, junto de uma serpente gigantesca embalsamada, oferta do conde de Bardi, está uma bicicleta. S. A. R. o Senhor D. Duarte surpreende o meu olhar e diz-me sorrindo:

— É o meu único meio de transporte...

— Julgava que V. A. tinha automóvel.

— Um automóvel é bom mas custa muito dinheiro... Porém, eu sei guiar.

E sorri novamente envergonhado da sua modéstia de que não tem culpa.

— Haviam-me informado que o Senhor D. Duarte é um aviador audacioso...

O mesmo leve sorriso e esta confissão:

— Enganaram-no na melhor boa fé. Certa vez, na Inglaterra, come-

cei a cursar uma escola de aviação. Quando já voava sem auxílio do instrutor, fui forçado a desistir, porque havia sido aumentado o preço das horas de vôo para duas libras e meia o que era demasiado para as minhas posses...

A simplicidade da vida do Senhor D. Duarte não é segrêdo para ninguém.

Estamos em pleno parque onde o Duque de Bragança, formado em agronomia pela Universidade de Toulouse, emprega a sua actividade com os cuidados de um proprietário rústico. Faias e abetos projectam, em todos os sentidos, sombras gigantescas onde se acolhem, pastando, vacas leiteiras. Perto corre um regato. No alto, sentinela adormecida, o véelho castelo dos Príncipes de Liechtenstein.

— E Portugal, Alteza ?

A pergunta, feita quási de chofre, foi arrancar o Senhor D. Duarte de Bragança a algum sonho. Os seus olhos muito azues fitaram-me longamente. Portugal, pelo que eu vi, é o seu pensamento dominante, de todos os dias, de tôdas as horas, de todos os minutos. A sua casa é, a-pesar-de ficar na Baixa Áustria, a muitos quilómetros de Portugal, um pedacinho desta faixa da Europa à beira mar plantada. Ao pronunciar a palavra *Portugal* o Senhor D. Duarte de Bragança devia ter sentido a mesma sensação que o viajante axausto, ao encontrar uma estalagem, cujas portas não se lhe abrem e tem de dormir na berma da estrada... Portugal pronunciado naquele momento, por quem havia chegado de Portugal e que dentro de dias voltará a Portugal sem o menor incómodo, foi como se a um sentenciado à morte se falasse em liberdade...

— Portugal! Só lá estive uma vez... Um sonho que durou cinco dias. Já lá vão nove anos, e, no entanto, parece-me que foi ontem. Que saúdades! Como eu gostei dessa aventura!

E, depois duma pausa:

— Tenho tanto nos olhos a imagem da Pátria, que ao transpor a fronteira pareceu-me já conhecer os campos, as estradas e as aldeias... Na Covilhã estive em contacto, durante algumas horas, com o povo, que me auxiliou a reparar o automóvel no qual eu seguia, sem pensar que estava prestando um serviço a um homem exilado de Portugal por erros que não cometeu.

— Por onde andou Vossa Alteza ?

— Foi uma peregrinação, um roteiro de saúde e de fé. Viseu, Mangualde e Tondela. Depois, Luso e Buçaco e logo a seguir Coimbra, Pombal, Leiria, Batalha e Aljubarrota, onde evoquei a consolidação da

independência firmada em 1385. Alcobaça e Fátima, onde orei à Virgem. Novamente a caminho da fronteira, passei por Caldas da Rainha, Tôrres Novas, Abrantes, Crato e Estremôz. Em Vila Viçosa contemplei com os olhos turvos de lágrimas o solar ducal de onde saiu D. João IV, o fundador da dinastia de Bragança. A 5 de Novembro de 1929 abandonava com saúde a Pátria e regressava ao exílio.

— E agora, o que tenciona fazer Vossa Alteza?

— O mesmo que até aqui. Estudar e aprender. Nestes últimos seis meses estive afastado de Seebenstein percorrendo a Europa. Foi no decorrer desta viagem que me encontrei em Nápoles com a minha prima a Senhora D. Amélia.

Subimos agora até ao alto da montanha onde ergue para o céu os seus torreões o vetusto castelo dos Príncipes de Liechtenstein. O Senhor D. Duarte de Bragança, amavelmente, serve-nos de cicerone e vai evocando as lendas e as histórias que se contam daquela fortaleza onde se travaram batalhas e a terra ficou empapada em sangue. Numa das salas onde se destacam em parada de beleza os retratos das princesas estrangeiras que foram imperatrizes ou senhoras de Liechtenstein, sobressai uma de rara formosura. A legenda fere-nos a vista: D. Isabel de Portugal.

E o Senhor D. Duarte adivinhando a nossa curiosidade:

— Tenho razões para supor que é a Infanta D. Isabel filha de El-Rei D. Manuel e de sua segunda mulher D. Maria de Castela, que veio a ser imperatriz da Alemanha pelo seu casamento em 1526, em Sevilha, com o Imperador Carlos V.

Vai tombando a noite. Descemos ao lar do Príncipe português. O jornalista tem um lugar à mesa. Antes de nos sentarmos, tôda a família reza. A refeição é sóbria, regada com vinho português. Conversa-se animadamente. Fala-se mais uma vez da viagem do Sr. General Carmona às Colónias e do seu efeito internacional. O Senhor D. Duarte de Bragança tem também expressões da mais viva simpatia e admiração para a figura de Sua Eminência o Cardeal Cerejeira. A «Legião» e a «Mocidade» são evocadas como duas grandes organizações patrióticas, que o Príncipe português sinceramente admira. A irmã do exilado de Seebenstein toma, constantemente, parte na conversa, mostrando-se perfeitamente identificada com tantos problemas que o irmão estuda. Por fim, fala-se na *Anchluss*. E o Senhor D. Duarte tem logo esta frase, que para o jornalista é enigmática:

— Devo à *Anchluss* um grande bem...

— Não compreendo, Alteza.

E o Senhor D. Duarte de Bragança pausadamente, com a mesma máscara serena que tanto me impressionou:

— Quando se deu a *Anchluss* a nossa situação na Áustria desenhou-se difícil. Desde a proclamação da República austríaca que a nossa residência havia perdido o direito da extra-territorialidade concedido pelo Imperador Francisco José a meu Pai e seus descendentes. Os governos austríacos consideraram-nos sempre portugueses e como tal nos concediam os passaportes. Com a *Anchluss* tudo caducou. Amigos nossos puseram o govêrno de Lisboa ao facto da nossa situação e o govêrno, prontamente, nos concedeu aquilo que tanto desejávamos, passaportes portugueses.

E logo a Infanta D. Felipa, alegre como uma imagem de Epinal...

— Foi tão grande o nosso contentamento que é indiscritível a nossa alegria e íntima satisfação. Realizou-se um grande sonho da nossa vida. As nossas Tias, irmãs de meu Pai, compartilharam do nosso júbilo e sentiram, como nós, sincera alegria. Assim, a grã-duquesa Maria Ana de Luxemburgo chorou ao abraçar-nos profundamente emocionada por termos alcançado uma prerogativa que ela, e suas Augustas irmãs, sempre desejaram.

D. Duarte de Bragança, com o olhar brilhante, no mais puro português, disse-me ainda, com um sorriso de satisfação a bailar-lhe nos lábios:

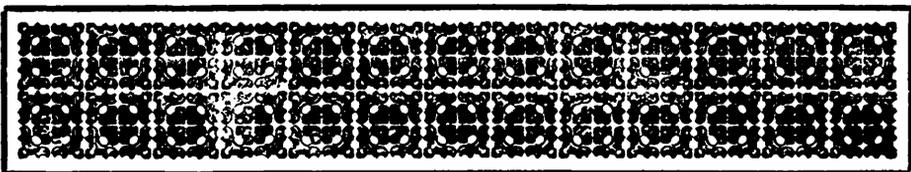
— Foi um momento de profunda alegria quando recebi o passaporte.

E, abrindo a carteira, mostrou-me êsse documento passado pelo consulado de Genebra.

Anoitecia. Viena chamava-me. Parti.

Julho de 1938.





# FICÇÕES

*Que lindo sonho fiz! o que eu sonhei!  
Tive-a na mão e foi minha, só minha,  
A casita minúscula, branquinha,  
Voltada ao mar que eu sempre tanto amei.*

*De madrugada, ao tempo em que acordei,  
Com a névoa esvaiu-se, linha a linha,  
A miragem da casa maneirinha  
Que em fugitivas horas só logrei...*

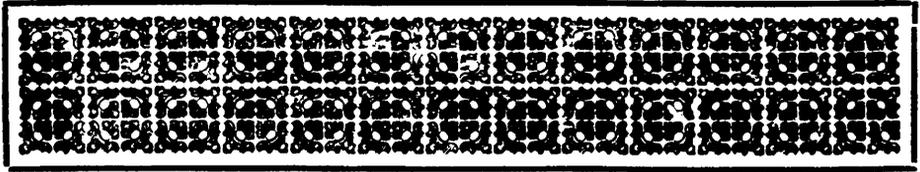
*Quantas vezes sonhamos acordados!  
Mil projectos ridentes esboçados  
Num céu divino, em nosso peito aberto!*

*Mas breve o sopro ardente dum deserto  
Desfaz em cinza o que julgamos certo...  
Crenças, esp'ranças, sonhos calcinados...*

Inédito.

SILVINA FURTADO DE SOUSA

(Iracêma).



## COUSAS DA MADEIRA

# Lendas de outrora, e de sempre...

por FERNANDO DE AGUIAR

A uma encantadora e romântica Mulher — criança que julguei conhecer de há muito, mas desconheço de há pouco.

Era afinal Mulher!...

NADA sentimos de mais grato do que dizer da Ilha da Madeira, pé-tala de rosa que, depois de acaloradíssima discussão entre todos os deuses do Celestial Concílio, — todos, desde Júpiter a Neptuno, de Baccho que para lá transplantaria o mais famoso dos vinhos, o vinho dos Czares das Rússias (1), até ao irascível Termino que pela vez primeira anuiu na edificação dêste motivo de adoração, — teria sido arremes-sada sôbre os mares sem fim, para dêste modo honrar-se o Mundo...

E, dizer mais de seu povinho, crédula e ingénua gente, que, por habitar em terras de Portugal, vive horas de sonho e de magia, nesse presépio atlântico onde, de mistura com as mais escolhidas flores das cinco partilhas da Terra, deparamos e concentramos a atenção sôbre a maravilha das maravilhas da madre natura.

E sendo assim, não serão estas mesmas terras do Portugal de Além-Mar, terras que uma perene carícia das ondas embaça os sentidos aos menos susceptíveis a paixões, — não serão, diziamos, essas mesmas terras uma lenda, a lenda de uma amante enamorada, ou a lenda de um rei encantado?!...

---

(1) Nos bons tempos do Império, ia anualmente, à Madeira, um barco russo carregar vinho para as adegas do Czar.

### Lenda do Machim:

Zargo, Tristão Vaz e restante companhia, todos da nobilíssima Casa do Senhor Infante, nados ou criados em terras algarvias, haviam de maravilhar-se, em aquela límpida manhã de um dos primeiros dias de Julho de aquêl venturoso ano da graça de 419, reinando em Portugal o Senhor Rei D. João I de Boa Memória, ante o espectáculo único de essa região que, por seus montes, lhes traria à memória as serras de Monchique, e, atinando mais cuidadosamente para essa soberba baía natural em forma de bôca de caranguejo, protegida de todos os ventos (excepto de leste-sueste, que lhe vem fronteiro), por encostas das mais belas com que até então seus olhares se teriam deliciado, e elevados por tantas surprêsas, ainda mais encantados ficariam perante a rudeza da vegetação, onde, acompanhando o hino altissonante e melodioso do doce gorgeio das avezinhas, lá estava, correndo pela linha mais profunda de seus vales e num morrer difuso de águas que no mar se perdiam, a caudalosa ribeira.

Chamar-lhe-iam, com olhos lacriminosos, mãos ao alto, num arrebatamento de alma, **Monchique** — e como poderia ser de outro modo, se espriavam seus olhares pelos saúdosos montes do seu Monchique! — para, dentro de pouco e por assimilação, passar ao MACHICO de nossos dias . . .

E, desembarcando logo, como era no costume dos bons portugueses de antanho, assistiram à missa de acção de graças, celebrada no próprio local onde, mais tarde, se construiria em terras de Além, a primeira Capela de Cristo, pertencente à ordem respectiva.

Pois à origem do verdadeiro nome desta pitoresca e bem pitoresca vila — terrinha tam portuguesa, quer nos cenários com que Deus a fadou, quer nos usos e costumes que, de seus avós, seus naturais herdaram — anda ligada a mais linda das lendas de amor que conhecemos.

Narra-la-emos, o mais perfuntòriamente possível, como vivia na imaginativa dos povos há bons 100 anos, e, para isso, nos serviremos, lá de vez em quando, do magnífico manuscrito de Henrique Henriques de Noronha, depositado na B. M. Funchal, e reputado como indispensável à história islena (1).

---

(1) Não queremos todavia dizer que seguiremos inteiramente a narrativa de Noronha. Pelo contrário só em mui poucas passagens nos arrimaremos às suas Memórias: no geral, caminharemos pela tradição.

---

Na côrte do cavalheiresco instituïdor da Ordem da Jarreteira, Sua Majestade Britânica Eduardo III, residia, em Londres, um certo Roberto Machim, official em qualquer mister, homem esbelto e bondoso a quem a Providência, para sua e alheia desdita, negou no nascimento aquilo com que o singularizou nos merecimentos. Na côrte nascera e vivia, em companhia de seus fidalgos progenitores, gentilíssima donzela, cujo nome era Ana de Harfet: esta só na nobreza do sangue o excedia.

Em dia de função pública por algum facto importante na vida nostálgica da côrte — quem sabe? talvez mesmo pela conquista da Escócia, onde Roberto fôra nascido! — conheceram-se, e... ali mesmo deram a amar-se até ao desvário.

Mas como está na sabedoria dos povos que muito padece quem é enfêrmo do amor, imediatamente viram sua tranqüilidade perturbada por inúmeros dissabores, pois, conhecedores os parentes de Ana de aquela criminosa e profunda afeição, fizeram parte ao Rei para, antes que o amor unindo a desigualdade dos extremos maculasse o sangue puro de Ana com o plebeu e impuro sangue de Roberto, com seu régio assentimento lhe proporem casamento igual na cidade de Bristol.

Mas, como nem sempre é madraستا do amor a ausência, a Ana aumenta-lhe a paixão por Machim, e a êste espicaça-o o ódio pela humilhação sofrida.

Calados, dão mostras de esquecimento mas, só pensam no dia da desforra. E assim, ajustam passarem-se à França, que, com a Inglaterra, traz a guerra dos Cem Anos, pois ali fácil lhes seria o matrimónio.

Conhecedores da injúria, querem os parentes e amigos de Machim, acompanhá-lo na vingança.

Passam-se a Bristol, e, em dia de folguedos, no qual, as gentes expandiam no ruído, suas alegrias, notam cheios de contentamento que os tripulantes dos navios surtos no pôrto, embriagados pelos vapores envolventes da festança, haviam esquecido deixar vigia a bordo.

O resto é sabido...

Raptam Ana e, protegidos pela noite, embarcam-se e a seu preciosíssimo roubo, em uma das embarcações, metendo-se de seguida ao mar. Ao abandonar a casa paterna não esquece, porém, Ana as melhores jóias de seu riquíssimo adôrno e entre estas o magnífico crucifixo, a quem entregam o bom sucedimento da aventura.

Empavesada a barca, em pouco perdem a terra, mercê a ajuda que o vento rijo lhes empresta ao tomar contacto com o velame.

Cai a noite...

E, pouco a pouco, apartando-se mais e mais da terra, caem no mar alto onde, uma vez à toa, se lhes depara temível borrasca e êles, pobrezinhos de Cristo, sem piloto que orientasse a navegação, sem conhecimentos náuticos perfeitos que os elucidassem do perigo enorme a que se expunham, temerosos unicamente viessem a alcançá-los com o furto, donde lhes adviria exemplar castigo, emproam ao abismo.

Falecem os dias...

Uma após outra lhes sucedem noites intermináveis.

Quási naufragantes, aquêles rudes homens costumados a tudo menos à arte de navegar, deixam-se invadir pela fadiga e pelo desânimo.

Mas, Deus que se amerceia de seu sofrer, faz surgir o décimo quarto dia de aventura, menos horroroso do que os antecedentes.

Olham o firmamento e vêem o azul celeste dos mares atlânticos. Quando a manhã dealbou fixam, no horizonte, seus olhos cansados e encontram, mui perto, a uma inhabitada terra.

Aproximam-se aos poucos, e, resolvendo fazer aguada, ferram âncora.

Põem pé em terra...

Abrigados pela acolhedora sombra de majestoso cedro, colocado pela Providência na margem de uma ribeira que pretendia a duração nas águas do mar, ali descansam.

Na ampulheta passam mais uns dias e, com a inconstância da fortuna, sobrevém novo temporal que lhes leva a embarcação, mar em fora. E com ela lá vai a mor parte dos companheiros que nessa tarde a bordo tinham agasalho.

Sempre açoitados pela tempestade, chegam às praias de África, onde, cativos dos mouros, são lançados a pavorosa masmorra.

Este acontecimento faz cair Ana em profunda letargia, não tardando muito a morte em roubá-la aos cuidados e carícias de seu amante.

E, à sombra de essa gigantesca árvore que piedosamente a natureza, por muitos anos, lhes fabricara para albergue, é dado à terra, por Machim, o corpo nêvo e formoso de sua adorada, depois de coberto com beijos ardentes e febris.

E, é ali, no próprio local que lhes servira de tálamo, que Ana fica adormecida à margem dos tempos.

A profunda saúde não permite a Machim viver por muito mais e por isso acaba por *render à dor os alentos*, que tendo depositado em Ana, no *seu peito estavam já sem alma*. Os poucos sobreviventes piedosamente enterram o seu, junto do corpo da mulher amada, assinalando a

sepultura com uma tósca cruz de pau <sup>(1)</sup>, talhada pelo próprio Machim. Aborrecidos de aquêlê penar, e auxiliados, tanto pelas ferramentas que o mar lhes trouxera de algum navio perdido, como ainda, pela abundância de madeiras da região, constroem uma jangada. Com ela, de novo, correm à sorte e desdita, mas, como seguissem a rota dos primeiros, breve se encontram, encarcerados como estes, em Marrocos.

Anos volvidos, morre, em Medina Del Campo, o Mestre de Calatrava, D. Sancho de nome, o qual em testamento deixa legados para resgate de cativos. Entre os que mereceram a sorte da libertação achava-se João de Morales, o qual, passando-se a Espanha, é, no mar, tomado como prisioneiro de Zargo.

Discorria êste Capitão os mares em ofensa dos reinos de Espanha, com quem Portugal andava em peleja. E assim ficaria João Gonçalves Zargo — conhecendo a existência da que viria a ser, Pérola do Oceano... <sup>(2)</sup>

(1) Ainda hoje acorrem os ingleses a Machico em busca desta reliquia.

(2) É pouco mais ou menos esta a maneira como a narram os eruditos que se fizeram éco da *patranha* do inglês Henry Major que, por 1868, apareceu com o seu conhecido «The life ao Prince Henry of Portugal»: aproximamo-la todavia, e bastante, da tradição popular. Realmente foi Major quem, tomando a sério a pueril lenda dos supostos amores de Machim e Ana, deduziu que o arquipélago madeirense havia sido descoberto, anteriormente aos portugueses, por aquêlê seu remoto patrício. E com o louvável intento de avocar a bem da sua Inglaterra o precedente de uma cousa bem portuguesa, engrandece de modo tal as nossas epopeias marítimas — que conseguiu receber, do Govêrno Português e da Real Academia das Ciências de Lisboa, cumulação de honrarias!...

Brada aos céus!...

E muitos escritores portugueses, ingênuamente, se vão atrás da versão *majoriana*, tôda ela baseada em documentos sem valor histórico.

Bibliografia portuguesa mais importante: Gaspar Frutuoso, in *Saúde da Terra*, 1590; Padre Cordeiro, in *História Insulana*, 1717; Faria e Sousa, in *Europa Portuguesa*, 1678; Frei Rafael de Jesus, in *Castriosto Lusitano*, 1679; José Soares da Silva, nas suas *Memórias* (agora em publicação nas edições *Biblion*), 1730; Francisco José Freire, in *Vida do Infante D. Henrique*, 1758; Prof. Dr. Gonçalves Rodrigues, in *D. Francisco Manuel de Melo e o descobrimento da Madeira*, 1935.

Gomes Eannes, João de Barros e Damião de Góis nada referem, por anteriores à engenhosa invenção, cuja foi D. Francisco Manuel aquêlê que a descreveu por forma mais sugestiva in III Epanaphora.

Duarte Gomes de Leão, Frei Francisco Brandão e D. António Caetano, repudiam-na por ser tema de poetas...

Foi contudo António Galvão, quem deu foros de aceitação a esta lenda, no seu *Tratado dos diversos & desuayrados caminhos, etc...*

Bibliografia inglesa: vd. a dada pelo Prof. Gonçalves Rodrigues no seu trabalho.

### Lenda do Arguim:

É celebrado que, por volta de 1443, a caravela de Nuno Tristão ancorava na costa da Sanegâmbia (África Ocidental) em local onde, ainda em vida do Senhor Infante D. Henrique, se começou a edificar uma fortaleza: só depois de sua morte, porém, seria acabada. O comércio desta feitoria era pertença do Príncipe D. João, que depois o cedeu, por 100.000 reais anuais, a Fernão Gomes — o do monopólio do resgate da Guiné <sup>(1)</sup>.

Compunha-se tôda a descoberta de uma enseada, uma pequena extensão de território no litoral africano, e de pequeníssimas ilhas (a maior com 60 quilómetros) formando um arquipélago, e ainda de bancos de areia: a maior das ilhas é Arguim <sup>(2)</sup>.

E, de Arguim se fêz a célebre feitoria do mesmo nome, centro da actividade comercial do Infante de Sagres. O território era, como fica dito, de pequena extensão, e daí dar-se fundamento a uma feitoria, — sempre caracterizada pela permuta de objectos de feitura indígena por outros de produção alienígena, levados, àquelas e outras paragens onde a troca interessava, pelos nossos navegantes, — e não a outro sistema de colonização mais no temperamento de nossos antepassados, v. g. a donataria.

O Bispo do Funchal usou de jurisdição espiritual sôbre a maior das ilhas dêste pequeno arquipélago—Arguim,—em cuja estava estabelecida a feitoria.

E daí, vir, o prelado da diocese funchalense, assinando, desde tempos imemoriais, as suas cartas-pastorais, como *Bispo* (por mercê de Deus e da Santa Igreja Católica) *do Funchal, Pôrto Santo, Desertas e Arguim*.

Com as novas conquistas a importância, puramente mercantil, de Arguim foi minguando por, dia-a-dia, crescerem, mui consideravelmente, os novos centros, para onde se deslocou essa actividade.

Caído no abandôno, vai Arguim conhecendo, sucessivamente, o domínio dos ingleses, dos holandeses, e, finalmente, o dos franceses que ora o possuem.

Emquanto português, da Madeira seguiam todos os medicamentos espirituais de que careciam aquêles por lá demorados.

E até relativamente poucos anos <sup>(3)</sup>, usaram ainda, os senhores bispos

---

<sup>(1)</sup> Vd. «Fernão Gomes e o monopólio do resgate da Guiné», por Com.<sup>te</sup> Fontoura da Costa. Artigo in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.º 5-6, 56.ª série, referente aos meses de Maio-Junho de 1938.

<sup>(2)</sup> P.º Fernando A. Silva, in *Dicionário Corográfico da Madeira*.

<sup>(3)</sup> Caiu em desuso há aproximadamente uns 40 anos. Foi o eminente Bispo da Sé do Funchal, D. Manuel Agostinho Barreto, já falecido, quem investiu contra a sua observância.

do Funchal, assinar suas pastorais com êsse vólho indicativo de uma jurisdição sôbre Arguim, que ao final de contas sòmente o era nominalmente.

Êste successo, que agora vos digo despidamente de erudições, caiu na memória das gentes e estas, mercê do seu prodigiosíssimo génio inventivo, construíram a lenda de tam cativante singeleza que registamos para que na voragem dos tempos se não perca tam valioso atestado das nobres reminiscências que, estes bons filhos desta *pequena casa lusitana*, embora separados pelas águas, receberam dos antigos — *Deo gratias!*...

É o vilão da Madeira, o nosso vilão do cajado e da calça de seriguilha, mui aferrado à tradição que houve de seus avós: inúmeras vezes nos tem sido dado assistir a práticas remotíssimas, cuja origem ignoram. E interrogados, dizem-se acostumados a vê-las ou ouvi-las, de quando engatinhavam: dizem então virem *de benisco!*... (1)

Pois, nosso amigo vilão ainda hoje aguarda a vinda de D. Sebastião, que como um Messias muito desejado, aparecerá, em uma manhã de nevoeiro, a ocupar o trono de seus Maiores, tornando Portugal aos felicíssimos tempos de outras eras em que viviam os legítimos reis, que, de Deus, recebiam directamente o mando sôbre êste valoroso povo.

Mas, *lendemos* o facto...

Está na tradição que, quando a Madeira se elevou nos mares para ser mimo de Portugal, desapareceu uma ilha do Atlântico. Situava-se um pouco ao Norte da actual pérola do oceano. E, seu nome, conhecido era por Arguim.

D. Sebastião bate-se em Alcácer-Kibir por um Portugal Maior, mas é vencido. Ao contrário do que contam os livros, não morre. Cheio de vergonha pela derrota, foge, foge sempre... e vem dar à Madeira.

Com fôrça herculea finca sua enorme espada, tôda ela em ouro refulgente, na rocha do Cabo Garajau (2), onde ficará até o dia do desencantamento. Sim, porque D. Sebastião está encantado!...

Depois de deixar a espada, na Madeira (os pescadores dizem vê-la com mar claro) vai curtir seus remorsos pelos grandes males a que, por sua leviandade, forçou os povos, nessa vizinha e submersa ilha de Arguim.

(1) *Vir de benisco*, ou *de abnisio* → *ab-initio*. Ouvido, várias vezes, no Curral dos Romeiros (Monte), pelo nosso amigo Senhor Álvaro Manso de Sousa, inteligente conservador do A. D. I. Emprega-se no mesmo sentido a expressão mais genérica: *do tempo em que Nosso Senhor andava pelo Mundo*.

(2) Em paragens nortenhas habituaram-se as gentes a colocar a espada na Penha de Aguia (Porto da Cruz).

Ali vive, em castelo de ouro, guardado à porta por leões. Sua côrte é de ninfas e de fadas que o trazem em encantamento.

Há muitos anos, uma caravela que, do reino, seguia rumo à Madeira, viu repentinamente surgir das ondas êsse formoso retiro do desgraçado de Alcácer. A seu bordo seguiam uns padres jesuítas, dentro em pouco, e já no caminho dos Brasis, mártires da Igreja.

Da nau descem à praia e, convidados por D. Sebastião mergulham nas ondas: lá em baixo assiste-se a estrondoso festim em honra dêsses portugueses de Portugal.

Terminados os «bacchanais», voltam ao mundo, e lá encontram num balançar tranqüilo, não pouco distante, a caravela em que navegavam.

Chegados à Madeira contam, deslumbrados ainda, o portento e, dizem comovidamente que D. Sebastião proféticamente lhes prometera vir ocupar o trono de Portugal.

Mas nesse dia — que será breve! — com o surgimento de Arguim, desaparecerá para sempre a ilha dos Amores, ficando então, ante a perda irreparável da formosa Madeira, o Mundo privado do seu paraíso terreno...

E êsse afundamento dar-se-á no momento mesmo em que o Desejado sacar a espada de ouro que, por favor especial concedido à terra mais querida do seu Portugal, ali deixou, quando se recolheu a Arguim.

De uma outra vez, uma outra caravela que, de Lisboa, seguiu pejada de víveres, viu-se, nessas paragens atlânticas e apesar do vento favorável e mar chão, súbitamente imobilizada. Alarmados, os seus tripulantes recolhem para deliberar sôbre as razões, que reputam sobrenaturais.

Resolvem alijar carga: despejam até o último saco e só então a caravela recomeça na sua afadigosa carreira. Pretendem desvendar o mistério das águas e nessa altura assistem espantados ao espectáculo maravilhoso de uma cidade submersa. Era afinal Arguim...

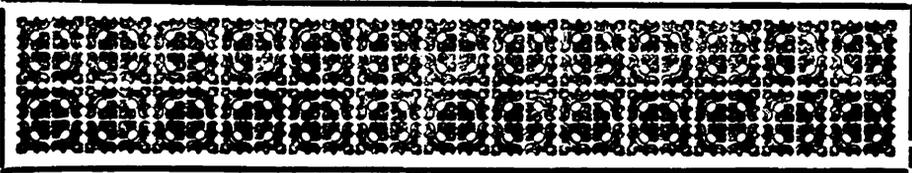
\*

Não fariam melhor certos pseudo-monárquicos que, com a morte de D. Manuel, aderiram à República, se se acolhessem antes à memória do Desejado, ou se, como esta santa gente faz, aguardassem o seu regresso?

Julgamos que sim: antes sebastianistas do que republicanos.

Lisboa, em dia de Todos os Santos do Ano da Graça de 1938.

NOTA. — Já depois de entregue o original dêste trabalho, fomos informados pelo nosso distinto amigo Senhor Visconde do Porto da Cruz, que em tempos publicara no Vol. XI da *Arqueologia e História* um curioso artigo sôbre êste mesmo assunto: «Lendas e monumentos do Arquipélago da Madeira».



# Guimarães e o seu castelo

por D. JOÃO DE CASTRO

O castelo de Guimarães, em volta do qual tantas aranhas curiosas têm tecido a sua teia de conjecturas ou sòmente de palavras, acaba de receber uma nova homenagem — que é, a bem dizer, como que o remate de outra não menos significativa, mais valiosa e também recente: a que o Estado lhe prestou, levando a bom têrmo, com seguro saber, fidelidade e respeito, as obras da restauração geral, há longo tempo reclamada.

Com efeito, a Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, curando mais uma vez de dar exacto cumprimento ao seu duplo programa cultural, não deixou de empreender, depois de concluídas aquelas obras, a publicação de uma abreviada monografia, tendente a divulgar com verdade, pela palavra e pela imagem, a história da mais nobre das fortalezas medievais do nosso país — história que compreende (e nesta parte é considerável o seu valor documentário) a via-dolorosa do monumento durante os cinco séculos da sua inactividade militar. Essa monografia constitue o n.º 8 do *Boletim* da mesma Direcção Geral, correspondente ao mês de Junho.

No estudo histórico que abre o volume, vemos de perto, engrandecida por nobres lutos de viuvez e renúncia, aquela tam falada Condessa Mumadona que no século X, com o fim de proteger os monges do mosteiro fundado ali, *ad racine montis Latito*, por sua devoção, mandou edificar o primitivo castelo. Naqueles tempos remotos em que grande parte da Espanha se achava ainda sob o domínio dos sarracenos, as instituições e as populações cristãs viviam — ninguém o ignora — em permanente perigo e permanente alarme. Contudo, os inimigos que a previdente dona mais temia, não eram, segundo parece, aquêles que tinham seus arraiais no sul ou no levante. Outros de pior fama e piores obras sobressaltavam particularmente seu coração de mãe: os piratas normandos. Estes bárbaros («gentios» lhes chama ela), saídos em pequenas embarca-

ções do Mar do Norte, sobretudo da Jutlândia e da Noruega, eram efectivamente muito mais ferozes que os muçulmanos. Os seus terríveis assaltos, amiudados sem cessar desde os princípios do século IX, haviam causado males sem conta, espantosas carnificinas e devastações, em todo o ocidente europeu. No mesmo ano em que a Condessa Mumadona resumia a história do seu castelo num curioso codicillo — isto é, em 968 — os chamados normandos, intentando repetir na Península a proeza que os fixara definitivamente no norte da França (e lhes devia dar, afinal, a posse da Inglaterra) achavam-se estabelecidos, como senhores, em toda a zona do litoral ibérico que medeia entre a foz do Minho e a ria de Vigo.

Nesse ano já Mumadona era muito idosa. Confesso que, notando êste facto, pretendo impugnar a opinião dos que afirmam a existência da piedosa dama galega no ano de 1009, com o fundamento de que ela comprara então certas propriedades no têrmo de Nespereira. O documento respeitante a êsse contrato nomeia com efeito, como compradora, a *Comitissa nostra domna Mummadomna*. Mas será esta Mumadona a mesma que fundou o mosteiro e fêz erguer o castelo, ou alguma das descendentes que lhe sobreviveram e tiveram igual nome? A segunda hipótese é, a meu ver, a única aceitável. Ainda que se fixe em 959, e não em 929 a fundação do mosteiro, é certo que Mumadona, a fundadora, já era casada em 926, porque assim o certifica o documento relativo à doação da herdade de Creiximir, que a favor dela e de seu marido foi feita no mesmo ano pelo príncipe Ramiro, mais tarde rei de Leão, 2.º de nome. Como acreditar, portanto, que 83 anos após essa data — mais de 100, seguramente, depois do nascimento de Mumadona — fôsse ainda viva a fundadora do mosteiro? A êste argumento cronológico, que só por si é concludente, pode juntar-se outro não menos valioso: o de ser conferido no escrito da compra, à outorgante Mumadona, o título mundano de Condessa. Na realidade, a viúva do Conde Ermegildo, tendo professado no seu próprio «cenóbio», só poderia ser designada em tal data (conforme se verifica em vários documentos anteriores) por *Mumadona devota*. Estes factos e ainda outros, de menor importância, que seria possível aduzir, evidenciam o equívoco daqueles que têm fixado entre 1009 e 1013 o falecimento da fundadora do castelo. Quem interveio no contrato referente às terras de Nespereira foi provavelmente sua neta, a Condessa Mumadona Gonçalves, nascida de Gonçalo, o filho primogénito. Idêntica conjectura pode abranger (mas com menos probabilidade) sua bisneta, Mumadona Ordonhez, neta do filho Ramiro, ou até qualquer simples parente colateral. O nome, que nós hoje estra-

nhamos, era comum na família e nada raro em outras famílias nobres da época.

Tem-se inculcado a Condessa Mumadona como tia de Ramiro II, rei de Leão. Sua colação lhe chama êle, em mais de um documento. Nas minhas ocasionais rebuscas de linhagista amador, não encontrei indicações seguras sôbre a ascendência de Mumadona; pode afirmar-se, entretanto, que pertencia a uma das mais altas estirpes godas, quasi identificada, por certo, com a dos vélhos reis das Astúrias e Leão.

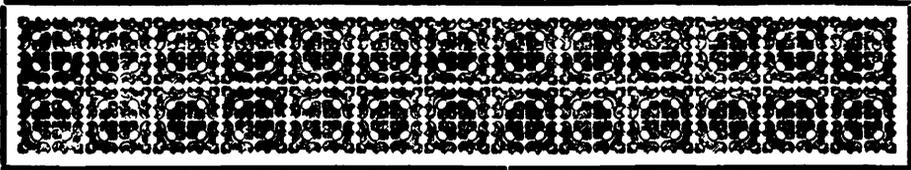
O mesmo e mais averiguadamente se pode dizer de seu marido, o Conde Ermegildo Gonçalves, que era 7.º neto por varonia legítima (tal como S. Rosendo, seu primo germano) de Vitiza, rei da Espanha, durante o domínio visigótico e imediato antecessor de Rodrigo — o que na famosa batalha de Guadalete deixou a vida e o reino nas mãos dos sarracenos. Vários historiógrafos, sem exclusão de alguns contemporâneos ilustres, têm chamado Ermegildo ou Hermenegildo Mendes ao marido de Mumadona. Outros, mais descuidados ou menos sabedores (Vilhena Barbosa, Pinho Leal, etc.) chegaram até a atribuir-lhe dois patronímicos: Gonçalves e Mendes. O excesso dêstes últimos é tam avêssô à razão e aos usos do tempo que se desfaz sem necessidade de contradita; julgo porém que os primeiros se não aproximaram mais da verdade. O seu êrro provém talvez de confundirem o aludido rico-homem com o avô, que se chamou de facto Ermegildo Mendes, ou de suporem que êle adoptaria sem diferença o nome dêsse mesmo avô. Achando-se então em pleno vigor, na Espanha cristã, o uso regular dos patronímicos, o Conde Ermegildo, sendo filho de Gonçalo, devia apelar-se Gonçalves. Assim o nomeia Gaspar Estaço — e pode crer-se que sem inconsideração ou engano. Certo, em quasi todos os documentos conhecidos, apenas aparece o nome próprio, Ermegildo; mas há um, pelo menos, em que o patronímico Gonçalves se lê, bem claramente: o testamento da Condessa D. Oneca, mãe de Mumadona, feito no ano de 928. O marido de Mumadona figura aí como testemunha e assina *Ermegildus Gundisalviz*.

As pessoas mais versadas nestas miúdezas onomásticas podem alegar, a propósito, que a lei dos patronímicos não se cumpria rigorosamente e que na própria família do Conde Ermegildo foram vulgares as infracções à regra geral. Assim, Ermegildo Mendes (o avô do marido de Mumadona), sendo filho de D. Agatão, o povoador de Astorga, devia assinar-se Agatones, como seu irmão Bermudo, sôgro do rei Ordonho II de Leão; sucede porém que o vemos derivar o seu patronímico do nome do avô materno, D. Mendo, senhor de El-Vierzo, talvez por ser seu principal

herdeiro e representante. O mesmo patronímico (Mendes) usaram dois dos seus filhos. Gonçalo (o pai do 2.º Ermegildo) e Arias, que eram os mais moços; o primogénito, ao contrário, quis honrar seu avô materno D. Arias, grande senhor na Galisa, e chamou-se Guterre Arias. Este último foi pai de S. Rosendo e progenitor da família portuguesa de apelido Barbosa. Que provam, entretanto, as irregularidades assim notadas? Provam apenas o desvêlo de certos netos em lisonjear os avós poderosos, e uma tal ou qual aversão por determinados patronímicos — nada eufónicos, em verdade. *Ermegildes* era, segundo parece, um dos menos estimados. Crê-se, todavia, que o filho primogénito de Mumadona o usou enquanto seu pai foi vivo: depois adoptou nome inteiramente igual ao de seu avô: Gonçalo Mendes.

Estas breves reflexões críticas, sugeridas pela recente publicação do *Boletim* da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (n.º 8), parecerão talvez estéreis ou inoportunas aos espíritos positivos do nosso tempo; pode ser, entretanto, que logrem melhor acolhida daqueles que em Guimarães ainda hoje velam pelas antigas e sempre vivas tradições culturais da sua terra. A cidade de Mumadona distingue-se, com efeito, de tôdas as outras cidades portuguesas, não só pelos altos títulos nacionalistas do seu passado histórico, mas também — e não menos — pela elegância mental de grande número dos seus filhos, que de vélha data souberam transformá-la com inalterável prestígio, numa pequena e diligente Atenas, glória de alguns, escola de muitos. Assim, a minha confiança, embora sofra o risco de parecer pretenciosa, não deve crer-se injustificada.





# Uma vindima no Faial

por BENTO CALDAS

**M**ERCÊ de um convite amável fui há dias assistir a uma vindima no sítio do Varadouro.

Estou em crer que o leitor não sabe onde é.

Eu lhe digo.

As primeiras horas da tarde saí da cidade, desta cidade da Horta, tôda estendida à beira-mar, e meti pela estrada que rodeia a Ilha.

Primeiro a freguesia da Feteira, depois a de Castelo Branco, a seguir a do Capelo donde diviso lá no fundo o sítio do Varadouro.

Abandonada a estrada que dá a volta à Ilha entrei num ramal onde as curvas se sucedem mas onde as hortências, que enchem de côr e de beleza as estradas faialenses, ainda não chegaram.

Minutos passados estou no sítio do Varadouro.

De um lado a serra por onde se espalham casas pequeninas; em frente o mar que de quieto que está nem sequer baloiça os barcos dos pescadores. Lá adiante, a entrar pelo mar fora, o môrro de Castelo Branco.

É neste cenário de encantamento e de beleza que os meus olhos contemplam com atenção, para que bem o possam registar, que assisto, pela primeira vez, a uma vindima nesta Ilha do Faial.

As videiras estão coladas ao terreno dividido em pequenas parcelas separadas por muros de pedras soltas para que assim fiquem protegidas dos ventos.

É a hora da faina.

Na apanha das uvas ocupam-se vários homens com seus chapéus de palha de abas largas, aqui conhecidos por abeiros, enquanto outros, num vai-vem constante, levam os cestos carregados de cachos para a adega donde já sai o cheiro a vinho doce.

Mulheres e homens examinam os cachos, tiram-lhes os bagos podres e verdes porque só o que é bom entra na confecção do vinho.

E tudo se passa em sossêgo, o que imprime às vindimas faialenses

uma monotonia que impressiona vivamente quem, como eu, está habituado ao movimento, à vida, à alegria e até ao barulho das vindimas do Minho.

Dentro da adega, como soldados perfilados em formatura, estão os barris dispostos em fila.

Não há lagares.

As uvas são esbagoadas, separadas do engaço em pequenas dornas e depois metidas num cilindro para que delas se tire todo o sumo, para que bem sejam aproveitadas e nada se perca.

E tanto os homens que neste serviço se ocupam como os que andam de um lado para o outro, escaldados pelo sol ardente, a transportar à cabeça os cestos carregados de uvas, não trocam uma palavra, não soltam uma cantiga, trabalham e nada mais.

Ao cair da tarde, à hora a que o Sol se esconde, termina o trabalho. Entram em repouso bem merecido aquêles homens que desde o nascer do sol andaram entregues à faina da vindima.

E, ao chegar da noite, em frente da adega, num largo amplo, todo embandeirado e iluminado, cercado de cadeiras onde os convidados se sentam, os homens e as raparigas, que na faina da vindima levaram todo o dia, dançam a chamarrita ao som das violas e sob o comando firme do mestre do baile que umas atrás doutras vai marcando as diferentes fases da dança.

Esta é, afinal, a única nota viva da vindima onde não aparecem os cantadores que lhe dão alegria, nem os trajos característicos que lhe imprimem côr.

As vindimas no Faial são tristes e traduzem bem o temperamento pouco expansivo, bem concentrado, dos açoreanos.

E o baile continua, as danças sucedem-se, sempre a chamarrita porque o faialense deixou perder tôdas as danças regionais e apenas esta mantém para dançar em tôdas as suas festas.

De quando em quando calam-se as violas, ouvem-se palmas que significam o pedido de mais música para que a dança continue, e o marcador imprime-lhe novas modalidades que por vezes lhe dão movimento e até um pouco de alegria.

E, porque é dia de vindima, todos bebem vinho doce fazendo as honras ao vinho novo.

Horta — Faial  
Setembro de 1938.

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1838

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

Setembro

**Dia 4** — Portaria do Ministério do Reino — «Tendo sido presente a Sua Majestade, a Rainha, o ofício que o administrador geral de Braga dirigiu por êste ministério, na data de 30 do mês p. p., incluindo por cópia as participações que lhe fizeram o presidente da junta da cabeça do círculo eleitoral de Guimarães e o administrador do concelho da mesma vila, narrando as desagradáveis ocorrências que ali tiveram lugar, quando se tratava de apurar os votos compreendidos nas actas das assembleas eleitorais, em cuja ocasião alguns disfarçados, entrando tumultuariamente nos paços do concelho, onde se celebrava aquêl processo eleitoral, e atentando contra a ordem e segurança pública e contra a lei, arrebataram escandalosamente as actas, evadindo-se em seguida com elas.

Sua Majestade viu com grande dissabor que alguns cidadãos portugueses, menosprezando a sua própria dignidade, se arrojassem a cometer aquêl iniquo atentado em um local onde só deveriam concorrer para manter a inviolabilidade do mais importante dos direitos políticos consignados na Constituição do Estado; e ordena que o administrador geral colhendo quantos esclarecimentos fôr possível sobre êste facto, remeta o resultado desta diligência ao poder judicial, a fim de que, conhecidos os perpetradores de semelhantes atentados, sejam êles castigados segundo as leis; devendo simultaneamente o mesmo administrador geral informar o governo de tudo quanto possa haver a êste respeito a fim de ocorrer nos têrmos das leis, com as prontas providências que reclama a gravidade do assunto. Palácio das Necessidades, em 4 de Setembro de 1838. — *Antônio Fernandes Coelho.*»

Saiu para a cidade de Braga o comandante da 4.<sup>a</sup> divisão militar, Barão de Almarginem, com o seu estado maior. (P. L.).

Ao meio dia faleceu Paulo de Melo Pereira e Sampaio cônego da prebenda n.º 3. Tinha renunciado ao canonicato da primeira vez em seu sobrinho, João de Melo Pereira de Sampaio, e passando êste ao estado de casado, de que houve o Barão de Pombeiro e irmã, renunciara, segunda vez, em seu sobrinho Luiz de Melo Pereira Sampaio, irmão daquele, que veio a ser o último possuidor desta conezia que fôra também ocupada pelo autor de *Várias Antiguidades de Portugal*, Gaspar Estação de Brito.

**Dia 7** — Portaria — «Achando-se inutilizados os trabalhos eleitorais para senadores e deputados, no círculo de Guimarães, em consequência dos inauditos atentados cometidos na cabeça dele, sendo arrebatadas e roubadas as actas, e demais papéis concernentes a tam importante acto, no momento em que se ia proceder ao apuramento dos votos compreendidos nas actas parciais; o que subiu oficialmente ao conhecimento do governo pela correspondência do administrador geral de Braga e das participações feitas pelo administrador do respectivo concelho e pelo presidente da junta da cabeça do círculo eleitoral de Guimarães, recebidas neste ministério (do Reino); e não sendo de justiça que os cidadãos daquele círculo, que indignados presenciaram tam criminoso facto, sejam despojados da importante prerogativa política de serem representados em côrtes: Há por bem Sua Majestade, a Rainha, que o administrador

geral de Braga faça reunir as mesas das assembleas eleitorais do círculo de Guimarães, no mais próximo dia que fôr possível ao da recepção desta portaria, marcando as épocas em que hão-de verificar-se as demais partes dêste processo eleitoral, e fazendo com que em tais actos se guardem e cumpram inviolavelmente as disposições da lei de 9 de Abril p. p.; por esta ocasião não pode Sua Majestade deixar de suscitar todo o zêlo e atenção do administrador geral, para que haja de adoptar tôdas as providências que dele dependerem, e pela prática das quais sejam assegurados a ordem e sossêgo público durante aquella solenidade. Palácio das Necessidades, em 7 de Setembro de 1838. — *Antônio Fernandes Coelho.*»

\*

Decreto nomeando Juiz de Direito de 1.<sup>a</sup> instância da provincia de Moçambique o juiz substituto de Barcelos, dr. Manuel de Freitas Costa, vimaranense.

**Dia 16** — Foi reintegrado, por ordem do governo, o administrador do concelho, José Joaquim de Abreu Cardoso (o Reboto) que tinha sido suspenso pelo administrador geral de Braga, por ter tomado parte nos acontecimentos que tiveram lugar nesta vila no dia 26 do passado mês de Agôsto. «*Eis como o Govêrno puniu os factores de um tam grande atentado!...*» (P. L.).

\*

O coronel de infantaria n.º 18, José Teixeira de Mesquita, teve ordem do Conde das Antas, para marchar no dia seguinte para Vila Real como encarregado de uma diligência. Porém, o motivo de o tirarem desta vila, foi para êle não influir, ou não se opor às violências e infracções das leis que os *mijados* tencionavam praticar na ocasião das eleições, no caso de que os *chamorros* tencionassem fazer com que a eleição não recaísse em homens de seu partido. (P. L.).

**Dia 21** — Os eleitores da Póvoa de Lanhoso, em número de 137, representam à Rainha, pedindo providências para a nova eleição, dizendo: «que transferindo em 26 de Agôsto as actas da eleição dos seus representantes feita em 12 dêsse mês, para a capital da comarca de Guimarães, uma facção armada de soldados e paisa-

nos desmoralizados arrebatou estas actas, picou-as com um punhal, e por fim lançou-as ao fogo; enquanto os seus portadores correram o risco de serem assassinados, o que evitaram fugindo, sem contudo escaparem aos insultos e golpes dos denominados cacetes. Tudo isto, Senhora, foi perpretado à hora do dia, no centro da vila de Guimarães, em presença de milhares de pessoas, onde se achavam o general da Provincia, o administrador do concelho, o juiz de direito da comarca, e, finalmente, um coronel com trezentas e tantas praças!!! Porém ficou tudo impune; e se algum castigo houve, foi contra os agravados, dimitindo-se logo alguns que tinham empregos, para premiar demagogos.»

**Dia 22** — A Câmara Municipal de Cabeceiras de Basto protesta por ser incluída na portaria que mandava fazer novas eleições no círculo eleitoral de Guimarães, porque fizeram no seu concelho as actas em triplicado, tendo ainda um exemplar verdadeiro arquivado na mesma câmara, e não precisam, por isso, de repetir a eleição.

**Dia 23** — Instalaram-se as mesas das assembleas eleitorais, pertencentes à cabeça do círculo eleitoral desta vila, para se proceder a nova eleição de senadores e deputados, segundo a ordem do governo.

Não concorreu a votar senão o insignificante partido *mijado*, composto quasi todo de empregados, e alguns officiaes, sargentos e soldados de infantaria n.º 18, e alguns indivíduos que o mesmo obrigou a ir votar. A votação em geral foi muito insignificante, porque o partido *chamorro* abandonou inteiramente a urna, receando os punhais e os cacetes. (P. L.).

*N. B.* — A primeira assemblea foi na igreja da Misericórdia e a segunda na de S. Francisco.

**Dia 27** — A Câmara de S. João de Rei, do círculo eleitoral de Guimarães, representou que não fêz a segunda eleição por ter um dos originais autógrafos das actas da primeira.

\*

Regressou o coronel de infantaria n.º 18, Mesquita, que tinha sido mandado pelo Conde das Antas para Vila Real. Foram esperá-lo os officiaes do batalhão. (P. L.).

**Dia 29** — Faleceu Frei José Cantor, irmão do que foi mestre da capela da Colegiada. Era egresso do extinto convento da Costa, onde foi sepultado. (P. L.).

*Nota* -- Chamava-se Frei José do Salvador e era natural da freguesia de Vila Fria. Foi o último cantor-mor do Convento da Costa e a sua voz sonora atraía às festividades da Costa muita gente da vila e arredores.

Em Belém, numa recepção de El-Rei D. João VI, cantou o *Te-Deum*, fazendo ouvir a sua voz, apesar de o organista ter o órgão todo aberto.

Mereceu louvores de El-Rei que lhe disse então «brilhaste Frei José».

Morreu pobríssimo em casa do seu amigo Joaquim Moreira, da rua da Arcela.

## Outubro

**Dia 3** — Saiu para Melgaço o batalhão de infantaria n.º 18, ficando aqui apenas alguns soldados estropeados, comandados por um capitão. (P. L.).

**Dia 5** — Os eleitores do círculo de Seráfico, em número de 20, representam, dizendo: «que no dia 26 de Agosto, uma facção atrevida de soldados e de paisanos armados, na capital dêste concelho, invadiu o recinto onde a junta eleitoral apurava os votos de toda a comarca, e roubou, apunhalou e queimou as actas, sem que uma só autoridade obstasse a tam nefando crime», e protestaram contra tais actos.

**Dia 7** — Reúnidos na casa da câmara os portadores de actas dêste círculo eleitoral (menos os de Vieira, Basto e Póvoa, por aqui não se fazer eleição) e apurados os votos, proclamaram: *Senadores* — José Pinto Soares, Barão de Ribeira de Sabrosa, Manuel de Sousa Rebêlo Raivoso, Manuel de Castro Pereira, Barão de Vilar de Torpim, Conde de Bomfim. *Deputados* — José Fortunato Ferreira de Castro, António Fernandes Coelho, ministro do Reino; Manuel Justino Marques Murta, Henrique Peixoto Pinto da Silva, capitão

de infantaria n.º 18; José Vaz Lopes, major e chefe de estado maior da provincia Barão de Almargem, Padre Manuel dos Prazeres, egresso beneditino, por alcunha o Pedreira, José da Costa Sousa Pinto Basto, José Gregório Lopes da Câmara Sinval, Conde da Taipa, «ficando para ser eleito em escrutínio forçado um». Todos estes indivíduos foram senadores e deputados pelo Club *Mijado* que houve em casa do José Fortunato, tendo os *Chamorros* desamparado inteiramente a urna, por verem que o govêrno e as autoridades procuravam todos os meios para fazer com que ninguém fôsse eleito, senão dos seus, usando até da força se preciso fôsse. Neste dia esteve em armas a pequena força do batalhão de infantaria n.º 18, andando a patrulhar em escoltas pela praça da Senhora da Oliveira, rua dos Mercadores, etc. (P. L.).

**Dia 15** — A mesa da Ordem Terceira de S. Domingos tendo conhecimento que no cofre estava uma bolsa com 200\$000 réis em prata, já há muito tempo, ignorando-se a sua procedência, resolveu aplicar aquela quantia nas obras de construção do seu Hospital.

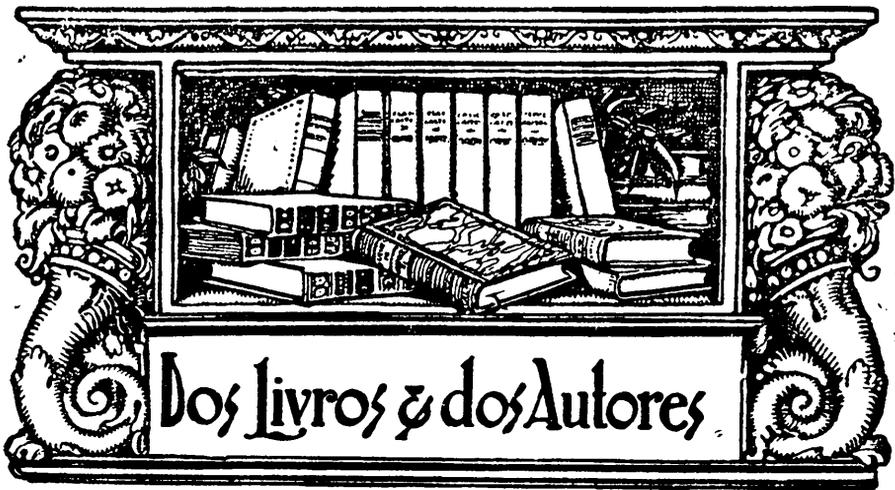
**Dia 18** — Chegou, vindo do Pôrto, para tomar as águas das Caldas, o visconde das Antas acompanhado de vários officiaes, e tanto êle como estes foram aboletados.

Depois de se demorar nesta vila alguns dias, seguiu para Lisboa. (P. L.).

**Dia 29** — Houve repiques de sino ao romper do dia, ao meio dia e á noite, pela passagem do aniversário natalício de Sua Majestade El-Rei D. Fernando. A' noite houve luminárias; porem, foram muito poucas e não gerais, não obstante a câmara mandar convidar, por um bando, os habitantes a pô-las. (P. L.).

Vindo de Braga representou, no teatro desta vila, a Companhia Nacional do Pôrto, intitulada D. Fernando. (P. L.).

JOÃO LOPES DE FARIA.



D. AFONSO HENRIQUES, por *Mário Gonçalves Viana*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1938.

E' consagrado êste volume ao fundador da nossa nacionalidade e da nossa monarquia.

Figura gigantesca da História, D. Afonso Henriques abriu-nos de par em par as portas do nosso destino glorioso e imortal.

Não podia, pois, Mário Gonçalves Viana deixar de o incluir nas suas patrióticas *Figuras Nacionais*, iniciativa a todos os títulos louvável e que não é de mais encarecer e salientar, como é justo.

Neste novo trabalho confirmam-se as extraordinárias qualidades do seu A. já demonstradas nos trabalhos anteriores.

Depois do *Escorço biográfico* indispensável em obras dêste género, demonstra-se a acção valorosa do guerreiro vimaranense, do invencível conquistador, que revela na Batalha de S. Mamede as suas admiráveis qualidades de Rei de um povo que quer ser livre. Depois é Ourique, que a História e a lenda immortalizaram, e são as conquistas que se lhe seguiram, até à tomada de Lisboa, que Mário Gonçalves Viana nos descreve com naturalidade e com arrebatamento.

Não foi esquecida essa figura incomparável de Egaz Moniz, modelo da lealdade e do cavalheirismo dos portugueses.

Agora, que se pensa comemorar condignamente o oitavo centenário da Independência, tem êste trabalho uma oportunidade flagrante. Bom é que todos os portugueses o conheçam.



DIVULGAÇÃO MONARQUISTA, por *Guilherme Auler e Sérgio Higino*. Editora Correio Imperial. Caixa-Postal, 552 — Recife (Brasil), 1937.

Este folheto de propaganda monárquica destina-se a revelar aos brasileiros, em especial, a verdade da História e da Tradição do Brasil.

Organizado com critério e defendendo a boa doutrina de salvação dos povos, mos-

tra, ao mesmo tempo, que a acção dos nossos camaradas do Brasil se vai manifestando numa actividade crescente e bem prometedora.

« A Acção Monarquista Brasileira — afirma-se neste folheto — não é um partido político. Não promete emprêgos públicos nem prega revoluções. A sua marcha é cadenciada e firme, sem as espetaculosidades ridículas. Não tem data fixa para a sua vitória. O tempo é o seu melhor aliado. »

Na *Divulgação Monarquista* dá-se um resumo dos princípios que defendem os monárquicos brasileiros quanto à Representação Nacional, que é corporativa, quanto à Família, resolvendo, dentro da ordem e da justiça, tôdas as questões relacionadas com ela, quer no campo material, como no intelectual e no moral e quanto à administração pública, demonstrando as vantagens da continuidade administrativa. Sôbre a Unidade Nacional afirmam que ela é obra do Imperador D. Pedro I porque « o Brasil-Colônia estava destinado à mesma sorte dos Vice-Reinados Espanhóis. Com a independência tudo se fragmentaria numa multidão disforme de pequeninos países, pois não existia quem unificasse tôdas as esperanças, quem encarnasse o sentido de pátria ». Àcerca das relações entre a monarquia e a igreja, defendem que « o Estado e a Igreja devem estar harmonizados, procurando sempre o poder temporal facilitar, por todos os meios possíveis, que a Igreja cumpra a missão para que foi criada ».



COLECCÃO CIVILIZAÇÃO (vols. 1 a 10). Editora Educação Nacional,  
Rua do Almada, 125 — Pôrto, 1936-1937.

No intuito de proporcionar leitura proveitosa e a preços acessíveis, iniciou a Editora Educação Nacional esta útil colecção constituída por 10 volumes excelentes:

- I — FALTA REDIMIDA de *T. Trilby*, tradução de José Sarmento.
- II — CASA DOS FERRO-VIÁRIOS, de *J. Vezère*, tradução de Sousa Martins.
- III — ALMA DE QUIMERAS, de *J. Bozzi*, tradução de Ramiro Mourão.
- IV — AS MINHAS PRISÕES, de *Silvio Pélico*, tradução de J. Carlos Vieira.
- V — A DOR DE AMAR, de *J. Mardins*, tradução de Domingos Evangelista.
- VI — O GRILO DA LAREIRA, de *Carlos Dickens*, tradução de Barros Ferreira, e ÀTALA, de *Chateaubriand*.
- VII — ODIO VELHO NÃO CANSA, de *Rebello da Silva*.
- VIII — DE NOITE TODOS OS GATOS SÃO PARDOS, de *Rebello da Silva*.
- IX — TRAGÉDIA MARÍTIMA, do saudoso *José Agostinho*.
- X — COLOMBA, de *Próspero Mérimée*, que inclue, também O FEITOR DE CANTÃO e O MACROBITA, do mesmo Autor.

Como se vê dêste resumo, tôdas estas obras são dignas de figurar nas estantes dos coleccionadores de bons romances, visto que em tôdas elas se não esquece o aspecto moral da leitura.

CRIANCINHAS, por *Paul Eipper*, tradução do Dr. José Luiz Afonso. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, Natal de 1937.

O autor dêste livro encara o sentido profundo da vida das criancinhas de uma maneira admirável.

E' um livro de ternura, que se manifesta exuberantemente em todos os seus capítulos. Encantador, sob todos os aspectos, demonstra bem o estudo aturado e canseroso que foi necessário empregar para realizar obra tam perfeita.

A tradução é primorosa e as 32 estampas fotográficas de Hedda Walther são das mais expressivas que temos visto.



MARIA DOS TOJOS, por *Barros Ferreira*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto, s'd.

Vai-se reavivando o culto pelo romance e alguns nomes aparecem a marcar a sua personalidade.

Está nestes casos Barros Ferreira, que, na *Maria dos Tojos*, fêz obra humana. Tem êste romance por teatro as regiões de Castro Laboreiro e do Soajo, no Alto Minho, onde a vida rude se casa bem com os sentimentos de Maria dos Tojos, uma figura bem desenhada com as virtudes e os defeitos naturais das populações da raia.

E' um romance regional em que se foca o tipo característico de uma rapariga digna e honrada, torturada pelo desejo de vingança da morte do irmão, que surge na rudeza austera da paisagem, com os seus sentimentos e paixões, inteira, perfeita e profundamente mulher.

Tôdas as outras personagens estão igualmente bem desenhadas, o que dá a Barros Ferreira foros de bom observador, proporcionando-lhe uma estreia auspiciosa.



O MONSTRUOSO PROCESSO DE JESUS, por *João Paulo Freire (Mário)*. Livraria Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. — Pôrto, 1938.

Paulo Freire é um nome já conhecido e autor de diversos trabalhos em prosa e verso que o consagraram como escritor de mérito.

O opúsculo em que reüniu o seu estudo publicado no *Jornal de Notícias* de 25 de Março de 1937 sôbre *O Monstruoso Processo de Jesus* é digno de ser lido porque é consciencioso e instrutivo, constituindo uma útil parafrase dos quatro Evangelhos. Tomando por base jurídica um valioso estudo do advogado francês Dupin, demonstra o carácter sôbrehumano da vida de Jesus que não pôde ser desmentido por Morawski, Strauss, Renan, Sabatier, etc., que pretenderam, no entanto, negar a sua divindade.

A narrativa crítica do processo é valorizada por numerosas notas indicativas dos têxtos evangélicos e breves e sóbrias reflexões cronológicas da vida e morte de Jesus.

SEISCENTOS MIL FRANCOS POR MÊS, por *Jean Drault*. Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125. — Pôrto, 1937.

Não há muito ainda que Giorgio Del Vecchio, grande filósofo italiano, publicou um interessante *Prime linee di una Filosofia dell'umorismo* que não pudemos deixar de recordar ao ler êste livro de Drault.

E' que o riso faz parte integrante da vida e o humorismo, quando trabalhado tam sábia e escrupulosamente como o faz Jean Drault é um motivo forte de atracção e de combate a certas mazelas, defeitos e princípios de que enferma uma grande parte dos homens de hoje.

A experiência de Galopin constitue uma lição proveitosa e educativa e a sensatez de Genoveva pode ser seguida por muitas das nossas meninas chamadas « chics » e espirituosas.

*Seiscentos mil francos por mês* proporciona momentos de hilaridade sã ao mesmo tempo que educa e levanta os espíritos, o que não é vulgar em trabalhos dêste género.



O IMPÉRIC, por *Henrique Galvão*. Edições S. P. N. Lisboa, s/d.

*O Império* é todo o nosso vasto território ultramarino, constituído por oito províncias dispersas pela Ásia, pela África e pela Oceania.

Das *Fases da nossa politica imperial*, da *Administração colonial*, das *Finanças coloniais*, de *A economia colonial*, de *A população* e de *O Fomento*, dá-nos H. Galvão uns curiosos resumos que nos põem em contacto com o que se procura realizar em prol da restauração do nosso Império.

Util edição do S. P. N.

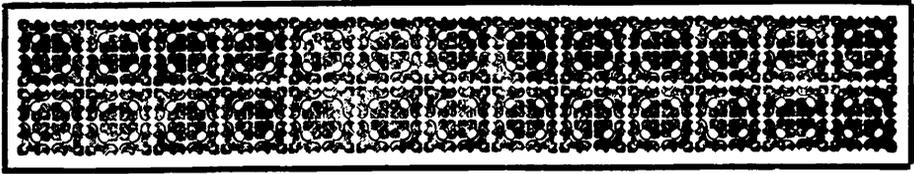


COMENTÁRIOS REALISTAS AO LIVRO «NO CAMINHO DA VIDA» DE RAIMUNDO BELO, por *A. Garibáldi*. Livraria Editora Andrade. — Angra do Heroísmo, 1937.

Ao que Raimundo Belo defendeu «No Caminho da Vida» opõe A. Garibáldi, neste opúsculo, uns *Comentários* que chama «realistas», mas que não são mais que conceitos materialistas, onde se nega a dignidade, o amor, a virtude, o Lar, tudo enfim que é superior e alevantado.

E' certo que A. Garibáldi se fêz intérprete do que há de mau nesta época agitada e confusa. Mas não tomemos a parte pelo todo. Porque o que há de belo no homem é exactamente tudo que o aproxime de Deus, não no sentido nestorianista, mas sim na prática de uma vida sã, que tenha por base a dignidade, o amor, a virtude e o Lar.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# O Senhor Dom Duarte

por DUTRA FARIA

*Dutra Faria, jornalista de formação moderna, consagrou no Notícias de Lourenço Marques, um interessante artigo ao Senhor Dom Duarte Nuno, que transcrevemos a seguir:*

## A propósito duma entrevista

O Senhor Dom Duarte Nuno de Bragança, desde sempre príncipe no exílio, desde agora cidadão de Portugal por determinação expressa do Governo Português, concedeu ao *Diário de Notícias*, através de Armando de Aguiar, a sua primeira entrevista — o seu baptismo jornalístico.

E' um documento curioso — essa entrevista. Por ela se vê como um príncipe educado no máximo respeito pela tradição dos seus maiores pode ser ao mesmo tempo um homem moderno — de ideas arejadas, novas e fortes.

Mas uma entrevista vale apenas como um instantâneo fotográfico: fixa o olhar dum momento, o sorriso dum segundo; deixa, porém, na sombra, diluídas, apagadas, as linhas fundamentais da fisionomia.

Já um artigo é outra cousa. Um artigo, fruto duma análise, duma síntese e duma condensação, é já, se incide sôbre uma obra, a primeira pedra para uma exégese, se incide sôbre uma pessoa, o primeiro passo para uma biografia ou para um perfil.

Tentarei, miniaturalmente embora, o perfil do Senhor Dom Duarte Nuno de Bragança.

**O príncipe; a sua Família; o seu portuguesismo ;**

**: : : : : pequeno traço psicológico : : : : :**

O Senhor Dom Duarte, neto do Senhor Dom Miguel I, herdou do seu primo, o Senhor Dom Manuel II, os direitos e os títulos que a êste cabiam.

Tais direitos e tais títulos não o surpreenderam, nem o acabrunharam: para uns e outros fôra êle educado pela sua família e pelos seus mestres — entre os quais merece particular citação o dr. José Pequito Rebêlo, que o iniciou nas leis da política e da economia.

O que os seus mestres não lhe ensinaram — foi a língua portuguesa e foi o amor a Portugal.

Em português balbuciara êle a sua primeira palavra — perante o enternecimento duma família que, apesar do exílio, só em português pensava e sentia.

Quanto ao amor a Portugal — corria-lhe nas veias; era o sangue de Dom Miguel I, de Dom João IV, de Dom Nuno — Condestável e Santo.

Deve também o Senhor Dom Duarte ao sangue que lhe corre nas veias um magnífico destemor — perfeitamente exemplificado por êste pequeno episódio:

O príncipe, então de nove ou dez anos, pedalava na companhia dum vêlho amigo e partidário da família exilada; conversavam os dois — e como passassem à beira duma espécie de precipício, cova pedregosa e abrupta, o outro, sorrindo, dissera ao príncipezinho:

— Até Vossa Alteza teria mêdo de descer, na bicicleta, ao fundo desta cova.

— Mêdo?! — estranhou o Senhor Dom Duarte. Os príncipes da Casa de Bragança não sabem o que é o mêdo.

E meteu a bicicleta à descida íngreme — rolando os dois, máquina e condutor, de silva em silva, de rocha em rocha.

**A sua vida**

O Senhor Dom Duarte é pobre. Aos seus mestres há, pois, que ajuntar, ainda, esta mestra desigualável, insubstituível: — a pobreza, que

fortalece os corações, que tempera os caracteres, que prepara e facilita as lutas pela vida, que, enfim, revela e nobilita o trabalho. Sim.

Porque o Senhor Dom Duarte, engenheiro agrônomo pela universidade de Toulouse, onde foi, na frase do director da sua escola, um aluno distintíssimo e modesto, tam modesto, mesmo, que nunca professores e condiscípulos suspeitaram nêlo o príncipe de raça ilustre, o pretendente a um trono; o Senhor Dom Duarte — ao contrário dêsses outros príncipes e reis que transformam as penas do exílio nas diversões e nas alegrias dos *palaces* cosmopolitas; o Senhor Dom Duarte trabalha, ganha o pão de cada dia — dirigindo, com a energia entusiástica dos seus trinta anos e com os conhecimentos adquiridos através do seu curso, uma importante e vasta exploração agrícola da Baixa-Austria.

Êle, contudo, tem viajado. Já mesmo visitou as côrtes inglesa e italiana, deixando, tanto numa como na outra, a impressão dum *gentleman* impecável e dum perfeito diplomata.

### Os seus gostos

Além da agronomia — tem o Senhor Dom Duarte outras paixões; a caça — onde se revela o Bragança; e a mecânica — onde se revela o homem de hoje.

Existem muitas fotografias do príncipe. Em nenhuma, porém, o sorriso é tam largo e tam feliz como naquelas em que encontramos o Senhor Dom Duarte, com a blusa do caçador, percorrendo as florestas da Baixa-Austria, ou com o fato-macaco, de proletária ganga, na carlinga dum avião.

Aviador, automobilista, amante das velocidades vertiginosas, anuladoras do espaço — o Senhor Dom Duarte, todavia, não possui um avião, nem sequer um automóvel.

Não esqueçamos que êle é pobre. Um príncipe pobre — ao invés dos que aparecem nos contos de fadas.

### As suas ideas

Até nisso se recorta o perfil do homem de hoje... O Senhor Dom Duarte não tem um programa — um programa sistematizado em pontos e transmitido às gentes por intermédio dum manifesto; não; as

suas ideas — há que as procurar nas suas frases, ditas ao sabor das conversas, despreocupadamente.

Uma vez, por exemplo, alguém, trocando impressões com o príncipe acêrca dum determinado escritor português, lamentara:

— Pena é que não seja dos nossos... O Senhor Dom Duarte acudiu logo:

— Para mim não existem distinções entre os portugueses. A todos quero por igual.

Doutra vez, falando com outra pessoa, o Senhor Dom Duarte teve esta frase:

— Supõem muitos que sou uma fábrica de títulos. Enganam-se. E' cousa que não sou, nem tenciono vir a ser.

Outra vez, ainda, como lhe descrevessem, patética e pormenorizadamente, a vida, as necessidades e as aspirações dos trabalhadores — «vítimas do Capitalismo filho da Revolução Francesa» — o Senhor Dom Duarte respondeu:

— Avalio bem o que isso seja.

E com orgulho — mas, paralelamente, com simplicidade:

— Também trabalho...

Meia dúzia de palavras — apenas. Não é, porém, verdade — que equivalem a um programa?

### Êle e Salazar

A figura excepcional de Salazar merece ao Senhor Dom Duarte o mesmo carinhoso interêsse e a mesma respeitosa admiração que já merecia ao Senhor Dom Manuel II. Na pequena biblioteca portuguesa de Seebenstein — residência do príncipe exilado — encontrou Armando de Aguiar os *Discursos* ao lado do *Portugal* de Gonzague de Reynold, e do *Portugal of Salazar*, de Michael Derrick.

Entre o príncipe e o estadista há, de resto, muitos pontos de contacto — e muitos traços de semelhança.

Escreve Armando de Aguiar:

«Surpreendemo-nos a cada instante com a gravidade das suas frases. O seu perfil, a sua máscara e a sua idade estão um pouco em contradição com a sua maneira de pensar e agir. Quando julgamos ter na nossa frente um homem de trinta anos, bem disposto, conversador, alegre e prazenteiro, aparece-nos o homem de gabinete, de rôsto sereno, comedido

nas palavras e avaro nos gestos. Pensando e actuando sem arrebatamentos, moderadamente, como convém a um homem sôbre cujos ombros pesa hoje uma herança de alguns séculos de história ».

O jornalista fala do príncipe. Mas quási parece que fala de Salazar.

## Êle e Portugal

O Senhor Dom Duarte esteve já em Portugal há nove anos. Entrou de automóvel, na companhia do dr. Pequito Rebêlo, como seu motorista.

Um pouco antes da fronteira — ainda o dr. Pequito Rebêlo lhe observou :

— Sabe que permanece em vigor a lei contra os descendentes do Senhor Dom Miguel? Se em Portugal o prendem, podem-no fuzilar ao abrigo da lei.

Como única resposta, o príncipe acelerou a velocidade do carro — em direcção à pátria, em direcção à boa terra portuguesa, escondida, então, para lá dos montes de Espanha.

Na fronteira não acharam dificuldades — e os olhos do príncipe àvidamente mergulharam nas paisagens de Portugal, nas suas aldeias, nas suas vilas, nas suas cidades, onde se escuta o grande rumor da história; passaram em Viseu; pararam no Luso e no Buçaco; atravessaram Coimbra — e na ponte sôbre o Mondego, uns estudantes, certamente integralistas, acenaram-lhes com as capas reconhecendo o dr. Pequito Rebêlo; desceram em seguida às covas de Fátima e da Batalha — o milagre divino desabrochando em fé e o milagre humano florindo em beleza; depois meteram ao Alentejo das longas searas; viram Extremôz, muito caiada, dormindo ao sol na planície — e em Vila Viçosa, o Senhor Dom Duarte fêz-se fotografar junto ao palácio ducal, num acto simbólico de posse.

Mas de tôda aquela viagem — aquilo que talvez mais impressionasse o príncipe foi o seu encontro com o povo de Portugal, certo dia, numa estrada.

Contou êle ao jornalista Armando de Aguiar :

« Na Covilhã estive em contacto, durante algumas horas, com o povo, que me auxiliou a reparar o automóvel no qual eu seguia... »

E acrescentou :

«... sem pensar (o povo) que estava prestando um serviço a um homem exilado de Portugal por erros que não cometeu».

O povo e o príncipe. Encontro comovedor. Havia quási um século que andavam desencontrados...

### Ele e as Colónias

Na estante do Senhor Dom Duarte — segundo Armando de Aguiar — se não faltam os livros sôbre Salazar, abundam, extraordinariamente, os livros sôbre assuntos de ordem colonial — ao estudo dos quais dedica o príncipe enorme entusiasmo, particular atenção, particularíssimo afínco.

E agora a nota sentimental — creio que inédita — a deixar entrever o homem de coração por detrás do homem de pensamento:

Um colonialista notável mandara-lhe um exemplar de certo livro da sua autoria em que analisava, ao longo de quinhentas ou seiscentas compactas páginas, os problemas económicos de Moçambique. A certa altura, lá para o meio do livro, referia-se o autor a um colono pobre e de origem humilde que, sem nenhuns auxílios e sem nenhuma reservas monetárias, se dedicava a experiências do cultivo do café numa região ingrata da colónia moçambicana, sòzinho entre os seus negros. A referência ocupava, quando muito, umas dez linhas. O Senhor Dom Duarte, porém, ao agradecer a oferta do livro, emitia opiniões, apresentava alvitres para a solução de diversos problemas expostos — e pedia o nome daquele colono obscuro cuja perseverança e cujo abandono o tinham extremamente interessado.

Mandaram-lhe o nome do colono — um nome plebeu, igual a tantos outros quási anónimo, mas que o Senhor Dom Duarte nunca mais esqueceu.

Se êsse colono ainda vive, ainda labuta e por acaso, em qualquer incendiada tarde de África, depare com estas linhas — saiba, pois, que, longe, muito longe da sua palhota e dos seus cafêzeiros, um homem, um príncipe de trinta anos, inteligência aberta e coração generoso, pronuncia com ternura e com respeito o seu nome, símbolo, para êsse homem, para êsse príncipe, das virtudes heróicas e transfiguradoras da raça portuguesa.

## Conclusão

Terminei o perfil do Senhor Dom Duarte Nuno de Bragança. Aquêles que a não tinham fique a certeza de que existe no mundo um português a mais (1) tal foi o meu desejo e tal a minha intenção ao traçar desapaixonadamente, estas linhas sem política.

Lisboa — 26 - Agosto.

---

(1) No diário de Lisboa *A Voz* que, no seu n.º de 19 de Dezembro, transcreveu êste mesmo artigo, foi publicada, em 21 do referido mês, a seguinte carta:

« ... querido amigo Pedro Correia Marques :

Li hoje a transcrição do artigo do Ex.<sup>mo</sup> sr. Dutra Faria, que não tenho a honra de conhecer, mas que admiro porque, na verdade, demonstra possuir um espírito cintilante e subtis qualidades de análise e observação.

Pela sua pena, vemos o Senhor D. Duarte, um príncipe da hora presente.

Estudioso, inteligente, prudente e modesto, nada ignorando dos tormentosos problemas da actualidade, e em condições de os resolver de acôrdo com as necessidades e aspirações de hoje.

Um homem que trabalha, um homem que tem sentido necessidades, que tem vivido quasi na miséria, tem a alma preparada para sentir o sofrimento alheio e procurar atenuá-lo ou mesmo fazê-lo desaparecer, opondo-se com a sua autoridade à onda crescente do egoismo.

Na conclusão do artigo, diz o sr. Dutra Faria, dirigindo-se aos que não sabiam, que há um português a mais.

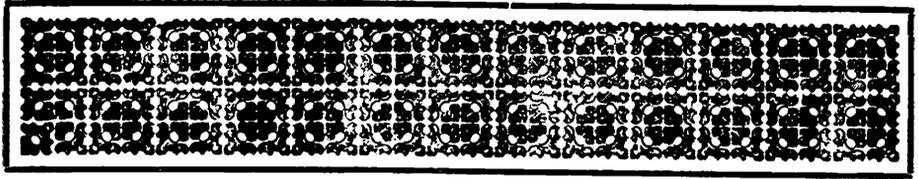
Nisto permito-me discordar do brilhante jornalista. Não foi pelo acto da concessão de nacionalidade portuguesa (acto de justiça e de revogação duma ilegalidade que pela minha parte agradei) ao sr. D. Duarte, que êle é português.

Êle, assim como todos os príncipes banidos, nunca perderam a qualidade de portugueses, visto que o diploma que lha fêz perder, emanou de poderes não constituídos legalmente e por isso mesmo ilegítimos.

Não desejo nem quero dar lições de direito a ninguém, nem fingir de erudito ou de rato de arquivos, mas basta o conhecimento do declarado nas côrtes de Lamego e o decidido nas côrtes de Lisboa (D. João IV) para se ter a certeza de que assim é.

Desculpe meu querido amigo a maçada e mande sempre no amigo do coração

*Manuel de Barrancos.*



## *A Hipólito Raposo*

---

---

*Doutrinar, combater, servir... tanto ano  
De verbo e acção, de apostolado e luta,  
Forjando almas à imagem incorruta  
Da sua — a de Viriato, o Lusitano!*

*Fala Garrett por bôca de Herculano:  
— Lirismo e austeridade, sempre à escuta  
Da aflição, do clamor que a Pátria enluta,  
Brande seu bom cajado de serrano.*

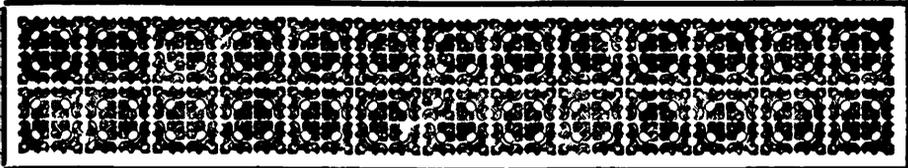
*Português, como os vélhos de outra Idade,  
Só tem pr'ó Rei palavras de verdade...  
Os maus, os fariseus, corre-os do Templo!*

*Rapazes, juventude desta terra,  
Ouvi-lhe a voz, que a sua voz não erra,  
Se amais bem Portugal, segui-lhe o exemplo.*

ALBERTO DE MONSARAZ.

---

---



## “PETER PAN”

por GUILHERME DE ALMEIDA

(Da Academia Brasileira de Letras  
e da Academia Paulista de Letras).

**E**STIVE vendo, outro dia, numa estampa infantil, esta linda figurinha de «nursery»: Peter Pan.

Estava Pintado bem como eu sempre o imaginára: o bebêzinho fino e arisco que fugiu de casa, certa vez, voando pela janela, e nunca mais voltou, e nunca mais cresceu; e ficou morando com as fadas nas árvores de Kensington Gardens (que é o lugar mais folhudo de Londres e é o lugar aonde vão, de manhan, tôdas as criancinhas e tôdas as amas de Londres); e que aparece, às vezes, muito pequenininho e todo vestido de fôlhas sêcas, pererecando nos redemoínhos quando venta, ou espiando os ovos nos ninhos quando é primavera, ou vindo bater nas vidraças para acordar as crianças quando é noite.

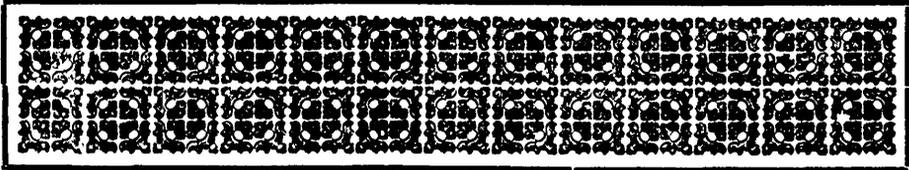
E pensei, então, numa certa aventura da história alegre de Peter Pan: aquela vez em que, vindo visitar os filhinhos de Mrs. Darling, Peter Pan teve que fugir, de repente, assustado, e, na pressa da fuga, esqueceu-se de levar comsigo a sua sombra — aquela sombra que êle veio buscar mais tarde...

Ora, tôda a gente grande tem também um pequeno Peter Pan. E' um pensamento, é um sonho, é um olhar, é uma palavra, é um sorriso, é uma lágrima, até. Ele foge, um dia, pelo gesto, pelos olhos cu pelos lábios da gente, como o outro fugiu pelo janelão da sua «nursery» e fica por aí, como êle, todo vestido de fôlhas mortas, todo côr de ferrugem para se confundir e não ser notado sôbre o «background» de outôno e crepúsculo da vida; parado no tempo sem envelhecer nunca; e, como o gêniozinho infantil, despertando a alma dos outros, e enfeitando a vida dos outros e ensinando os outros a voar livremente como as cousas do céu...

Mas, sempre ligeiro e esperto, e de passagem sempre, êsse Peter Pan também esquece, às vezes, na casa de alguém, a sua sombra. E volta, um dia, para procurá-la... Ah! a loucura que é essa volta inesperada de um pensamento, de um sonho, de um olhar, de uma palavra, de um sorriso ou de uma lágrima que já passaram, uma vez, pela vida da gente e que ressurgem, uma tarde, para vir buscar aí a sua sombra esquecida: a única, a pouca coisa, o quási nada que de si deixaram!

(Copyright da *Imprensa Brasileira Reunida Ltd.* (I. B. R.),  
(distribuído pela Delegação de Lisboa).





# “Temas de História” de Rodrigues Cavalheiro

por RUY GALVÃO DE CARVALHO

A história tem sido entre nós uma autêntica «história de partido». Tem sido ela sempre colocada ao lado de uma facção política, em prejuízo da verdade e até dos supremos interesses nacionais.

Sobretudo a partir do advento do liberalismo político, toda a nossa história está cheia de erros tremendos, de preconceitos de toda a espécie, e eivada de ódios mesquinhos contra a tradição e o passado.

Os nossos modernos historiadores, dominados pelo facciosismo do tempo, escreveram a História nacional «às avessas», torceram o sentido dos factos, romancearam a história pátria.

Daí, por consequência, a pouca confiança que êles nos merecem; daí, por isso, a necessidade urgentíssima de se fazer uma séria revisão da nossa História, estudando os acontecimentos à luz da época e, ao mesmo tempo, procurando integrá-los no ambiente em que se formaram e agiram.

Busca-se agora levar a cabo tam espinhosa matéria.

Já António Sardinha nos seus magistrais ensaios históricos desfez com sagacidade crítica e desassombro intelectual e moral, muitos dos erros que o liberalismo político nos legou pròdigamente, reconhecendo assim o grande Mestre do nosso Nacionalismo integral a necessidade de se refundir inteiramente a nossa História, de a libertar de toda a parentela suspeita. Infelizmente a morte súbita do insigne polígrafo impediu que êle realizasse tam genial pensamento.

No entanto, os que educados foram nas suas doutrinas políticas não esqueceram o seu vivo desejo. Segundo o conselho do Mestre, ei-los todos nesta hora de exaltação patriótica e de nacionalismo inteligente, a rever a nossa História, pondo de parte o que não é fruto do esforço dos nossos Maiores, o que não se fundamenta num pensamento construtivo

e dinâmico, como tam apaixonadamente preconizava o autor de *Ao princípio era o Verbo*.

Dos seus discípulos, um ocupa, desde há muito, um lugar de justo destaque: é o Dr. Rodrigues Cavalheiro, moço publicista que se tem dedicado honestamente a rectificar a nossa História, desfazendo erros enraizados e analisando à luz da ciência histórica os factos e os personagens do nosso Passado.

Principalmente o seu notável estudo sôbre Gomes Freire de Andrade — o português traidor que o liberalismo político elevou à categoria de mártir — coloca o erudito autor de *Os motins de Campo de Ourique em 1803* a-par daqueles que à História Pátria consagram as suas vigílias e o melhor do seu talento.

E como prova do que se disse, editado pela benemérita livraria *Civilização*, do Pôrto, saiu há pouco um volume da sua autoria sôbre *Temas de História*, prefaciado pelo ilustre lusófilo Prof. Edgar Prestage.

Nesta obra, Rodrigues Cavalheiro dá «a primeira contribuição cultural para o Centenário da Restauração», que será daqui a dois anos.

São pequenos ensaios de revisão e interpretação histórica vasados numa linguagem simples mas sugestiva e cuidada, focando especialmente a Revolução de 1640 e o reinado de D. João IV — o rei diplomata.

O livro abre com uma pequena nótula à margem de um trabalho de investigação histórica da eminente historiadora espanhola D. Mercedes Gaibrois de Bellesteros, espôsa do ilustre autor da *Historia de España y su influencia en la Historia Universal*, — sôbre a mulher de D. Sancho II, a rainha D. Mecia, «figura imperfeitamente apreciada pelos medievistas peninsulares».

Encostado a êsse estudo que vem inserto na *Miscelânea de estudos dedicada à memória de D. Carolina Michaellis de Vasconcelos*, Rodrigues Cavalheiro crê também que não fôra D. Mecia essa «mulher pérfida e desleal, traidora ao seu Rei e marido», como a costumam pintar os que fazem da História romance; — mas pelo contrário, fôra ela «uma grande e honesta dama, cumpridora zelosa dos seus deveres de soberana e de espôsa, e que só pela fôrça consegue ser afastada do Rei português que, apaixonadamente, a escolhera para companheira» (pág. 3-4).

Em seguida Rodrigues Cavalheiro conta o drama amoroso do primeiro marido de D. Mecia, «o bravíssimo cavaleiro D. Alvaro Perez de Castro — vencedor do mouro Abenbut em terras jerezanas».

A fatalidade perseguiu a filha de D. Lope Diaz de Haro em todos os passos da sua existência.

Viúva do primeiro marido que se finara «de súdito em Orgaz» «*sin semeiança de grant dolença auer*», anos mais tarde viu-se ela de novo coberta de dó com a morte de D. Sancho II, no exílio em Toledo — curtindo a dor da saúde na solidão de si própria . . .

O novo capítulo escreveu-o o autor a propósito das *Palestras camilianas* de Júlio Dias da Costa, e no passo referente à morte de D. Inez de Castro, mencionando a pouca simpatia que Camilo manifestou sempre pela amante-mulher de D. Pedro I.

Insurge-se Rodrigues Cavalheiro contra a lenda que gira em volta da «miser e mesquinha», sustentando a opinião de António Sardinha, — «que tanto combateu o romantismo nos domínios da investigação do passado» — de que «D. Inez de Castro morreu executada, por crime de traição ao Estado».

No terceiro capítulo o distinto publicista comenta os juízos críticos do Jean Alazar sobre a possível influência que Nuno Gonçalves exerceu no autor da *Pietà* «tábua quatrocentista, hoje no Museu do Louvre e considerada uma das obras primas da escola provençal».

Rodrigues Cavalheiro transcreve, a êste respeito, vários passos da conferência que o Professor da Universidade de Argel proferiu no *Museu Nacional de Arte Antiga*, de Lisboa, onde o douto mestre expõe a sugestão que lhe foi dada pelo grande crítico de arte, Dr. José de Figueiredo, acêrca da provável *presença* do génio de Nuno Gonçalves na factura do célebre quadro de Avinhão, o que aliás se explica, pois que a Escola de pintura dos nossos primitivos teve no século xv uma notável expansão para além fronteiras «especialmente em França».

Daqui se pode chegar a esta conclusão: Portugal não só foi grande na dilatação da fé e do império, também o foi no seu génio artístico, eternamente vivo em aquêla que tinha a «envergadura dum Van Dyck».

No capítulo seguinte, Rodrigues Cavalheiro volta a falar na pintura de Nuno Gonçalves, desta vez sobre o mar no discutíssimo «políptico» do «insigne pintor régio de Afonso V» — êsses admiráveis painéis onde o mar «encontrou nos pincéis» do genial artista «a expressão imortal de que carecia», fazendo-nos, a propósito, a descrição das impressionantes tábuas que se guardam no «Museu Nacional de Arte Antiga».

No capítulo imediato detém a sua atenção na vinda a Portugal «do illustre Jerónimo Munzer, Doutor em Medicina pela Universidade de Pavia e homem culto e viajado». O médico alemão fugira de Nuremberg por causa da peste que novamente grassara naquela cidade.

Escreveu, em latim, o seu *itinerário*, relatando a viagem que fizera

a Portugal. Neste sentido são curiosíssimas as suas informações «sobre D. João II, a vida portuguesa no final do século xv, as navegações atlânticas e o comércio com os novos domínios da Coroa», não se esquecendo também de descrever as cidades portuguesas que viu, bairros, monumentos, etc., etc.

No novo capítulo dá-nos Rodrigues Cavalheiro uma breve, mas sucinta notícia sobre as «cenas da Natividade» nos nossos Primitivos — quadros de simbólica intenção, assinalando a aliança do «sentimento cristão com a pureza da Arte».

O sétimo capítulo é dedicado à «Lisboa sob o duque de Alba», servindo-se, para isso, o autor dos *Novos documentos sobre duas embaixadas de D. João V*, de uma carta escrita em francês, e datada de 13 de Abril de 1581. Esta carta atribuída a um tal Melchior de Rieux, que então «exercia extra-oficialmente funções consulares», em Lisboa, encontra-se arquivada na Biblioteca Nacional de Paris.

Rodrigues Cavalheiro produz vários passos dela, tam valiosos para o estudo da ditadura violentíssima que o duque de Alba exerceu em Portugal depois da escaramuça de Alcântara.

«São, de facto, bem vivas — escreve o historiador nacionalista, — as impressões descritas nessa carta: as precauções dos usurpadores, receosos sempre das manobras do Prior do Crato (a êsse tempo, de resto, já exilado); a rêde extensíssima de espionagem, tudo e todos envolvendo, não havendo que fiar em parentesco ou amizade; as desordens sangrentas entre portugueses e castelhanos; o espectro da fome pairando sobre o país arruinado».

Segue-se o capítulo sobre Maria de Médicis, a toscana princesa que esteve para casar com D. Teodósio, Duque de Bragança, e pai de D. João IV, e digno também é de ser lido o capítulo intitulado *A Alfarrobeira de Alcântara*.

Neste último capítulo Rodrigues Cavalheiro faz menção de uma das muitas conspirações que houve durante a dinastia filípica, sendo a principal em 1638, e que chefiada foi pelo «então Conde de Cantanhede, mais tarde Marquês de Marialva», e gorada, «ao que parece, por o futuro herói da Guerra da Restauração ter sido desterrado pelo govêrno castelhano». A conspiração foi tramada debaixo de uma alfarrobeira, árvore históricamente simbólica.

Dois séculos depois essa árvore existente no forte de Alcântara, «por actos de atrás vandalismo, foi cortada... com pretexto de estabelecer caminho para os carros americanos, o que se evitaria dando aos carros

leve desvio». Um fragmento dela está guardado no Museu Municipal do Palácio Galveias.

Êste capítulo serve, em parte, de introdução aos capítulos sôbre *Richelieu e a Revolução de 1640*, *O «Feliz Restaurador»* (baseado no estudo do Prof. Joaquim de Vasconcelos), *El Rey D. João 4.º e Carlos I de Inglaterra* (encostado ao ensaio do Prof. Edgar Prestage) — *O Dr. António de Sousa de Macedo*, residente de Portugal em Londres (1642-1646), «inserto no vol. x, do *Boletim da segunda classe*, da Academia de Ciências de Lisboa e de que se fêz uma separata».

Nestes três capítulos, Rodrigues Cavalheiro transcreve documentos, opiniões e episódios, e em visão panorâmica traça-nos o quadro do que aconteceu nesse período crítico, para que a revolução de 1640 pudesse vingar, e a acção do Cardial francês e dos seus agentes secretos, bem como o perfil do Duque de Bragança, o primeiro rei da quarta dinastia, sua hábil política diplomática e seu carácter.

Sem dúvida foi D. João IV um dos mais notáveis monarcas portugueses, e a êle se deve, principalmente, o triunfo da Revolução; e, depois, quando já no trono, soube compreender «claramente a gravidade da situação».

Não deixam também de ser interessantes os capítulos: — *A aventura de Casimiro da Polónia* — êsse «aventureiro e semi-louco irmão do rei Ladislau e seu sucessor, que um dia sonhou com a corôa de Portugal...»; *Portugueses em Tallemant des Réaux (Historiettes)*, onde há largas referências a Portugal e aos portugueses, episódios vários passados no período da nossa Restauração Nacional, etc.; *O Cavaleiro de Gardanne em Portugal*, que, em missão política e militar, veio a Portugal em 1647, enviado de Ana d'Austria, sendo portador de uma instrução possivelmente da autoria de Mazarino; e finalmente *A côrte de Ana de Austria vista por um diplomata português*, que foi Cristóvão Soares de Abreu — «uma das mais curiosas figuras do Portugal-Restaurado, autor de umas *Advertências para França*, ainda por publicar».

O diplomata português, nessas *Advertências*, esboça-nos o perfil de Mazarino, inimigo de Portugal, e o de Ana d'Austria, joguete nas mãos do astuto Cardial.

Todos estes capítulos são, em suma, subsídios importantíssimos e indispensáveis para o estudo da nossa Restauração Nacional e de D. João IV — monarca que durante «o século passado e ainda nos comêços do actual» incompreendido foi dos nossos historiadores liberais, tendo-se formulado sôbre a sua pretensa «pusilaminidade» os mais dis-

paratados juízos, ao mesmo tempo que se amesquinhava «a casa que êle elevava à categoria de uma dinastia real». Felizmente estudos sérios, entre êles os de Joaquim de Vanconcelos, Edgar Prestage, António Sardinha, etc., desfizeram por completo essas calúnias.

Os capítulos restantes dos *Temas de História* são anotações à margem do *Testamento Político de D. Luiz da Cunha* (a-propósito do Marquês de Pombal), sôbre *As Memórias de Saint-Priest*, em que o seu Autor faz alusões ao Ministro de D. José; *As recordações do Conde de Rochechouart*, onde há páginas dedicadas a Portugal e às nossas cousas e se fala da *Feliz Regência* e da *Campanha das laranjas*, uma «guerra com a Espanha — guerra amável e cortês», sôbre a estada em Portugal do cavaleiro de Durepaire, um dos mais bravos defensores de Maria Antonieta na trágica noite de 5 para 6 de Outubro, em que a população revolucionária assaltou o palácio de Versalhes, etc.; e as três cartas que a princesa D. Maria Francisca, casada com o Infante D. Carlos de Espanha, enviou a D. Miguel I, seu irmão.

São cartas admiráveis definindo o carácter de uma das filhas de D. João VI e de D. Carlota Joaquina.

Merecem portanto da mesma maneira a atenção dos estudiosos estes capítulos.

Rodrigues Cavalheiro fecha os seus magníficos *Temas de História* com a publicação de um plano de *História de Portugal* que António Sardinha pensava levar um dia ávante, mas que não chegou a realizar por a morte o ter surpreendido «em plena batalha das ideias».

E' esta pois, uma página de saúde e de admiração pelo Mestre querido, uma homenagem prestada à memória de quem procurou restituir a Portugal a sua feição própria. A ela nos associamos também com o espírito rendido e o coração tocado da emoção mais pura.

E' certo que António Sardinha desapareceu do nosso convívio fraterno, mas o seu espírito formosíssimo ficou connosco na herança que nos legou, — aquêles que, como Rodrigues Cavalheiro, souberam continuar a sua obra nacionalista e executar o seu pensamento construtivo!

Numa palavra *Temas de História* são mais uma sólida pedra a ajuntar àquelas outras que vão formar o monumento espiritual a erguer-se no próximo centenário da Revolução de 1640.

Sábado do Senhor Santo Cristo  
do Ano da Graça de 1938.

# VELHARIAS VIMARANENSES

DOCUMENTOS & EFEMÉRIDES

1838

GUIMARÃIS HÁ 100 ANOS

## Novembro

**Dia 10** — A's duas horas da tarde saiu da Câmara um luzido Bando, acompanhado de uma banda de música e uma guarda de honra do n.º 18, convidando os habitantes a pôrem luminárias na noite dêste dia e nas duas seguintes, pelo feliz nascimento do infante D. Luiz, Duque do Pôrto, ocorrido no dia 31 do mês passado.

Deram-se repiques de sino em tôdas as tôrres e queimaram-se alguns foguetes do ar. Os vivas não eram muito correspondidos, por causa do desgosto geral em que estavam os povos (P. L.).

**Dia 11** (2.ª noite de luminárias) — No teatro desta vila, a Companhia Nacional do Pôrto, que aqui se achava, representou o bem conhecido e bem aplaudido drama — «José II visitando os cárceres» — com um elogio, etc., o que muito satisfez os espectadores. No teatro estavam as efígies de Suas Majestades a Senhora D. Maria II e D. Fernando, seu espôso. Levantaram-se vivas que não foram correspondidos pelos espectadores, por motivo do desgosto geral em que todo o povo estava, em consequência de ser governado por um punhado de demagogos. (P. L.).

**Dia 12** — Foi concedido à Junta parochial de S. Cristóvão de Riba de Selho o maior dos sinos de Santo António dos Capuchos de Guimarães. Em fins dêste ano a Junta e Pároco de Azurei pediram a revogação desta portaria.

**Dia 13** — Por andarem obras na igreja, houve *Te Deum Laudamus* na sacristia da Colegiada pelo feliz parto de Sua Majestade a Senhora D. Maria II, felicitando êste reino com o Infante, Duque do Pôrto.

O *Te Deum* foi cantado a cantochão e ninguém mais assistiu a êle do que alguns cônegos.

**Dia 16** — Chegou aqui o batalhão de infantaria n.º 18, que tinha seguido para Melgaço no dia 3 do mês passado, deixando destacamentos naquela vila e em outros pontos da raia. (P. L.).

**Dia 19** — Houve preces na Colegiada pedindo sol, para se poderem fazer as colheitas, que estavam em grande parte por fazer por causa das muitas e continuadas chuvas que tinham havido em todo o outono, não se tendo recolhido uma terça parte do pão. Também se fizeram preces em outras igrejas da vila. (P. L.).

**Dia 21** — A Relação do Pôrto proferiu acórdão dando provimento ao recurso do Cabido contra os coreiros e estudantes. Julgando inepto o Libelo e improcedente a acção, reformaram a sentença e condenaram os apelados nas custas.

Era sôbre a posse das maçãs, castanhas, etc., no dia de S. Nicolau.

**Dia 22** — Foram alguns estudantes à Colegiada e procuraram o cônego Baptista (João Baptista Gonçalves Sampaio) para o insultar, por lhes ter sido anulado pela Relação do Pôrto, o processo de uma demanda que traziam com o Cabido, acêrca da renda de Santo Estêvão que se costumava pagar em dia de S. Nicolau. (P. L.).

*N. B.* O cônego escapou-se-lhes refugiando-se num andaime das desastradas obras que então se faziam na igreja sob a sua direcção. Os estudantes procederam assim por, no dia antecedente, lhes ter sido anulado na Relação do Pôrto, em virtude de influências dele, o referido processo ganho no ano anterior. Na corres-

pondência da Administração do concelho diz: que a 22 e 23 os estudantes praticaram um escandaloso facto na igreja e claustros da Colegiada. (Vide o jornal *Independente* n.º 209).

**Dia 23** — O administrador do concelho requisitou ao coronel do 18 alguma fôrça, que foi posta debaixo da casa da Câmara, dando patrulhas, que se dividiram por tôda a vila. Esta medida foi tomada em consequência dos estudantes quererem insultar o cônego Baptista, vendo-se êste na necessidade de se retirar desta vila. (P. L.).

## Dezembro

**Dia 1** — A's Trindades deram uma facada (1) no Prozódia pai (2), negociante no Passeio do Toural, da qual morreu pelas 4 horas da manhã do dia seguinte. Ignorou-se quem foi que o assassinou (3), mas presumiu-se que foi por êle ter jurado no tempo de D. Miguel contra os Constitucionais. (P. L.).

**Dia 9** — Morreu em casa das do Guardal o Padre Mestre frei José de S. João de Lobjigos, ex-lente de Teologia, egresso do extinto convento de Santo António dos Capuchos. Foi depositado no dia seguinte na igreja dos Capuchos e sepultado no claustro da mesma. Tinha sido um realista dedicado a ponto de não ter mais apparecido em público desde a aclamação da rainha D. Maria II e da Carta.

*Nota à margem:* Não esteve depositado. Logo que o levaram para o convento, enterraram-no por causa do cisma. Foi enterrado de noite. (P. L.).

\*

A's 10 horas da manhã principiou-se nos paços do concelho a eleição de nove vereadores e nove substitutos e administrador do concelho, reinando sossêgo. Só apenas se notava o descaramento com

(1) Foi com um estilete.  
(2) Chamava-se Francisco José Fernandes de Araújo.  
(3) Foi um homem com capote de soldado.

que trabalhavam os partidos *Chamorros e Mijados* para que saíssem eleitos os das suas listas. (P. L.).

**Dia 13** — Neste dia escreveram de Guimarães para o *Periodico dos Pobres* no Pôrto: «Tem-se procedido em boa ordem á eleição da Camara. Em todas as assembleas do concelho, com poucas excepções, tem obtido consideravel maioria para Vereadores cidadãos sinceramente interessados na boa administração e na paz e ordem publica.»

**Dia 17** — Na câmara dos senadores, a comissão de verificação dos poderes resolve o seguinte sôbre a eleição de Guimarães: — «Neste circulo deixam seus lugares vagos o barão da Ribeira de Sabroso com 4:040 votos, para entrar por Bragança, onde obteve 4:600 votos; e Jose Pinto Soares por ter optado por deputado. Dos 3 substitutos, o unico que pôde chamar-se é o barão de Vilar de Torpim, porque Manuel de Castro Pereira é proprietario por Bragança e o Conde do Bomfim por Leiria. Entende portanto a comissão que deve proceder-se á eleição de um substituto.»

**Dia 23** — Veio a esta vila o brigadeiro Pádua, general interino da Provincia, levando para Braga a secretaria do Governô da Provincia. O Barão de Almagem, chamado a Lisboa para tomar assento na câmara dos senadores, deixou de exercer o comando. (P. L.).

**Dia 30** — Havia cisma nas igrejas de Calvos, Infantas e Matamá. (Administração do concelho).

**Dia 31** — A's 3 horas da madrugada faleceu o cônego João de Barros e Leiva, penúltimo possuidor da prebenda n.º 6, que já havia renunciado em seu sobrinho. (P. L.).

\*

Na sessão da Câmara dos Deputados, José Fortunato Ferreira de Castro, representante de Guimarães, falando das eleições aqui realizadas, procurou atenuar os factos occorridos, classificando-os de imprevistos pelo que entendia ser melhor lançar-se «um véu» sôbre êles.

JOÃO LOPES DE FARIA.

# PENSAMENTOS, PALAVRAS & OBRAS

DA VIDA ■ DOS FACTOS ■ DAS LETRAS

*«De republicano, fiz-me monárquico. E, creio-o, podemos ser monárquicos, sem deixarmos de ser socialistas.*

*Há três anos que aprendo a conhecer a Realeza e o Rei: um homem que durante trinta anos foi educado para o seu cargo por seu pai e pelas melhores inteligências do seu país, que tem as qualidades necessárias para dominar a situação e para não se perder nas contingências quotidianas do governo parlamentar, o Rei é o verdadeiro representante e defensor dos interesses permanentes da Nação.»*

SPAARK.

## DR. HIPÓLITO RAPOSO

No dia 17 de Dezembro foi prestada, em Lisboa, justa homenagem de sincera admiração ao nosso prezado amigo e ilustre escritor e professor Dr. Hipólito Raposo.

Associamo-nos sincera e gostosamente a essa homenagem consagrada ao valoroso nacionalista que tem pôsto sempre a sua brilhante inteligência ao serviço da verdadeira Causa Nacional.

Basta percorrer as páginas de *A Monarquia*, de *A Nação Portuguesa*, da *Ordem Nova*, da *Política*, do *Integralismo Lusitano*, da nossa Revista e dos seus livros admiráveis de ensinamentos e de boa doutrina para se fazer uma ideia exacta da sua inteireza de carácter, da sua firmeza de princípios, da grande vontade de bem servir a sua e nossa Pátria dentro daquelas verdades eternas que Balzac proclamou e nós seguimos, cada vez mais cheios de fé e de confiança.

Mestre de uma geração que luta pelo resgate definitivo da Nação, o Dr. Hipólito Raposo é bem, como o salientou o antigo Ministro da Justiça, Sr. Dr. Almeida Euzébio, «o chefe político que domina, que

dirige, que se impõe sem se fazer temer, mas que sabe fazer-se amar por tantos e tão bons que seguem a sua doutrinação e as suas lições».

Agora que o feliz resultado de uma operação cirúrgica veio restituir o Dr. Hipólito Raposo ao destino que tem dominado a sua vida mental, de novo reviverá, também, a sua acção construtiva a indicar-nos os princípios fundamentais de uma política nova que será sólida garantia do futuro de Portugal.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.

### Dom Duarte de Bragança

Em Setembro findo completou 31 anos o Senhor Dom Duarte de Bragança, neto de El-Rei D. Miguel I e descendente directo dos nossos Reis.

Nascido e primorosamente educado no exílio, dotado de peregrinos dotes intelectuais e morais, mantém no coração o fogo sagrado do amor a Portugal e o mais vivo interesse por tudo quanto se relacione com o seu e nosso país.

Um grupo de monárquicos do Norte enviou ao Senhor Dom Duarte uma dádiva significativa da sua dedicação e respeito: — uma rica e formosa caixa, com fecharia de *vermeil*, contendo um raro exemplar da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, o grande historiador dos séculos xv e xvi.

Ao Príncipe e Português ilustre apresentamos, respeitosamente, as homenagens do nosso affecto e da nossa fidelidade, com os mais sinceros votos de felicidades.

### A homenagem ao Dr. Hipólito Raposo

Amigos e admiradores de Hipólito Raposo reuniram-se em Lisboa, no dia 17 de Dezembro, para lhe manifestarem a sua muita estima e grande admiração.

Em acção de graças pela cura do ilustre escritor que tinha sido, há pouco, submetido a uma operação cirúrgica, foi celebrada nesse dia, na Igreja do Sacramento, uma missa que foi muito concorrida.

Depois, pelas quinze horas, deu-se início a um almôço que se realizou no Grande Hotel Borges, e a que presidiu o ilustre poeta e nosso dedicado amigo e colaborador Sr. Dr. Afonso Lopes Vieira, que tinha à sua direita o homenageado e os Srs. Drs. prof. Pereira Dias, João do Amaral, Rolão Prêto, Américo Chaves de Almeida, João Emauz e prof. Marcelo Caitano, e à esquerda os Srs. Drs. Alberto Monsaraz, comandante Almeida Teixeira, Visconde de Santarém, Afonso Lucas,

Almeida Euzébio e Armando Cordeiro Ramos, sentando-se, indistintamente, em outras mesas, muitos amigos e admiradores do homenageado.

Iniciou os brindes o Sr. Visconde de Santarém, que representava o Sr. Conselheiro João de Azevedo Coutinho, e saudou o Sr. Dr. Hipólito Raposo, associando-se à homenagem prestada.

Depois, o Sr. Dr. José Centeno Castanho, em nome da comissão organizadora, saudou o homenageado, falando de tôda a sua grandiosa obra de doutrinação.

Falou, depois, o Sr. Dr. Almeida Euzébio, antigo Ministro da Justiça, que diz ser consoladora aquela reunião de amigos, lembrando a grande doutrinação do Integralismo e a saudável memória do Mestre António Sardinha e Xavier Cordeiro.

O Sr. Dr. Afonso Lucas falou em nome dos companheiros de doutrinação e junta às homenagens prestadas à memória de António Sardinha e Xavier Cordeiro, o nome de Manuel Refoios de Meneses. Evoca os tempos de combate de Hipólito Raposo e recorda que se Sardinha foi a ansiedade daquela hora de exaltação e Xavier Cordeiro o espírito jurídico, Hipólito Raposo foi o homem da fé.

O Sr. Dr. Chaves de Almeida faz justiça à sinceridade da homenagem e traz as saudações de Teófilo Duarte e do Dr. Almeida Braga,

que representa, lendo uma carta dêste último, que em todos os convivas despertou o maior interêsse e aplauso.

O poeta Conde de Monsaraz evoca as diferentes lutas passadas e leu os versos que publicamos noutra lugar.

Seguiu-se-lhe o Sr. Dr. Hipólito Raposo, ouvido de pé, religiosamente, por tôda a assistência e que proferiu o seguinte discurso:

«Pelo testemunho que hoje me dais do vosso bem-querer, o meu coração não só exulta, mas também o entristece o receio de se confundir na perturbação da vanglória. Nos seus transportes de affecto, a vossa amizade me humilha, se me ponho a considerar comigo a distância para as razões de aprêço que vos ajuntaram para agradecer a Deus a cessação de um tormento e para festejar no convívio desta mesa a restituição do uso daquela fala em que meus Pais ensinaram a revelar-se uma alma de beirão e de português.

Manifestação de fraterno affecto que teria de evitar se fôsse de outra natureza, se pretendesse traduzir-se em consagração que não mereço — aceito-a, quero recebê-la em galardão de estima, como honra de condecoração moral, espontâneamente conferida a quem, por índole e coerência, outra não tem nem poderia ter até hoje.

Aqui me inclino em sinal de agradecimento à Comissão promotora, a todos vós que viestes e a todos quantos em espírito quiseram acompanhar a generosidade dêste intento.

•

Pela carne e pelo espírito, devemos todos o nosso quinhão de culpados na

primeira desobediência a Deus, e sem a dor compreendida e aceite pela virtude da paciência, faltaria sempre um termo necessário na equação do problema do nosso destino para além da vida.

Muitas vezes quis eu falar-vos e não pude dominar o sofrimento; outras vezes vos evitei, fugi de vós ou interrompi horas de grande prazer da inteligência, para me perder nas voltas do infortúnio que me toldava o pensamento e me atormentava o amor do próprio lar, punindo às facadas os beijos nos filhos!

E hoje, ao ver-me rodeado de tantos carinhos, compreendo como o fim destes males importou também a libertação da vossa dorida mágoa; vejo como esta voz vos dá gôsto, sentindo nela o prazer da reconciliação com os desígnios de uma inteligência e os anseios de uma vontade sempre decidida em unificar as aspirações dos portugueses de lei, em serviço e honra da Pátria.

Deixou-nos Santo Agostinho uma sentença dentro da qual se debate o nosso orgulho com a humildade:

*Nenhuma ciência há melhor do que aquela pela qual o homem se conhece a si próprio.*

Eu a evoco para iluminar a consciência deste momento em que a minha palavra renasce para responder às vossas saudações.

Palavra sem eloquência, sempre longe do poder de exaltação, incapaz de seduzir pela música ou pelo fulgor das imagens, todos jubilosamente aqui viestes, talvez só para reconhecer nela a voz que nunca soube corromper pela lisonja, nem afrontar pela injúria; que sempre condenou a opressão e se ergueu a reclamar aquelas justas liberdades que se confundem com a própria dignidade do espírito; voz contida em silêncio para não condenar outros ou excedida no

prazer de admirar com louvor os méritos de quantos se feriram nos abrochos da adversidade ou se ergueram com asas de sonhos de beleza, de acção e de vitória.

Quisestes ouvir a mesma palavra que se fez eco, pregoeira dos mestres do espírito nacional, e foi procurando distribuir pelos mais novos os ditâmes da verdade portuguesa, a cujo triunfo perfeito ou mutilado, a meu juízo, aspiram os nossos compatriotas de boa vontade.

Aqui me confesso restituído ao destino que dominou a melhor parte da minha vida mental, nesta efusão de sentimentos, nas certezas da lealdade e do desinteresse que dão aos amigos as honras de irmãos, eleitos pelo coração, e cuja alegria já me oferece recompensa superior à lembrança de seis anos de suplício.

Nestes instantes em que encontrastes motivo de festa numa intervenção bem sucedida, seria injusto esquecer todos os médicos que lutaram contra o meu mal, devendo distinguir aquêles dois, cuja ciência e intuição me conduziram ao bom êxito que aqui nos veio reunir — o môço cirurgião João Cid Santos, continuador e herdeiro de um dos nomes mais ilustres de Portugal de hoje e o operador francês, professor René Leriche, glória da França e da Latinidade, para os quais vão as saudações e o agradecimento perpétuo do seu doente de há poucas semanas.

E agora, amigos velhos e novos, a minha gratidão vos bendiz, o meu reconhecimento vos abraça a todos pela vossa bondade, do meu coração comovidamente brota a alegria viva e já saudável de um instante que não há de morrer enquanto tiver lembrança, mas que não se pode repetir.

Um dia, há vinte e quatro séculos, um mancebo foi dizer a Diógenes que estava convidado para um banquete:

— Não vás, aconselhou asperamente o Filósofo: se és bom, tornarás mau, e, se mau então já fores, voltarás pior.

Para não dar razão ao pessimismo do Cínico, nem incorrer em sentença condenatória no vosso juízo, seria ambição salutar do meu desejo poder afirmar-vos a segurança de sair dêste banquete melhor do que nêle entrei.

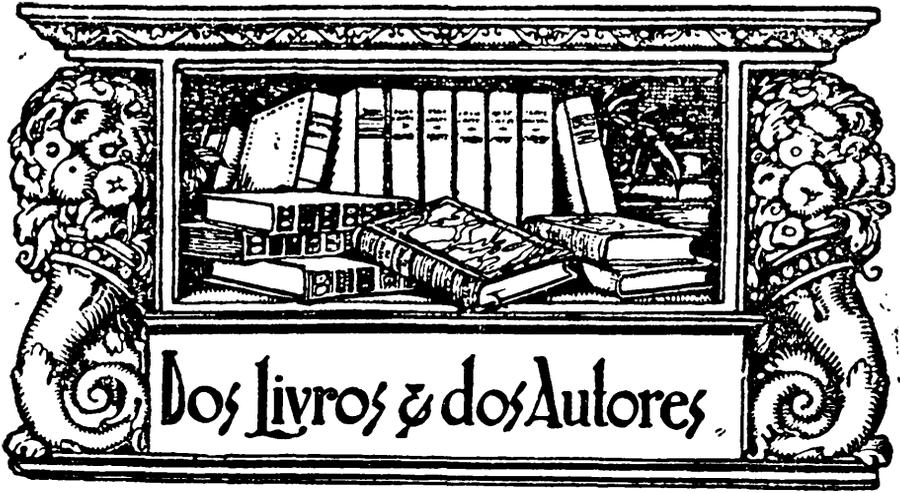
Mas confiado à certeza de ficar sendo ainda mais vosso amigo, já me contento de guardar a esperança de nunca vos

dar causa ao remorso de haverdes perdido o tempo, partilhando comigo a alegria dos vossos corações e o pão da vossa mesa.

Amigos e companheiros: Que Deus vos defenda da miséria das doenças e prospere o bem-estar das vossas vidas com a graça cristã e portuguesa dos vossos lares!»

Os nossos directores, Srs. D. José Ferrão e Manuel Alves de Oliveira, enviaram telegramas de adesão a esta homenagem prestada ao grande português e valoroso nacionalista.





BADANAIS — *monotonia e paisagem* — por Azinhal Abêlho. Livraria Progresso. Lisboa, 1938.

Creio que foi Viana Moog que ao conceder uma entrevista a «Dom Casmurro» disse do seu contentamento por apresentar ora o ensaio, ora o romance, ora o conto porque de cada vez parecia que se estreava. E na verdade sempre que o Artista nos traz nova modalidade do seu espírito: pintura, romance, escultura, crítica, — para nós é uma estreia. E como estreia o devemos estudar. Que hoje é necessário duvidar dêsses complexos que surgem buscando (pois não se diz que o Artista actual tem valor como personalidade que é? — sem escola, sem moldes, sem preocupações: obedece ao impulso sensitivo e realiza), o triunfo fácil através duma faceta diversa da que já mostrara. Nunca no desenho e na poesia surgiu uma camada tão completa de negações. A prosa cortada às talhadas, polvilhada de vírgulas, temperada com sinais — temos um qualquer a lançar um livro de poemas!

Um borrão, um ponto branco, um traço — paisagem sertaneja tendo ao fundo a casa do moiral e a ponte para o rebanho atravessar o caminho da pastagem; um formidável quadro!

Doutrina esta contrária ao valor da personalidade? Não. Antes a favor do aparecimento da personalidade. Mas o que há é uma necessidade de recalcar — para me servir de Freud — determinadas negações de personalidade artística em benefício das autênticas. Por aqui nos libertariamos desta época de desassossêgo artistico onde todos os têrmos vexatórios servem para denegrir a função que a arte dos nossos dias tem como arte.

Azinhal Abêlho pode dizer-se que teve a sua estreia com êste livrinho de contos: «Badanais». E como personalidade artística se define precisamente na contextura da obra, no delinear das personagens, na marcha que imprimiu ao conto e na procura em valorizar a terra alentejana.

No livro, mais que êle não escrevesse, um conto o valoriza «Manel Mais Nada». Está aí um bom campónio do Alentejo sério, trabalhador, cuidando das suas terras e com êle a mulher. Depois o aparecimento da filha, o seu enleio, os seus cuidados para o futuro.

E Manel Mais Nada passa evidentemente um dia a ser, pelo seu trabalho, alguém, um Manel-Mais-do-que-Tudo.

E' muito natural que Abêlho volte à prosa. E se voltar não seria desacertado que estudasse os seus personagens psicologicamente dando-nos o seu mundo íntimo, os seus sentimentos e afectos através duma análise científica.



AS SETE PARTIDAS DO MUNDO, por *Fernando Namora*. Livraria Portugália. Coimbra, 1938.

A actual literatura vive dum interiorismo psicológico a tal ponto que converte a obra em biografia. Pode dizer-se que hoje o fulcro da novela ou do romance ou até do conto está na explicação anímica do individuo, no desfibrar pontiano, na análise da sua sensibilidade, no rememorar de factos ligados à existência do ser. E mesmo quando o autor não «viveu» o que descreve, êle trabalha como se os acontecimentos tivessem decorrido nêle, no modo como os sentiria se o «dever ser» ocorresse no escritor.

O poder emotivo toma por vezes cunho excepcional ou inédito para quem se habituou à literatura da época que passou. O romancista dá uma explicação para todos os factos, explicação que cai na psicologia, psicologia que por momentos se integra no campo experimental. Daí uma necessidade de conhecimentos, — de cultura, ia a dizer — de tôda a ordem que são primordiais ao Artista actual. O Artista dos nossos dias (nem lhe chamo modernista porque não só o têrmo nie parece impróprio, como ainda pode servir de confusão a certos espiritos) surpreende pois o menos prevenido. Os personagens que êle trás à obra actuam com as faculdades intelectuais: atenção, memória, sensibilidade, inteligência, emoção, etc., etc. e uma «técnica» nova movimentada, dá-lhes vida, imprime-lhes um fundo humano. A certo ponto o próprio romancista entra no criticismo (tam troçado e amesquinhado, louvado seja Deus!) para que melhor seja «compreendida» a sua missão. Sim e tudo porque a revolução na Arte é verdadeiramente profunda e é necessária uma «explicação». Creio que revela bem esta «explicação» que estamos numa fase inicial, num princípio de era nova, no pórtico dum templo novo. A continuidade da literatura vasada nas directrizes actuais suprimirá êsse «auxílio» e a abundância de obras ha-de oferecer um gôsto pelo género.

E' ler-se *Mothers' Cry* ou *I am his wife* dessa prodigiosa norte-americana Hellen Grace Carlisle para que nos venha uma vontade de mais e mais romances tam fortes, tam emotivos, tam humanos, tam psicológicos.

Ou doutro americano do sul (porque não dizer: dêsse português do Brasil?) Erico Veríssimo que nos oferece em lingua lusiada num conjunto romanesco (Música ao Longe, Caminhos Cruzados, Olhai os lírios do campo) problemas de interêsse capital e com «técnica» verdadeiramente nova.

Em Portugal pouco ainda se fêz nêsse sentido. João Gaspar Simões escreveu «Eloy» e recentemente Branquinho da Fonseca com o heteronimo de António Madeira deu-nos «Caminhos Magnéticos» cujo conto «O Anjo» é trabalho para revelar um Artista.

E Fernando Namora (*As sete partidas do mundo*) tentou também a literatura baseada na explicação interiorista.

O autor não pode esconder as influências que exerceram na sua obra Hellen Grace Carlisle e Erico Veríssimo, bem como a tendência em explicar com Freud determinados fenômenos.

Estamos de facto em presença dum romance moderno. A técnica é por vezes arrojada e na prosa sente-se a garra do prosador. Temos que contar que Namora é um adolescente, e assim êle é criticado.

O futuro se pronunciará melhor sôbre êste jovem romancista.

JORGE DA COSTA ANTUNES.



CITANIA E SABROSO, por *Mário Cardozo*. Edição da Sociedade Martins Sarmiento. Guimarães, 1933.

Continuando na sua benemérita missão de dar a conhecer, em todos os seus detalhes, a obra grandiosa de Sarmiento, o sr. Capitão Mário Cardozo publica, em 2.ª edição, a notícia descritiva das estações arqueológicas da Citânia e de Sabroso.

Trabalho realizado com o cuidado que é necessário em assuntos de tal natureza, dá-nos um roteiro precioso das duas estações arqueológicas postas a descoberto pelo sábio vimaranense.

E' um estudo sério, que os estudiosos de arqueologia não devem ignorar, e, ao mesmo tempo, um guia precioso para aquêles que desejem visitar essas preciosas fontes documentais da História e da vida dos povos que passaram pela Península.

O texto é ilustrado com numerosas gravuras, inserindo, ainda, uns elucidativos resumos em francês, inglês e alemão.



UMA PROVEITOSA LIÇÃO DE HISTÓRIA, pelo *Padre Serafim de Chaves*. Horta (Açôres), 1938.

A 1 de Dezembro de 1937 realizou o inteligente cura da Matriz da Horta uma conferência, a todos os títulos notável, e que é bem *Uma proveitosa lição de História*, agora publicada para regalo dos que a não puderam ouvir.

Êste pequeno volume revela as belas qualidades do sr. Padre de Chaves e o seu esforço de bem servir.

Focando o alto significado da revolução de 1640, traça, com notável vigor, energia e erudição, alguns dos feitos mais brilhantes dos nossos antepassados, levantando bem alto o facho de glória que sempre tem iluminado as páginas belas da História de Portugal.



DA VOZ QUE ME FALA, por *Raimundo Belo*. Tipografia Andrade. Angra do Heroísmo, 1938.

«Prêgai com o bom exemplo». E é prêgando com o bom exemplo que Raimundo Belo nos aparece neste seu novo volumezinho.

Trabalho simples e despretencioso, fixando pormenores e conceitos sãos, lê-se com agrado e proveito.

ARRANCADA HERÓICA, por *Artur Tojal*. Pôrto, 1938.

Sôbre as ruínas fumegantes da martirizada Espanha vai-se manifestando a inspiração dos poetas, que, nos actos heróicos dos soldados de Franco, encontra motivos fortes de elevação e de grandeza.

Assim, Artur Tojal canta, na sua *Arrancada Heróica*, o heroísmo de tantos bravos que «por bem da Pátria, cumprem o seu dever».

Não é esquecido José António e o Nacional Sindicalismo, «lutando contra as hordas comunistas».

Versos singelos, mas vibrantes, são grinaldas de rosas, entretecidas em fôlhas de ouro, a coroar a fronte dos que de «camisa azul e cara ao sol» resgatam erros passados, conduzindo a Espanha para novos e gloriosos destinos.



SÉRIE VERMELHA (n.º 11 a 20). Editora Educação Nacional. Rua do Almada, 125 — Pôrto.

Em continuação à «Colecção Civilização», a Editora Educação Nacional, a quem se deve já a edição de belos livros, lançou a «Série Vermelha», de que já estão publicados dez excelentes volumes.

O CORONEL CHABERT, de *H. de Balzac*, em tradução de José Sarmiento, é um magnífico retrato de almas, de feitura impecável, e tem certos pontos de semelhança com o *Frei Luiz de Sousa*, do nosso Garrett. Contém, ainda, duas pequenas novelas, profundamente românticas, *Adeus* e a *Romanzeira*, que se lêem com o maior interêsse.

EUGÉNIA GRANDET, traduzida por Barros Ferreira, é, igualmente, de *H. de Balzac*.

Emocionante drama de amor em contraste com a sordidez de um avarento milionário, que morre miseravelmente, é considerada a melhor obra do grande romancista francês, glória da latinidade.

Eugénia é uma figura extraordinária e simpática de mulher, e êste volume é um estudo psicológico que se lê com o maior agrado e com utilidade.

PECADOS VELHOS, por *Gregório Csik*, o maior escritor húngaro do século passado, descreve-nos as aventuras de um homem enigmático, guiado por uma paixão amorosa. É um livro de memórias, destinado a um restrito número de leitores.

AS AVENTURAS DE PICKWICH, de *Carlos Dickens*, narram-nos uma série de aventuras, de *humour* bem caracteristicamente britânico. Peripécias engraçadíssimas tornam agradabilíssima a leitura dêste livro. Tradução de José Alves, muito correcta.

A CABANA DO PAI TOMAZ, por *H. Beecher Stowe*. Êste romance do conhecido escritor americano tem tido já algumas traduções em português e foi há poucos anos exhibido nos nossos cinemas. É uma das obras mais humanas, que revolta e comove e onde se revela todo o sentimento de uma alma feminina, paladina da causa anti-esclavagista na América do Norte, nas vésperas da guerra da Sucessão. Contudo, não pôde evitar que, na *livre* América de hoje, os negros continuem a viver à margem da *igualdade* de direitos e de raças que tanto irrita os *democratas* da América quando se trata dos judeus... na Alemanha, por exemplo. Esta nova tradução é de Julião da Cunha.

A MÃO ENCANTADA, por *Gerardo Verval*, um dos clássicos franceses do século passado. Trata de cenas de magia cuja leitura não pode ser recomendada a tôdas as pessoas.

Verval foi um admirador de Rousseau e os seus livros ressentem-se dessa influência. A tradução é de Barros Ferreira. Êste volume encerra ainda *Emílio* (episódios da Revolução Francesa), *Silvio* (Recordações de Valóis) e *Jemmy*.

ESPÔSA E MÁRTIR, por *Berthem Boutoux*, é um belo livro, de desfecho emocionante e cristão. Lê-se com o mais vivo interesse, pois a sua leitura atrai. Neste volume é incluído *Fuga e Regresso*, de *Angel Flory*. Traduções, respectivamente, de José Sarmiento e Mafaldo Mário Aguiar.

A SELVA VINGADORA, por *Jorge El Macho*. Obra no género de aventuras, de descrição amena e enredo bem conduzido, heróico e dramático. Tradução de Domingos Evangelista. Encerra, também, o romance de Alice Meunier, *Duas Mulheres*.

O CALVÁRIO DE MIGUEL VANROY, de *Pierre d'Aurimont*, é do género sentimental, assim como o *Segredo dos Eljos*, de Luiza Mehr, ambos constituindo o vol. 19 da «Série». Leitura atraente e cheia de interesse. Traduções de Fernando Lhamas e Mário Martins Ribeiro Correia, respectivamente.

A PAZ DO LAR, de *H. de Balzac* é outra obra prima do célebre escritor francês. Não é necessário recomendar a sua leitura, porque o nome do autor é já a melhor recomendação. *A Paz do Lar* pode não ser um livro rigorosamente perfeito. Mas o que se não pode negar é que é admiravelmente escrito. Boa tradução de Telmo Moreno.



QUELQUES IMAGES DE L'ART POPULAIRE PORTUGAIS, por *António Ferro*. Edições S. P. N. Lisboa, 1937.

A arte popular mereceu ao Director do Secretariado da Propaganda Nacional um estudo que, não sendo profundo, é, no entanto, suficiente para dar a conhecer, nalguns dos seus mais curiosos detalhes, o que é, o que representa e o que vale a arte ingénua mas graciosa do nosso povo.

Organizado de maneira a poder orientar os estrangeiros sôbre algumas das modalidades do nosso variado e rico folclore, descreve-nos a influência da poesia, da paisagem e dos costumes que se revela nos trabalhos da nossa gente, de tal forma que, num simples exame, se pode facilmente adivinhar a província ou, até, a região onde foram executados.

A edição dêste estudo, em francês, contribue poderosamente para que, quem nos desconhece, possa fazer uma idea geral da nossa curiosa etnografia. A edição gráfica é esmerada, como convém, e atraente, como é necessário.



L'ART PORTUGAIS — ARCHITECTURE-SCULPTURE-PEINTURE, por *Reynaldo dos Santos*. Librairie Plon — 8, Rue Garancière, Paris.

A esta bela colecção de boas fotografias de algumas preciosidades que se podem admirar nos nossos monumentos e nos nossos museus, aditou o Dr. Reynaldo dos Santos um excelente e útil prefácio em que se historia a arte portuguesa na arquitectura, na cultura e na pintura.

O ciclo é iniciado com a arte na dinastia de Avis, inspirada no conhecido estilo manuelino que é a consagração do heroísmo dos portugueses nas descobertas e nas conquistas. Também a pintura atinge um incremento prodigioso, de que dão testemunho as

tábuas de Nuno Gonçalves, e à architectura ficaram ligados os nomes dos Arrudas, Afonso Domingues, Matéus Fernandes, Martim Lourenço e tantos outros cujos nomes se perderam.

E' um trabalho valioso êste que a Livraria Plon editou e incluiu nas suas magnificas edições *d'histoire et d'art*.



LA CONSCIENCE RELIGIEUSE, por *M. T. L. Penido*. Clsez Pierre Téquì, 82 — Rue Bonaparte, Paris.

Êste novo volume do *Cours et documents de philosophie* é da autoria de M. Penido. Nêle se expõem os princípios de crítica à psicologia religiosa, estudada sob três pontos de vista bem distintos: — o das ciências positivas, o da filosofia e o da teologia.

E' um trabalho científico de grande envergadura e interêsse, o que não é de estranhar dada a competência de M. Penido, teólogo profundo e seguro.



MADAME ELISABETH DE FRANCE, por *Ivonne de la Vergne*. P. Téquì et Fils. 82, Rue Bonaparte. Paris, 1936.

Este volume é, preferentemente, constituído por extractos de cartas inéditas que esclarecem muitos dos factos ocorridos nos períodos que precederam o triunfo da Revolução Francesa.

Isabel de França, irmã de Luiz XVI, é uma destas figuras que marcaram tão profundamente a sua passagem que nunca mais foi possível apagá-las ou separá-las da História. Heróica na prisão, ao lado do Rei e da desventurada Maria Antonieta, o seu exemplo nobilíssimo de sacrificio e de resignação patenteia-se neste livro de Ivonne de la Vergne, para o qual Georges Goyan escreveu o epilogo.

MANUEL ALVES DE OLIVEIRA.



# ÍNDICE DO XIV VOLUME

TEXTO :	PÁGS.
<i>Aguiar (Armando de)</i>	
O Senhor D. Duarte de Bragança Príncipe português exilado em Seebens- tein . . . . .	129
<i>Aguiar (Fernando de)</i>	
Lendas de outrora, e de sempre . . . . .	140
<i>Almeida (Guilherme de)</i>	
«Peter Pan» . . . . .	169
<i>Alves de Oliveira (Manuel)</i>	
José Agostinho . . . . .	59
Comemorações centenárias. . . . .	121
Dr. Hipólito Raposo . . . . .	177
<i>Bento Caldas</i>	
Uma viudima no Faial . . . . .	152
<i>Costa Antunes (Jorge da)</i>	
Palavras à «Mocidade Portuguesa» . . . . .	42
<i>Dória (António Alvaro)</i>	
Gabriel d'Annunzio . . . . .	45
<i>Dutra Faria</i>	
O Senhor Dom Duarte . . . . .	161
<i>F. A.</i>	
Oasis . . . . .	41
<i>Galvão de Carvalho (Ruy)</i>	
António Sardinha na «Pequena casa Lusitana». . . . .	8
«São Tomaz de Aquino» de João Ameal . . . . .	82
«Temas de História» de Rodrigues Cavalheiro. . . . .	171
<i>Gonçalves Viana (Mário)</i>	
Os portugueses enamorados . . . . .	97
<i>João de Castro (D.)</i>	
Guimarães e o seu castelo . . . . .	148
<i>Lopes de Faria (João)</i>	
Velharias Vimaraneses (1838). . . . . 28, 56, 91, 117, 154 e	182
<i>Marques da Cruz</i>	
Diferenças eternas . . . . .	7
<i>Matos (Armando de)</i>	
Um verbete de bibliografia artística . . . . . 24, 87 e	107
<i>Monsaraz (Alberto de)</i>	
A Hipólito Raposo . . . . .	168
<i>Redacção</i>	
Pro domo nostra. . . . .	5

TEXTO :	PÁGS.
<b>Rolão Prêto</b>	
Maurras na Academia Francesa . . . . .	65
<b>Silva Júnior (J).</b>	
Florbela Espanca e a crítica . . . . .	113
<b>Sousa (Cláudio de)</b>	
A obra de Pirandelo . . . . .	105
<b>Sousa (Silvino Furtado de)</b>	
Cristais celestes . . . . .	104
Ficções . . . . .	139
<b>Tavares (Diogo Ivens)</b>	
O sentimento de solidão na obra de Florbela Espanca. . . . .	19, 48 e 71
<b>Veiga dos Santos (Arlindo)</b>	
O anti-democrático Humberto de Campos . . . . .	35
 <b>Pensamentos, Palavras &amp; Obras : — Da Vida : Dos Factos : Das Letras :</b>	
Afonso Lopes Vieira (Dr.) . . . . .	124
Dom Duarte de Bragança . . . . .	178
Em memória de António Sardinha . . . . .	60
Fernando Campos . . . . .	123
Filomena Rosa de Oliveira (D.) . . . . .	122
Homenagem (A) ao Dr. Hipólito Raposo . . . . .	178
Missão (2.ª) Estética de Férias . . . . .	124
«Ocidente» . . . . .	123
Uma poetisa faialense . . . . .	123
Valentim de Sá . . . . .	122
 <b>Dos Livros &amp; dos Autores :</b>	
A. Garibaldi — <i>Comentários realistas ao livro «No Caminho da Vida» de Raimundo Belo</i> . . . . .	160
Amaral (Vasco Botelho do) — <i>Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa</i> . . . . .	64
Andrade (Tenente José Gonçalves de) — <i>Doutor Oliveira Salazar</i> . . . . .	63
António Ferro — <i>Quelques images de l'art populaire portugais</i> . . . . .	188
Artur Tojal — <i>Rua sem sol</i> . . . . .	127
<i>Arrancada Heróica</i> . . . . .	187
Augusto Moreno — <i>Lições de linguagem</i> . . . . .	64
Azinhal Abêlho — <i>Solidão — Ai Dão... Ai Dão</i> . . . . .	94
<i>Confidências dum rapaz provinciano</i> . . . . .	94
<i>Badanais</i> . . . . .	184
Barros Ferreira — <i>Maria dos Tojos</i> . . . . .	159
Brito (Bernardo Gomes) — <i>História Trágico-Marítima</i> . . . . .	62
Cardozo (Mário) — <i>Citânia e Sabroso</i> . . . . .	186
<i>Colecção Civilização</i> . . . . .	158 e 187
Conde de Caminha — <i>A acção do Estado Novo na instrução em Portugal e seu Império Colonial</i> . . . . .	61

Dos Livros & dos Autores :	PÁGS.
Condessa de Segur — <i>Um bom diabrete</i> . . . . .	62
<i>As diabruras de Sofia</i> . . . . .	127
<i>Memórias de um burro</i> . . . . .	127
<i>As meninas exemplares.</i> . . . . .	128
Costa Antunes (Jorge da) — <i>O espirito português na filosofia e outros temas</i> . . . . .	126
De la Vergne (Ivonne) — <i>Madame Elisabeth de France.</i> . . . .	189
Fernando Namora — <i>As sete partidas do mundo</i> . . . . .	185
Gonçalves Viana (Mário) — <i>Vasco da Gama</i> . . . . .	61
<i>Rei D. Deniz</i> . . . . .	95
<i>O Infante D. Henrique</i> . . . . .	126
<i>D. Afonso Henriques.</i> . . . . .	157
Guilherme Auler e Sérgio Higinio — <i>Divulgação monarquista</i> . . . .	157
Henrique Galvão — <i>O Império</i> . . . . .	160
Hugo Rocha — <i>Análise ao «Pensamento» de um zoilo.</i> . . . .	128
<i>Ibero Amerikanisches Archiv.</i> . . . . .	125
Jean Drault — <i>Seiscentos mil francos por mês</i> . . . . .	160
José Crespos (Dr.) — <i>A higiene na Escola Primária</i> . . . . .	96
Mário (João Paulo Freire) — <i>O monstruoso processo de Jesus</i> . . . .	159
Müller (Adolfo Simões) — <i>Caixinha de brinquedos</i> . . . . .	31
Nuno de Montemor — <i>E o sangue se fêz Luz</i> . . . . .	30
Oscar Pacheco — <i>Os que arrancaram no 28 de Maio</i> . . . . .	63
Paiva Boléo (José de) — <i>O cinema e a vida escolar.</i> . . . . .	95
Paul Eipper — <i>Criancinhas</i> . . . . .	159
Penido (M. T. L.) — <i>La conscience religieuse.</i> . . . . .	189
Raimundo Belo — <i>Da voz que me fala.</i> . . . . .	186
Raposo (Hipólito) — <i>Pátria Morena.</i> . . . . .	32
Ribeiro da Cunha — <i>Grupos primários auxiliares da Escola.</i> . . . .	125
Saléma Vaz — <i>Férias grandes.</i> . . . . .	96
Santos (Reynaldo dos) — <i>L'Arte Portugais.</i> . . . . .	188
Serafim de Chaves (Padre) — <i>Uma proveitosa lição de História</i> . . . .	186
 <b>Série Vermelha :</b>	
Torcatto Tasso — <i>Jerusalém libertada</i> . . . . .	62
Walter Scott — <i>Ivanhoé.</i> . . . . .	62